



O terror está de volta.

# GÓTICOS II

**LÚGUBRES MISTÉRIOS** – Contos Clássicos



**M**  
MELHORAMENTOS

Organização: Luiz Antonio Aguiar /  
Veio Libri Produções Literárias

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# Góticos II

*Lúgubres mistérios*





## Sumário

Apresentação : *O terror está de volta!*

1 Augusto dos Anjos : *4 Poemas*

“O caixão fantástico”, “O coveiro”, “O morcego”, “Vozes da morte”

2 Bram Stoker : *A casa do juiz*

tradução: Luiz Antonio Aguiar

3 Charles Dickens : *A noiva do enforcado*

tradução: Sandra Pina

4 Rudyard Kipling: *A marca da besta*

tradução: Sandra Pina

5 Mary Shelley : *O olho maligno*

tradução: Domingos Demasi

*Presença do gótico*

ensaio de Laura Sandroni

6 Robert Louis Stevenson : *Olalla*

tradução: Sandra Pina

7 Machado de Assis : *Um esqueleto*

8 Henry James : *Sir Edmund Orme*

tradução: Domingos Demasi

9 Johann Wolfgang von Goethe : *A noiva de Corinto*

tradução: Claudia Abeling

*O sangue de Drácula*

ensaio de Rodrigo Lacerda

**10** Daniel Defoe : *O fantasma de todas as salas*

tradução: Luiz Antonio Aguiar

**11** Bram Stoker : *A corrente do destino*

tradução: Luiz Antonio Aguiar

*Lúgubres mistérios*

ensaio de Luiz Antonio Aguiar

Suplemento para pesquisa, discussão e aprofundamento

Créditos



## O terror está de volta!

*Apresentação de Luiz Antonio Aguiar*

Em *Góticos: Vampiros, múmias, fantasmas e outros astros da literatura de terror*, o terror se despediu do leitor dizendo: “Até breve!”. E a promessa (ou ameaça) foi cumprida. Para tornar seu sono mais sobressaltado e a escuridão da casa habitada por sugestões ainda mais pronunciadas, aqui está *Góticos II: Lúgubres mistérios*.

O subtítulo foi escolhido bem a propósito de uma ênfase especial que se deu a esta coletânea. Primeiro por seu protagonista, o autor que a abre e encerra, Bram Stoker, o genial criador de *Drácula*, o Vampiro Maior, símbolo do gótico do Romantismo, sintetizando o misto de fascinação e horror tão característico (e intrigante) do gênero. Os contos escolhidos, *A casa do juiz* e *A corrente do destino*, comprovam que é difícil superar Stoker – um autor com inúmeros descendentes literários até hoje – na arte de produzir arrepios.

Em segundo lugar porque a reunião de autores explora algumas variações do terror gótico, propondo uma incursão sutil à sombra das histórias mais tradicionais. É o caso do conto de Mary Shelley, a autora de *Frankenstein*, que se serve do que não se vê no primeiro plano, das sombras fugidias, ocultas nos recantos tanto de nossos temores quanto das novelas e contos góticos mais conhecidos... Os quais, por assim dizer, se tornam pressupostos da trama de *O Olho Maligno*.

Ao mesmo tempo, nenhum dos contos listados aqui é uma história de terror tradicional. Cada qual traz a marca do genial autor que a compôs,

buscando ampliar o gênero – e invadir outros meandros da mente. Assim, temos o poema de Goethe, prenúncio do terror vampiresco, e os contos de Daniel Defoe, Henry James, Rudyard Kipling, Robert Louis Stevenson e Charles Dickens, que se valem de recursos técnicos e patrimônios temáticos comentados ao final de cada um, na seção “Autor e Obra”. Os contos são seguidos de notas que facilitam a compreensão de palavras, personalidades e lugares mencionados, além de algumas informações contextuais. O volume é enriquecido ainda pelos ensaios de Laura Sandroni e Rodrigo Lacerda e por algumas questões que levanto no texto de fechamento.

Outra marca deste volume é a aproximação mais explícita do gênero gótico com autores brasileiros – e aqui estão sonetos de Augusto dos Anjos como comissão de frente e um conto de Machado de Assis, o nosso maior escritor, para representar os ecos das tendências literárias europeias entre nós.

Se não conseguisse tocar nos dilemas e conflitos humanos universais, o gótico do Romantismo não teria tamanha influência. Nem teria se reproduzido em tantas literaturas nacionais, nem persistido no tempo, depois de séculos, com seu poder perturbador intacto. Entretanto, os *lúgubres mistérios* que corporificam os temas das histórias de terror clássicas estão presentes também em nossos embates com a vida e o mundo. Cada *história de terror* é uma versão da incompreensão humana diante de parte do Universo – ou da aceitação do fato de que há momentos nos quais a compreensão e a racionalidade não são pertinentes, o que em si é também um de nossos dilemas/conflitos cruciais. A racionalidade e o conhecimento (o lógico e o conhecido) são os passos do ser mortal e humano, seu rastro deixado no mundo, suas realizações; o insólito, o inconcebível é esse domínio ainda não conquistado, por vezes nem sequer percorrido, mas no qual somos lançados durante uma queda nos abismos do sono, ou em meio às angústias indecifráveis que fazem nosso espírito se contorcer. Ou mesmo antecipando, em nossos temores, vicissitudes,

acazos, viradas da sorte, o inesperado a surgir cortando abruptamente nosso caminho.

É esta uma das matérias-primas essenciais do medo. Lúgubres mistérios que a literatura transforma em ficção de modo a nos tornar capazes de vivenciá-lo. É o que se esconde nas páginas a seguir para quem ousar penetrá-las. Nem que seja a custo de alguns calafrios e pesadelos.

Sejam bem-vindos de volta ao terror!



## 14 Poemas

*Augusto dos Anjos*

### *O Caixão Fantástico*

Célere ia o caixão, e, nele, inclusas,  
Cinzas, caixas cranianas, cartilagens  
Oriundas, como os sonhos dos selvagens,  
De aberratórias abstrações abstrusas!

Nesse caixão iam, talvez as Musas,  
Talvez meu Pai! Hoffmânnicas<sup>1</sup> visagens  
Enchiam meu encéfalo de imagens  
As mais contraditórias e confusas!

A energia monística do Mundo,  
À meia-noite, penetrava fundo  
No meu fenomenal cérebro cheio...

Era tarde! Fazia muito frio.  
Na rua apenas o caixão sombrio  
Ia, continuando o seu passeio!

### *O Coveiro*

Uma tarde de abril suave e pura  
Visitava eu somente o derradeiro  
Lar; tinha ido ver a sepultura  
De um ente caro, amigo verdadeiro.

Lá encontrei um pálido coveiro  
Com a cabeça para o chão pendida.  
Eu senti a minh'alma entristecida  
E interroguei-o: "Eterno companheiro

Da morte, quem matou-te o coração?"  
Ele apontou para uma cruz no chão,  
Ali jazia o seu amor primeiro!

Depois, tomando a enxada gravemente,  
Balbuciou, sorrindo tristemente:  
– "Ai, foi por isso que me fiz coveiro!".

### *O Morcego*

Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.  
Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede:  
Na bruta ardência orgânica da sede,  
Morde-me a goela ígneo e escaldante molho.

"Vou mandar levantar outra parede..." – digo.  
Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho  
E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho,  
Circularmente sobre a minha rede!

Pego de um pau. Esforços faço. Chego

A tocá-lo. Minh'alma se concentra.  
Que ventre produziu tão feio parto?!

A Consciência Humana é este morcego!  
Por mais que a gente faça, à noite, ele entra  
Imperceptivelmente em nosso quarto!

*Vozes da Morte*

Agora, sim! Vamos morrer, reunidos,  
Tamarindo de minha desventura,  
Tu com o envelhecimento da nervura,  
Eu com o envelhecimento dos tecidos!

Ah! Esta noite é a noite dos Vencidos!  
E a podridão, meu velho! E essa futura  
Ultrafatalidade de ossatura,  
A que nos acharemos reduzidos!

Não morrerão, porém, tuas sementes!  
E assim, para o Futuro, em diferentes  
Florestas, vales, selvas, glebas, trilhos,

Na multiplicidade dos teus ramos,  
Pelo muito que em vida nos amamos,  
Depois da morte, inda teremos filhos!

+++

## AUTOR E OBRA

Nos enigmáticos poemas de Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos (Cruz do Espírito Santo, PB, 20 de abril de 1884 – Leopoldina, MG, 12 de novembro de 1914), muitos cedem à tentação de pretender desvendar as visões “Hoffmânnicas” que lhe deram origem. É tarefa quase impossível. No entanto, o olhar interessado no tema pode identificar nas imagens (tão visuais) de seus sonetos um domínio em que as temáticas mais sombrias e melancólicas do Romantismo, sua atração pela decadência, pela decomposição, pelo “derradeiro” mistério da transposição entre a vida e a morte e mesmo seu fatalismo lírico interceptam os temas mais profundos entre os explorados pelos autores clássicos de histórias de terror. É como se vislumbrássemos, por meio dos poemas de Augusto dos Anjos – condicionados a esse olhar específico, vale insistir (pois inúmeras ou outras interpretações podem ser lançadas sobre sua obra) –, o limiar, o umbral entre um e outro reino literário. Curiosamente coincidindo com os limiares e umbrais novamente entre a vida e a morte.

Aqui se percebe que não é à toa que a literatura gótica nasce do Romantismo. É uma de suas facetas. Ou um de seus braços.

Os poemas reunidos nesta abertura de *Góticos II: Lúgubres mistérios* são apenas alguns dos que poderiam ser coletados, em meio à obra de Augusto dos Anjos, como sinais dessa interseção. O poeta paraibano tem com frequência sido alocado em escolas de época, como o Simbolismo, o Parnasianismo e o Pré-Modernismo. Permanece, entretanto, como uma figura autoral ímpar, única e original; e seus sonetos, como um desafio à racionalidade que leva o leitor, muito humanamente, a encarar seus terrores.

## NOTAS

1. Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann (1776-1822): escritor, compositor, caricaturista e pintor alemão. É reconhecido como uma grande expressão do Romantismo e um dos maiores nomes da literatura fantástica, tendo influenciado muitos autores em todo o mundo.



## 2 A casa do juiz

*Bram Stoker*

Tradução: Luiz Antonio Aguiar

Quando se aproximou a época de suas provas, Malcolm Malcolmson resolveu viajar sozinho para algum lugar onde pudesse se dedicar aos estudos. Temia as tentações da orla marítima, bem como o total isolamento das regiões rurais, cujos encantos conhecia havia muito tempo. Assim, estava determinado a encontrar uma pequena cidade despreziosa, onde nada o distrairia. Evitou pedir sugestões a seus colegas, já que qualquer um deles recomendaria lugares onde tivesse conhecidos e amigos. Do mesmo modo que Malcolm desejava evitar amigos, não tinha nenhuma intenção de perder tempo com amigos de amigos. Assim, resolveu procurar um lugar por sua própria conta.

Arrumou numa grande mala algumas roupas e todos os livros de que necessitaria, e então comprou passagem para o primeiro lugar que desconhecia na lista da estação de trens local. Foi dessa maneira que, depois de três horas de viagem, desceu em Benchurch, satisfeito por ter até então apagado seu rastro de maneira a garantir dedicação integral a seus estudos.

O rapaz se dirigiu diretamente à única estalagem existente no pequeno e sonolento vilarejo e pediu um quarto para passar a noite. Benchurch vivia basicamente em função do seu mercado e, uma vez a cada três semanas, recebia gente demais, enquanto, nos dias restantes, era tão movimentada quanto um deserto. No dia posterior à sua chegada,

Malcolm buscou nas redondezas um lugar ainda mais isolado do que a já tranquilíssima estalagem Bom Viajante. Encontrou somente um que lhe agradou e que satisfazia suas mais radicais ideias de isolamento. De fato, isolamento talvez não fosse a palavra mais apropriada para descrevê-lo – desolação era o único termo convenientemente aplicável àquele ermo solitário.

Tratava-se de uma casa de distribuição irregular, antiga e robusta em estilo jacobino<sup>1</sup>, com pesadas cornijas<sup>2</sup> e janelas, sendo estas incomumente estreitas e posicionadas mais alto que de costume nesse tipo de casa. A construção era cercada por um muro de tijolos bastante alto e sólido. De fato, ao se examinar bem, parecia mais com uma fortaleza do que com uma residência. No entanto, todos esses elementos agradaram a Malcolm.

“Este”, pensou, “é exatamente o lugar que eu procurava e, se conseguir me instalar aqui, ficarei muito satisfeito.” Seu contentamento aumentou quando se deu conta de que a propriedade estava no momento desocupada. No correio, conseguiu o nome do corretor, que se mostrou bastante surpreso com seu pedido para alugar uma parte do velho casarão. O Sr. Carnford, advogado e corretor local, era um velho cordial, e com muita franqueza confessou que ficara encantado por alguém desejar morar ali.

– Para dizer a verdade – disse –, eu deveria me dar por satisfeito e achar muita sorte dos proprietários se alguém quisesse ficar na casa de graça por um certo período, no mínimo para acostumar as pessoas a verem-na habitada. Está vazia faz tanto tempo que um boato absurdo sobre a propriedade se espalhou por aí, e nada como ter gente morando nela para acabar com essas histórias. Seria ótimo – acrescentou, lançando um olhar arguto sobre Malcolm – ter lá um jovem estudante como o senhor, precisando de silêncio e paz por algumas semanas.

Malcolm julgou desnecessário perguntar ao corretor acerca do “boato absurdo”: sabia que poderia conseguir mais informações se as requisitasse em outro lugar. Pagou, portanto, três meses de aluguel adiantado, pegou

seu recibo e o nome de uma senhora idosa que poderia “ajudá-lo” e saiu do escritório com as chaves no bolso.

A seguir dirigiu-se à dona da estalagem, uma pessoa alegre e muito atenciosa, e lhe pediu conselho sobre provisões que deveria adquirir e onde comprá-las. Ela ergueu as mãos, espantada, quando Malcolm lhe contou onde iria ficar.

– Mas essa é a casa do juiz! Não pode ser lá... – disse e de repente empalideceu. Ele tornou a explicar a localização da casa, falando que não sabia como se chamava. Quando terminou, ela respondeu:

– Oh, sim! Sem dúvida, sem dúvida. É essa mesmo. É a casa do juiz, sem dúvida.

O rapaz lhe pediu que contasse o que sabia sobre a propriedade, por que a chamavam assim e o que havia de errado por lá. Ela lhe disse que esse nome se devia ao proprietário antigo, de muitos anos atrás – e nem ela saberia dizer há quanto tempo fora, já que viera de outra região, mas acreditava que já fazia cem anos ou mais. Era um juiz a quem todos temiam por causa das duríssimas sentenças que proferia e de seu ódio aos prisioneiros de Assizes. Quanto ao que havia de errado com a casa em si, isso também não poderia dizer. Havia perguntado muitas vezes, mas ninguém sabia informar. Havia uma crença geral de que de fato existia *algo*, e o que ela própria poderia lhe dizer é que nem por todo o dinheiro do banco de Drinkwater permaneceria uma hora que fosse sozinha naquela casa. Mas logo pediria desculpas a Malcolm por suas palavras perturbadoras.

– É muito preocupante, acho eu, senhor, que você, um rapaz tão novo, se me perdoa a liberdade de dizê-lo, vá morar sozinho ali. Se fosse meu filho, e me perdoe por dizê-lo também, não dormiria uma noite sequer naquele lugar, nem que eu própria tivesse de ir até lá tocar o grande sino de alarme que há no telhado!

A boa senhora estava tão sinceramente consternada, e suas intenções eram tão gentis, que Malcolm, embora estivesse se divertindo com aquela

conversa, ficou tocado. Respondeu-lhe com delicadeza o quanto agradecia todo aquele cuidado, acrescentando:

– Mas, minha cara Sra. Withman, na verdade não precisa se preocupar comigo! Um homem estudando para entrar no curso de Matemática em Cambridge tem coisas demais a ocupar sua mente para ser perturbado por *algo* misterioso. E seu trabalho é prosaico e por demais contaminado pela exatidão para que lhe sobre energia para se preocupar com mistérios, sejam quais forem. Progressão harmônica, permutas e combinações, funções elípticas... Tudo isso tem mistério o suficiente para me satisfazer!

A Sra. Withman, sempre gentil, ofereceu-se para ajudá-lo no que fosse preciso, e ele foi falar com a senhora idosa que lhe fora recomendada. Quando Malcolm retornou à casa do juiz com ela, isso depois de um intervalo de poucas horas, encontrou a Sra. Withman, acompanhada de vários homens e garotos carregando pacotes, além de um estofador transportando uma cama numa carreta, já que ela havia garantido que, apesar de isso não fazer diferença para cadeiras e mesas, uma cama que não tivesse pegado ar por talvez cinquenta anos não poderia continuar apropriada para ossos jovens dormirem.

Era evidente que ela estava curiosa para dar uma espiada no interior da casa e, apesar de se manifestar tão amedrontada, com o tal *algo*, que ao mais leve ruído estremecia e achegava-se a Malcolm, de quem não se afastou nem por um instante, percorreu todos os aposentos.

Depois de examinar bem a casa, Malcolm decidiu montar seu lugar de estudos na grande sala de jantar, que era espaçosa o bastante para tudo o que ele precisava. A Sra. Withman e a faxineira, a Sra. Dempster, cuidaram da limpeza. Os embrulhos foram levados para dentro e abertos, e Malcolm reparou que, com uma notável e gentil providência, ela mandara, da sua própria cozinha, provisões que durariam alguns dias. Antes de ir embora, desejou-lhe muito boa sorte e, já na porta, virou-se e disse:

– Talvez, senhor, como a sala é bem grande e o vento passa forte por aqui, seja conveniente ter em torno da cama uma daquelas grandes cortinas que poderá fechar à noite. Embora, para dizer a verdade, eu preferisse morrer a me ver fechada com essa espécie de *coisas*... que esticam a cabeça dos cantos, ou lá do teto, e ficam me observando.

A imagem que havia invocado foi demais para seus próprios nervos e a fez bater em retirada prontamente.

Quando a dona da estalagem saiu, a Sra. Dempster torceu o nariz com superioridade e esclareceu que, da sua parte, não sentia medo nenhum de qualquer dos bichos-papões do reino.

– Vou lhe dizer do que se trata, aqui, meu senhor – prosseguiu –, bichos-papões são todo tipo de coisas, menos bichos-papões. Ratazanas e camundongos, besouros, portas rangendo, tábuas do assoalho soltas, janelas quebradas, puxadores de gavetas duros que se soltam quando alguém as puxa e depois, no meio da noite, caem ao chão. Olhe só os lambris desta sala. São velhos. Têm centenas de anos. Acha que não há ratos nem besouros vivendo neles? E pode imaginar, meu senhor, que não chegue a vê-los? Ratos são bichos-papões. E escute o que digo: bichos-papões são ratos. Não pense que seriam qualquer outra coisa.

– Sra. Dempster – disse Malcolm sério, curvando-se ligeiramente para cumprimentá-la –, a senhora é mais sábia do que qualquer polemista profissional. E deixe que lhe diga... Como mostra de estima pela lucidez da sua mente e do seu coração, quando eu partir, lhe darei a posse desta propriedade de modo que poderá morar aqui pelos dois últimos meses do aluguel que já está pago, pois quatro semanas serão mais que suficientes para os meus propósitos.

– Eu lhe agradeço muito, meu senhor – disse ela –, mas não poderia dormir fora da minha casa. Moro no Abrigo de Caridade Greenhow e, se dormir fora uma noite sequer, perderei o lugar que tenho para viver. As normas do abrigo são severas, e há muita gente aguardando por uma vaga. De modo que não posso me arriscar. Mas sua oferta me deixa feliz

de ter atendido ao seu chamado e de poder servi-lo no que precisar durante sua estada.

– Minha boa senhora – apressou-se a dizer Malcolm –, vim para cá em busca de solidão. Portanto, agradeço ao falecido Greenhow por ter organizado esse abrigo tão admirável, ou seja lá o que for, de modo a me compelir a recusar a tentadora oportunidade de aceitar sua generosidade. O próprio Santo Antônio não seria mais rigoroso nessa questão.

A idosa senhora soltou uma gargalhada:

– Ah, vocês jovens! Não tema por uma coisa dessas. E pode estar certo de que, se depender de mim, terá toda a solidão que deseja.

A seguir, ela cuidou da faxina da casa e, ao anoitecer, quando Malcolm retornou de sua caminhada – sempre levava consigo um de seus livros nesses passeios –, encontrou a sala varrida e arrumada, o fogo crepitando na velha lareira, a lamparina acesa e a mesa posta para a ceia graças aos excelentes presentes da Sra. Withman.

– Mas isso é que é conforto! – exclamou ele, esfregando as mãos.

Tendo terminado o jantar e levado a bandeja para a outra extremidade da grande mesa de jantar de carvalho, trouxe seus livros, colocou mais lenha na lareira, regulou a lamparina e se pôs a trabalhar com determinação.

Estudou sem interrupções até as onze horas, quando fez uma pausa para regular de novo a lamparina e preparar uma xícara de chá. Sempre gostou muito de chá e, durante seus tempos de estudante no colégio, costumava ler até tarde e tomar chá até bem tarde também. A interrupção lhe fez imensamente bem, e desfrutou-a com uma sensação de voluptuoso e delicioso bem-estar. O fogo, atizado agora, elevou-se e começou a soltar fagulhas, lançando estranhas sombras por todo o espaçoso ambiente. Enquanto sorvia seu chá, ainda bem quente, regozijou-se de estar tão sozinho. E foi quando reparou, pela primeira vez, no barulho dos ratos.

– Certamente não poderiam estar fazendo tanto estardalhaço por todo o tempo em que estive estudando, ou eu teria percebido antes.

Pouco depois, tendo o barulho aumentado ainda mais, ele se convenceu de que algo estava acontecendo. Era evidente para ele que os ratos haviam ficado amedrontados com a presença de um estranho, além da luminosidade da lareira e da lamparina. Mas logo se tornaram mais atrevidos e agora pareciam inteiramente à vontade.

E como pareciam agitados! E que ruídos estranhos produziam! Para cima e para baixo, atrás dos velhos lambris, lá em cima no teto e por baixo do assoalho, sempre correndo, roendo, arranhando. Malcolm sorriu sozinho ao recordar as palavras da Sra. Dempster: “Ratos são bichos-papões. E bichos-papões são ratos”.

O chá começava a fazer efeito, estimulando os nervos e o intelecto, e assim ele previu com satisfação uma longa jornada de estudo noite adentro. E, aproveitando a sensação de segurança que isso lhe transmitiu, aventurou-se em uma vistoria detalhada da sala. Pegou a lamparina e perambulou pelo aposento, perguntando-se por que uma casa antiga, tão singular e bonita, fora deixada largada desse jeito.

Os relevos sobre os lambris de carvalho eram lindos, e em volta das portas e das janelas eram ainda mais bem-feitos e de raro valor. Havia alguns quadros antigos nas paredes, mas cobertos por uma camada de pó e sujeira tão pesada que já não se podia distinguir neles nenhum detalhe, mesmo erguendo a lamparina o mais alto possível. Na sua volta pela sala, viu em vários pontos rachaduras e buracos, momentaneamente tapados pelo focinho de um rato, com seus olhinhos brilhantes refletindo a luz, mas um instante depois o roedor desaparecia e se seguiam um guincho e os ruídos de patas em movimento.

O que mais o impressionou, entretanto, foi a corda de um grande sino de alarme pendurado no teto, num canto da sala, à direita da lareira. Malcolm puxou para perto do fogo uma grande cadeira de espaldar alto, feita de carvalho, e sentou-se para tomar sua última xícara de chá. Quando terminou, alimentou o fogo outra vez e voltou aos estudos, acomodando-se num dos cantos da mesa, com a lareira à sua esquerda.

Por um curto período, os ratos o perturbaram com suas incessantes disparadas de um lado para o outro. Mas logo ele se acostumava ao barulho, como as pessoas se acostumam ao tique-taque dos relógios ou ao rumor de água na correnteza, e mergulhou tão profundamente no trabalho que tudo o mais no mundo, à exceção do problema que tentava resolver, se apagou para ele.

Subitamente, ergueu os olhos. O problema ainda não fora resolvido, e ainda pairava no ar a sensação daquela hora que precede a madrugada e que infunde temores sobre os enigmas da vida.

O barulho dos ratos cessara. De fato, lhe pareceu que já havia parado há algum tempo e que a interrupção repentina é que o havia perturbado. O fogo tornara-se mais fraco, mas ainda lançava uma difusa luminosidade vermelha sobre o ambiente. Ao erguer os olhos, sofreu um sobressalto, a despeito do seu sangue-frio.

Sobre a grande cadeira de espaldar alto, feita de carvalho, à direita da lareira, como se lá estivesse sentado, viu um enorme rato fitando-o fixamente com um brilho pernicioso nos olhos. Malcolm simulou um movimento, como se fosse atacá-lo, mas ele permaneceu imóvel. Então, o rapaz fingiu que ia atirar qualquer coisa sobre ele. Mais uma vez, o rato não se moveu, mas arreganhou os seus grandes dentes brancos, raivoso, e seus olhos cruéis reluziram sob a luminosidade da lamparina, com um brilho ainda mais perverso.

Malcolm ficou espantado e, pegando o atizador na lareira, avançou sobre o rato para matá-lo. No entanto, antes de conseguir atingi-lo, o animal saltou para o chão emitindo um guincho que ressoou como enorme ódio e, galgando a corda do sino de alarme, desapareceu na escuridão, já fora do alcance da luminosidade da lamparina. Instantaneamente, por mais estranho que isso pudesse parecer, o alarido das patas dos ratos recomeçou por detrás dos lambris.

A essa altura, a mente de Malcolm já estava totalmente afastada do problema de Matemática, e o estridente canto de um galo lá fora avisou-o

de que a manhã se aproximava. Assim, foi para cama e logo adormeceu.

Foi um sono tão profundo que nem sequer acordou com a Sra. Dempster entrando e arrumando seu quarto. Somente quando ela já havia terminado o trabalho no aposento, ajeitado seu desjejum na mesa e dado algumas batidinhas na cortina em volta da sua cama ele acordou. Ainda estava um pouco cansado depois de uma noite de trabalho duro, mas uma xícara de chá forte refez suas energias. Logo saiu para o seu passeio matinal, levando consigo um livro e alguns sanduíches para não precisar retornar antes da hora do jantar.

Encontrou uma trilha tranquila por entre os altos elmos, a alguma distância da cidade, e ali passou a maior parte do dia estudando Laplace. Na volta, parou para ver a Sra. Withman e lhe agradecer por sua gentileza. Ela o viu chegando através da janela do seu oratório, com vidraça emoldurada em forma de diamante. Examinou-o de alto a baixo e balançou a cabeça de maneira desaprovadora.

– O senhor não deve exagerar. Está mais pálido esta manhã do que seria recomendável. Estudar demais até tarde da noite não faz bem ao cérebro de nenhum homem. Mas, me diga, como foi sua noite? Sem problemas, espero. Estava preocupada, mas fiquei muito contente esta manhã quando a Sra. Dempster me disse que o senhor estava bem e que dormia profundamente quando ela entrou em seu quarto.

– Ah, sim, estou muito bem – respondeu Malcolm sorrindo. – O tal *algo* não me perturbou ainda. Somente os ratos, que montaram um verdadeiro circo, isso lhe digo. E havia um maligno diabo velho que subiu na minha cadeira junto do fogo e dali se recusou a sair até que eu peguei o atizador e avancei sobre ele. Então, ele subiu correndo pela corda do sino de alarme e se enfiou em algum buraco na parede ou no teto. Estava tão escuro que não pude ver para onde foi.

– Divina piedade – exclamou a Sra. Withman. – Um velho diabo e “sentado” nessa cadeira junto à lareira! Tome cuidado, meu rapaz. Há muita verdade nas piadas que correm soltas pelo mundo.

– Do que está falando, Sra. Withman? Juro que não entendo...

– Um velho diabo! Talvez, o velho diabo. Naquela casa! Meu senhor, por favor, não ria! – pediu ela diante da risada de Malcolm. – Vocês, jovens, riem com facilidade daquilo que faz os mais velhos sentirem calafrios. Não importa, meu senhor! Queira Deus que continue rindo. É o que lhe desejo, com sinceridade! – E na boa senhora, tomada de ternura por ele e por seu bom humor, os receios se desfizeram por um instante.

– Oh, me perdoe, por favor – apressou-se a dizer Malcolm. – Não quero parecer rude, mas é que a ideia foi demais para mim... O próprio demônio sentado na cadeira na noite passada! – E só de pensar soltou outra risada. Logo a seguir dirigiu-se à casa para jantar.

Nessa noite, o ruído dos ratos começou mais cedo. Na verdade, os roedores já estavam agitados quando ele chegou, e somente se silenciaram quando se acostumaram com sua presença. Depois do jantar, ele se sentou junto à lareira por alguns momentos, fumando, e então, abrindo espaço na mesa, entregou-se aos estudos.

Os ratos o estavam incomodando mais ainda do que na noite anterior. Corriam para cima e para baixo, de um lado para outro! E guinchavam, arranhavam, roíam. Aos poucos iam se tornando mais e mais atrevidos, chegando até a entrada de suas tocas, das fendas, rachaduras e frestas dos painéis de madeira das paredes, até que seus olhos brilhassem como minúsculas lamparinas, refletindo os lampejos do lume da lareira. Para ele, no entanto, agora decididamente acostumado aos ratos, os olhinhos dos roedores não pareciam maldosos; somente a agitação deles o perturbava. Por vezes, os mais ousados davam curtas corridas atravessando o assoalho ou ao longo dos rodapés dos lambris. Em determinados momentos, quando atrapalhavam sua concentração, Malcolm produzia algum barulho para assustá-los, esmurrando a mesa ou proferindo bem alto um grito como “Rá!”, que os afugentava de volta a seus esconderijos.

E assim se passou a primeira parte da noite. A despeito do barulho, Malcolm mergulhava cada vez mais fundo nos seus livros.

De repente, ele se deteve, como na noite anterior, assombrado por um repentino silêncio. Não havia agora o menor ruído, fosse de qualquer coisa sendo roída, nem de arranhões, nem de guinchos. Era o silêncio dos túmulos. Ele logo recordou a estranha ocorrência da noite anterior e se voltou instintivamente para a cadeira junto à lareira. E novamente uma perturbadora sensação atravessou-o.

Lá estava, na mesma larga cadeira de espaldar alto, feita de carvalho, junto à lareira, o mesmo rato enorme, encarando-o fixamente com seus olhos perversos.

Sem pensar, Malcolm pegou o primeiro objeto que pôde alcançar, um livro de logaritmos, e arremessou-o no roedor. Mas faltou-lhe pontaria, e o rato nem sequer se mexeu. Então, mais uma vez o rapaz fez seu ato com o atizador de lareira, como na noite anterior, e mais uma vez o rato, ao ser atacado, fugiu subindo pela corda do sino de alarme.

Estranhamente, o desaparecimento do grande rato foi seguido pela retomada do barulho produzido pela comunidade de roedores comuns. Como antes, Malcolm não conseguiu enxergar para onde o rato havia escapado, já que o anteparo verde da lamparina deixava a parte superior da sala na escuridão, e o fogo na lareira tinha baixado.

Consultando seu relógio, Malcolm viu que era quase meia-noite e, sem lamentar a distração que o interrompera, alimentou o fogo e preparou seu bule de chá noturno. Já havia estudado bastante e se considerou merecedor de um cigarro. Assim, sentou-se na grande cadeira de carvalho diante do fogo e se entreteve fumando.

Foi nesse momento que começou a pensar que queria de fato saber para onde o rato fugira, pois tinha alguns planos reservados para a manhã, que não excluía armar uma ratoeira. Por isso, acendeu outra lamparina e a posicionou de modo que iluminasse o canto do lado direito da lareira. Então, reuniu todos os seus livros e os deixou num lugar à mão, caso

quisesse arremessá-los contra o rato. Finalmente, pegou a corda do sino de alarme e a colocou na extremidade da mesa, prendendo a ponta debaixo da lamparina.

Ao pegar a corda, não pôde evitar a estranheza que lhe causou constatar o quanto era flexível, ainda mais sendo uma corda tão grossa e já em desuso havia tanto tempo. “Seria possível enforcar um homem com isso”, pensou. Ao concluir todas as suas providências, ele olhou em volta e disse, complacente:

– Muito bem, meu amigo, acho que vou aprender algo sobre você desta vez!

Daí retomou os estudos e, embora um tanto incomodado pelo barulho dos ratos, logo se perdeu nas proposições e nos problemas de seu livro.

Mais uma vez foi interrompido subitamente. Só que agora não fora somente um súbito silêncio que lhe chamara a atenção, havia um sutil movimento na corda, e a lamparina se mexeu. Imóvel, olhou de relance para a pilha de livros, verificando se estava ao seu alcance, e só aí seu olhar subiu pela corda. Viu então o grande rato pular da corda para a cadeira de carvalho e se instalar ali, fitando-o intensamente. Malcolm ergueu um livro com a mão direita e, mirando com cuidado, arremessou-o contra o rato. Com um salto rápido para o lado, o animal saiu da trajetória do livro. Então, Malcolm pegou um outro livro, e mais um terceiro, e atirou-os, um em seguida ao outro, mas sem sucesso. Finalmente, já de pé com mais um livro na mão, pronto para arremessá-lo, o rato guinchou e pareceu amedrontar-se. Isso fez Malcolm mais confiante do que nunca de poder acertá-lo. O livro foi projetado no ar e desfechou no rato uma pancada em cheio. O roedor emitiu um horrendo guincho e, voltando-se para o seu perseguidor com um olhar de terrível maldade, galgou a cadeira e deu um grande salto para a corda do sino de alarme, subindo por ela com a rapidez de um relâmpago. A lamparina balançou sob o súbito puxão, mas era suficientemente pesada e não tombou. Malcolm o tempo todo manteve os olhos no rato, enxergando-o agora graças à luz emitida pela segunda

lâmpada. O enorme roedor saltou para o friso do painel e desapareceu enfiando-se por um buraco num dos quadros grandes pendurados na parede, totalmente obscurecido e invisível, sob a grossa camada de pó e sujeira.

– Vou procurar a moradia desse meu amigo pela manhã – disse o estudante enquanto recolhia seus livros. – É no terceiro quadro a partir da lareira, não vou esquecer. – O rapaz pegou os livros do chão, um por um, comentando, ao erguê-los na mão: – *Seções Cônicas...* este não há de se importar. Nem o *Oscilações Ciclodais*, nem o *Principia*, nem o *Quartenions*, nem o *Termodinâmica...* Agora, quanto ao livro que atingiu o rato...

Malcolm o pegou, erguendo-o. E quando fez isso deteve-se espantado. Uma súbita palidez tomou seu rosto. O rapaz olhou em volta, tenso, tremendo ligeiramente enquanto murmurava para si mesmo:

– A Bíblia que minha mãe me deu! Que coincidência estranha...

Ele tomou seu lugar para reiniciar seu estudo, e os ratos começaram de novo seu alarido por detrás dos painéis das paredes. Mas agora não o perturbavam. De certo modo, a presença deles era como se lhe fizesse companhia. No entanto, não conseguiu se concentrar no trabalho e, depois de lutar muito para dominar o assunto sobre o qual estava lendo, desistiu, desesperado, e foi para a cama quando a primeira claridade do alvorecer penetrava no ambiente pela janela leste.

Dormiu pesadamente, mas teve um sono agitado. Quando a Sra. Dempster despertou-o, já manhã avançada, parecia perturbado e, por alguns minutos, foi como se não se desse conta exatamente de onde estava. A Sra. Dempster se surpreendeu quando ele disse:

– Quando eu sair, hoje, quero que a senhora pegue a escada, tire o pó e limpe aqueles quadros, principalmente o terceiro a partir da lareira. Quero vê-los melhor.

Já no final da tarde, Malcolm estudava na trilha sombreada, e a alegria do dia anterior havia voltado à medida que as horas foram passando.

Considerou que a leitura havia avançado bastante. Havia obtido uma solução satisfatória para todos os problemas, o que o tinha deixado extremamente contente; tanto que decidiu fazer uma nova visita à Sra. Withman no Bom Viajante.

Na aconchegante sala de estar, encontrou um desconhecido conversando com a proprietária, que o apresentou como dr. Thornhill. A Sra. Withman aparentava intranquilidade, e o médico começou a lhe fazer uma série de perguntas, o que levou Malcolm a concluir que sua presença não era um acaso. Assim, sem rodeios, disse:

– Dr. Thornhill, terei prazer em responder a quaisquer perguntas que quiser me fazer se me responder somente uma, primeiro.

O médico pareceu surpreso, mas sorriu e disse:

– Negócio fechado! O que quer saber?

– A Sra. Withman pediu ao senhor que viesse aqui me dar conselhos?

Por um instante, o dr. Thornhill ficou emudecido, enquanto as faces da Sra. Withman enrubesciam. Mas logo o médico, como homem sincero e de aguda presença de espírito que era, respondeu:

– Sim, pediu. Mas era sua intenção que você não descobrisse isso. Suponho que foi minha falta de jeito e minha ansiedade que fizeram com que você desconfiasse. Ela me disse que não gostava de vê-lo morando naquela casa sozinho e que acreditava que você bebesse chá forte em excesso. Com efeito, ela desejava que eu o aconselhasse a, se possível, abandonar o chá e o estudo de madrugada. Fui um estudante dedicado na minha juventude, de modo que creio que possa tomar a liberdade de um colega de estudos e, sem ofendê-lo, lhe oferecer conselhos sem ser como um estranho.

Malcolm, com um radiante sorriso, estendeu sua mão:

– Aperte aqui, como dizem na América. Tenho que lhe agradecer por sua gentileza e também à Sra. Withman. Essa gentileza, aliás, exige que eu responda do mesmo modo. Prometo parar de beber chá forte. Ou melhor,

chá nenhum, até que o senhor o permita... E prometo que vou para a cama no máximo à uma da manhã. Está bem assim?

– Perfeito! – disse o médico. – Agora, nos relate tudo o que viu na velha casa.

Assim e sem mais demora, Malcolm contou-lhes nos mínimos detalhes o que havia acontecido nas últimas duas noites. Vez por outra, foi interrompido por alguma exclamação de espanto da Sra. Withman, até que finalmente, ao contar o episódio da Bíblia, a comoção da proprietária da estalagem manifestou-se num estridente grito. E somente depois de lhe darem uma boa dose de conhaque diluído em água conseguiu se recompor. O dr. Thornhill escutava Malcolm com uma expressão cada vez mais preocupada e, quando o rapaz completou a narrativa, e a Sra. Withman já parecia melhor, ele perguntou:

– O rato sempre sobe pela corda do sino de alarme?

– Sempre.

Depois de uma pausa, o médico indagou:

– Suponho que você saiba que corda é aquela.

– Não, não sei.

– É... – disse o dr. Thornhill pronunciando as palavras lentamente – a mesma corda que o carrasco usava para enforcar as vítimas do ódio do juiz!

E nesse momento foi interrompido por outro grito da Sra. Withman. E imediatamente foram tomadas as providências necessárias para que ela se recuperasse. Malcolm consultou seu relógio e viu que estava se aproximando a hora do jantar. Assim, foi para casa antes que ela se recobrasse inteiramente.

Depois de se recompor, a Sra. Withman se dirigiu ao médico com perguntas hostis sobre o que ele estava querendo fazer ao colocar essas ideias medonhas na cabeça de um pobre jovem.

– Ele já tem naquela casa o bastante para perturbá-lo – disse ela, ao que o dr. Thornhill replicou:

– Minha cara senhora, eu tive boa intenção ao fazê-lo. Queria chamar a sua atenção para a corda do sino e fixá-la ali. Talvez ele esteja sofrendo de uma perturbação muito séria por estudar demais. No entanto, estou propenso a afirmar que ele parecia tão lúcido e tão saudável quanto qualquer jovem que se vê por aí. Mas há esses ratos na história... e a possibilidade de um demônio na casa. – O dr. Thornhill balançou a cabeça preocupado antes de continuar:

– Eu teria me oferecido para acompanhá-lo e passar esta noite com ele, mas tenho certeza de que o ofenderia se fizesse isso. Pode ser que a noite lhe provoque algum terror estranho, ou alucinações. E, se for esse o caso, quero que ele puxe aquela corda. Mesmo estando sozinho na casa, isso nos alertará e poderemos chegar lá a tempo de ajudá-lo. Vou para a cama tarde esta noite e mantereí meus ouvidos atentos. Não se alarme se Benchurch tiver uma surpresa antes do amanhecer.

– Oh, doutor! O que o senhor quer dizer? O quê?

– Estou dizendo que é possível... Não, é provável... que escutemos o grande sino de alarme tocar na casa do juiz esta noite.

Tendo dito isso, o médico executou a melhor saída de efeito que se poderia conceber.

Quando Malcolm chegou em casa, viu que havia passado um pouco do seu horário habitual e que a Sra. Dempster havia ido embora – as normas do Abrigo de Caridade Greenhow tinham de ser estritamente seguidas. Ficou contente de ver que os aposentos estavam limpos e bem arrumados, a lareira acolhedoramente acesa e a lamparina já regulada sobre a mesa. Fazia mais frio nessa noite do que se esperaria em abril, e um vento forte soprava, aumentando rapidamente de intensidade, o que prometia uma tempestade para logo mais. Por alguns minutos depois de sua chegada, o barulho dos ratos interrompeu-se. Mas logo, no que os roedores se acostumaram com a presença dele, recomeçou. Ficou contente de escutá-los, pois sentiu de novo como se lhe fizessem companhia com aquele ruído, e seus pensamentos retornaram brevemente para o estranho fato

de que somente paravam de se manifestar quando o outro rato – o rato enorme com olhar malévolo – aparecia na sala.

A lamparina de leitura estava acesa e seu anteparo verde mantinha o teto e a parte mais alta da sala na escuridão. A alegre luminosidade da lareira, espalhando-se pelo assoalho e refletindo-se sobre a toalha branca na extremidade da mesa, era reanimadora e transmitia calor ao ambiente. Malcolm sentou-se para jantar com bom apetite e bom ânimo. Depois de comer e de fumar um cigarro, sentou-se, firmemente disposto a trabalhar sem permitir que nada o atrapalhasse, já que recordava bem sua promessa ao médico e pretendia aproveitar ao máximo o tempo de que dispunha.

Por cerca de uma hora ele trabalhou bem, mas então seus pensamentos desprenderam-se dos livros. Não se poderia desconsiderar as circunstâncias reais que o envolviam, tudo o que lhe atraía a atenção e a suscetibilidade presente de seus nervos. Nessa altura, o vento se tornara um vendaval, e o vendaval, uma tempestade. Apesar de ser uma construção sólida, a velha casa parecia estremecer, enquanto a tempestade desabava rugindo através de suas muitas chaminés e suas incomuns e antigas cornijas, produzindo estranhos sons fantasmagóricos nos aposentos vazios e nos corredores. Até mesmo o grande sino no telhado poderia ter tombado com a violência do vento, pois a corda erguia-se e decaía sem peso, como se o sino se movesse um pouco a cada instante, até que a corda frouxa bateu no assoalho de carvalho com um som abafado e duro.

Ao ver isso, Malcolm pensou nas palavras do médico: “É a mesma corda que o carrasco usava para enforcar as vítimas do ódio do juiz!”. E encaminhando-se para a quina da lareira apanhou-a do chão e examinou-a. Havia algo lúgubre que chamava atenção nela. O rapaz ficou ali de pé, perdido em especulações sobre quem teriam sido essas vítimas e que macabro desejo foi esse do juiz de ter uma relíquia tão medonha à sua vista. Parado ali, de pé, o balanço do sino no telhado ainda fazia a corda se movimentar, mas, naquele momento, Malcolm teve a impressão de ver

uma espécie de tremor na corda, como se alguma coisa se movesse sobre ela.

Olhando para cima instintivamente, viu o grande rato descendo devagar sobre ele, com olhar fixo e brilhante. Malcolm largou a corda e recuou, sussurrando uma praga. O rato subiu correndo pela corda e desapareceu. No mesmo momento, Malcolm se deu conta de que o barulho dos ratos, que havia cessado por um tempo, recomeçara.

Tudo isso o encheu de pensamentos até lhe ocorrer que não havia procurado pela toca do rato como pretendia. Acendeu a outra lamparina sem aparador e, erguendo-a, colocou-se diante do terceiro retrato à direita da lareira, no ponto em que vira o rato desaparecer na noite anterior.

Logo à primeira olhada, deu um passo para trás tão repentino que quase deixou cair a lamparina. Uma palidez mortal se espalhou pelo seu rosto. Seus joelhos bambearam, pesadas gotas de suor vieram à sua testa e ele começou a tremer como se fosse um fino galho de árvore. No entanto, era jovem e corajoso, recompondo-se depois de uma pausa de alguns segundos. Então, adiantou-se novamente, ergueu a lamparina e examinou o retrato que até então estivera coberto de pó e sujeira, e agora estava limpo e nítido.

Era o retrato de um juiz com seus trajes vermelhos e bordas de arminho. O rosto dele era forte e impiedoso, malvado, astucioso e vingativo, com uma boca sensual, nariz recurvado de um tom avermelhado e com a forma de um bico de ave de rapina. Já as faces tinham cor cadavérica. Os olhos eram particularmente reluzentes e com uma expressão maligna. Examinando-os, Malcolm começou a sentir calafrios, porque enxergou neles a contraparte dos olhos do grande rato. A lamparina novamente quase se soltou de seus dedos, e ele viu o rato e seus olhos perversos espiando para fora através de um buraco numa quina do quadro, ao mesmo tempo que reparou que o barulho dos outros ratos cessara subitamente. No entanto, o rapaz conseguiu se refazer e prosseguiu no seu exame do retrato.

No retrato, o juiz estava sentado numa cadeira de carvalho trabalhada, de espaldar alto, no lado direito de uma grande lareira de pedra, onde, mais ao canto, uma corda aparecia pendurada no teto, com sua extremidade repousando em anéis no assoalho. Com uma sensação quase de horror, Malcolm reconheceu o cenário da sala onde estava e olhou em volta, assustado, como se esperasse encontrar alguma estranha presença atrás de si. Então voltou-se para a quina da lareira – e, com um grito estridente, deixou a lamparina escapar das suas mãos.

Lá estava, na cadeira do juiz, com a corda pendurada atrás, o rato sentado ostentando os mesmos olhos perversos do homem, com uma maldade agora ainda mais intensificada por um demoníaco olhar de soslaio. A não ser pelo rugido da tempestade, tudo o mais era silêncio.

A queda da lamparina fez Malcolm recobrar-se. Por sorte, a peça era de metal e o óleo não derramou. No entanto, a necessidade de tomar alguma providência a respeito deixou-o apreensivo de vez. Quando a apagou, soergueu sua sobrelanceira e parou para pensar por um momento:

“Assim é impossível! Se continuar nesse caminho, me tornarei um idiota maluco. Isso precisa parar por aqui. Prometi ao médico que não beberia mais chá. E agora tenho certeza de que ele tinha razão. Meus nervos estão me traindo. É engraçado eu não ter reparado nisso. Nunca me senti tão bem em minha vida. No entanto, está tudo bem agora e não vou bancar o imbecil de novo”.

Já fazia cerca de uma hora desde que ele erguera os olhos de seu livro, incomodado ao sentir de repente tudo parado à sua volta. Lá fora, o vento uivava e rugia mais do que nunca, e a chuva caía em borbotões contra as janelas, atingindo as vidraças como se fosse granizo, mas ali dentro não havia som algum, a não ser talvez os ecos do vento rugindo pelas chaminés, além de, vez por outra, o som de algumas gotas grossas de chuva que penetravam pela chaminé principal.

O fogo baixara, deixando de soltar fagulhas, mas ainda emitia um brilho avermelhado. Malcolm apurou os ouvidos e finalmente escutou um

ruído fino, guinchante, muito tênue. Vinha daquele canto da sala onde a corda estava pendurada. E a princípio ele pensou que fosse a corda se arrastando no assoalho, puxada pelo balançar do sino para cima e para baixo.

Erguendo os olhos, no entanto, ele viu, mesmo com a luz fraca, o grande rato agarrado à corda, roendo-a. A corda estava já quase cortada, e Malcolm podia enxergar uma tonalidade mais clara onde as fibras haviam sido expostas. Enquanto observava, o trabalho foi completado, e a parte cortada da corda caiu, batendo no assoalho de carvalho, enquanto, por um instante, o grande rato permaneceu, como se fosse um nó ou uma borla, na ponta da corda suspensa, que agora começava a balançar de um lado a outro.

Por um momento, Malcolm sentiu de novo uma pontada de terror ao pensar que agora a possibilidade de pedir ajuda ao mundo exterior havia sido anulada, mas uma raiva intensa logo tomou o lugar do medo e, agarrando o livro que estava lendo, arremessou-o contra o rato. Sua pontaria fora certa, mas, antes que o projétil o atingisse, o rato saltou, aterrissando com um ruído surdo no assoalho.

Imediatamente, Malcolm correu para ele, mas o rato disparou em fuga, refugiando-se na escuridão e nas sombras da sala. O rapaz concluiu que seu trabalho terminara por aquela noite e resolveu então quebrar a monotonia com uma caça ao rato. Assim, pegou a lamparina com o anteparo verde para ampliar a área iluminada. Ao fazer isso, a parte superior da sala emergiu à luz, bem intensa, comparada à anterior escuridão, e os quadros da parede se destacaram ameaçadoramente. De onde estava, de pé, Malcolm se viu diante do terceiro retrato na parede à direita da lareira. Esfregou os olhos, surpreso, e então o terror tomou conta dele.

No centro do quadro havia um grande e irregular recorte de tela amarronzado, tão novo que parecia ter acabado de surgir na moldura. O

fundo estava como antes, com a cadeira, a quina da lareira e a corda, mas a figura do juiz havia desaparecido.

Malcolm por pouco não gritou de tanto pavor. Então, voltou-se devagar e começou a tremer e a sentir contrações, como alguém em surto. Suas forças pareceram abandoná-lo, e ele era incapaz de qualquer gesto, de qualquer movimento. Viu-se quase impossibilitado de pensar. Conseguia somente ver e escutar.

E lá sentado na grande cadeira de espaldar alto estava o juiz em suas vestes vermelhas com bordas de arminho, com os olhos malévolos, cheios de ódio vingativo, fixados em Malcolm e com um sorriso de triunfo e escárnio nos lábios cruéis, determinados, até que ergueu nas mãos um barrete preto.

Malcolm sentiu como se o sangue de seu coração se esvaísse, como acontece em momentos de grande tensão. Havia um zumbido em seus ouvidos, poderia escutar o rugido e os uivos da tempestade, e mais ao longe, quase abafado pela tempestade, o repique dos sinos soando à meia-noite no mercado do vilarejo.

O rapaz ficou ali, imóvel como uma estátua, por um tempo que lhe pareceu interminável, os olhos arregalados, irradiando terror, sem conseguir respirar. No que o relógio soou, o sorriso de triunfo no rosto do juiz se intensificou e, na última badalada da meia-noite, ele desceu sobre a cabeça o barrete preto.

Com um movimento calculadamente lento, o juiz se ergueu da sua cadeira e pegou o pedaço da corda do sino de alarme que estava no chão, esfregou as mãos nela como se estivesse se deliciando com o tato, e então começou a fazer um laço numa das pontas, um nó corrediço. Ele o apertou bem, testou-o com o pé, puxando com força até que se deu por satisfeito, então correu a corda pelo nó, que ficou segurando na mão.

A seguir, avançou para a outra extremidade da mesa, do lado oposto de Malcolm, mantendo o olhar sobre ele até passar pelo rapaz, e então, com um movimento rápido, postou-se de pé diante da porta. Foi quando

Malcolm percebeu que caíra numa armadilha e tentou pensar em como poderia escapar. Havia certa fascinação que o prendia aos olhos do juiz, algo que o impedia de desviar seus próprios olhos, forçando-o a encará-lo. Viu o juiz se aproximar – sempre se mantendo entre ele e a porta –, erguer a corda e atirá-la em sua direção como se pretendesse lançá-lo. Com grande esforço, conseguiu fazer um rápido movimento para o lado e viu a corda cair aos seus pés no assoalho.

Mais uma vez o juiz pegou a corda e tentou enlaçá-lo, sem jamais deixar de fixá-lo com seus olhos malévolos, mas, a cada vez que fazia isso, o rapaz, com um esforço tremendo, conseguia escapar dele. Foram repetidas tentativas do juiz, nunca parecendo desencorajar-se nem perder a calma por falhar, como se fosse um gato caçando um rato. Finalmente, o desespero do rapaz atingiu seu clímax, e ele lançou um rápido olhar à sua volta. A chama da lamparina pareceu crescer, e a sala estava razoavelmente iluminada. Nos inúmeros buracos de rato, nas fendas e rachaduras dos painéis das paredes, enxergou os pequenos olhos dos ratos, e isso, por algum motivo, lhe transmitiu certo conforto. Olhando em torno, viu que a corda ainda presa ao grande sino de alarme estava coberta de ratos. Toda ela, sem um centímetro livre, ocupada pelos roedores, e mais e mais ratos passavam pelo pequeno buraco circular no teto de onde a corda emergia, de modo que, com o peso deles, o sino começou a se mover.

Ouviu então! O sino balançava agora, e o badalo já batia nas suas paredes internas. Ainda era um som tênue, mas o sino apenas iniciara seu movimento e logo repicaria mais alto.

Ao escutar o som, o juiz, que até então mantivera os olhos fixados em Malcolm, ergueu a vista e um esgar de diabólica raiva percorreu seu rosto. Seus olhos brilharam como se fossem carvões em brasa, e ele bateu o pé no assoalho, produzindo um barulho que pareceu fazer toda a casa estremecer. O estrondo de um trovão ressoou nos céus enquanto ele ergueu a corda mais uma vez, e os ratos começaram a correr,

enlouquecidos, subindo e descendo pela corda, como se estivessem brigando contra o tempo.

Agora, em vez de atirar a corda, o juiz a aproximou da sua vítima e manteve o laço alargado. Ao se aproximar do rapaz, de sua simples presença parecia emanar algo paralisante, e Malcolm ficou parado, rígido como um cadáver. Sentiu os dedos gélidos do juiz tocarem sua garganta, enquanto ajustava o laço. O nó ia ficando cada vez mais apertado. Mais apertado.

Então, tomando o corpo paralisado do rapaz nos braços, o juiz carregou-o e colocou-o de pé na cadeira de carvalho. A seguir, posicionou-se ao lado dele e ergueu a mão, agarrando a extremidade solta da corda do sino de alarme. Com esse seu gesto, os ratos fugiram guinchando e desapareceram enfiando-se através do buraco no teto. Pegando a extremidade do laço que estava em torno do pescoço de Malcolm, ele a atou à corda do sino de alarme, ainda pendente, e então, descendo ao chão, puxou fora a cadeira.

Quando o sino de alarme da casa do juiz começou a repicar, uma multidão logo se reuniu. Lamparinas e tochas de vários tipos apareceram, e uma multidão silenciosa chegou correndo ao local. Bateram forte à porta, mas ninguém veio atender. Então, derrubaram a porta, e a multidão entrou no salão principal, com o médico à frente.

Pendurado na extremidade da corda do grande sino de alarme estava o corpo do estudante, enquanto em seu retrato a face do juiz ostentava um sorriso perverso.

+++

AUTOR E OBRA

“A casa do juiz” foi publicado pela primeira vez em 1891 e é um dos muitos contos que Bram Stoker escreveu para revistas e anuários natalinos. Logo, ele se tornaria uma das maiores expressões do romance gótico com a publicação de *Drácula* (1897), o mais famoso e mais magistral vampiro da literatura.

Bram Stoker nasceu em Dublin, Irlanda, em 1847 e morreu em Londres em 1912. Foi jornalista e crítico de teatro de um jornal de Dublin, cujo editor era seu conterrâneo Sheridan Le Fanu, autor de *Carmilla* (1872) – que tinha como personagem uma vampira, que consolidou muitas das características do vampiro moderno. Le Fanu foi uma grande influência para Stoker. No entanto, outra forte influência foram as histórias, muito populares nas pequenas cidades do interior da Grã-Bretanha, de maldições antigas, casarões e castelos já em ruínas, que antigos moradores, falecidos, recusavam-se a abandonar, das celebridades locais, famosas por suas crueldades, por seus crimes e vilanias, que depois de mortas se transformaram em fantasmas malignos, dominados pelo rancor contra os vivos e obcecados por disseminar o sofrimento e a morte.

O juiz deste conto, personificado como um *rato*, a casa em que se passam as mais tenebrosas cenas da história, a própria noite de tempestade, quando os poderes do Mal aumentam e o desfecho do terror anunciado eclode, são ingredientes fatídicos do gótico. E, mais do que todos, um sutil atributo do *juiz*...

“Havia certa fascinação que o prendia aos olhos do juiz, algo que o impedia de desviar seus próprios olhos, forçando-o a encará-lo. Viu o juiz se aproximar – sempre se mantendo entre ele e a porta –, erguer a corda e atirá-la em sua direção como se pretendesse laçá-lo.”

A incompreensível (e, no entanto, tão convincente) fascinação do jovem Malcolm em relação ao seu carrasco, tudo o que o impele a desafiar o sobrenatural e mesmo insistir em permanecer na casa, contrariando o conselho de todos e quando já é evidente que ali habita a ameaça, é ao mesmo tempo um tema recorrente do terror gótico e um enigma familiar

à mente e ao espírito humanos. Não é à toa que acompanhamos a narrativa com tanto interesse (e preocupação crescente, quase refletindo os sentimentos da Sra. Withman) sobre o que acontecerá com o jovem estudante. Apesar de já suspeitarmos de que seu fim esteja próximo... Além disso, a mão genial de Stoker conduz a sequência de cenas do final, transformando o que seria um desfecho previsível numa sucessão de calafrios e acrescentando um brilho particular a essa história, um dos melhores contos de terror já publicados.

+++

## NOTAS

1. Estilo jacobino: Estilo arquitetônico da época de James I, rei da Inglaterra entre 1603 e 1625.
2. Cornijas: Moldura que serve de arremate superior na fachada dos edifícios.



## 3 A noiva do enforcado

*Charles Dickens*

Tradução: Sandra Pina

Era uma genuína mansão antiga de estilo muito singular, repleta de esculturas também antigas, vigas, painéis e uma ampla escadaria, corredores, uma escada superior cortada por um curioso trabalho de entalhe em carvalho antigo ou mogno de Honduras. Era, é e será sempre uma mansão muito pitoresca. Mas havia certo mistério sepulcral espreitando das profundezas dos antigos painéis de mogno, como se fossem poças profundas de águas sombrias semelhantes, na verdade, às que havia em meio às árvores que aquela madeira fora, dando ao conjunto uma personalidade misteriosa após o cair da noite.

Quando o Sr. Goodchild e o Sr. Idle atravessaram pela primeira vez as portas da mansão e entraram no belo e sombrio hall, foram recebidos por meia dúzia de silenciosos anciãos de preto, todos vestidos exatamente igual, que subiram as escadas com os prestativos senhorio e camareiro. Sem aparentar colocar-se no caminho ou se importar com o que estavam ou não fazendo, haviam se enfileirado à direita e à esquerda da antiga escada enquanto os hóspedes entravam na sala de estar. Era um dia claro e ensolarado. Quando a porta foi fechada, o Sr. Goodchild disse:

– Quem, diabos, são aqueles homens?

Mas percebeu que não havia mais anciãos ali.

Nem os anciãos nem qualquer dos homens reapareceram. Os dois amigos passaram a noite na mansão, mas não viram nem sinal dos

anciãos. Intrigado com isso, o Sr. Goodchild procurou-os nos ambientes, olhou pelos corredores, mas não encontrou nenhum deles, nem parecia que qualquer idoso era, por algum membro da criadagem da mansão, procurado ou aguardado.

Outra circunstância estranha chamou a atenção do Sr. Goodchild. A porta da sala de estar nunca se mantinha fechada por mais de quinze minutos. Era aberta só um pouco ou totalmente aberta, mas sempre voltava a se fechar. E era aberta num momento inesperado, e ambos se voltavam na sua direção, mas a porta era fechada novamente sem que ninguém aparecesse ali. Depois de isso se repetir umas cinquenta vezes ou mais, o Sr. Goodchild disse ao amigo em tom de brincadeira:

– Começo a pensar, Tom, que havia alguma coisa errada com aqueles seis anciãos.

A noite chegou novamente. E estavam escrevendo havia duas ou três horas: anotações descompromissadas, das quais estas páginas foram tiradas. Detiveram, então, a escrita, e havia copos na mesa entre eles. A casa estava fechada e tranquila. Em torno da cabeça de Thomas Idle, enquanto estava deitado no sofá, pairavam guirlandas iluminadas de fumaça perfumada. As têmporas de Francis Goodchild, recostado na cadeira com as duas mãos entrelaçadas atrás da cabeça e as pernas cruzadas, estavam tensionadas de modo similar.

Falavam de assuntos banais, mas sem esquecer dos estranhos anciãos. Permaneceram assim até que o Sr. Goodchild abruptamente mudou de posição para dar corda no seu relógio. Começavam a se sentir tão sonolentos que a conversa era constantemente interrompida. Thomas Idle indagou:

– Que horas são?

– *Uma* – respondeu o Sr. Goodchild.

Foi como se tivesse pedido *um* ancião, e o pedido fosse prontamente atendido (na verdade, ali, todos os pedidos o eram), porque a porta se abriu e *um* ancião parou ali.

Ele não entrou, ficou de pé com a mão na porta.

– Um dos seis, Tom, finalmente! – disse o Sr. Goodchild, num sussurro de surpresa.

– Senhor, o que deseja? – indagou o ancião.

– Eu não o chamei.

– O sino chamou – respondeu o ancião.

Ele disse *sino* de um jeito profundo e forte, como se se referisse ao sino da igreja.

– Tive o prazer, creio eu, de vê-lo ontem? – perguntou o Sr. Goodchild.

– Não posso garantir – foi a inflexível resposta daquele ancião.

– Penso que me viu. Não?

– Se vi o *senhor*? – perguntou o ancião. – Oh, sim, vi o senhor. Vejo muitos que nunca me veem.

Um frio, lento, objetivo e seguro ancião. Um ancião cadavérico de fala comedida. Um ancião que parecia incapaz de pestanejar, como se suas pálpebras estivessem pregadas na testa. Um ancião cujos olhos, dois pontos de fogo, não tinham mais emoção do que se estivessem conectados ao crânio por parafusos com porcas para fora escondidas entre seus cabelos grisalhos.

A noite ficou tão fria para o Sr. Goodchild que ele estremeceu. Comentou brevemente e quase se desculpando:

– Acho que alguém está andando sobre a minha tumba.

– Não – disse o estranho ancião. – Não há ninguém lá.

O Sr. Goodchild olhou para Idle, mas ele repousava, sua cabeça envolvida pela fumaça.

– Ninguém lá? – disse o Sr. Goodchild.

– Não há ninguém em seu túmulo, lhe garanto – disse o ancião.

Ele entrou, fechou a porta e se sentou. Não se curvou para se sentar como as pessoas fazem; pareceu afundar como um prego caído na água, até desabou sobre a cadeira.

– Meu amigo, Sr. Idle... – começou o Sr. Goodchild, extremamente ansioso para introduzir uma terceira pessoa na conversa.

– Estou à disposição do Sr. Idle – disse o ancião sem olhá-lo.

– Se é um antigo habitante deste lugar.. – Francis Goodchild retomou.

– Sim.

– Talvez possa esclarecer uma questão sobre a qual meu amigo e eu estávamos em dúvida até esta manhã. Enforcam criminosos condenados nesta mansão?

– Eu creio que sim – respondeu o ancião.

– Seus rostos se mantêm fixos na direção daquela nobre paisagem?

– Seus rostos ficam virados para o muro da mansão – respondeu o ancião. – Quando estão amarrados, veem as pedras expandindo e se contraindo violentamente, e expansões e contrações similares parecem acontecer em sua cabeça e em seu peito. Então, há uma onda de fogo e um terremoto, e a mansão se desfaz no ar e o enforcado cai num precipício.

Sua gravata parecia incomodá-lo. Colocou a mão na garganta e moveu o pescoço para um lado e para o outro. Era um ancião com um rosto inchado, e seu nariz era imovelmente rijo de um lado, como se um pequeno grampo estivesse enfiado naquela narina. O Sr. Goodchild sentiu-se excessivamente constrangido e começou a achar a noite quente, e não fria.

– Que descrição terrível, senhor – observou.

– Uma forte sensação – replicou.

Novamente, o Sr. Goodchild olhou para o Sr. Thomas Idle, mas Thomas estava deitado de costas, com a face voltada atentamente na direção do ancião, e não fazia nenhum movimento. Nessa hora, o Sr. Goodchild acreditou ter visto filetes de fogo saindo dos olhos do ancião em direção aos seus, e ali ficavam. (O Sr. Goodchild escreve o relato de sua experiência e, com a maior solenidade, declara ter sentido, desde aquele momento, a mais forte sensação de se ver forçado a olhar para o ancião por esses dois filamentos de fogo.)

– Devo lhe contar... – disse o ancião com um olhar medonho e cruel.

– O quê? – perguntou Francis Goodchild.

– Sabe onde tudo isso aconteceu? Ali!

Se ele apontou para o aposento acima, para o aposento abaixo, para qualquer aposento da mansão ou para um quarto em qualquer outra casa daquela velha cidade, o Sr. Goodchild não teve, não tem nem nunca terá certeza. Estava confuso pelo fato de o dedo indicador do ancião parecer mergulhar em um daqueles filetes de fogo, se acender e provocar um princípio de incêndio no ar quando apontava para algum lugar. Tendo apontado para algum lugar, se apagou.

– Ela era uma noiva – disse o ancião.

– Sei que nos serviram bolo de noiva de sobremesa. – O Sr. Goodchild gaguejou. – É uma coisa muito opressiva.

– Ela era uma noiva – repetiu o ancião. – Era uma garota bonita, loura, de olhos grandes, que não tinha personalidade nem propósito. Fraca, crédula, incapaz, impotente. Um nada! Não como sua mãe. Não, não. Era o pai que refletia a sua personalidade.

A mãe teve o cuidado de assegurar tudo para si mesma, para sua própria vida, quando o pai da garota (uma criança na época) morreu – e morreu de puro desamparo, nenhuma outra doença. Assim reatou o relacionamento que tivera com ele. Ele fora preterido em favor do homem endinheirado de cabelos louros e olhos arregalados (sem qualidades). Poderia esquecer isso por dinheiro. E queria uma compensação em dinheiro.

Então, ele voltou para aquela mulher, a mãe, fez amor com ela novamente, dançou ao seu redor e submeteu-se aos seus caprichos. Ela derramou sobre ele todos os caprichos que tinha ou que poderia inventar. Ele tolerou. E, quanto mais tolerava, mais queria compensação em dinheiro, e mais estava decidido a ter.

Mas, veja! Antes que ele conseguisse, ela o traiu. Em uma de suas declarações arrogantes, ela congelou e nunca mais voltou ao que era. Colocou as mãos na cabeça uma noite, soltou um grito, endureceu, permaneceu nessa posição por algumas horas e morreu. Que arda no inferno! Nenhum centavo.

Ele a odiara muito nessa volta e ansiava por vingança. Então falsificou a assinatura da mulher num documento, deixando tudo o que ela tinha para sua filha, na ocasião com dez anos, para quem passava todas as suas propriedades, e se nomeou guardião da menina. Quando enfiou o documento embaixo do travesseiro em que ela estava deitada, se curvou ao seu ouvido surdo de morte e sussurrou:

– Amante orgulhosa, decidi há muito tempo que, viva ou morta, você me daria uma compensação em dinheiro.

Então, haviam restado apenas os dois. Os dois eram ele e a bela e loura filha de olhos grandes e tolos que, depois de um tempo, tornou-se a noiva.

Ele a colocou sob guarda. Em uma casa secreta, escura, opressiva e antiga, ele a entregou à tutela de uma mulher vigilante e inescrupulosa.

– Minha valorosa dama – ele disse. – Eis aqui uma mente a ser formada. Você me ajudará a formá-la?

Ela aceitou a tarefa. Pela qual também queria uma compensação em dinheiro, e a teve.

A garota foi criada com medo dele e com a certeza de que não havia como escapar. Foi ensinada desde o início a olhá-lo como seu futuro marido: o homem com quem deveria casar, o destino que a ofuscava, a certeza de que nunca seria burlada. A pobre coitada era cera mole e branca nas mãos deles, e assumiu tudo o que lhe impuseram. Solidificou com o tempo. Tornou-se parte de seu ser. Inseparável. Algo que somente seria separado dela se lhe fosse tirada também a vida.

Onze anos ela viveu na mansão sombria e em seu melancólico jardim. Ele tinha ciúmes de cada feixe de luz e de cada brisa que chegava até ela e a mantinha isolada do mundo. Cerrou as amplas chaminés, vedou as

pequenas janelas, deixou as raízes das heras se espalharem pela frente da mansão, o musgo se acumular nas árvores frutíferas sem poda no jardim com muros vermelhos, as ervas daninhas cobriram de verde e amarelo os caminhos. Cercou a menina de imagens de sofrimento e desolação. Ele a amedrontou contando sobre as assombrações do lugar, e então, sob o pretexto de corrigi-la, deixava-a sozinha, ou a fazia encolher-se no escuro. Quando a mente dela estava muito deprimida e cheia de terrores, ele saía de um dos lugares onde se escondia para vigiá-la e se apresentava como seu único amparo.

Assim, por ter sido desde cedo apresentado a ela como a personificação de sua vida, do poder de coagir e de socorrer, o poder de amarra e o de perda, a ascendência sobre sua fraqueza estava garantida. Ela tinha vinte e um anos e vinte e um dias quando a trouxeram para a mansão sombria. Uma imbecil, assustada e submissa noiva de três semanas.

Ele havia dispensado a governanta na época – o que restava fazer faria sozinho – e voltaram em uma noite chuvosa ao cenário de sua longa preparação. Ela se voltou para ele no umbral, a chuva pingando do alpendre e disse:

– Oh, senhor, é o relógio da Morte tocando para mim!

– Bem – ele respondeu. – E se for?

– Oh, senhor! – ela retornou. – Olhe gentilmente para mim e tenha piedade! Imploro o seu perdão. Farei qualquer coisa que desejar se o senhor me perdoar!

E aquela se tornou a ladainha da pobre moça:

– Imploro o seu perdão. Perdoe-me!

Não valia a pena odiá-la. Ele sentia apenas desprezo por ela. Mas havia muito ela tinha se tornado um estorvo, e ele fazia tempo estava esgotado. O trabalho estava chegando ao final e deveria ser terminado.

– Sua idiota – ele disse. – Vá para cima!

Ela obedeceu rapidamente murmurando: – Farei qualquer coisa que desejar!

Quando chegou ao quarto da noiva, tendo se atrasado um pouco por causa do pesado ferrolho da grande porta (estavam sozinhos na mansão, e ele havia organizado tudo para que as pessoas que trabalhavam lá fossem embora ainda durante o dia), encontrou-a quieta no canto mais distante, em pé, encostada contra os painéis como se estivesse presa a eles: seus cabelos louros emaranhados em sua face e seus grandes olhos encarando-o com um vago terror.

– Do que você tem medo? Venha e sente-se perto de mim.

– Farei qualquer coisa que desejar. Imploro o seu perdão, senhor. Perdoe-me! – Seu mantra monótono como sempre.

– Ellen, amanhã você terá de redigir um texto de próprio punho. E precisará de testemunhas. Assim, quando tiver escrito tudo perfeitamente e corrigido todos os erros, chame duas pessoas que estejam na mansão e assine seu nome na frente delas. Então, coloque o papel junto ao seu peito para mantê-lo seguro e, quando eu me sentar aqui novamente amanhã à noite, dê-me o papel.

– Farei tudo isso com o maior cuidado. Farei tudo o que desejar.

– E não fique tremendo!

– Eu me esforçarei ao máximo para não fazê-lo se o senhor me perdoar!

No dia seguinte, ela se sentou à escrivaninha e fez o que lhe fora ordenado. Ele entrava e saía sem parar do quarto para observá-la e sempre a via escrevendo lenta e laboriosamente, repetindo para si mesma as palavras que copiava de uma forma quase mecânica, sem se preocupar ou tentar compreendê-las. E assim ela cumpriu a tarefa. Ele a viu seguir as instruções que recebera em todos os detalhes e, à noite, quando estavam sozinhos novamente no mesmo quarto da noiva, arrastou sua cadeira para perto da lareira; ela, timidamente, o olhou de seu assento distante, e entregou o papel em suas mãos.

O documento assegurava a ele todas as propriedades dela no caso de sua morte. Ele a colocou à sua frente, face a face, fixou firmemente os

olhos nela e perguntou com todas as palavras, sem mais nem menos, se ela sabia disso.

Havia gotas de tinta na pala de seu vestido branco, o que fazia sua face parecer ainda mais pálida e seus olhos ainda maiores quando ela balançou a cabeça. Também havia gotas de tinta na mão com a qual ela, de pé à sua frente, nervosamente esticava e dobrava a saia branca.

Ele a segurou pelo braço e olhou-a nos olhos, ainda mais perto.

– Agora, morra! Acabei com você.

Ela se encolheu e soltou um grito reprimido.

– Eu não vou matar você. Não vou botar minha vida em perigo pela sua. Morra!

Ele sentou-se diante dela no sombrio quarto da noiva, dia após dia, noite após noite, procurando nela a palavra que ele não proferia. E sempre que seus grandes olhos úmidos eram levantados das mãos, entre as quais balançava a cabeça, e olhavam para a rígida figura sentada com os braços cruzados e a testa franzida, ele dizia:

– Morra!

Quando Ellen caía no sono exausta, era chamada à arrepiante consciência pelo sussurro:

– Morra!

Quando retomava sua velha ladainha para ser perdoada, ouvia como resposta:

– Morra!

Quando relaxava e não sofria a longa noite, e o sol nascente enchia o quarto sombrio, era saudada com:

– Mais um dia e não está morta? Morra!

Trancada na mansão deserta, alijada de toda a humanidade e entregue a essa luta sem trégua, pensou o seguinte – ele ou ela teria que morrer. Ele sabia disso muito bem e concentrou sua força contra a debilidade dela. Por horas a fio, ele a segurava pelo braço até que ficasse preto e ordenava:

– Morra!

E aconteceu numa manhã em que ventava muito antes do nascer do sol. Ele calculou a hora como quatro e quinze, mas seu relógio antigo havia parado e não podia ter certeza. Ela havia fugido dele à noite com gritos altos e assustadores – o primeiro desse tipo que ela soltava –, e ele precisou tapar sua boca com as mãos. Então, ela ficou quieta no canto do painel onde se afundara, e ele a deixou lá e voltou para sua cadeira com os braços cruzados e a testa franzida.

Mais pálida do que nunca na madrugada escura, ele a viu chegando, se arrastando no chão em sua direção – cabelos brancos desgrenhados, vestido, olhos vagos, empurrando a si própria por uma mão irresoluta e curvada.

– Oh, perdoe-me! Farei qualquer coisa. Oh, senhor, por favor, diga que devo viver!

– Morra!

– Está tão decidido? Não existe esperança para mim?

– Morra!

Seus grandes olhos se arregalaram de espanto e medo; espanto e medo se transformaram em desgraça; desgraça, em um nada vazio. Estava feito. Ele não teve certeza a princípio de que estava feito, mas, quando o sol da manhã lançava joias em seus cabelos, ele viu diamantes, esmeraldas e rubis brilhando em pequenos pontos, enquanto olhava para ela. Então, ele a ergueu e a colocou na cama.

Longo ela estaria enterrada. E agora todos estavam mortos, e ele havia sido muito bem recompensado.

Tinha planejado viajar. Não que desejasse gastar seu dinheiro, pois era um homem avarento e gostava muito do seu dinheiro (na verdade, não gostava de mais nada), mas tinha ficado cansado da mansão deserta e desejou ir embora. E assim o fez. Mas a mansão valia dinheiro, e dinheiro não pode ser jogado fora. Decidiu vendê-la antes de viajar. Para que tivesse uma aparência menos deteriorada e conseguisse um bom preço, contratou alguns trabalhadores para cuidar do jardim, cortar as árvores

mortas, podar a hera que deixava cair pesados ramos sobre as janelas e os frontões e limpar os caminhos onde as ervas daninhas tinham meio metro de altura.

Trabalhou com eles. Trabalhava até mais tarde que eles. Certo dia, ao entardecer, estava trabalhando sozinho com uma foice nas mãos. Era uma tarde de outono, e fazia cinco semanas que a noiva tinha morrido.

– Já está muito escuro – disse para si mesmo. – Tenho que parar durante a noite.

Ele detestava a mansão e relutava em entrar nela. Olhou para o pórtico escuro que esperava por ele como uma tumba e sentiu que era um lugar amaldiçoado. Perto do pórtico, e perto de onde estava, havia uma árvore cujos galhos se inclinavam para a antiga janela do quarto da noiva, onde tudo havia acontecido. A árvore balançou de repente e o sobressaltou. E balançou novamente, embora a noite estivesse sem vento. Olhando para cima, viu uma silhueta entre os galhos.

Era a silhueta de um jovem rapaz. O rosto olhava para baixo enquanto ele olhava para cima. Os galhos se agitaram e se quebraram. A figura rapidamente desceu e surgiu de pé à sua frente. Um jovem esguio, com a mesma idade dela, com longos cabelos castanho-claros.

– Você é um ladrão? – ele perguntou segurando o jovem pelo colarinho.

O rapaz, ao se debater tentando se libertar, golpeou-o no rosto e no pescoço. Ele agarrou-o de novo, mas o jovem rapaz se libertou e se afastou gritando com grande impetuosidade e horror:

– Não me toque! Teria mais prazer em ser tocado pelo diabo!

Ele ficou parado com a foice na mão, olhando para o jovem. Eis que o olhar do rapaz era igual ao último olhar dela. E ele não esperava jamais ver aquilo novamente.

– Não sou um ladrão. E, mesmo que fosse, não tocaria numa moeda de sua fortuna, mesmo que me comprasse as Índias. Assassino!

– O quê?

– Subi por essa árvore – disse o jovem apontando para cima. – Pela primeira vez, uma noite quatro anos atrás. Subi para olhar a jovem. Então, a vi. Falei com ela. Subi muitas vezes para olhar e falar com ela. Eu era um garoto escondido entre as folhas quando, daquela janela, ela me deu isto!

Ele mostrou uma trança de cabelo louro amarrada com uma fita de luto.

– A vida dela – disse o jovem – era só lamentação. Ela me deu isso como um símbolo, um sinal de que estava morta para todos exceto para você. Se eu fosse mais velho, se a tivesse conhecido antes, talvez eu a tivesse salvado de você. Mas ela já estava presa na teia quando eu subi na árvore pela primeira vez. E o que poderia eu fazer para livrá-la?

Ao dizer essas palavras, entrou em uma crise de choro e soluços. A princípio, fraco; depois, passional:

– Assassino! Subi na árvore na noite em que você a trouxe de volta. Da árvore, ouvi-a falar na porta sobre o relógio da Morte. Por três vezes, eu estava na árvore enquanto você gritava com ela, matando-a lentamente. Eu a vi, lá da árvore, deitada em sua cama, morta. Da árvore, tenho observado você em busca de provas que o incriminem. A forma como a matou ainda é um mistério para mim, mas perseguirei você até que entregue sua vida ao carrasco. Até que isso aconteça, você não conseguirá se livrar de mim. Eu a amava! Não há motivo para eu ter compaixão de você. Eu a amava!

O jovem estava com a cabeça descoberta, seu chapéu havia voado para longe ao descer da árvore. Fora em direção ao portão. Precisava atravessá-lo para pegá-lo. Havia um espaço entre os dois onde caberiam duas carruagens. A repugnância do jovem era evidente em todas as linhas de seu rosto e, sendo tão difícil suportá-lo, havia espaço suficiente para manter distância. Ele (quero dizer o outro) não mexeu mão ou pé, mantendo-se parado a olhar o rapaz. Mexeu a cabeça apenas acompanhando-o com os olhos. E, quando as costas se viraram para ele, viu a ferramenta vermelha curva que estava na sua mão ir naquela

direção. Sabia, antes de jogar a foice, onde ela se cravaria – eu digo, onde havia se cravado, não onde se cravaria, pois ele tinha a clara percepção de que aquilo já havia acontecido mesmo antes que o fizesse. A foice rachou a cabeça e lá permaneceu, e o rapaz ficou caído com o rosto no chão.

Ele enterrou o rapaz durante a noite ao pé da árvore. Assim que o dia amanheceu, trabalhou revirando toda a terra ao redor da árvore, cortando e podando os arbustos próximos. Quando os trabalhadores chegaram, não havia nada suspeito e nada havia que causasse desconfiança.

Mas, em um instante, tinha acabado com todas as suas precauções, depois de destruir o triunfo do plano que tinha executado por tanto tempo e que havia finalizado com tanto sucesso. Tinha se livrado da noiva e ficado com sua fortuna sem colocar a própria vida em risco, mas agora, por uma morte pela qual não ganhara nada, teria de viver com uma corda no pescoço.

Além disso, ficou acorrentado à mansão de tristeza e horror, que ele não suportava. Com medo de vendê-la ou deixá-la para que não fosse descoberto, se viu forçado a viver nela. Contratou dois anciãos, um casal, como seus serviçais e habitou-a. E a temia. Sua maior dificuldade por muito tempo foi o jardim. Não sabia se deveria mantê-lo podado, se deveria deixar que voltasse ao seu antigo estado de negligência. Qual seria a melhor forma de chamar menos atenção?

Decidiu pelo meio-termo, cuidando do jardim ele próprio em suas tardes de ócio, sempre chamando o serviçal ancião para ajudá-lo, mas nunca o deixando trabalhar sozinho. Construiu, ele mesmo, um caramanchão encostado na árvore, onde poderia sentar-se e ter certeza de que estava seguro.

Conforme mudavam as estações, e com elas a árvore, sua mente pressentia perigos que estavam sempre se transformando. No tempo das folhas verdes, achava que as ramas mais altas cresciam no formato de um jovem, que tinham exatamente a silhueta dele sentado em um galho que balançava ao vento. Na época da queda das folhas, percebia que caíam da

árvore formando sinais no caminho, ou que tinham uma tendência a se amontoarem na forma de um túmulo. No inverno, quando as árvores ficavam nuas, percebia os galhos balançando sobre ele como se fossem o fantasma do golpe que o jovem havia desferido, ameaçando-o claramente. Na primavera, quando a seiva se amontoava no tronco, ele se perguntava se haveria partículas de sangue seco se juntando a ela. De maneira que ficava mais óbvia a cada ano a figura do jovem formada pelas folhas balançando ao vento.

Entretanto, ele aumentava sua fortuna mais e mais a cada dia. Envolveu-se em negócios escusos no mercado de ouro em pó e nos mais secretos negócios que rendiam grandes retornos. Em dez anos, multiplicou tanto sua fortuna que os comerciantes e navegadores que negociavam com ele não mentiam, pelo menos ao declarar que havia aumentado a fortuna mil e duzentos por cento.

Acumulara suas riquezas cem anos antes, quando as pessoas podiam perder-se facilmente. Soube quem era o jovem ao descobrir sobre a busca feita por ele; mas fora abandonada e o jovem, esquecido.

O ciclo anual de mudança da árvore repetira-se dez vezes desde a noite do enterro, quando caiu uma forte tempestade, que começou à meia-noite e seguiu até o amanhecer. A primeira informação que ouviu do serviçal ancião naquela manhã foi a de que a árvore havia sido atingida por um raio.

O tronco fora atingido de maneira muito surpreendente. Fora cortado em duas metades: uma ficara apoiada contra a mansão, e a outra, contra uma parte do muro vermelho do jardim, no qual a queda havia aberto um buraco. A fissura cortara a árvore até perto da raiz. Houve grande curiosidade para ver a árvore e, com a maior parte de seus medos reavivados, ele sentou-se no caramanchão como um ancião, observando as pessoas que vinham ver a árvore.

Rapidamente uma multidão começou a se formar. Assustado, ele fechou o portão do jardim e se recusou a deixar mais pessoas entrarem. Mas

havia certos homens de ciência que vieram de longe para examinar a árvore e, em má hora, ele o permitiu:

– Que ardam nos infernos!

Queriam cavar até as raízes e examiná-las de perto, assim como a terra ao redor delas. Mas nunca enquanto ele vivesse! Ofereceram-lhe dinheiro. Eles! Homens de ciência, que ele poderia comprar aos montes com um rabisco de sua caneta! Ele lhes mostrou novamente o portão do jardim, trancou-o e selou-o com barras.

Mas eles estavam dispostos a fazer o que queriam e subornaram o serviçal, um ingrato infeliz que sempre se queixava ao receber seu salário, reclamando por ser mal pago, e entraram furtivamente no jardim à noite com suas lanternas, picaretas e pás para cavar junto à árvore. Ele estava deitado em um quarto da torre no outro lado da mansão (o aposento da noiva fora mantido desocupado desde sua morte), mas sonhou com picaretas e pás e se levantou.

Foi até uma janela no andar superior naquele lado, de onde via as lanternas, eles e, em um montinho, a terra que ele mesmo havia tirado e colocado de volta depois.

Foi encontrado! Iluminaram o local momentos depois. Estavam todos debruçados ali. Um deles disse:

– O crânio está fraturado.

E outro:

– Vejam aqui os ossos.

E outro:

– É aqui as roupas.

E então o primeiro escavou mais uma vez:

– Uma foice enferrujada!

No dia seguinte, deu-se conta de já estar sob estrita vigilância e não poder ir a lugar nenhum sem ser seguido. Antes de a semana acabar, foi pego e levado para a prisão. As provas contra ele foram gradualmente reunidas com uma desesperada malignidade e uma aterradora

ingenuidade. Mas veja a justiça dos homens e como se estendeu sobre ele! Acabou sendo acusado de envenenar aquela garota no quarto da noiva. Ele que havia, meticulosamente, feito de tudo para evitar comprometer um fio de cabelo seu, que fosse, na morte dela, e que a assistira perecer vítima de sua própria impotência.

Havia dúvidas sobre por qual dos dois assassinatos deveria ser julgado primeiro. Mas o verdadeiro foi o escolhido, sendo considerado culpado e condenado à morte. Miseráveis sanguinários! Eles o teriam culpado por qualquer coisa, tão decididos estavam em tomar a sua vida.

Seu dinheiro nada poderia fazer para salvá-lo, e ele foi enforcado. *Eu sou ele, e eu fui enforcado no Lancaster Castle, com meu rosto virado para a parede, cem anos atrás!*

Diante dessa surpreendente revelação, o Sr. Goodchild tentou se levantar e gritar. Mas as faíscas estendidas entre os olhos do ancião e os seus o mantiveram sentado, e ele não conseguiu emitir som algum. Sua audição, entretanto, parecia acurada, e ele pôde ouvir o relógio bater duas vezes. Tão logo ouviu o relógio bater, viu diante dele dois anciãos!

Dois.

Os olhos de cada um deles conectados com seus olhos por duas faíscas. Um exatamente igual ao outro. Cada um se dirigindo a ele precisamente no mesmo instante que o outro. Cada um rangendo os mesmos dentes, na mesma cabeça, com a mesma narina contraída e a mesma expressão difusa. Dois anciãos. Diferentes em nada, igualmente distintos à vista, a cópia não sendo pior que o original, o segundo tão real quanto o primeiro.

– A que horas – disseram os dois anciãos – o senhor chegou para a entrada?

– Às seis.

– E havia seis anciãos na escada!

O Sr. Goodchild enxugou o suor da testa, ou tentou fazê-lo. Os dois anciãos prosseguiram em uníssono, no singular:

– Fui dissecado, mas ainda não tinha meu esqueleto reagrupado e rependurado em um gancho de ferro quando começaram os rumores de que o quarto da noiva era assombrado. *Era* assombrado e eu estava lá.

– *Nós* estávamos lá. Ela e eu estávamos lá. Eu na cadeira junto à lareira; ela, uma ruína branca, arrastando-se pelo chão em minha direção. Mas eu não era mais o orador, e a única palavra que ela disse para mim da meia-noite até o amanhecer foi: “Viva!”.

O jovem estava lá também. Na árvore perto da janela. Indo e vindo ao luar com a inclinação da árvore. Ele sempre esteve lá espreitando o meu tormento, revelando-se aos poucos nas luzes pálidas e nas escuras sombras de onde vinha e para onde ia, cabeça descoberta, com uma foice espetada em seu crânio.

No quarto da noiva, toda noite, da meia-noite até o amanhecer, exceto um mês ao ano, como vou lhe contar, ele se esconde na árvore e ela vem pelo chão em minha direção; sempre cercando, nunca chegando perto. Sempre visível como se houvesse luar, a Lua brilhasse ou não. Sempre dizendo, da meia-noite ao amanhecer, sua única palavra: “Viva!”.

Mas no mês em que a forcei a deixar a vida, o mês atual de trinta dias, o quarto da noiva fica vazio e calmo. Não tanto o meu antigo calabouço. Não tanto os quartos onde eu passei sem descanso e com medo por dez anos. Todos são totalmente assombrados. À uma da manhã sou como o senhor me viu quando o relógio bateu a hora: um ancião. Às duas da manhã, sou dois anciãos. Às três, sou três. Ao meio-dia, sou doze anciãos, um para cada cem por cento do meu antigo ganho. Cada um dos doze com meu sofrimento e agonia doze vezes maiores. Dessa hora até a meia-noite, eu, doze anciãos angustiados e com pressentimentos terríveis, espero a chegada do meu executor. À meia-noite, eu, doze anciãos, sumimos, voando invisíveis do lado de fora do Lancaster Castle, com doze rostos virados para a parede!

Quando o quarto da noiva foi assombrado pela primeira vez, soube que essa punição jamais cessaria até que eu a pudesse esclarecer e que minha

história fosse conhecida por dois homens vivos ao mesmo tempo. Esperei que dois homens estivessem juntos no quarto da noiva por anos a fio. Chegou ao meu conhecimento (por meios que desconheço) que, se dois homens vivos, com seus olhos abertos, estivessem no quarto da noiva à uma da manhã, me veriam sentado na minha cadeira.

Finalmente os rumores de que o quarto era mal-assombrado trouxeram dois homens para experimentar a aventura. Mal eu fui colocado perto da lareira à meia-noite (chegando como se um relâmpago me jogasse lá), os ouvi subindo as escadas. Em seguida, os vi entrar. Um deles era careca, alegre, homem ativo, no vigor da vida, uns quarenta e cinco anos; o outro, cerca de doze anos mais jovem. Trouxeram provisões em uma cesta e garrafas. Uma jovem mulher os acompanhava com lenha e carvão para acender o fogo. Quando o acendeu, o homem careca, alegre e enérgico a acompanhou pelo corredor, já fora do quarto, para vê-la descer as escadas em segurança, e voltou rindo.

Ele trancou a porta, examinou o quarto, tirou as coisas da cesta e as colocou na mesa em frente ao fogo, encheu os copos, comeu e bebeu. Seu companheiro fez o mesmo e estava tão alegre e confiante como ele, embora ele fosse o líder. Quando já haviam jantado, colocaram suas pistolas na mesa, se viraram para o fogo e começaram a fumar seus cachimbos estrangeiros.

Haviam viajado juntos, passado muito tempo juntos e tinham muitos assuntos em comum. No meio da conversa e dos risos, o homem mais jovem fez uma referência ao líder estar sempre pronto para qualquer aventura; aquela ou qualquer outra. Ele respondeu com as seguintes palavras:

– Não é bem assim, Dick. Se não tenho medo de mais nada, tenho medo de mim mesmo.

Seu companheiro, parecendo um pouco bobo, lhe perguntou:

– De que maneira? Como?

– Como? Da seguinte maneira: aqui está um fantasma a ser desmentido. Bem! Não posso responder o que minha imaginação faria se eu estivesse aqui sozinho, ou que peças meus sentidos poderiam me pregar se ficasse à mercê deles. Mas na companhia de outro homem, e especialmente com você, Dick, aceitaria encarar todos os fantasmas que já foram mencionados no Universo.

– Não tinha a vaidade de supor que era tão importante nesta noite – disse o outro.

– Tão importante – replicou o líder, mais seriamente do que havia falado até então – que, pelas razões que aponte, eu teria desistido de passar a noite aqui sozinho.

Faltavam poucos minutos para a uma. A cabeça do homem mais jovem tombou quando ele fez a última observação e se manteve baixa.

– Fique acordado, Dick! – disse o líder animadamente. – As primeiras horas são as piores.

Ele tentou, mas sua cabeça tombou novamente.

– Dick! – insistiu o líder. – Fique acordado!

– Não consigo. – Ele murmurou de um jeito confuso. – Não sei que estranha influência está caindo sobre mim. Não consigo.

Seu companheiro o olhou com um terror súbito, e eu, do meu jeito peculiar, também senti um novo terror. Como estava a ponto de o relógio bater uma da manhã, senti que o segundo observador estava se rendendo e que a maldição caía sobre mim de modo a fazê-lo dormir.

– Levante e ande, Dick – gritou o líder. – Tente!

Foi em vão me aproximar das costas da espreguiçadeira e sacudi-lo. Soou uma hora, e eu estava visível ao homem mais velho, e ele ficou paralisado à minha frente.

Para ele apenas, fui obrigado a relatar minha história, sem esperança de ganhos. Para ele apenas, fui um terrível fantasma fazendo uma confissão inútil. Vislumbrei que seria sempre a mesma coisa. Dois homens vivos jamais me escutarão juntos. Quando apareço, os sentidos de um dos dois

ficará trancado no sono, ele não me verá nem me ouvirá, me comunicarei sempre com um ouvinte solitário, e será sempre em vão. Ai! Ai! Ai!

Enquanto proferiam essas palavras, os dois anciãos levantaram suas mãos, e veio à mente do Sr. Goodchild que ele se encontrava na terrível situação de estar virtualmente só com o espectro, e a imobilidade do Sr. Idle era explicada pelo fato de, por encantamento, ter caído no sono a uma hora. No terror dessa súbita descoberta, que produziu um pavor indescritível, ele se debateu com tanta força para se libertar dos quatro filetes de fogo que os rompeu após tê-los agarrado e jogado a uma longa distância. Estando liberto, tirou o Sr. Idle do sofá e correu com ele para baixo.

– O que está fazendo, Francis? – perguntou o Sr. Idle. – Meu quarto não é aqui embaixo. Por que diabos você está me carregando? Posso andar com uma bengala. Não quero ser carregado. Coloque-me no chão.

O Sr. Goodchild o colocou no chão do antigo hall e olhou para ele de um jeito estranho.

– O que está fazendo? Se lançando como um idiota sobre alguém do seu próprio sexo e o resgatando, ou perecendo na tentativa? – perguntou o Sr. Idle num tom altamente petulante.

– O ancião! – gritou o Sr. Goodchild, loucamente. – E os dois anciãos!

O Sr. Idle não teve então outra resposta:

– A anciã, eu acho que você quer dizer. – Mancando, começou seu caminho de volta, escada acima, com a ajuda do corrimão.

– Eu lhe garanto, Tom – começou o Sr. Goodchild indo ao seu lado –, que desde que você caiu no sono...

– O quê? Essa é boa! – disse Thomas Idle. – Não preguei os olhos!

Com a peculiar sensibilidade sobre o vergonhoso fato de ter dormido fora da cama, o que é a sina da humanidade, o Sr. Idle persistiu em sua declaração. A mesma peculiar sensibilidade incitou o Sr. Goodchild, sendo acusado do mesmo crime, a repudiá-lo com grande ressentimento. Assim,

a decisão sobre a questão do ancião e dos dois anciãos tornou-se complicada e logo ficou inexecutável. O Sr. Idle disse que tudo fora efeito do bolo de noiva e fragmentos recém-organizados das coisas que viram e pensaram durante o dia. O Sr. Goodchild perguntou como poderia ser essa a causa, se ele não havia adormecido? O Sr. Idle afirmou que também não havia adormecido nem iria dormir e que, como de costume, o Sr. Goodchild estava dormindo. Consequentemente, eles se separaram pelo resto da noite, na porta de seus respectivos quartos, um pouco perturbados. As últimas palavras do Sr. Goodchild foram que, naquela real e tangível sala antiga, daquele real e tangível antigo hotel (supunha que o Sr. Idle negasse sua existência?), tivera todas as sensações e experiências que agora estavam a uma ou duas linhas de completar, e que ele escreveria e imprimiria cada palavra. O Sr. Idle respondeu que deveria fazer isso se quisesse. E ele quis. E agora está feito.

† † †

## AUTOR E OBRA

Charles John Huffam Dickens (1812-1870) é considerado por muitos um dos pilares da formação do romance inglês, juntamente com Daniel Defoe (também presente em *Góticos II*) e Jane Austen (1775-1817). Obteve enorme popularidade ainda em vida, principalmente por ser o criador de personagens que se tornaram ícones da literatura, como *Oliver Twist* e *David Copperfield* (personagens-títulos de seus respectivos romances) e Ebenezer Scrooge (*Uma História de Natal*), entre outros. São inúmeras as adaptações de suas obras para cinema, teatro e desenho animado (o avaro Tio Patinhas, da Disney, cujo nome em inglês é Uncle Scrooge, foi inspirado no não menos sovina protagonista de *Uma História de Natal*).

Leitor de Defoe, de *As Mil e Uma Noites* e de *Dom Quixote*, Dickens também se notabilizou pela sua defesa dos excluídos, principalmente as crianças vítimas do violento processo de acumulação de riquezas que, na era vitoriana, tornou a Inglaterra senhora do mundo e consagrou Londres como uma cidade dividida entre os grandes negócios e a extrema miséria.

Em “A noiva do enforcado”, entramos, junto com o Sr. Goodchild e o Sr. Idle, em uma mansão que guarda seus segredos, suas maldições – e seus fantasmas. Trata-se de uma bela variação da mansão gótica, tão propícia a servir de cenário para histórias cujo tema são manifestações do sobrenatural. Mas neste conto (extraído de *The Lazy Tour of Two Idle Apprentices*, 1857) o grande atrativo não é tanto o terror, mas, sim, o mistério a ser desvendado (a história por trás da assombração que vaga pela mansão, cumprindo pena pelos malefícios praticados em vida). A fleuma do Sr. Goodchild é outro ingrediente peculiar, uma espécie de naturalidade em aceitar (quase “degustar”, como um sabor a mais da mansão) o não natural que confere um tom humorístico muito sutil a essa história tão melancólica.

Enfim, com uma originalidade genial, muito dickensiana, “A noiva do enforcado” é uma exemplar história de fantasmas, bem de acordo com a tradição britânica do gótico.



## A Marca da besta

Rudyard Kipling

Tradução: Sandra Pina

*Seus deuses e meus deuses: você ou eu sabemos quais são os mais fortes?*

Provérbio inglês

A leste de Suez, alguns acreditam, o controle direto da Providência cessa, o Homem fica entregue ao poder dos deuses e demônios da Ásia, e a Igreja da Providência da Inglaterra exerce uma supervisão apenas eventual, restrita aos ingleses.

Essa teoria explica alguns dos mais desnecessários horrores da vida na Índia. E pode ser estendida para explicar minha história.

Meu amigo Strickland, da polícia, que conhece tanto sobre os nativos da Índia quanto convém a qualquer homem, pode dar testemunho sobre a veracidade dos fatos desse caso. Dumoise, nosso médico, também viu o que Strickland e eu vimos. A conclusão a que chegou a partir das evidências foi completamente incorreta. Ele está morto agora, e morreu de uma maneira bastante intrigante, que foi descrita em algum outro lugar.

Quando Fleete veio para a Índia, tinha um pouco de dinheiro e alguma terra no Himalaia, perto de um lugar chamado Dharmsala. As propriedades lhe foram deixadas por um tio, e ele veio cuidar delas. Era

um homem grande, pesado, amável e inofensivo. Seu conhecimento sobre os nativos era, é claro, limitado, e reclamava das dificuldades com a língua.

Ele deixou sua casa nas montanhas para passar o Ano-Novo na estação e se hospedou na casa de Strickland. Na véspera do Ano-Novo houve um grande jantar no clube, e a noite estava muito úmida. Quando os homens confraternizam nos confins do império, têm o direito de ficar agitados. A fronteira havia enviado um contingente de Catch'em-Alive-O's<sup>1</sup>, homens que não viam vinte rostos brancos havia um ano e que costumavam cavalgar cerca de trinta quilômetros para jantar no forte mais próximo, correndo o risco de encontrar uma bala *khyberee* onde deveriam estar suas bebidas. Lucraram um bocado com a novidade da segurança e tentaram jogar bilhar com um porco-espinho enrolado encontrado no jardim; um deles carregava pela sala, entre os dentes, o marcador da rodada. Meia dúzia de fazendeiros vieram do sul e estavam enrolando o Maior Mentiroso da Ásia, que tentava superar todas as suas histórias de uma só vez.

Todos, enfim, estavam lá e faziam um balanço geral e a contabilização de nossas perdas por morte ou mutilação acontecidas durante o ano. Era uma noite muito úmida, de fato, e lembro que cantamos "Auld Lang Syne", a "Valsa da Despedida", com os nossos pés no campeonato de polo, nossas cabeças entre as estrelas, e jurando que éramos todos amigos.

Então, alguns foram embora e tomaram a Birmânia, e outros tentaram explorar o Sudão e foram alcançados por *fuzzies*<sup>2</sup> naquele cruel matagal nos arredores de Suakin. Alguns ganharam estrelas e medalhas, e outros se casaram, o que foi ruim, e alguns fizeram coisas piores, e outros de nós permanecemos aferrados aos nossos modos de vida, nos esforçando para ganhar dinheiro apesar da falta de experiência para isso.

Fleete começou a noite com xerez e fermentados, bebeu champanhe todo o tempo até a sobremesa, então juntou raspas de Capri seco com toda a potência do uísque e tomou Benedictine com café, quatro ou cinco uísques com soda para melhorar suas tacadas no bilhar, cerveja e dados às

duas e meia, encerrando com um velho conhaque. Consequentemente, quando saiu, às três e meia da madrugada num frio de catorze graus negativos, ficou muito irritado com seu cavalo, que sofria ataques de tosse, e tentou montar nele. O cavalo fugiu para o estábulo. Então Strickland e eu formamos uma “guarda da desonra” para levar Fleete para casa.

Nosso caminho passava pelo mercado, perto de um pequeno templo de Hanuman, o deus-macaco, uma divindade importante e digna de respeito. Todos os deuses têm boas qualidades, assim como todos os sacerdotes. Pessoalmente, atribuo grande importância a Hanuman e sou gentil com seu povo, os grandes símios cinzentos das montanhas. Nunca se sabe quando se pode precisar de um amigo.

Havia luz no templo, e ao passar ouvimos vozes masculinas cantando hinos. Em um templo nativo, os sacerdotes se levantam a qualquer hora da noite para honrar seu deus. Antes que pudéssemos detê-lo, Fleete subiu rapidamente os degraus do templo, bateu nas costas de dois sacerdotes e, com expressão séria, apagou o toco de seu charuto na testa da imagem de pedra vermelha de Hanuman. Strickland tentou puxá-lo, mas ele sentou-se ali mesmo, no chão, e disse solenemente:

– Vê isso? Marca da *be-besssta*! Eu fiz. Não *sshhtá* bonita?

Em meio minuto, o templo se tornou vivo e barulhento, e Strickland, que sabia o que pode ocorrer quando se profanam deuses, disse que algo grave iria nos acontecer. Por dever de sua posição oficial com prolongada residência no país e vulnerabilidade por estar entre os nativos, ele era conhecido dos sacerdotes e estava muito contrariado. Fleete recusou-se a se mover. Disse que o “bom velho Hanuman” era um travesseiro bem macio.

Então, sem qualquer aviso, um Homem de Prata saiu de um esconderijo atrás da imagem do deus. Estava totalmente nu naquele frio severo, e seu corpo brilhava como prata congelada, era o que a Bíblia chama de “um leproso branco como a neve”. Também não tinha face, porque era leproso havia muitos anos e sua doença tinha se agravado. Nós dois nos

inclinamos para levantar Fleete, e o templo enchia-se cada vez mais de gente, que parecia brotar da terra, quando o Homem de Prata passou em nossa direção fazendo um barulho exatamente como o chiado de uma lontra, agarrou o corpo de Fleete e jogou a cabeça no peito dele antes que pudéssemos arrancá-lo de lá. Então, o Homem de Prata se retirou para um canto e sentou-se miando, enquanto a multidão bloqueava todas as portas.

Os sacerdotes estavam muito zangados até o Homem de Prata tocar Fleete. No entanto, aquilo pareceu acalmá-los.

Depois de alguns minutos de silêncio, um dos sacerdotes veio até Strickland e disse em um inglês perfeito:

– Leve seu amigo embora. Ele fez o que queria com Hanuman, mas Hanuman ainda não fez tudo o que quer fazer com ele.

A multidão se afastou, e carregamos Fleete para a estrada.

Strickland estava muito zangado. Disse que poderíamos, nós três, ter sido esfaqueados, e que Fleete deveria agradecer aos céus por ter escapado ileso.

Fleete não agradeceu a ninguém. Disse que queria ir para a cama. Estava completamente bêbado.

Seguimos em frente, Strickland calado e furioso, até que Fleete foi tomado por tremores violentos e suores. Dizia que os cheiros do mercado estavam avassaladores e se perguntava por que se permitiam matadouros tão perto das residências inglesas.

– Vocês não sentem o cheiro de sangue? – perguntou Fleete.

Nós o colocamos na cama, por fim, quando o amanhecer já estava despontando, e Strickland me convidou para mais um uísque com soda. Enquanto bebíamos, falou sobre o episódio no templo e admitiu que aquilo o tinha atordoado completamente. Strickland detesta ser iludido pelos nativos porque sua ocupação na vida é dominá-los com suas próprias armas. Ainda não conseguiu avanços nisso, mas em quinze ou vinte anos terá feito algum pequeno progresso.

– Eles deveriam ter nos atacado – disse meu amigo – em vez de miar para nós. Pergunto-me o que houve de fato por lá. Não gosto nem um pouco disso.

Disse que o Conselho Diretor do templo teria bons motivos para mover uma ação criminal contra nós por insultar sua religião. Havia uma seção no Código Penal indiano que tratava exatamente da violação cometida por Fleete. Strickland acrescentou que tudo o que mais queria e pelo que rezava era para que fizessem isso. Antes de sair, dei uma olhada no quarto de Fleete e o vi deitado sobre seu lado direito, coçando o lado esquerdo do peito. Então, fui para a cama, com frio, deprimido e tristonho às sete horas da manhã.

À uma hora fui a pé até a casa de Strickland para perguntar sobre a cabeça de Fleete. Imaginei que estaria doendo. Fleete estava tomando café da manhã e não parecia bem. Seu bom humor se fora, pois estava perturbando o cozinheiro por não ter lhe servido costeletas malpassadas. É estranho um homem conseguir comer carne crua após uma noite de bebedeira. Disse isso a Fleete, e ele riu.

– Existem curiosos mosquitos nessas paragens – ele disse. – Me devoraram vivo, mas apenas em um local.

– Vamos dar uma olhada na picada – disse Strickland. – É possível que tenha diminuído desde esta manhã.

Enquanto as costeletas eram preparadas, Fleete abriu sua camisa e nos mostrou, do lado esquerdo do peito, uma marca, uma reprodução perfeita das rosetas negras do couro do leopardo: cinco ou seis manchas irregulares dispostas em círculo. Strickland olhou e disse:

– Estavam apenas rosadas esta manhã. Estão pretas agora.

Fleete correu para o espelho.

– Minha nossa! – disse. – Isso é horrível. O que é?

Não conseguimos responder. Chegaram as costeletas vermelhas e sangrentas, e Fleete devorou três de uma maneira repugnante. Comia com os molares direitos apenas, e jogava a cabeça sobre seu ombro direito

enquanto rasgava a carne. Quando terminou, se deu conta de que vinha se comportando estranhamente, ao que falou, justificando-se:

– Acho que nunca senti tanta fome na vida. Devorei isso como um avestruz.

Após o café da manhã, Strickland me disse:

– Não vá. Fique aqui. E passe a noite aqui.

Levando em conta que minha casa ficava a menos de dois quilômetros, o pedido era absurdo. Mas Strickland insistiu e ia dizer mais alguma coisa quando Fleete interrompeu, declarando de um jeito envergonhado que estava novamente com fome. Strickland mandou um homem à minha casa buscar roupa de dormir e um cavalo, e nós três fomos ao estábulo de Strickland para passar o tempo até que fosse a hora de sair para dar uma volta. O homem que tem um fraco por cavalos nunca se farta de inspecioná-los; e quando dois homens estão matando o tempo dessa forma, adquirem conhecimento e descobrem mentiras um do outro.

Havia cinco cavalos no estábulo, e nunca esquecerei a cena quando tentamos examiná-los. Pareciam ter enlouquecido. Empinavam, relinchavam e quase derrubaram suas baias; suavam, tremiam, espumavam e estavam perturbados de medo. Os cavalos de Strickland costumavam reconhecê-lo tão bem quanto os seus cachorros, o que tornou a questão mais intrigante. Saímos do estábulo com medo de que, em seu pânico, se lançassem contra nós. Então Strickland se virou e me chamou. Os cavalos ainda estavam amedrontados, mas nos deixaram afagá-los, deram mostras de carinho e colocaram a cabeça em nosso peito.

– Eles não estão com medo de *nós* – disse Strickland. – Você sabe, eu daria três meses de pagamento se o Outrage aqui pudesse falar.

Mas Outrage era mudo e apenas podia afagar seu mestre e soprar pelas narinas, como é o costume de qualquer cavalo quando quer explicar coisas, mas não pode. Fleete chegou quando estávamos nas baias, e, assim que os cavalos o viram, o pânico irrompeu novamente entre eles. E tudo o que conseguimos foi escapar do lugar sem levar coices. Strickland disse:

– Eles parecem não amar você, Fleete.

– Bobagem – respondeu Fleete. – Minha égua me seguirá como um cachorro.

Ele foi até ela, que estava numa baía separada, mas, quando soltou as barras, o animal pulou sobre ele, derrubou-o e fugiu para o jardim. Eu ri, mas Strickland não achou graça. Segurou o bigode com as duas mãos e o puxou ao ponto de quase arrancá-lo. Em vez de perseguir sua égua, Fleete bocejou, dizendo que estava sonolento. Entrou na casa e deitou-se, o que era uma forma tola de passar o dia de Ano-Novo.

Strickland sentou-se comigo no estábulo e perguntou se eu tinha notado alguma coisa diferente no comportamento de Fleete. Eu disse que ele havia comido como um animal, mas que isso devia ser o resultado de viver sozinho nas montanhas, longe de uma sociedade tão refinada e fascinante como a nossa, por exemplo. Strickland não achou graça. Não acho que tenha me escutado, pois sua frase seguinte se referia às marcas no peito de Fleete, e eu respondi que deviam ter sido causadas por moscas-varejeiras, ou era possível que fosse uma marca de nascença que agora se tornara visível. Ambos concordamos que não era agradável de ver, e Strickland aproveitou a oportunidade para dizer que eu era um ingênuo.

– Não posso lhe dizer o que penso agora – disse ele – porque me chamaria de louco, mas você tem de ficar comigo pelos próximos dias se puder. Quero que observe Fleete, mas não me diga o que pensa até que eu tenha chegado a uma conclusão.

– Mas eu vou jantar fora esta noite – eu disse.

– Eu também – respondeu Strickland. – E também Fleete. Pelo menos se não mudou de ideia.

Andamos pelo jardim fumando até que nossos cachimbos se apagassem, mas sem dizer nada, porque éramos amigos e a conversa estraga o bom tabaco. Então, fomos acordar Fleete. Ele já estava acordado e incomodado com o quarto.

– Quero mais algumas costeletas – disse ele. – Pode ser?

Nós rimos e dissemos:

– Vá se trocar. As montarias estarão prontas em um minuto.

– Tudo bem – disse Fleete. – Irei quando tiver comido minhas costeletas, e malpassadas se possível.

Ele parecia falar sério. Eram quatro da tarde, e nós tínhamos tomado café da manhã à uma; entretanto, continuou pedindo aquelas costeletas malpassadas. Então, colocou roupas de cavalgar e foi para a varanda. Sua montaria, a égua, não foi capturada e não o deixou chegar perto. Os três cavalos ficaram intratáveis, loucos de medo, e, finalmente, Fleete disse que ficaria em casa para comer alguma coisa. Strickland e eu fomos cavalgar preocupados. Quando passamos pelo templo de Hanuman, o Homem de Prata saiu e miou para nós.

– Ele não é um dos sacerdotes regulares do templo – falou Strickland. – Acho que gostaria muito de pôr minhas mãos nele.

Não houve saltos em nosso galope pelo hipódromo naquela tarde. Os cavalos estavam cansados e se moviam como se tivessem participado de uma corrida.

– O susto após o desjejum foi demais para eles – disse Strickland.

Essa foi a única observação que fez durante o resto do passeio. Uma ou duas vezes, acho que praguejou para si mesmo, mas isso não conta.

Voltamos no escuro, às sete horas, e vimos que não havia luzes no bangalô.

– Que malandros descuidados esses meus empregados! – reclamou Strickland.

Meu cavalo empinou por causa de algo que havia no caminho das carruagens, e Fleete levantou-se sob o seu focinho.

– O que você faz rastejando pelo jardim? – perguntou Strickland.

Mas nesse momento ambos os cavalos empinaram e quase nos derrubaram. Desmontamos no estábulo e voltamos até onde víamos Fleete, que agora estava de quatro sob os arbustos de laranja.

– Que diabo há de errado com você? – perguntou Strickland.

– Nada, absolutamente nada – respondeu Fleete, falando muito rápido e enrolado. – Estava cuidando do jardim, sabe? O cheiro da terra é delicioso. Acho que vou sair para uma caminhada, uma longa caminhada a noite toda.

Então vi que havia alguma coisa muito estranha e disse a Strickland:

– Não vou sair para jantar.

– Abençoado seja! – respondeu Strickland. – Aqui, Fleete, levante-se. Você vai pegar uma febre. Venha jantar e acendamos as luzes. Jantaremos todos em casa.

Fleete levantou-se a contragosto e disse:

– Nada de lâmpadas, nada de lâmpadas. Está muito melhor aqui. Vamos jantar aqui fora e comer mais costeletas, muitas, e malpassadas, sangrentas e com cartilagem.

Uma noite de dezembro no norte da Índia é cruelmente fria, e a sugestão de Fleete era descabida.

– Venha para dentro – disse Strickland com firmeza. – Imediatamente.

Fleete nos atendeu e, quando as lâmpadas foram acesas, vimos que ele estava sujo de terra da cabeça aos pés. Por certo estava rolando no jardim. Recuou com a luz e foi para o quarto. Seus olhos eram uma visão horrível. Havia uma luz verde por detrás deles, mas não neles, se você me entende, e seu lábio inferior pendia.

Strickland declarou:

– Será uma noite longa e tumultuada. Não troque suas roupas de montaria.

Esperamos bastante pela reparição de Fleete e pedimos o jantar nesse ínterim. Podíamos ouvi-lo se movendo pelo seu quarto, mas não havia luzes lá. Dali a pouco, do quarto veio o longo uivo de um lobo.

As pessoas escrevem e falam sobre o sangue gelando, o cabelo arrepiando e coisas desse tipo. Essas sensações são horríveis demais para

serem tratadas com leviandade. Meu coração parou como se uma faca o tivesse atravessado, e Strickland ficou tão branco quanto a toalha da mesa.

O uivo se repetiu e foi respondido por outro uivo vindo de longe, do outro lado dos campos.

Era o limite do horror. Strickland correu para o quarto de Fleete. Eu o segui, e vimos Fleete a ponto de sair pela janela. Do fundo da garganta, emitia sons de animais. Não pôde nos responder quando gritamos seu nome. Ele cuspiu.

Não me lembro direito o que se seguiu, mas acho que Strickland o atingiu com a grande descalçadeira e isso o atordoou, ou eu não teria sido capaz de sentar-me sobre seu peito. Fleete não conseguia falar, apenas rosnava. E seus rosnados eram de lobo, não de homem. O espírito humano devia estar cedendo ao longo do dia e acabou morrendo no crepúsculo. Estávamos lidando com um animal que um dia fora Fleete.

A situação estava além de qualquer experiência humana e racional. Tentei dizer *hidrofobia*, mas a palavra não saía porque eu sabia que estava mentindo.

Amarramos aquele animal com as correias de couro do *punkah*<sup>3</sup>, atamos seus polegares e dedões dos pés juntos e o amordaçamos com um calçador, que é uma mordança muito eficiente se você souber como usá-la. Então, o levamos para a sala de jantar e mandamos um homem até Dumoise, o médico, dizendo que viesse imediatamente. Após despacharmos o mensageiro e recuperarmos o fôlego, Strickland disse:

– Isso não é bom. Não é trabalho para um médico.

E eu concordava com ele.

A cabeça do animal estava solta e ele a jogava de um lado para o outro. Qualquer um que entrasse na sala acreditaria que estávamos defumando a pele de um lobo. Esse era o detalhe mais repugnante.

Strickland sentou-se com o queixo apoiado na palma da mão, observando o animal se contorcer no chão, mas não disse nada. A camisa

se rasgara na luta, e mostrava as rosetas negras marcadas no lado esquerdo do peito. Destacavam-se como uma bolha.

Observando-o em silêncio, ouvimos algo lá fora que parecia o miado de uma lontra fêmea. Ambos nos levantamos e, posso dizer por mim, não por Strickland, senti-me doente, real e fisicamente doente. E dissemos um para o outro, como fizeram os homem em *Pinafore*<sup>4</sup>, que era um gato.

Dumoise chegou, e eu nunca vira um homem mostrar uma surpresa tão pouco profissional. Ele disse que era um caso angustiante de hidrofobia e que nada podia ser feito. Qualquer medida paliativa não faria mais do que prolongar a agonia. A besta estava espumando pela boca. Fleete, como dissemos a Dumoise, fora mordido por cachorros uma ou duas vezes. Qualquer homem que tem meia dúzia de *terriers* tem de prever que ocasionalmente será mordido. Dumoise não pôde ajudar. Garantia apenas que Fleete estava morrendo de hidrofobia. A besta estava então uivando, pois conseguira se livrar da mordida. Dumoise disse que estaria pronto a dar o atestado de óbito com a causa da morte e que o fim era certo. Ele era um bom homem e se ofereceu para permanecer conosco, mas Strickland recusou a gentileza. Não queria estragar o Ano-Novo de Dumoise. Apenas pediria que não tornasse pública a real causa da morte de Fleete.

Desse modo, Dumoise foi embora profundamente nervoso, e, assim que o barulho das rodas da charrete sumiu, Strickland me contou, sussurrando, suas suspeitas. Eram tão fantasticamente improváveis que ele não ousou dizê-las em voz alta. E eu, que compartilhava de todas as suspeitas de Strickland, estava tão envergonhado de tê-las concebido, que me fingi incrédulo.

– Mesmo que o Homem de Prata tivesse enfeitiçado Fleete por profanar a imagem de Hanuman, a punição não deveria ter-se abatido tão rapidamente.

Enquanto trocávamos sussurros, o grito do lado de fora da casa foi ouvido novamente, e o animal caiu em um novo espasmo, debatendo-se,

de forma que ficamos com medo de que as tiras que o amarravam cedessem.

– Veja! – disse Strickland. – Se isso acontecer seis vezes, deverei tomar a justiça em minhas próprias mãos. Ordeno que você me ajude.

Foi até o seu quarto e voltou em alguns minutos com os canos de uma antiga arma de fogo, um pedaço de linha de pesca, uma corda grossa e a sua pesada armação de cama, de madeira. Relatei que as convulsões seguiram-se aos gritos por dois segundos a cada vez, e a besta parecia perceptivelmente mais fraca.

Strickland murmurou:

– Mas ele não pode deixar a vida! Ele não pode deixar a vida!

Eu disse, embora soubesse que estava debatendo comigo mesmo:

– Deve ser um gato. Tem de ser um gato. Se o Homem de Prata é responsável, como ousa vir aqui?

Strickland arrumou a madeira na lareira, colocou os canos da arma entre as brasas do fogo, espalhou o barbante na mesa e quebrou uma bengala em duas. Havia um retrós de linha de pesca, tripa dobrada com arame, como é usada para pescar *mahseer*<sup>5</sup>, e ele amarrou as duas pontas em um laço.

Então disse:

– Como podemos pegá-lo? Tem de ser capturado vivo e ileso.

Respondi que tínhamos que acreditar na Providência e avançar lentamente com tacos de polo pelos arbustos da frente da casa. O homem, ou animal, que emitia os gritos estava evidentemente rondando a casa com a regularidade de um vigia noturno. Poderíamos esperar nos arbustos até que se aproximasse e então derrubá-lo.

Strickland aceitou essa sugestão e deslizamos por uma janela do banheiro até a varanda da frente, e então pela estrada da carruagem até os arbustos.

Ao luar, pudemos ver o leproso vindo pela esquina da casa. Estava totalmente nu e de tempos em tempos miava e parava para dançar com

sua sombra. Não era uma cena atraente, e, pensando no pobre Fleete reduzido a tal degradação por uma criatura tão vil, abandonei todas as minhas dúvidas e resolvi ajudar Strickland, desde aquecer os canos das armas à amarração do barbante – dos quadris à cabeça e de volta – com todas as torturas que fossem necessárias.

O leproso parou na varanda da frente por um momento, e pulamos em cima dele com os tacos. Ele era muito forte, e tínhamos medo de que pudesse escapar ou ferir-se fatalmente antes que o capturássemos. Tínhamos a ideia de que leprosos eram criaturas frágeis, mas ficou provado que estávamos errados. Strickland bateu em suas pernas por baixo, e eu coloquei meu pé em seu pescoço. Ele miou terrivelmente e, mesmo usando minhas botas de cavalgada, pude sentir que sua carne não era a de um homem são.

Ele nos atacou com o que restava de suas mãos e pés. Amarramos um chicote de cachorro ao redor do seu corpo, sob as axilas, o arrastamos pelas costas para o hall e então para a sala de jantar, onde a besta estava. Lá, o amarramos com correias de malas. Ele não tentou escapar, mas miava.

Quando o confrontamos com a besta, a cena foi além de qualquer descrição. A criatura se dobrou para trás em um arco, como se tivesse sido envenenada com estricnina, e gemeu da forma mais deplorável. Muitas outras coisas também aconteceram, mas não podem ser relatadas aqui.

– Acho que eu estava certo – disse Strickland. – Agora, pediremos a ele para curá-lo.

Mas o leproso apenas miava. Strickland enrolou uma toalha em sua mão e tirou os canos de arma do fogo. Enfiei metade da bengala quebrada no laço da linha de pesca e amarrei o leproso confortavelmente na armação da cama de Strickland. Entendi então como homens, mulheres e crianças conseguem suportar a visão de uma bruxa ser queimada viva, pois a besta estava gemendo no chão. E embora o Homem de Prata não tivesse rosto, era possível ver os sentimentos horríveis passando pela

placa que ocupava a parte frontal da cabeça, como as ondas de calor que passavam pelo ferro incandescente dos canos da arma, por exemplo.

Strickland protegeu os olhos com as mãos por um momento, e começamos a trabalhar. Essa parte não deve ser relatada.

\* \* \*

O amanhecer estava apenas começando quando o leproso falou. Seus miados não haviam sido satisfatórios até aquele instante. A besta havia desmaiado de exaustão, e a casa estava muito tranquila. Desamarramos o leproso e o mandamos levar embora o espírito demoníaco. Ele se arrastou até a besta e colocou a mão sobre o lado esquerdo do peito dela. E foi tudo. Então ele caiu de rosto para baixo e choramingou, buscando fôlego enquanto fazia isso.

Olhamos o rosto da besta e vimos a alma de Fleete voltando aos seus olhos. Então, um suor encharcou a fronte e escorreu pelos olhos fechados – eram olhos humanos. Esperamos por uma hora, mas Fleete ainda dormia. Nós o levamos para seu quarto e mandamos o leproso embora, dando-lhe a armação da cama, o lençol para cobrir sua nudez, as luvas e toalhas com as quais o tocamos e o chicote que fora enrolado em seu corpo. Ele cobriu-se com o lençol e saiu no início da manhã sem falar nem miar.

Strickland enxugou o rosto e sentou-se. Um gongo noturno, longe na cidade, anunciou sete horas.

– Exatamente vinte e quatro horas! – disse Strickland. – E fiz o suficiente para garantir minha dispensa do serviço, além de permanente internação em um manicômio. Acredita que ainda estamos acordados?

O cano incandescente havia caído no chão e chamuscado o tapete. O cheiro era muito real.

Naquela manhã, às onze, fomos juntos acordar Fleete. Vimos que as rosetas negras de seu peito haviam desaparecido. Ele estava muito

sonolento e cansado, mas, assim que nos viu, disse:

– Oh! Raios os partam, amigos. Feliz Ano-Novo para vocês. Nunca misturem as bebidas. Estou quase morto.

– Obrigado pela gentileza, mas você está atrasado – disse Strickland. – Hoje é a manhã do dia dois. Você dormiu durante uma volta completa do relógio.

A porta se abriu, e o pequeno Dumoise mostrou a cabeça. Ele tinha vindo a pé e imaginava que estivéssemos vestindo o defunto de Fleete.

– Trouxe uma enfermeira – disse Dumoise. – Suponho que ela possa entrar para... o que for necessário.

– Claro que sim – disse Fleete animado, sentando na cama. – Traga suas enfermeiras.

Dumoise ficou mudo. Strickland o levou para fora e explicou que deveria ter sido um erro de diagnóstico. Dumoise continuou mudo e deixou a casa apressadamente. Considerava que sua reputação profissional havia sido manchada e estava inclinado a considerar uma afronta pessoal a recuperação de Fleete. Strickland também saiu. Ao voltar, disse que tinha ido ao templo de Hanuman oferecer uma reparação pela profanação do deus, que lhe fora solenemente jurado que nenhum homem branco jamais tocara o ídolo antes, que aliás era a encarnação de todas as virtudes trabalhando sob um delírio.

– O que você acha? – perguntou Strickland.

Respondi:

– Existem mais coisas entre o céu e...

Mas Strickland detesta essa citação. Disse que eu a havia gasto de tanto usá-la.

Outra coisa curiosa aconteceu e me assustou tanto quanto os demais eventos daquela noite. Quando Fleete se vestiu, veio para a sala de jantar e farejou em volta. Tinha um jeito singular de mexer o nariz.

– Que cheiro horrível de cachorro por aqui – disse ele. – Você deveria realmente manter aqueles seus *terriers* em melhor estado. Tente enxofre,

Strick.

Mas Strickland não respondeu. Agarrou-se às costas de uma cadeira e, sem aviso, teve um incrível ataque histérico. É horrível ver um homem forte tomado pela histeria. Foi então que percebi que havíamos lutado pela alma de Fleete com o Homem de Prata naquela sala e que havíamos nos desonrado como ingleses para sempre, e eu ria, arfava e murmurava tão vergonhosamente quanto Strickland, enquanto Fleete pensava que nós dois havíamos enlouquecido. Nunca contamos a ele o que tínhamos feito.

Alguns anos mais tarde, com Strickland já casado, membro da sociedade e frequentando a igreja por causa da esposa, examinamos o incidente imparcialmente, e Strickland sugeriu que eu deveria levá-lo a público.

Pessoalmente, não vejo como esse passo pode ajudar a resolver o mistério, porque, em primeiro lugar, ninguém acreditará numa história tão desagradável e, em segundo, todo homem de bem sabe que os deuses dos pagãos são de pedra e bronze, e qualquer tentativa de lidar com eles de outra forma é, com toda justiça, condenada.

† † †

## AUTOR E OBRA

Nascido em Bombaim, na Índia britânica, Joseph Rudyard Kipling (1865-1936) emblematiza como nenhum outro autor esse modo inglês de se conservar britânico, mesmo nos cenários mais remotos (em relação a Londres); ou seja, de manter sobre as demais culturas, principalmente as colônias abaixo do Equador, um estranhamento, certa suspeita, um olhar ao mesmo tempo fascinado e irônico diante do que considera exótico, quase irreal.

“A marca da besta” é a reafirmação dessa surpresa-limite do cidadão britânico em uma terra com costumes e crenças – para não falar no clima

e na geografia como um todo – tão diferentes que a dotam de uma impenetrável aura de mistério. Como se tudo fosse *possível*, ou *concebível*, e ao mesmo tempo *incompreensível* nessas terras estrangeiras. Como se o senso de realidade (confundido às vezes com os parâmetros da cultura e da visão de mundo britânicas) se desfiasse diante desse estranho e imponderável *outro mundo*. Há episódios nos quais não se poderia acreditar se vivenciados em Londres, mas que se tornam devastadores fora da protetora civilidade (e racionalidade) britânica. A grande ameaça é a *insanidade* de aceitar o exótico como real. Trata-se assim de uma variação do gótico, que aqui foge aos ambientes escuros e gélidos onde se originou, as masmorras e ruínas de castelos e mansões assombrados, e de sua matriz britânica vitoriana para se expor ao sol dos trópicos.

E, no entanto, parece que suas histórias não poderiam ser mais moldadas a serem lidas na própria Londres, e pelo cidadão britânico, para quem a sugestiva ambientação, tão remota, reveste-se da fascinação pelo fantástico e pela aventura de lançar-se à exploração das colônias, como seus ídolos, britânicos como ele, mas intrépidos.

Kipling nos deixou várias histórias que se tornaram clássicos para crianças e jovens, como *O Livro da Selva*. Ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1907. Foi o mais jovem escritor e o primeiro autor inglês a ganhar essa distinção.

† † †

## NOTAS

1. Catch'em-Alive-O's: Apelido dado pelo major M. F. Rimington ao seu regimento de elite nas Forças Armadas britânicas que serviam na Índia.
2. Fuzzies: Apelido dado aos guerreiros sudaneses por causa de seus cabelos compridos.

3. Punkah: Tipo de ventilador acionado manualmente pelos serviçais.
4. Pinafore: Ópera cômica em dois atos, de W. S. Gilbert e Arthur Sullivan, de 1879.
5. Mahseer: peixe, tipo de carpa.



## 5 O olho maligno

Mary Shelley

Tradução: Domingos Demasi

*O agreste albanês, túnica até o joelho,  
A cabeça enrolada com um xale e a pistola enfeitada,  
E as vestes bordadas, formoso de se ver:  
O homem do lenço vermelho da Macedônia.*

LORD Byron (poeta inglês, 1788-1824)

O moreota<sup>1</sup> Katusthius Ziani viajava, já exausto, pelo paxalato<sup>2</sup> de Yanina, sempre temeroso de seus habitantes assaltantes. No entanto, não tinha motivos para tanto receio. Se chegasse cansado e faminto a uma aldeia solitária, se encontraria nos ermos desabitados subitamente cercado por um bando de klephts. E se passasse pelas cidades maiores estremeceria ao se descobrir longe de sua raça, entre os montanheses turcos selvagens e despóticos. Entretanto, assim que se apresentasse como o pobratimo<sup>3</sup> de Dmitri, o Olho Maligno, todas as mãos se estenderiam, todas as vozes proclamariam boas-vindas.

O albanês, Dmitri, era nativo da aldeia de Korvo. Em meio às silvestres montanhas da região entre Yanina e Tepellen corre o fundo e largo rio de Argyrocastro, protegido a oeste por abruptos precipícios cobertos de mata, sombreado a leste por altas montanhas. A mais alta entre elas é o Monte Trebucci. E, numa romântica curva dessa elevação, onde se destacam os

minaretas<sup>4</sup>, coroada por seu cimo que emerge de um grupo de altos ciprestes piramidados, está a pitoresca aldeia de Korvo. Ovelhas e cabras formam o aparente tesouro de seus habitantes; suas pistolas e seus iatagãs<sup>5</sup>, seus hábitos guerreiros e, com eles, a nobre profissão do roubo, são fontes de fortuna ainda maior. Numa raça famosa pela intrépida coragem e pelo aventureiro gosto por sangue, Dmitri se destacava.

Diziam que, na sua juventude, esse klepht era conhecido pelo temperamento amável e um gosto mais refinado que o normal entre seus conterrâneos. Fora um viajante e aprendera as artes europeias, e disso não sentia pouco orgulho. Sabia ler e escrever grego, e sempre guardava um livro entre suas pistolas na cinta. Passara muitos anos em Quio, a mais civilizada das ilhas gregas, e se casara com uma moça de lá.

Era uma característica dos albaneses desprezar as mulheres. Entretanto, ao se tornar marido de Helena, Dmitri assumiu uma postura mais cavalheiresca e se tornou defensor de ideias melhores. Com frequência, retornava às suas colinas nativas e lutava sob a bandeira do renomado Ali. Depois, voltava à ilha, seu lar. O amor do bárbaro domesticado era concentrado, ardente e às vezes algo além disso; era uma porção de seu coração vivo, palpitante, sua parte mais nobre – o molde divino no qual sua natureza rude fora refundida.

No retorno de uma de suas expedições albanesas, encontrou seu lar arrasado pelos mainotas<sup>6</sup>. Helena fora morta – apontaram seu túmulo, mas não ousaram lhe dizer como ela morrera. E sua única filha, sua adorável criancinha, fora raptada. Sua casa-tesouro de amor e felicidade fora pilhada; sua avantajada fortuna em ouro, transformada num vazio desolador.

Dmitri passou três anos empreendendo esforços em busca de sua filha. Tudo em vão. Foi exposto a muitos perigos e sofreu incríveis privações: enfrentou a besta selvagem em seu covil, os mainotas em seu porto de refúgio; atacou-os e foi atacado por eles.

A insígnia de sua coragem era uma profunda cicatriz entre a sobrancelha e a face. Nessa ocasião, ele quase morreu, mas o homem chamado Katusthius, vendo uma luta na praia e um homem moribundo, desembarcou de uma sacoleva<sup>7</sup> moreota, levou-o embora, cuidou dele e o curou.

Trocaram juras de amizade e, por algum tempo, o albanês compartilhou a vida e o trabalho de seu irmão. Mas eram pacíficos demais para seu gosto, e ele voltou a Korvo.

Quem poderia reconhecer no selvagem mutilado o mais belo entre os albaneses? Seus hábitos acompanharam os passos da mudança de fisionomia – ele tornou-se feroz e cruel –, sorria somente em aventuras perigosas; chegou ao pior estágio de banditismo, o prazer na sede de sangue. Envelhecia nesse ofício; sua mente tornou-se perturbada, suas feições mais sombrias; homens tremiam diante de seu olhar, mulheres e crianças exclamavam aterrorizadas:

– O Olho Maligno!

Essa alcunha tornou-se predominante, e o próprio Dmitri a adotou. Sentia-se honrado com o sombrio privilégio conferido por esse epíteto. Quando sua vítima tremia e se encolhia sob a influência mortal do seu olhar, a gargalhada diabólica com que saudava essa demonstração de poder atingia com pior assombro o coração enfraquecido da pessoa enfeitiçada. Dmitri, porém, conseguia fazer as flechas desviarem de sua vista; e seus camaradas o respeitavam ainda mais pelos seus atributos sobrenaturais, desde que eles próprios não os experimentassem.

Dmitri acabara de retornar de uma expedição além de Prevesa. Seus camaradas estavam carregados de despojos. Abateram e assaram um bode inteiro para sua refeição; beberam até secar vários cantis de vinho; então, em volta da fogueira no pátio, abandonaram-se às delícias da dança do lenço, rugindo em coro, atirando-se ao chão e depois erguendo-se sobre os joelhos, e girando, girando com uma energia toda própria.

O coração de Dmitri estava pesado; recusou-se a dançar e permaneceu afastado, primeiro acompanhando a música com sua voz e o alaúde, até a atmosfera mudar, fazendo-o recordar-se de dias melhores; sua voz definiu, o instrumento caiu de suas mãos e sua cabeça afundou no peito.

Ao som de passadas estranhas, sobressaltou-se; viu um vulto à sua frente, e teve certeza de reconhecer um amigo – não se equivocou. Com uma exclamação de alegria, saudou Katusthius Ziani, apertando sua mão e beijando-o na face.

O viajante estava exausto. Eles saíram em retirada para a casa de Dmitri, uma cabana caiada, caprichosamente bem acabada, cujo chão de terra batida era perfeitamente seco e limpo e de cujas paredes pendiam armas, algumas ricamente ornamentadas, e outros troféus de seus triunfos com os klephts.

Uma fogueira foi acesa por sua velha criada; os amigos repousaram sobre esteiras brancas de juncos, enquanto ela preparava o pilafe<sup>8</sup> e cozinhava carne de cabrito. A criada colocou uma reluzente travessa de latão sobre um bloco de madeira diante deles em que amontoou bolo de fubá, queijo de leite de cabra, ovos e azeitonas. Uma jarra de água de sua fonte mais pura e um cantil cheio de vinho serviram para refrescar e animar o viajante sedento.

Após o jantar, o convidado contou o objetivo de sua visita.

– Vim atrás do meu pobratimo – disse ele – para cobrar que seu juramento seja cumprido. Quando o salvei dos selvagens kakovougnis de Boularias, você penhorou sua gratidão e sua fé. Agora nega a dívida?

O rosto de Dmitri obscureceu.

– Meu irmão – exclamou –, não precisa me lembrar do que devo. Ordene minha vida... Em que o klepht montanhês pode ajudar o filho do abastado Ziani?

– O filho de Ziani é um mendigo – retrucou Katusthius – e morrerá se seu irmão lhe negar ajuda.

O moreota então contou sua história. Fora criado como o único filho de um rico mercador de Corinto. Velejara muito como mestre de navios mercantes de seu pai para Istambul, e até mesmo para a Calábria. Alguns anos antes, fora abordado e capturado por um corsário da Barbária. Sua vida, desde então, tinha sido aventureira, disse ele; na verdade, uma vida culpada – tornara-se um renegado – e obtivera respeito de seus novos aliados, não pela sua grande coragem, pois era um covarde, mas pelas fraudes que tornavam os homens ricos.

No meio dessa carreira, alguma superstição o havia influenciado e ele retornara à sua antiga religião. Fugiu da África, perambulou pela Síria, foi para a Europa, achou ocupação em Constantinopla; e, assim, os anos se passaram. Finalmente, quando estava a ponto de se casar com uma beleza fanariota<sup>9</sup>, caiu novamente na pobreza e retornou a Corinto para ver se a fortuna de seu pai havia prosperado durante suas longas andanças.

Descobriu que se, por um lado, ela se tornara fabulosa, por outro, se perdera para sempre. Seu pai, durante sua demorada ausência, reconhecera outro filho como seu; e, ao morrer, um ano antes, deixara tudo para ele. Katusthius encontrou esse irmão desconhecido, com esposa e filho, de posse de sua esperada herança. Cyril dividiu com ele, é verdade, as propriedades de seu pai; mas Katusthius queria tudo e resolveu obtê-lo.

Planejou mil estratégias de assassinato e vingança; contudo, o sangue de um irmão lhe era sagrado; e Cyril, amado e respeitado em Corinto, só poderia ser atacado com um risco considerável. Também seu filho era um obstáculo. Como era o melhor plano que se apresentou, embarcou rapidamente para Butrinto e foi buscar a ajuda do armênio cuja vida salvara, de quem era pobratimo.

Não foi assim, tão abertamente, que contou sua história, mas a floreou um pouco; desse modo, Dmitri sentira a necessidade do impulso da justiça, que não era de todo sua aspiração, pois ele teria se satisfeito com o

fato de Cyril ser basicamente um intruso, e de que toda aquela transação fora fruto de impostura e vilania.

Durante toda a noite, esses homens discutiram uma variedade de projetos cujo objetivo era que a fortuna do falecido Ziani passasse, sem divisão, para as mãos de seu filho mais velho. Ao amanhecer, Katusthius partiu, e, dois dias depois, Dmitri deixou a casa nas montanhas.

Seu primeiro cuidado foi comprar um cavalo, havia muito tempo desejado por ele por causa de sua beleza e rapidez; providenciou cartuchos e reabasteceu seu polvorinho. Seus equipamentos eram ricos; suas vestes, vistosas; suas armas reluziam ao sol. Seus longos cabelos caíam do xale torcido em volta da touca, indo até a cintura; um branco capote felpudo lhe pendia do ombro; o rosto era enrugado e encarquilhado pela exposição às estações; a testa franzida de preocupação; o bigode comprido e preto-azeviche; o rosto marcado pela profunda cicatriz; os olhos selvagens; todo o seu aspecto, não carecendo de graça bárbara, mas principalmente marcado por ferocidade e orgulho bandido – não precisaríamos imaginar –, inspirava os supersticiosos gregos, que acreditavam que, sob aquela aparência, ocultava-se um espírito sobrenatural ou demoníaco, que tudo destruía e explodia.

Agora, pronto para sua viagem, partiu de Korvo atravessando a selva de Acarnânia a caminho de Moreia.

\* \* \*

– Por que Zella treme e arfa como se temesse o demônio?

Assim perguntou Cyril Ziani ao retornar da cidade de Corinto para sua residência rural. Era uma bela morada. As colinas no horizonte, cobertas de oliveiras e plantações brilhantes de pés de laranja, contemplavam do alto as ondas azuis do Golfo de Egina. Uma vegetação rasteira de murta espalhava um doce perfume no ar e mergulhava suas reluzentes folhas negras no próprio mar. A casa de telhado baixo era sombreada por duas

enormes figueiras, enquanto vinhedos e milharais se estendiam para o norte ao longo do suave planalto. Quando Zella viu seu marido, sorriu, embora o rosto ainda estivesse pálido e os lábios, tremendo.

– Agora que você está aqui para nos proteger – disse ela –, não tenho mais medo. Mas o perigo ameaça o nosso Constans, e tremo só de pensar que o Olho Maligno esteve sobre ele.

Cyril apanhou o filho no colo.

– Que cabeça a minha! – exclamou ele. – Você mencionou uma coisa doentia. Os francos chamam isso de superstição. Mesmo assim, vamos tomar cuidado. Suas faces estão rosadas; seus cabelos cacheados pendem dourados... Fale, Constans, cumprimente seu pai, meu bravo camarada.

Foi apenas um temor passageiro, nenhum mal se seguiu, e eles logo se esqueceram do incidente que infundadamente fizera seus corações tremerem.

Uma semana depois, Cyril retornou, como de hábito, do embarque de um carregamento de groselhas para seu retiro na costa. Era uma linda tarde de verão; a roda-d'água rangia enquanto irrigava a terra e harmonizava com o último canto das ruidosas cigarras; as ondas agitadas se derramavam quase silenciosamente entre os cascalhos. Aquele era seu lar; mas onde estava sua adorável flor? Zella não saiu para saudá-lo. Um criado apontou para uma capela numa ladeira das proximidades, e ali ele a encontrou; seu filho (de quase três anos de idade) estava nos braços da ama-seca; sua esposa rezava com fervor, enquanto as lágrimas escorriam por seu rosto.

Cyril, ansioso, exigiu saber o significado daquela cena, mas a ama-seca soluçou, Zella continuou a rezar e a prantear, e o menino, por solidariedade, começou a chorar. Isso era demais para um homem suportar.

Cyril deixou a capela, encostou-se numa noqueira. Sua primeira exclamação foi a de um costume grego:

– Bem-vinda essa desditosa, desde que se torne a única!

Mas qual foi a calamidade que ocorrera? Ainda não havia se manifestado; mas o espírito do mal era quase fatal quando invisível. Ele era feliz – uma esposa amorosa, um filho robusto, um lar tranquilo, competência e a perspectiva de riqueza; essas bênçãos eram suas. No entanto, com que frequência a Sorte utiliza tudo isso como chamariz? Ele era um escravo numa terra escravizada, um súdito mortal de elevados destinos, e dez mil eram os dardos envenenados que poderiam ser lançados contra sua devota cabeça.

Agora retraída e trêmula, Zella saía da capela: sua explicação não acalmou os temores do marido. Novamente, o Olho Maligno estivera com seu filho, e a intensa maldade certamente espreitou a família em sua segunda visita. O mesmo homem, um albanês, com armas reluzentes, vestes alegres, montado num corcel negro, surgiu do bosque de azevinho das proximidades e, cavalgando furiosamente até a porta, deteve-se subitamente, refreando seu cavalo bem na soleira. O menino correu até ele. O albanês baixou seus olhos sinistros.

– Como és adorável, esperto infante – bradou ele. – Teus olhos azuis resplandecem, teus cachos dourados são belos de se ver; mas és uma visão tão fugaz quanto bela... Olha para mim!

O inocente ergueu os olhos, emitiu um guincho e caiu ofegante no chão. As mulheres correram à frente para agarrá-lo; o albanês esporeou seu cavalo e galopou velozmente através da pequena planície, subindo a encosta arborizada da colina. Em pouco tempo, sumiu de vista.

Zella e a ama levaram o menino para a capela, borrifaram-no com água benta e, depois que ele voltou a si, imploraram a Panágia<sup>10</sup>, com sinceras orações, para que o salvasse da ameaça do Mal.

Várias semanas se passaram; o pequeno Constans cresceu em inteligência e beleza; nenhuma praga visitara a flor do amor, e seus pais puseram o medo de lado.

Às vezes, Cyril se divertia com alguma piada sobre o Olho Maligno; mas Zella achava que rir dava azar e se benzia sempre que a ele se fazia

referência.

Nessa ocasião, Katusthius visitou a residência deles.

– Estou a caminho de Istambul – disse – e passei para saber se podia ser útil a meu irmão em alguma transação na capital.

Cyril e Zella receberam Katusthius com cordial afeto: regozijaram-se por pensar que o amor fraternal voltava a aquecer seus corações. Katusthius parecia cheio de ambição e esperança. Os irmãos discutiram suas perspectivas, a política da Europa e as intrigas de Fanar. Até mesmo os pequenos negócios de Corinto tornaram-se assunto de debate; e a probabilidade de que, num curto tempo, jovem como era, Cyril fosse nomeado Codja-Bashee<sup>11</sup> da província. Na manhã seguinte, Katusthius preparou-se para partir.

– O exilado voluntário pede um favor; meu irmão e minha irmã me acompanhariam durante algumas horas até onde embarcarei a caminho de Nápoles?

Zella ficou relutante em deixar sua casa, mesmo por um curto intervalo; mas foi persuadida, e seguiram juntos por vários quilômetros em direção à capital da Moreia. No meio do dia, fizeram um repasto sob a sombra de um bosque de carvalhos e então se separaram.

Enquanto voltava para casa, o casal se congratulava pela vida tranquila e por sua serena felicidade, em contraste com a solidão e os prazeres sem lar do andarilho. Esses sentimentos aumentaram de intensidade quando se aproximaram de sua morada, antecipando as boas-vindas de seu idolatrado filho. De uma elevação, olharam para o fértil vale que era seu lar.

Este se situava no lado sul do istmo e contemplava o Golfo de Egina: tudo era verde, tranquilo e belo. Desceram em direção à planície; ali, uma cena singular atraiu sua atenção. Um arado com sua parelha de bois fora abandonado a meio caminho do sulco; os animais o tinham arrastado para o lado do campo e se esforçavam para repousar o melhor possível que permitia sua conjunção. O Sol já tocava a sua meta poente, e as árvores

estavam douradas pelos raios do crepúsculo. Tudo estava silencioso, até mesmo a eterna roda-d'água estava parada; não se avistava nenhum trabalhador empenhado em seu trabalho cotidiano. Da casa, sons de lamentos eram claramente ouvidos.

– Meu filho! – exclamou Zella. Cyril começou a tranquilizá-la, mas outro lamento se ergueu, e ele avançou depressa. Ela desmontou e o teria seguido, mas desabou na lateral da estrada. Seu marido retornou.

– Coragem, minha amada – bradou ele. – Não descansarei noite e dia enquanto Constans não nos for devolvido. Confie em mim. Adeus!

Com essas palavras, afastou-se cavalgando velozmente.

Os piores temores de Zella foram confirmados; seu coração maternal, antes tão jubiloso, tornou-se a moradia do desespero, enquanto a narração da ama sobre a triste ocorrência tornava ainda mais intenso o medo.

Foi assim: o mesmo estranho do Olho Maligno aparecera. Não como antes, porém, abatendo-se sobre eles com velocidade de águia, mas como se viesse de uma longa jornada; o cavalo manco e a cabeça pendente; o próprio albanês coberto de poeira, mal conseguindo permanecer sentado.

– Pela vida de sua criança – disse ele –, dê um copo de água para aquele que desfalece de sede.

Com Constans nos braços, a ama apanhou uma tigela com o líquido desejado e o ofereceu ao homem. Antes que os lábios gretados do estranho tocassem a água, o recipiente caiu de suas mãos. A mulher recuou, enquanto no mesmo momento, ele avançou e arrancou à força a criança de seus braços.

Os dois logo sumiram – na velocidade de uma flecha – e atravessaram a planície, enquanto os guinchos e os gritos dela pedindo ajuda atraíam todos os empregados. Seguiram a pista do raptor, mas nenhum deles ainda havia retornado. Agora, com o cair da noite, um por um, estavam de volta e nada tinham a relatar. Havia vasculhado a mata, atravessado as colinas – nem sequer conseguiram descobrir a rota que o albanês havia tomado.

No dia seguinte, Cyril retornou fatigado, faminto, infeliz; não obtivera nenhuma informação sobre seu filho. Pela manhã, partiu novamente em sua missão, e não voltaria durante muitos dias. Zella passava seu tempo preocupada – ora sentada num desesperado desânimo, ora subindo a colina mais próxima para verificar se era possível ver a aproximação de seu marido. Não se permitia, portanto, permanecer muito tempo tranquila; os trêmulos domésticos deixados de vigia a alertaram de que os vultos selvagens de albaneses foram vistos espreitando ali perto. Ela mesma vira uma figura alta, vestida com um peludo capote branco, furtivamente dando a volta na colina, a qual, ao vê-la, recuou. Certa noite, o bufar e o pisotear de um cavalo a despertaram, não do sono, mas de sua sensação de segurança.

Desditosa como se encontrava, a mãe espoliada se sentia quase indiferente ao perigo; mas Zella estava fora de si, parecia indiferente a manifestações de afeto. O dever e a afeição a ele impunham a autopreservação. Cyril novamente retornou: estava mais abatido, mais triste que antes; mas sua expressão parecia mais determinada e havia mais energia em seus gestos. Conseguira uma pista, embora esta apenas pudesse levá-lo às profundezas do desespero.

Descobriu que Katusthius não havia embarcado em Nápoles. Juntara-se a um bando de albaneses que espreitavam nos arredores de Basílico e seguiram para Patras com os protoklephts. Dali partiram numa igara<sup>12</sup> das praias do norte para o Golfo de Lepanto: mas não iam sozinhos, levavam consigo uma criança que dormia entorpecida.

O sangue do pobre Cyril gelava ao pensar nos encantos e nos feitiços que provavelmente haviam sido colocados sobre seu menino.

Ele teria seguido os ladrões, mas, pela notícia que lhe chegou, o restante dos albaneses tinha ido para o sul, em direção a Corinto. Não podia se dedicar a uma longa e errante busca por entre os ermos e ínvios caminhos de Épiro, deixando Zella exposta aos ataques desses bandidos. Voltou para

consultá-la, para imaginar algum plano de ação que, de imediato, garantisse a segurança dela e sucesso ao empenho dele.

Após certa hesitação e discussão, ficou decidido que deveria primeiro conduzi-la para sua terra natal, consultar-se com o pai dela em relação ao seu atual empreendimento, deixando-se guiar pela experiência guerreira dele antes de se precipitar no próprio foco do perigo. O roubo de seu filho devia ser apenas um ardil, e não seria bom para ele, o único protetor daquela criança e de sua mãe, precipitar-se desavisadamente numa armadilha.

Zella, por mais estranho que parecesse, apesar dos olhos azuis e de sua tez de alabastro que não correspondiam à sua origem, era filha de um mainota. Embora temidos e abominados pelo restante do mundo, os habitantes de Cabo Tenauro são aclamados pelas suas virtudes domésticas e pela força de seus vínculos afetivos. Zella amava seu pai e a lembrança de sua rugosa e rochosa terra natal, da qual fora arrancada em uma hora adversa.

Vizinhos dos mainotas, habitando a mais selvagem e inculta parte de Mama, estão os kakouvognis, uma raça sombria e suspeita de estatura acaçapada e mirrada, em forte contraste com o tranquilo conjunto de feições características dos mainotas. As duas tribos se encontravam enredadas em rixas perpétuas; e as estreitas habitações cercadas pelo mar que compartilham propiciam um refúgio contra o inimigo estrangeiro e todas as facilidades de combate no alto das montanhas.

Certa vez, durante uma viagem costeira, Cyril fora impelido pela violência do tempo a uma pequena baía em cuja margem está localizada a minúscula aldeia de Kardamyla. A tripulação, a princípio, temeu ser capturada pelos piratas; mas eles receberam a garantia de que estes estavam integralmente ocupados com suas dissensões domésticas. Um bando de kakouvognis sitiava a rocha acastelada que dava vista para Kardamyla, bloqueando a fortaleza na qual o Capitano mainota e sua

família haviam se refugiado. Dois dias então se passaram enquanto furiosos ventos contrários aprisionavam Cyril na baía.

No terceira dia, o temporal ocidental cedeu, e uma brisa que soprava da terra parecia libertá-los de sua perigosa situação. Quando, à noite, estavam prestes a partir da margem num bote, foram saudados por um grupo de mainotas. Um deles, um velho de aparência autoritária, exigiu uma parlamentação. Era o Capitano de Kardamyla, o senhor da fortaleza agora atacada por seus implacáveis inimigos: ele não via escapatória – teria de ceder –, e seu principal desejo era salvar seu tesouro e sua família das mãos dos inimigos. Cyril concordou em receber esta família a bordo: era constituída de uma velha mãe, uma ama de leite e uma bela jovem, filha dele.

Cyril as conduziu em segurança para Nápoles. Pouco depois, a mãe do Capitano e a ama de leite retornaram à sua terra natal, enquanto, com o consentimento do pai, a bela Zella tornou-se esposa de seu protetor. Desde então, as fortunas dos mainotas prosperaram, e ele se tornou o primeiro em importância, o chefe de uma grande tribo, o Capitano de Kardamyla.

Para lá então retornaram os parentes desgraçados. Embarcaram numa pequena sacoleva, que desceu pelo Golfo de Egina, contornou as ilhas de Skvillo e Cerigo, e o ponto extremo de Tero. Favorecidos pelos ventos fortes, alcançaram o porto desejado e chegaram à hospitaleira mansão do velho Camaraz.

O Capitano ouviu com indignação toda a história; jurou pela sua barba mergulhar sua poniard, a sua faca longa, na maior quantidade de sangue de Katusthius, e insistiu em acompanhar seu genro em sua expedição à Albânia.

Nenhum tempo foi perdido – o marinheiro de cabelos grisalhos, ainda cheio de energia, apressou todos os preparativos. Cyril e Zella partiram; mil temores, mil horas de desventura se ergueram entre o casal, recém-casados compartilhando de perfeita felicidade. O mar tormentoso e as terras distantes eram os menores dos obstáculos que se colocavam em seu

caminho. Não temiam o pior. Contudo, a esperança, uma planta doente, murchava em seus corações ao partirem separados após o último abraço.

Zella retornou do fértil distrito de Corinto para suas infecundas rochas natais. Sentiu toda a alegria cessar ao observar da margem escarpada as velas da sacoleva diminuírem de tamanho. Dias e semanas se passaram, e ela permanecia em solitária e triste expectativa. Nunca se juntava à dança nem participava das assembleias de suas conterrâneas, que se reuniam com a maré da tardinha para cantar, contar histórias e enganar o tempo dançando e se divertindo.

Ela se isolava na parte mais solitária da casa de seu pai e fitava incessantemente pela gelosia o mar lá embaixo, ou perambulava pela praia pedregosa; e, quando a tempestade escurecia o céu, e cada colina se tornava púrpura sob as sombras das nuvens de largas asas, quando o rugir das vagas alcançava a margem, e as cristas brancas das ondas, vistas a distância do oceano-planície, pareciam flocos de ovelhas recém-tosquiadas se espalhando ao longo das extensas e amplas colinas à beira-mar, ela não sentia nem o temporal nem o frio inclemente, e só retornava a casa quando chamada pelas criadas. Em obediência a elas, buscava o abrigo de sua residência, mas lá não permanecia por muito tempo, pois os ventos turbulentos falavam com ela, e o oceano tempestuoso repreendia sua tranquilidade. Incapaz de controlar o impulso, corria da casa para o despenhadeiro, até alcançar a praia, sem lembrar que seus chinelos tinham sido deixados a meio caminho da vereda da montanha e que seu véu esquecido e o vestido desarranjado eram inadequados para sair de casa.

Geralmente, as inúmeras horas passavam correndo, enquanto essa criança órfã de felicidade se apoiava numa fria e escura pedra; os rochedos de pouca altura projetavam-se sobre ela, as ondas quebravam a seus belos pés, que eram umedecidos pelos borrifos, e seus cachos eram desgrenhados pela ventania. Desesperadamente, ela chorou até uma vela aparecer no horizonte; então enxugou as lágrimas que escorriam velozes,

fixando seus grandes olhos no casco que se aproximava ou na vela de joanete desvanecente.

Enquanto isso, a tempestade transformava as nuvens em gigantescas formas, e o mar tumultuoso ficava cada vez mais negro e mais selvagem. A natural melancolia dela foi intensificada pelo supersticioso horror; os moreotas, as antigas Parcas de seu nativo solo grego, uivavam na ventania; aparições que lhe falavam de sua criança sob o domínio do Olho Maligno e de seu marido, a presa de alguma feitiçaria trácia, como ainda é praticada na temível vizinhança de Larissa, assombravam seu sono entrecortado, e espreitavam como sombras horrendas que atravessavam seus pensamentos na vigília.

Seu viço se fora, os olhos haviam perdido o brilho, os membros, sua abundante beleza roliça; sua força lhe falhava ao cambalear até o local habitual para observar – em vão, mas sempre esperando.

O que há de tão temível quanto a expectativa de más notícias que tardam? Às vezes, em meio às lágrimas, ou pior, em meio aos convulsivos soluços de desespero, nos repreendemos por influenciar os fados eternos pelas nossas sombrias antecipações: então, se um sorriso torce os lábios trêmulos do pranteador, isso é dominado por um palpitar de agonia. Alás! Não são os cabelos do jovem pintados de cinzento; as abundantes bochechas escavadas com tristes rugas pelos espíritos de tais momentos? A infelicidade é um visitante mais do que bem-vindo quando surge em seu disfarce mais sombrio e nos envolve no negro perpétuo, pois então o coração não mais adocece desesperançado.

Cyril e o velho Camaraz tiveram grande dificuldade para vencer as muitas trapaças dos moreotas ao realizar uma expedição de Kardamyla até o Golfo de Arta, ao norte de Cefalônia e São Mauro. Durante a viagem, tiveram tempo de arquitetar seus planos. Como um bando de moreotas viajando juntos poderia atrair muita atenção, resolveram desembarcar seus companheiros em pontos diferentes e viajar separadamente pelo interior da Albânia. Yanina foi seu primeiro local de encontro. Cyril e seu

sogro desembarcaram no local mais isolado das muitas enseadas que se diversificavam nas sinuosas e íngremes margens do golfo. Seis outros, escolhidos entre a tripulação, iriam, por outras rotas, se juntar a eles na capital.

Não temiam por eles mesmos; sozinhos, mas bem armados e apoiados na coragem do desespero, penetraram na praça fortificada de Épiro. Nada os confortou: chegaram a Yanina sem ter feito nenhuma descoberta. A eles se juntaram seus companheiros, a quem ordenaram que ficassem três dias na cidade e, depois, separadamente, fossem a Tepelene, para onde imediatamente se dirigiram. No primeiro povoado no caminho até lá, na “monástica Zitza”, obtiveram alguma informação, não para guiá-los, mas para encorajar seus esforços. Encontraram refrigério e hospitalidade no mosteiro situado numa elevação verde coroada por um bosque de carvalhos logo atrás do povoado.

Talvez não exista no mundo um lugar mais bonito ou mais romântico, abrigado em si mesmo por aglomerados de árvores, que dava para uma vasta paisagem de colinas e vales, enriquecido por vinhedos, pontilhado por frequentes rebanhos; enquanto o Rio Calamas no fundo do vale dá vida à cena, o azul distante das montanhas de Zoumerkias, Sagori e Acrocerânia, para leste, oeste, norte e sul, o circunda com várias paisagens. Cyril quase invejava os calovers e sua inerte tranquilidade. Eles receberam com contentamento os viajantes e foram cordiais, embora simples em seus modos. Quando os questionaram sobre o objetivo de sua viagem, calorosamente se solidarizaram com a aflição do pai e se apressaram a contar o que sabiam.

Duas semanas antes, um albanês conhecido entre eles como Dmitri, o Olho Maligno, um famoso klepht de Korvo, e um moreota chegaram trazendo consigo uma criança, um esperto e bonito menino, que, com firmeza além de sua idade, pediu proteção aos monges e acusou seus acompanhantes de o terem arrancado à força de seus pais.

– Pela minha cabeça! – bradou o albanês. – Um bravo palikar. Ele se mantém firme, irmão; ele jura pela Panágia, a despeito de nossas ameaças de jogá-lo do precipício como alimento para os abutres, por nos acusar ao primeiro homem bom que vimos. Ele não definha diante do Olho Maligno nem treme por causa de nossas ameaças.

Katusthius franziu a testa diante desses elogios, e se tornou evidente, durante sua estada no mosteiro, que o albanês e o moreota discutiram sobre como se livrar do menino. O rude montanhês se despia de toda a severidade ao fitar o garoto. Quando o pequeno Constans adormecia, curvava-se sobre ele, abanando-o com o cuidado de uma mulher para afugentar as moscas e os mosquitos. Quando o menino falava, ele respondia com expressões de afeto, cativando-o com presentes, ensinando-lhe, pois ainda era uma criancinha, um arremedo de exercícios guerreiros. Quando o menino se ajoelhou e implorou a Panágia que o devolvesse a seus pais, com sua voz infantil estremecendo e com lágrimas escorrendo pelas faces, os olhos de Dmitri transbordaram; ele jogou o capote em cima do rosto, e seu coração lhe cochichou: “Minha filhinha também rezou. O céu ficou surdo... Alás! Onde está ela agora?”. Incentivado por esse sinal de compaixão, que as crianças rapidamente percebem, Constans enlaçou os braços em seu pescoço dizendo que o amava e que lutaria por ele quando fosse um homem se o levasse de volta a Corinto.

Por causa dessas palavras, Dmitri foi adiante, procurou Katusthius, repreendeu-o, até o homem inflexível detê-lo ao lembrar-lhe seus votos. Mesmo assim, ele jurou que não tocaria em um fio de cabelo do menino, enquanto o tio, sem remorso, meditava sua destruição.

As discussões tornaram-se então frequentes e violentas, até Katusthius, farto de oposição, recorrer à astúcia para obter seu propósito. Certa noite, deixou secretamente o mosteiro levando consigo a criança. Quando Dmitri soube de sua fuga, os bons monges não conseguiam sequer olhar para ele. Instintivamente, cada um agarrou um pedaço de ferro em que

conseguiu pôr as mãos de modo a evitar o Olho Maligno, que resplandecia com pura e incontrolável ferocidade.

No pânico, eles saíram correndo para a porta revestida de ferro que levava para sua residência: com a força de um leão, Dmitri os lançou para os lados, abriu a porta com um puxão e, com a velocidade de uma correnteza alimentada pelo degelo da neve na primavera, arremeteu pela colina abaixo: o voo de uma águia não seria mais veloz; a rota de uma fera não seria mais bem determinada.

Essa foi a pista fornecida a Cyril. Era uma grande distância para segui-lo em sua busca desenfreada; ele e o velho Camaraz perambularam pelo Vale de Argyrocastro e escalaram o Monte Trebucci para Korvo. Dmitri havia retornado, juntara um punhado de companheiros fiéis e saiu velejando novamente. Vários foram os relatos de seu destino e sobre o empreendimento que pretendia.

Um desses empreendimentos levou nossos aventureiros a Tepelene e, de lá, na direção de volta a Yanina: e agora a sorte novamente os favorecia. Descansaram uma noite na casa de um padre no pequeno povoado de Mosme, cerca de três léguas ao norte de Zitza, e ali encontraram um albanês que ficara aleijado depois de uma queda de seu cavalo; esse homem tinha sido do bando de Dmitri. Por meio dele, souberam que o Olho Maligno localizara Katusthius, seguindo-o de perto e forçando-o a se refugiar no mosteiro do profeta Elias, que se localiza num elevado pico das montanhas de Sagori, a oito léguas de Yanina. Dmitri o perseguira e exigira a devolução da criança. Os monges se recusaram a entregá-la, e, tomado de forte indignação, o klepht agora rondava e atacava o mosteiro para obter à força o objeto de seu afeto recém-desperto.

Em Yanina, Camaraz e Cyril reuniram seus companheiros e partiram para se juntar a seu involuntário aliado. Este, mais impetuoso do que um córrego de montanha ou as mais violentas ondas do mar, aterrorizou os corações dos reclusos com seus incessantes e corajosos ataques. Para encorajá-los a resistir, Katusthius deixou a criança atrás do mosteiro e

partiu para a cidade mais próxima de Sagori a fim de rogar a seu Belouk-Bashee que viesse ajudá-los.

Os sagorianos são um povo brando, amável e sociável; são alegres, francos, espertos; sua bravura é universalmente reconhecida, até mesmo pelos mais incivilizados montanhese de Zoumerkass; mas roubos, assassinatos e outros atos de violência são conhecidos entre eles. Essa boa gente não ficou menos indignada quando soube que um bando de albaneses sitiava e atacava o retiro sagrado de seus monges favoritos.

Reuniram-se, portanto, numa heroica tropa e, levando junto Katusthius, tentaram expulsar os insolentes klephts de volta à sua fortaleza mais primitiva. Chegaram tarde demais. À meia-noite, enquanto os monges rezavam fervorosamente para se livrar de seus inimigos, Dmitri e seus seguidores derrubaram a porta revestida de ferro e entraram no recinto sagrado. O protoklepht caminhou até o portão do santuário e, colocando sua mão sobre ele, jurou que viera para salvar e não para destruir. Constans o viu. Com um grito de alegria, livrou-se do monge que o segurava e correu para seus braços: esse foi um triunfo suficiente.

Com sincero pesar por tê-los perturbado, o klepht deixou a capela com seus seguidores, levando junto seu prêmio.

Katusthius voltou algumas horas depois, e o traidor defendeu tão bem sua causa junto aos sagorianos, lamentando a sorte do seu pequeno sobrinho entre aqueles homens maus, que eles se ofereceram para acompanhá-lo e, como seu número era superior, salvar o menino daquelas mãos destruidoras. Ao amanhecer, começaram a escalar o cume das montanhas, por onde os zoumerkianos já haviam passado.

Feliz por ter recuperado seu pequeno favorito, Dmitri colocou-o à frente, em seu cavalo, e, seguido pelos companheiros, partiu para as altas montanhas, cobertas pelos antigos carvalhos de Dodonam, ou, em cumes mais elevados, por gigantescos pinheiros pretos. Prosseguiram por algumas horas e, enfim, pararam para repousar. Eles escolheram as

profundezas de uma sombria ravina, cuja escuridão era aumentada pelas largas sombras de negros azevinhos; uma emaranhada vegetação rasteira e uma pequena quantidade de isoladas rochas íngremes tornavam difícil para os cavalos manter o passo. Eles apearam e sentaram-se à beira de um pequeno córrego. Seu alimento simples foi distribuído, e Dmitri induziu o menino a comer com mil agrados. De repente, um de seus homens, que ficara de guarda, trouxe a informação de que uma tropa de sagorianos, com Katusthius como guia, avançava do mosteiro de Santo Elias; enquanto isso, outro homem deu o alarme da aproximação de seis ou oito moreotas bem armados avançando pela estrada que vinha de Yanina. Num instante, todos os vestígios de um acampamento haviam desaparecido.

Os albaneses começaram a escalar as colinas, protegendo-se debaixo de pedras e atrás dos grandes troncos das árvores da mata, mantendo-se escondidos até seus invasores se encontrarem bem no meio deles. Em pouco tempo, os moreotas apareceram contornando o desfiladeiro, numa trilha que permitia apenas o avanço de dois a dois; vinham alheios ao perigo e caminhavam descuidadamente, até que um tiro, que zuniu sobre a cabeça de um deles, atingindo o galho de uma árvore, os alertou.

Acostumados a esse tipo de guerra, os gregos também se dirigiram à proteção das pedras, disparando de trás delas, lutando contra os adversários que tinham a vantagem da posição mais elevada; pulando de rochedo em rochedo e jogando-se ao chão, disparando tão depressa quanto conseguiam carregar as armas: apenas um velho permaneceu na trilha.

O marujo Camaraz enfrentara muitas vezes o inimigo no convés de seu barco e ainda conseguiria lutar numa abordagem frontal, mas esse tipo de batalha requeria muito mais energia. Cyril gritou para que ele se abrigasse sob uma pedra baixa e larga, mas o mainota dispensou o cuidado com um gesto.

– Não tema por mim – bradou. – Eu sei como morrer!

O bravo ama o bravo. Dmitri viu o velho resistir inabalavelmente servindo de alvo para todas as balas e saiu de trás de sua proteção de pedra

gritando para seus homens cessarem fogo. Então, dirigindo-se ao inimigo, gritou:

– Quem és tu? Por que estás aqui? Se vens em paz, segue teu caminho. Responde, e não temas!

O velho levantou-se, dizendo:

– Eu sou um mainota e não sinto medo. Toda a Grécia treme diante dos piratas de Cabo Matapan, e eu sou um deles! Não venho em paz! Veja! Você tem em seus braços a causa de nossa dissidência! Eu sou o avô dessa criança. Entregue-a a mim!

Se Dmitri estivesse segurando uma cobra, o que acalentava em seu íntimo não teria tão subitamente mudado de ânimo (“A cria de um mainota!”), e relaxou a pressão do aperto. Constans teria caído se não tivesse se segurado em seu pescoço. Enquanto isso, cada lado havia descido de seu posto e se reagrupado na trilha abaixo. Dmitri arrancou a criança de seu pescoço; sentiu como se pudesse, com um deleite selvagem, jogá-lo precipício abaixo – quando, ao se deter tremendo, tomado por comoção, Katusthius e os sagorianos que se encontravam mais à frente caíram sobre eles.

– Pare! – gritou o enfurecido albanês. – Veja, Katusthius, veja, amigo, a quem, impelido pelo irrequieto destino, louca e maldosamente perjurei! Agora cumpro seu desejo: a criança mainota morre! O filho da raça maldita será vítima de minha justa vingança!

Num arrebatamento de medo, Cyril correu rocha acima, apontou seu mosquete, mas temeu sacrificar seu filho. O velho mainota, menos medroso e mais desesperado, firmou pontaria e disparou, enquanto Dmitri arremessava nele a adaga já erguida contra a criança. A lâmina penetrou em seu flanco, enquanto Constans, sentindo relaxar o aperto de seu ex-protetor, saltou para os braços de seu pai.

Camaraz havia caído, mas seu ferimento era insignificante. Ele viu os *arnaults* e os sagorianos se fecharem à sua volta; viu os próprios seguidores feitos prisioneiros. Dmitri e Katusthius tinham ambos se

lançado sobre Cyril, tentando capturar a criança em prantos. O maionota levantou-se – seus membros estavam fracos, mas o coração era forte. Jogou-se diante de pai e filho e agarrou o braço erguido de Dmitri.

– Sobre mim – bradou – deixa cair toda a tua vingança! Eu sou a raça má! A criança é inocente, não tem conhecimento dessa ascendência! Maina não pode se gabar de tê-lo como filho.

– Homem mentiroso! – começou o enfurecido albanês. – Essa falsidade não te servirá!

– Não, pelas almas daqueles que tu amaste, escuta! – continuou Camaraz. – E, se minhas palavras não forem boas, que eu morra e que meus filhos morram! O pai do menino é um coríntio, sua mãe nasceu em Quio!

– Quio! – A simples palavra fez o sangue fugir do coração de Dmitri. – Vilão – bradou, lançando-se contra o braço de Katusthius que estava erguido contra o pobre Constans. – Eu protejo esta criança. Não ouse feri-la! Fala, velho, e não temas, se disseres a verdade.

– Quinze anos atrás – disse Camaraz –, vagueava em meu barco à procura de presa pela costa de Quio. Um chalé se erguia às margens de um bosque de castanheiros, era a casa da viúva de um rico insulano. Ela morava ali com sua única filha, casada com um albanês, na ocasião ausente. Diziam que a boa mulher escondia um tesouro em sua casa. A própria filha seria um rico espólio. Era uma aventura que valia o risco. Levamos o nosso barco para um riacho protegido e, quando a Lua saiu, desembarcamos; seguimos sob a proteção da noite para a solitária casa dessas mulheres.

Dmitri busca o cabo de sua adaga, que não está mais em sua cinta; ele saca pela metade a pistola, e o pequeno Constans, novamente confiando em seu velho amigo, estende suas pequenas mãos e segura seu braço; o klepht olha para ele, em parte cedendo ao desejo de abraçá-lo, em parte temendo ser desapontado; então vira-se, jogando o capote sobre o rosto, cobrindo sua aflição, controlando suas emoções, até tudo ser contado.

Camaraz continua:

– Transformou-se numa tragédia pior do que eu havia imaginado. A moça tinha uma criança. Ela temia pela sua vida e lutou com os homens como uma tigresa defendendo sua cria. Eu estava em outro aposento, à procura do tesouro escondido, quando um grito penetrante cortou o ar. Até então, eu não sabia o que era compaixão. Esse grito foi direto ao meu coração. Mas era tarde demais, a pobre moça agonizava no chão, a maré da vida escoando de seu âmago. Não sei por que, mas me comovi como uma mulher no meu remorso pela beleza massacrada. Quis levá-la e a sua filha a bordo para ver se algo poderia ser feito para salvá-la, mas ela morreu assim que deixamos a praia.

Julguei que ela preferiria perambular pela sua ilha e realmente temia que ela se transformasse num vampiro para me assombrar se eu a levasse embora dali; então deixamos seu cadáver para os padres enterrarem e levamos a criança, na ocasião com cerca de dois anos de idade. Ela mal conseguiu dizer algumas palavras, exceto seu próprio nome, Zella, e é ela a mãe desse menino!

\* \* \*

Uma sucessão de navios chegando à baía de Kardamyla mantivera a pobre Zella vigiando por muitas noites. Na tentativa de fazê-la dormir novamente, sua criada havia lhe dado ópio junto com os poucos alimentos que a convenceu a ingerir, mas a pobre mulher não havia levado em conta o poder da mente sobre o corpo, do amor sobre qualquer inimigo, físico ou moral, agrupado contra ele. Zella estava deitada no sofá, sem disposição, mas o coração vivo, os olhos abertos. À noite, levada por um impulso inexplicável, arrastou-se até a gelosia e viu a pequena sacoleva entrar na baía. A favor do vento, a embarcação aproximou-se rapidamente, e ela a perdeu de vista atrás de um rochedo saliente. Ligeira, percorreu o chão de mármore até seus aposentos, colocou um grande xale em volta do corpo, desceu o caminho rochoso e chegou, com passos rápidos, à praia. O barco

continuava invisível, e ela quase foi levada a pensar que tinha sido uma criação de sua exaltada imaginação – mesmo assim, permaneceu ali.

Sentia um mal-estar sempre que tentava se mexer, e suas pálpebras pesavam involuntariamente. O desejo de dormir finalmente tornou-se irresistível. Deitou-se sobre os cascalhos, repousou a cabeça sobre o frio e duro “travesseiro”, apertou ainda mais o xale no corpo e entregou-se ao descanso.

Tão profundamente adormeceu sob o efeito do ópio que, por muitas horas, permaneceu imóvel. Aos poucos, foi despertando, tomando consciência dos objetos à sua volta, sentindo a brisa fresca e leve. Era sempre assim na costa assolada pelas ondas. A água se agitava ali perto, seu murmúrio cantava em seus ouvidos durante o seu repouso, mas não era seu aquele divã de pedra, aquele dossel, nem o escuro rochedo pendente.

De repente, ergueu a cabeça – estava no convés de um pequeno barco, que se lançava velozmente sobre as ondas do mar. Um manto de pele de zibelina lhe servia de travesseiro. As margens do Cabo Matapan estavam à sua esquerda e rumavam em direção ao sol da metade do dia. Em vez do medo, a surpresa a dominou. Com um rápido gesto da mão, afastou a vela que a impedia de ver a tripulação, seu Constans aninhado em seus braços. Então, soltou um grito. Cyril se virou ao ouvir o som, e, num momento, ela se viu envolvida em seu abraço.

† † †

## AUTORA E OBRA

“[...] todo o seu aspecto, não carecendo de graça bárbara, mas principalmente marcado por ferocidade e orgulho bandido – não precisaríamos imaginar –, inspirava os supersticiosos gregos, que

acreditavam que, sob aquela aparência, ocultava-se um espírito sobrenatural ou demoníaco, que tudo destruía e explodia.”

“O Olho Maligno” apareceu pela primeira vez na edição de 1830 de uma coletânea de grandes autores ingleses, *The Keepsake*, um anuário de literatura lançado por ocasião do Natal. Mary Shelley foi apresentada no volume como “a autora de *Frankenstein*”.

De fato, Mary Wollstonecraft Godwin Shelley, que tinha somente dezenove anos quando escreveu um dos principais romances do Romantismo gótico para espantar o tédio numa temporada chuvosa à beira do Lago Genebra, na Suíça, e também para responder a um desafio de seu anfitrião, o poeta Lord Byron, símbolo do Romantismo, teria toda a sua carreira de escritora associada ao monstro criado pelo cientista Victor Frankenstein.

É curioso que “O Olho Maligno”, cujo personagem-título é o salteador albanês Dmitri, traz como peculiaridade ser calcado em *ecos* da ficção gótica.

Já a começar pelo Olho Maligno do albanês, capaz de aterrorizar e submeter aqueles sobre quem se fixa. Mas ainda pelas referências dos personagens a seus terrores – feitiçarias, vampiros –, interferindo em suas vidas, determinando-as. É como se essas referências, que se reproduziram em inúmeras histórias de terror, estivessem aqui implícitas, avalizando o porte sinistro do personagem Dmitri. E, finalmente, temos a ambientação em terras consideradas misteriosas, bárbaras, sinistras pela compreensão vitoriana, egocêntrica, do mundo: os Bálcãs, as regiões mais afastadas das cidades principais da Grécia. Tudo isso resulta numa história pouco conhecida, pouco examinada, mas cuja composição guarda uma original relação com a literatura gótica.

Mary nasceu em 1797 e morreu em 1851. Seu *Frankenstein* é ao mesmo tempo considerado um marco de fundação da ficção científica e do terror. Em suas histórias, o destaque é para a exploração de um terror que

nos faz perder o controle, entrar em pânico, num encontro com o lado sombrio do desconhecido, os “lúgubres terrores do meu sonho acordado”<sup>13</sup>.

+++

## NOTAS

1. Moreota: Habitante da Moreia, península da Grécia.
2. Paxalato: Território sob o governo de um paxá.
3. Pobratimo: Na Grécia, especialmente em Ilíria e Épiro, não é incomum pessoas do mesmo sexo jurarem amizade; a igreja possui um ritual para consagrar esses votos. Dois homens, portanto, assim unidos são chamados de pobratimi, e duas mulheres, de posestrime (N. da A.).
4. Minaretas: Nas mesquitas, torre alta de cujo balcão superior os muezins (sacerdotes) entoam as orações rituais islâmicas.
5. Iatagãs: Facão longo.
6. Mainotas: Da península de Maina, no Peloponeso, Grécia, descendentes dos espartanos.
7. Sacoleva: Uma embarcação a velas.
8. Pilafe: Iguaria à base de arroz e carnes.
9. Fanariota: Residente da parte de Constantinopla (atual Istambul) que se chamava Fanar, onde habitavam muitos gregos.
10. Panágia: Um dos nomes de Maria, mãe de Jesus, na religião ortodoxa grega.
11. Codja-Bashee: Governante local.
12. Igara: Embarcação feita de tronco de árvore para curtas jornadas.
13. Porto Alegre: L&PM, 1985. Trad. Miécio A. J. Honkis, como ela escreveu na introdução de 1831 em seu principal romance. De onde vem o poder de Dmitri? Da dor e do ódio. Assim, ele é mais uma “hedionda

criação" de Mary Shelley, mais uma exploração da capacidade do ser humano de corromper seu espírito e decretar sua ruína.

## Presença do gótico

Laura Sandroni

O romance gótico surge na segunda metade do século XVIII, reação, segundo Antônio Houaiss, do novo público burguês nos países protestantes contra reminiscências do poder aristocrático e do catolicismo. Gênero novelístico por vezes inspirado em textos antigos, dos egípcios aos gregos e de forma mais aguda das lendas da Idade Média feudal, as ações e peripécias, geralmente crônica de horrores, transcorrem numa atmosfera de mistério e terror povoada de sombras, em cenários assustadores plenos de elementos sobrenaturais. Acontecem crimes inexplicáveis, peripécias nas quais as personagens ou são criaturas grotescas ou vítimas delas.

Autores importantes da literatura inglesa lançaram o gênero, como Horace Walpole, Ann Radcliffe e o francês Maturin. Mas o paradigma literário do novo estilo no século XIX é E. T. A. Hoffmann (1776-1822), estudado por Ruth Villela Alves de Souza<sup>1</sup>, que nos informa sobre outras atividades do escritor: era poeta, compositor, regente de orquestra, diretor de teatro e crítico musical em Bamberg, na Alemanha. Tornou-se famoso por seus contos fantásticos povoados de monstros e demônios, sendo considerado o mais importante contista do período romântico alemão, influenciando escritores de outros países. A música estava presente na sua criação literária, evidente nos títulos de suas obras: “O violinista misterioso” e “Novelas musicais”. Nele inspirou-se o compositor Offenbach, autor da ópera *Os Contos de Hoffmann*. Seu conto “Quebra-Nozes” (tradução do francês por Guilherme Figueiredo em 1971) levou Tchaicovsky a compor o Opus 71, suíte para o conhecido balé.

Outros autores publicaram romances considerados góticos ao explorar o horror e o desconhecido. Quando jovem, li três deles, os quais considero

os meus clássicos, talvez os mais famosos da saga gótica. *Frankenstein*, de Mary Shelley (1818), *O Médico e o Monstro*, de Robert Louis Stevenson (1886) e *Drácula*, de Bram Stoker (1894). Na narrativa de Mary Shelley, além da trama fantástica, seduziu-me o depoimento da autora sobre como a história surgiu em sua imaginação. Filha de intelectuais, na infância, Mary Shelley gostava de escrever histórias, mas seus devaneios eram “mais fantásticos e agradáveis do que seus escritos”.

Passou a infância na Escócia e demorava-se horas nas lúgubres praias do norte. Considerava a região área de liberdade onde podia se comunicar com as criaturas de sua fantasia. Ainda jovem, casou-se com o poeta Percy Shelley e sentiu-se estimulada a escrever. No verão de 1816, a convite do poeta Lord Byron, o casal passou férias às margens do Lago Léman, nas cercanias de Genebra, na Suíça. Fazia parte do grupo o médico pessoal de Byron, John Polidori. A chuva constante impedia passeios, e por dias seguidos ficaram em casa, em cuja biblioteca ela encontrou histórias de fantasmas, traduzidas do alemão para o francês. Certa noite, Byron propôs que cada um escrevesse uma história de terror. A mais aterrorizante seria a vencedora. Os poetas aceitaram o jogo, mas, entediados, abandonaram-no, enquanto Mary dedicou-se a pensar numa trama sobre mistérios e medos que despertassem horror de gelar o sangue e acelerar os batimentos do coração.

Nas conversas entre Byron e Shelley, ela ouvia discussões sobre o princípio da vida. Ao deitar-se, Mary não conseguiu dormir pensando na possibilidade de reanimar um cadáver ou de juntar as partes de uma criatura e ressuscitá-la. Nessa noite, ao adormecer, sonhou com a ideia. Empolgada, anunciou-a aos companheiros: encontrara um tema e começou a escrevê-lo no mesmo dia, transcrevendo “os lúgubres terrores” do seu sonho. A história se tornou sucesso universal e até hoje é considerada um clássico da literatura gótica.

*O Médico e o Monstro*, de Robert Louis Stevenson, também nasceu de um pesadelo. Havia algum tempo, o escritor e poeta tentava criar uma

história sobre a dualidade do homem, da luta eterna entre o bem e o mal, sempre presente na vida humana. Mesmo doente, sofrendo hemorragias pulmonares, escreveu em três dias a primeira versão da sua famosa obra. A ação do livro transcorre na Londres do século XVIII, em meio ao *fog* e ao mistério de ruas estreitas e escuras. A história envereda pela novela psicológica associada ao fantástico e ao gótico da era vitoriana. Também nessa época surge, na vida real, o famoso assassino Jack, o Estripador, jamais preso pela Scotland Yard, tema de vários livros com todos os ingredientes do romance gótico.

Bram Stoker nasceu em Dublin, Irlanda, em 1847, e morreu em Londres, Inglaterra, em 1912. Sua obra mais conhecida é *Drácula*, baseada em pesquisas do folclore europeu sobre vampiros. Foi um autor precoce, escreveu ensaios aos dezesseis anos e recebeu grau de mestre na Universidade de Dublin. Mudando-se para Londres, tornou-se crítico de teatro e trabalhou na companhia teatral de Henry Irving por quase trinta anos. Numa de suas viagens à Romênia, chegou à Transilvânia, onde conheceu a lenda do Príncipe Vlad, tema do seu principal romance. Vlad teria sido o chefe principal da defesa da Transilvânia dos ataques dos turcos otomanos. Sua crueldade tornou-se conhecida pelos inimigos: os prisioneiros de guerra eram executados por empalamento. Enquanto lutava contra os invasores, sua noiva se suicidou, acreditando na informação inverídica de sua morte. Ao voltar, Vlad renegou a Igreja e jurou viver do sangue humano para encontrar a imortalidade. Surge então a lenda do Drácula, vampiro alimentado por sangue de pessoas jovens que, quando inoculadas por ele, transformam-se também em vampiros.

Nas três obras citadas, observa-se a preocupação científica, a ideia da vida eterna, seja ressuscitando mortos, transformando drasticamente a personalidade do herói ou detalhando transfusões de sangue e trepanação. Nos três textos, encontramos documentos escritos por personagens cientistas na tentativa de alcançar a verossimilhança. A atmosfera do

romance gótico continuou impregnando a ficção de grandes autores, principalmente ingleses e norte-americanos, como as irmãs Brontë, Charles Dickens e Edgar Allan Poe, de quem li apavorada o conto “O emparedado”. Dele, eu já conhecia o poema “O corvo”. Meu pai gostava muito de recitá-lo, tinha orgulho de sabê-lo de cor desde muito moço, na tradução de Machado de Assis. Tinha uma bela voz e declamava o poema como um ator para impressionar os ouvintes. Ao lado dele e de minha mãe, eu já sabia o refrão: “E o corvo disse: ‘Nunca mais’”. Só não tinha ideia de que fosse um poema de inspiração gótica.

No século XX, alguns autores do sul dos Estados Unidos experimentaram o gênero, como Tennessee Williams, Faulkner e Truman Capote, com suas mansões em ruínas, famílias decadentes e atmosfera irreal. No Brasil, segundo Afrânio Coutinho, o chamado “mal do século” apareceu com sua força máxima no grupo de Álvares de Azevedo, Junqueira Freire e Casimiro de Abreu em estados mórbidos de dúvida, negativismo e melancolia. Machado de Assis, o bruxo do Cosme Velho, também deixou-se tentar pelo gênero e escreveu o belo conto “Um esqueleto”, incluído nesta antologia, que, embora de uma forma terrível, fala do amor eterno.

Embora o gênero gótico permaneça hoje no romance policial (o *roman noir* e o *film noir*) e nas histórias em quadrinhos (Batman, o herói de Gotham City, também nos filmes e o *The Spirit* no genial traço de Will Eisner), é importante lembrar os contos de fadas nos quais as tramas transcorrem em castelos sombrios, plenos de elementos mágicos, e a atmosfera de mistério e horror está sempre presente. Ao recolhê-los em seu *Contos da Mamãe Gansa*, Charles Perrault, em 1677, e os irmãos Grimm, com seus *Contos para a Criança e para o Lar*, em 1812, talvez tenham amenizado alguns deles, embora todos tivessem sempre um final feliz.

Lembremos, por exemplo, a história de João e Maria, abandonados pelos pais no meio da floresta por absoluta falta de meios para sustentá-

los e presos por uma bruxa que os alimenta bem para depois comê-los. E, quando as crianças empurram-na para dentro da panela de água fervendo, ouvem seu grito – “Água, minha netinha” – e a resposta – “Azeite, minha avozinha”. Já a madrasta de Branca de Neve manda o caçador levá-la a passear na floresta, matá-la e trazer seu coração como prova de que cumpriu a ordem. E “O Barba Azul” matando suas mulheres? E “Pele de Asno” sugerindo o incesto? E ainda os contos que chamamos de folclóricos com figuras apavorantes como a mula sem cabeça? E a história da Moura Torta e tantos outros? O psicanalista Bruno Bettelheim escreveu em seu *A Psicanálise dos Contos de Fadas* uma defesa ardente desses contos, mostrando que eles inspiram na criança as sensações de medo e prazer e sempre asseguram um final feliz. Além disso, não pretendem ensinar nada, o que os torna sempre queridos.

Recentemente, os vampiros voltaram a fazer sucesso, primeiro com a série *O Pequeno Vampiro*, de Angela Sommer Bodenburg. A escritora norte-americana Ann Rice publicou em 1976 o romance *Entrevista com o Vampiro*, no qual rejuvenesceu e humanizou a figura clássica da criatura das trevas, trazendo de volta o tema para novos autores e leitores. Outro exemplo é a série *Crepúsculo*, da escritora norte-americana Stephenie Meyer, que, diante do sucesso do primeiro volume, chegou ao cinema trazendo para as novas gerações o mito do vampiro. Ela participou da equipe de roteiristas e atesta a fidelidade do enredo.

Os bruxos liderados por Harry Potter nos sete volumes escritos por J. K. Rowling levaram muitos jovens a descobrir a leitura como algo interessante e divertido. No belíssimo castelo no qual a escola de Hogwards está instalada, não faltam passagens subterrâneas, ambientes escuros, portas falsas, monstros terríveis e todos os elementos presentes nas histórias de horror.

Para as crianças menores, não podemos deixar de lembrar os álbuns ilustrados com pouco texto, que proporcionam o desenvolvimento da linguagem pelo reconhecimento da imagem e das ações que representam.

Alguns deles têm passagens que, para os adultos, parecem apavorantes e, no entanto, divertiram gerações. É o caso, por exemplo, de *Struwwelpeter* (João Felpudo), do autor alemão Heinrich Hoffmann, publicado em 1845. A primeira edição brasileira foi lançada no final do século XIX e sem assinatura, talvez em tradução do francês de Olavo Bilac. No mesmo gênero, e traduzido por Bilac com o pseudônimo de Fantasio, surge em 1901 *Juca e Chico* (Max und Moritz), criado em 1865 pelo desenhista alemão Wilhelm Busch, considerado o criador da história em quadrinhos. Em ambos, diz a especialista norte-americana Bettina Hürlimann: “O elemento de maldade não está ausente, existe como na vida e como na arte”. Seus finais trágicos não amedrontam as crianças, que fizeram de ambos os livros um grande sucesso, embora a pedagogia moderna os rejeite. Há ainda um belo álbum ilustrado, editado no Brasil, *Onde Vivem os Monstros*, de Maurice Sendak, famoso ilustrador norte-americano.

As crianças brincam com os fantasmas no delicioso livro de Oscar Wilde *O Fantasma de Canterville*, uma divertida sátira que mostra os ingleses, góticos, lado a lado com os norte-americanos, práticos. Nos filmes de Walt Disney, há cenas que amedrontam, como as árvores na floresta de Branca de Neve. Também amedrontam filmes como *Fantasia* nos trechos “Uma noite no Monte Calvo”, com música de Mussorgsky, e “O aprendiz de feiticeiro”, com música de Paul Dukas, em que Mickey Mouse se atrapalha ao tentar reproduzir as mágicas do mestre. Nos filmes contemporâneos, os efeitos especiais atemorizam não só nos últimos filmes da série Harry Potter, mas também nas inúmeras produções eivadas de terror, violência e crimes insolúveis, herança do romance gótico. Ainda na área dos filmes, alguns diretores preferem a paródia, a exemplo dos monstros que perseguiram Abbot e Costello e outros comediantes dos anos 1950. Outros diretores mais refinados produziram paródias de *Frankenstein* (*O Jovem Frankenstein*, de Mel Brooks) e *O Médico e o Monstro* (*Um Professor Alopado*, de Jerry Lewis).

De uma forma ou de outra, a presença do romance gótico aparece em todos os gêneros nos quais os artistas usam a imaginação para mostrar, como dizia o personagem gótico do rádio, O Sombra, o mal que se esconde nos corações humanos. Não é de assustar?

+++

## AUTORA E OBRA

Personalidade da crítica de literatura para crianças e jovens, durante anos Laura Sandroni manteve a principal coluna sobre o tema, com resenhas e comentários, no jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, cidade onde mora. Outro de seus trabalhos marcantes pela Fundação Roberto Marinho foi o programa *Ciranda de Livros*, que levou obras de literatura a crianças do Brasil inteiro. Coordenou ainda os projetos de incentivo à leitura *Viagem da Leitura*, *Nossa Biblioteca* e *Quem Lê Jornal Sabe Mais*. Uma das fundadoras, primeira diretora executiva e membro do Conselho Curador da Fundação do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), Laura Sandroni colabora como coordenadora editorial em diversas editoras, além de continuar elaborando prefácios de livros e artigos em jornais e revistas. Mestre em Literatura Brasileira com a dissertação *De Lobato a Bojunga – As reinações renovadas*, também é autora dos livros *A Criança e o Livro: Guia prático de estímulo à leitura* (organizado com Luiz Raul Machado), *Austregésilo de Athayde: O século de um liberal* (com Cícero Sandroni, da Associação Brasileira de Letras) e *Ao Longo do Caminho*, além de ensaios publicados em revistas especializadas, no Brasil e no exterior. Laura Sandroni participa de seminários e congressos nacionais e estrangeiros e recentemente se tornou membro honorário do The International Board on Books for Young People (IBBY), honraria conferida pela primeira vez a um escritor latino-americano.

+++

## NOTAS

1. Ruth Villela Alves de Souza: Bibliotecária especializada em literatura infantojuvenil, autora de *Presença dos Autores Alemães nos Livros Infantis Brasileiros* (São Paulo: Melhoramentos, 1979).



## Olalla

*Robert Louis Stevenson*

Tradução: Sandra Pina

– Agora – disse o doutor –, minha parte está feita e, devo dizer com certa vaidade, bem-feita. Falta apenas tirar você desta cidade fria e insalubre e lhe dar dois meses de ar puro e consciência tranquila. Esta última depende de você. No caso da primeira, acho que posso ajudar. Parece até meio estranho, e foi, mas outro dia o padre veio do interior e, como somos velhos amigos, apesar de exercermos profissões opostas, recorreu a mim acerca de um problema com alguns de seus paroquianos. Era uma família, mas como você não conhece a Espanha e os nomes dos nossos nobres não lhe são familiares, basta então dizer que eles foram grandes e que agora estão à beira da penúria. Nada mais lhes pertence além da residência e de algumas léguas de montanha deserta, onde nem mesmo as cabras sobreviveriam. Mas a casa é antiga e requintada e fica num lugar alto e extremamente agradável nas colinas. Pois, assim que ouvi a história, lembrei de você. Disse-lhe que conhecia um oficial ferido, ferido em causa nobre, que agora estaria necessitando mudar de ares, e propus que seus amigos o recebessem como inquilino. Instantaneamente, o semblante do padre ficou sombrio, como eu havia previsto.

– Está fora de questão – ele disse.

– Então, deixe que morram de fome, já que não tenho nenhuma compaixão por orgulho de maltrapilho – respondi. Em seguida nos

separamos, não muito contentes um com o outro. Mas ontem, para minha surpresa, o padre retornou.

– A dificuldade que encontrei quando fiz a proposta foi menor do que temia – disse ele. Ou, em outras palavras, aquelas pessoas guardaram o orgulho no bolso. Aceitei a oferta e, sujeito à sua aprovação, reservei aposentos na residência. O ar daquelas montanhas renovará seu sangue, e a tranquilidade na qual viverá lá vale mais que todos os remédios do mundo.

– Doutor – eu disse –, você tem sido o meu anjo da guarda, e seu conselho é uma ordem. Mas, me diga, por favor, algo sobre a família com a qual vou morar.

– Estou chegando lá – respondeu meu amigo. – Na verdade, existem certas dificuldades no caminho. Esses coitados, como eu disse, têm ascendência muito nobre e permanecem inchados com a mais infundada vaidade. Viveram por várias gerações em crescente isolamento, afastando-se dos ricos, que agora estão muito além, e dos pobres, a quem ainda acham muito aquém. E mesmo hoje, quando a pobreza os força a destrancar sua porta para um hóspede, não podem fazê-lo sem uma condição das mais indelicadas. Você deve permanecer, como dizem, um estranho. Eles lhe darão assistência, mas recusam a ideia de qualquer intimidade.

Não vou negar que fiquei ofendido e que talvez isso tenha reforçado meu desejo de aceitar a oferta, pois estava confiante de que poderia quebrar as barreiras se quisesse.

– Não há nada de ofensivo nessa condição – eu disse –, e até mesmo simpatizo com o sentimento que a inspirou.

– É verdade que nunca o viram – respondeu o doutor polidamente. – E se soubessem que você é o homem mais belo e agradável que já veio da Inglaterra (onde, me contaram, homens bonitos são comuns, mas os agradáveis são poucos), sem dúvida o fariam sentir-se mais bem recebido. No entanto, como você encarou a questão tão bem, não importa. A mim,

na verdade, parece grosseiro. Mas será bom para você. A família não o seduzirá muito. Uma mãe, um filho e uma filha: uma senhora que dizem ser fútil, um rapaz grosseiro e uma garota do campo, a quem seu confessor tem em alto conceito, mas que, ainda assim – sorriu maliciosamente o médico –, provavelmente é feia. É difícil atrair a atenção de um oficial arrojado.

– E você ainda diz que são bem-nascidos – contestei.

– Bem, quanto a isso, deveria ser mais específico – retrucou o médico. – A mãe é, não as crianças. A mãe foi a última representante de uma linhagem opulenta, decadente tanto em virtude quanto em fortuna. Seu pai não apenas ficou pobre, mas também louco: e a garota viveu solta pela casa até a sua morte. Então, com a maior parte da fortuna tendo morrido com ele e com a família quase extinta, a garota ficou mais selvagem do que nunca, até que finalmente se casou, sabe Deus com quem. Um muleteiro<sup>1</sup>, dizem alguns; um contrabandista, dizem outros; e há também os que dizem que não houve nenhum casamento, e que Felipe e Olalla são bastardos. A união, qual tenha sido, foi dissolvida tragicamente alguns anos atrás, mas vivem em reclusão, e o país na época estava em tamanha desordem que o verdadeiro fim do homem só é conhecido pelo pároco, se é que ele sabe.

– Começo a pensar que verei coisas extraordinárias – eu disse.

– Eu não fantasiaria se fosse você – respondeu o médico. – Encontrará, temo eu, uma realidade muito humilhante e trivial. Felipe, por exemplo, eu já vi. E, como explicar? É muito simples: astuto, grosseiro e, devo dizer, um inocente. Os outros, provavelmente, são iguais. Não, não, senhor comandante, deve procurar companhia adequada entre as grandes atrações de nossas montanhas. E, nessas, ao menos, se é um grande amante das obras da natureza, garanto que não ficará desapontado.

No dia seguinte, Felipe veio me encontrar em uma carroça tosca, puxada por uma mula. Um pouco antes do meio-dia, após me despedir do médico, do estalajadeiro e de algumas boas almas que me ajudaram

durante a doença, saímos da cidade pelo portão oriental e começamos a subir a serra. Eu ficara enclausurado tanto tempo desde que tinha sido deixado para morrer após a perda do comboio que o simples cheiro de terra me fez sorrir. A região que atravessávamos era selvagem e rochosa, parcialmente coberta por densos bosques, depois por carvalhos e a seguir pelo grande castanheiro espanhol, além de frequentemente entrecortada por riachos. O Sol brilhava, o vento sussurrava alegremente. Avançamos algumas milhas, e a cidade já havia se encolhido a um ínfimo outeiro sobre a planície atrás de nós, quando minha atenção começou a se voltar para meu companheiro. À primeira vista, parecia apenas um campesino rústico e bonito, tal como o médico havia descrito, muito rápido e vigoroso, mas desprovido de qualquer cultura. E essa primeira impressão era compartilhada por muitos. O que começou a me chocar foi sua fala familiar e desordenada, tão inconsistente com os termos nos quais eu estava sendo recebido, em parte por sua enunciação imperfeita, em parte por seu raciocínio confuso, tão difícil de acompanhar sem um grande esforço. É verdade que eu já conversara com outras pessoas desse tipo, pessoas que, como ele, parecem viver pelos sentidos, tomados e possuídos pelo objeto visual do momento, incapazes de libertar suas mentes dessa condição. Como eu havia sentado distante, parecia-me o tipo de conversa própria dos condutores, que passam boa parte de seu tempo em grande ócio mental, transitando por paisagens que lhe são familiares. Mas não era o caso de Felipe: segundo sua própria definição, ele era o guardião da casa.

– Gostaria de estar lá agora – ele disse. E então, percebendo uma árvore à beira do caminho, deteve-se para dizer que, certa vez, viu ali um corvo entre os galhos.

– Um corvo? – repeti, chocado pela incoerência da observação, crendo ter ouvido mal.

Mas ele já estava com uma nova ideia: esboçando um gesto de atenção concentrada, sua cabeça de lado, seu rosto franzido, me deu uma sacudida para me fazer calar. Então, sorriu e balançou a cabeça.

– O que foi? – perguntei.

– Oh, está tudo bem – ele disse, e começou a aticar a mula com gritos que ecoavam pelas paredes das montanhas.

Examinei-o mais atentamente. Era muito belo, leve, ágil e forte, de traços perfeitos; seus olhos eram amarelos e grandes, embora talvez não muito expressivos. No conjunto, era um rapaz interessante, e não encontrei nenhum defeito, além de ter uma coloração parda e de parecer um pouco peludo, duas características que não me agradam. Era sua mente que me intrigava e me atraía. A expressão do médico (“um inocente”) voltou aos meus pensamentos. E estava pensando se seria afinal a descrição mais correta quando a estrada começou a descer perto de uma torrente íngreme e nua. As águas trovejavam tumultuadamente no fundo, e a ravina se enchia desse som, de uma fina névoa e dos golpes de vento que acompanhavam sua queda. A cena era, com certeza, impressionante, mas a estrada, nesse trecho, era muito segura, junto à parede, e a mula seguia com firmeza. Fiquei surpreso ao perceber a palidez de terror na face de meu companheiro. A voz do rio selvagem era inconstante, ora indo mais fundo como se estivesse cansado, ora dobrando seus gritos guturais, ora parecendo dobrar seu volume varrendo o desfiladeiro, descendo pelas paredes rochosas, descontrolado e retumbante, e percebi que, a cada um desses espasmos de clamor, meu condutor estremecia e empalidecia. Algumas lembranças de superstições escocesas sobre o Rio Kelpie passaram por minha cabeça. Fiquei imaginando se haveria algo semelhante naquela parte da Espanha e virei-me para Felipe para saber o que se passava.

– Qual o problema? – perguntei.

– Oh, tenho medo – respondeu.

– De quê? – repliquei. – Este parece ser um dos pontos mais seguros desta estrada tão perigosa.

– O barulho – disse com uma ingenuidade que dissipou minhas dúvidas.

Era um jovem, mas com o intelecto de uma criança. Sua mente era como seu corpo, ativa e rápida, mas retardada em desenvolvimento. A partir desse momento, comecei a vê-lo com certa compaixão e a ouvir sua conversa desconexa, a princípio com indulgência e depois com prazer.

Por volta das quatro da tarde, cruzamos o cume da montanha, nos despedimos do crepúsculo e começamos a descer a encosta oposta, contornando a beira de precipícios e seguindo pelas sombras da mata escura. De todos os lados se ouvia a voz das águas caindo, não tão alta nem formidável como à beira do rio, mas dispersa, alegre e musical por entre os vales. Aqui também o ânimo do meu condutor melhorou, e ele começou a cantar alto, com uma voz em falsete e uma singular falta de percepção musical, desprezando a melodia e as notas numa divagação contínua que, mesmo assim, soava tão natural e agradável como o canto dos pássaros. À medida que a escuridão aumentava, senti-me mais e mais sob o encanto dessa toada errante, ouvindo-o à espera de alguma melodia definida, em vão. Quando finalmente perguntei-lhe o que estava cantando.

– Oh! – ele gritou. – Estou apenas cantando!

Percebi que, em intervalos regulares, ele repetia entusiasticamente a mesma nota. Não era tão monótono como se pode imaginar, ou pelo menos não era desagradável. Ele parecia transmitir um contentamento com o que é maravilhoso, como acreditamos encontrar na posição das árvores ou na quietude de um lago.

A noite havia caído quando chegamos a um platô. Pouco depois, avistei ao longe um vulto escuro que eu apenas poderia conjecturar que fosse a residência. Nesse momento, descendo da carroça, meu guia gritou e assoviou por um bom tempo, em vão. Até que, finalmente, um velho camponês veio em nossa direção, saído de algum lugar das sombras, com uma vela na mão. Graças a essa luz, pude perceber um grande portal em arco no estilo mouro: estava fechado com portões de chapas de ferro e, numa dessas chapas, Felipe abriu uma passagem. O camponês levou a

carroça para algum outro prédio, e meu guia e eu entramos pela passagem que se fechou novamente atrás de nós. Iluminados pela vela, cruzamos um pátio, subimos uma escada de pedra, seguimos por um corredor aberto e subimos outra escada de pedra, até chegarmos finalmente à porta de um aposento espaçoso e sem mobília. O quarto, que entendi seria o meu, tinha três janelas, era forrado com painéis de madeira lustrada e acarpetado com peles de vários animais selvagens. Um fogo vivo queimava na lareira, expelindo seu resplendor; ao lado, uma mesa posta para o jantar, e, no outro canto, uma cama arrumada. Fiquei satisfeito com esses preparativos e o disse a Felipe. Com a mesma simplicidade que já havia observado, ele ecoou calorosamente meu contentamento.

– Um bom quarto – disse. – Um quarto muito bom. E fogo também: fogo é bom para relaxar seus ossos. E a cama – ele continuou, levando a vela naquela direção. – Veja que lençóis finos, como são macios e suaves. – E ficou passando sua mão sobre aquela textura, e então inclinou a cabeça e esfregou o rosto numa expressão grosseira de contentamento, que de alguma forma me ofendeu. Tomei a vela de sua mão (com medo de que acabasse ateando fogo à cama) e voltei para a mesa do jantar, onde, vendo um cântaro de vinho, enchi um copo e o chamei para beber. Ele se levantou rapidamente e correu até mim com uma expressão de esperança, mas, quando viu o vinho, visivelmente estremeceu.

– Ah, não – ele disse. – Isso, não. Isso é para o senhor. Detesto vinho.

– Muito bem, senhor – eu disse. – Então vou brindar à sua saúde e à prosperidade da sua casa e de sua família. Falando nisso – acrescentei após dar um gole –, não terei o prazer de prestar meus respeitos pessoalmente à senhora, sua mãe?

Mas, com essas palavras, toda a ingenuidade de seu rosto sumiu e foi substituída por um olhar indescritível de astúcia e mistério. Ele se afastou de mim na mesma hora, como se eu fosse um animal prestes a dar o bote ou alguém perigoso com uma arma. E, quando se aproximou da porta, olhou-me fixamente com o semblante contraído.

– Não – ele disse finalmente e, no momento seguinte, saiu ruidosamente do quarto. Ouvi seus pés descendo as escadas, tão leves quanto o barulho da chuva, e a casa se fechou em silêncio.

Após cear, arrastei a mesa para perto da cama e comecei a me preparar para dormir. No entanto, com a nova posição da luz, fiquei impressionado com um quadro na parede. Representava uma mulher ainda jovem. A julgar pela vestimenta e pela uniformidade que reinava sobre a tela, deveria ter morrido há muito. Pela vivacidade da postura, dos olhos e dos traços, parecia estar contemplando num espelho a imagem da vida. Sua silhueta era fina, forte e de proporções perfeitas. Tranças ruivas contornavam sua testa como uma coroa. Seus olhos, de um castanho dourado, se apoderaram dos meus; e sua face perfeita tinha uma expressão cruel, sombria e ao mesmo tempo sensual. Algo naquele rosto e naquela imagem, algo estranhamente intangível, como o eco de um eco, lembrava as características e a postura do meu guia, e fiquei atraído por um tempo, pensando sobre a incrível semelhança. A herança comum que originalmente havia produzido tais damas de alta classe, como a que agora me olhava da tela, tinha decaído aos mais baixos costumes, usando roupas camponesas, sentando num banco, segurando as rédeas de uma carroça puxada a mula, trazendo um inquilino para casa. Talvez ainda existisse alguma ligação; talvez um pouco da delicadeza, que um dia foi vestida com o cetim e os brocados da senhora morta, agora tenha estremecido ao contato com a grosseria rude de Felipe.

A primeira luz da manhã caiu em cheio sobre o retrato, e, já desperto, mas ainda na cama, meus olhos continuaram a mirá-lo com crescente contemplação. Sua beleza se insinuava até meu coração, silenciando meus escrúpulos um a um e, mesmo consciente de que amar uma mulher como essa seria assinar e selar a própria sentença de degeneração, também sabia que, se estivesse viva, eu a amaria. Dia após dia, a consciência dúbia de sua perversidade e da minha fraqueza cresceram claramente. Ela se tornou a heroína de muitos dos meus sonhos, onde seus olhos me arrastavam a

crimes e também me recompensavam. Ela lançou uma sombra obscura em minha imaginação e, quando eu estava lá fora, ao ar livre, fazendo exercícios vigorosos e saudavelmente renovando meu sangue, era frequente a boa lembrança de que minha encantadora senhora estava segura, na tumba, seu cetro de beleza quebrado, seus lábios fechados em silêncio, sua poção derramada. E, ainda assim, eu tinha um ligeiro pavor de que ela pudesse não estar morta, mas reencarnada no corpo de algum descendente.

Felipe servia as refeições nos meus aposentos, e sua semelhança com o retrato me assombrava. Algumas vezes nem tanto; em outras, diante de alguma mudança de atitude ou expressão momentânea, era como se saltasse sobre mim como um fantasma. E, acima de tudo, era quando estava de mau humor que a semelhança triunfava. Certamente, ele gostava de mim. Tinha orgulho de eu tê-lo notado e parecia querer chamar minha atenção por meio de gestos simples e inocentes; adorava sentar perto de mim, ao fogo, falar suas bobagens desconexas ou cantar suas músicas estranhas, intermináveis e sem palavras, e algumas vezes passar a mão sobre minhas roupas de um jeito afetivo e cuidadoso que sempre me causava certo embaraço do qual eu me envergonhava. Mas, apesar disso tudo, ele era capaz de momentos de raiva inexplicáveis e acessos de mau humor. Uma palavra de reprovação era capaz de fazê-lo virar o prato em que eu estava prestes a comer; não dissimuladamente, mas num desafio similar a um toque de inquisição. Eu não era assim tão curioso, estando num lugar estranho, cercado por pessoas estranhas; mas, à sombra de uma pergunta, ele se afastava ameaçador e perigoso. E assim, por uma fração de segundo, esse rapaz rude ganhava toda a aparência de irmão da senhora na moldura. Mas esses humores sombrios logo se dissipavam, e a semelhança sumia com eles.

Nesses primeiros dias, não vi ninguém que devesse ser levado em conta além de Felipe e do retrato. E, como o rapaz tinha uma mente fraca e momentos de paixão, poderia se esperar que eu penetrasse sua perigosa

vizinhança com tranquilidade. Para falar a verdade, foi por algum tempo irritante, mas logo consegui ter sobre ele tal autoridade que pude amansar minha inquietação.

Aconteceu desta forma: ele era por natureza preguiçoso, tido como um vagabundo, e ainda assim mantinha a casa. Não apenas supria as minhas demandas, como trabalhava todos os dias no jardim e na pequena chácara ao sul da residência. Ali tinha a ajuda do camponês que eu havia visto na noite de minha chegada e que vivia num distante recanto da propriedade, a cerca de um quilômetro, em uma casa rústica. Entretanto, ficava claro para mim que, entre os dois, era Felipe quem mais trabalhava e, ainda que algumas vezes o visse encostar a pá e dormir entre as mudas que tinha acabado de plantar, sua constância e energia eram admiráveis, principalmente ao perceber que eram elementos estranhos ao seu caráter, fruto de um esforço ingrato. Mas, se por um lado eu o admirava, ficava imaginando o que mantinha esse duradouro senso de dever nesse rapaz de humor tão instável. Eu me perguntava como isso era sustentado e em que extensão prevalecia sobre seus instintos. O padre provavelmente o inspirava. Mas um dia o padre veio à residência. Do cume de onde eu observava, eu o vi chegando e saindo após um intervalo de cerca de uma hora. E todo esse tempo Felipe continuou a trabalhar ininterruptamente no jardim.

Finalmente, numa atitude não muito digna, resolvi desviar o rapaz de seus bons costumes e, cercando-o no portão, facilmente o persuadi a me acompanhar em um passeio. Era um dia bonito, e o bosque para onde o levei era verde, agradável, com um aroma doce e vivo, animado pelo zumbido dos insetos. Ali, ele revelou a vitalidade de sua índole, indo às alturas do regozijo que quase me desconcertaram, demonstrando energia e graça de movimentos e encantando os meus olhos. Ele saltava, corria ao meu redor cheio de alegria, parava, olhava, ouvia e parecia beber o mundo como um estimulante, e então, subitamente, subia numa árvore com um pulo, se dependurava e balançava como se sentisse em casa. Pouco falou

comigo, mas isso não teve importância, raramente apreciara tanto uma companhia. A visão de sua satisfação foi uma contínua festa; a rapidez e a precisão de seus movimentos alegraram meu coração, e eu teria sido imprudentemente cruel para fazer desses momentos um hábito se o acaso não tivesse preparado uma conclusão tão dura para o meu prazer. Com rapidez ou destreza, o rapaz capturou um esquilo na copa de uma árvore. Ele estava um pouco à minha frente, mas o vi pular para o chão e se agachar gritando de prazer como uma criança. Os gritos me despertaram contentamento: eram tão espontâneos e inocentes; mas, à medida que me aproximei dele, o choro do esquilo começou a me inquietar. Eu já tinha ouvido e visto muito da maldade dos homens, sobretudo entre os camponeses, mas agora eu sentia raiva. Empurrei o rapaz para o lado, tomei o pequeno animal de suas mãos e, com um rápido gesto de misericórdia, o matei. Então, me virei para o torturador e lhe falei no calor da minha indignação, xingando-o, ao que ele parecia definhar e, finalmente, apontei em direção à residência, dizendo que fosse embora, pois eu preferia andar com homens, não com vermes.

Ele caiu de joelhos, e as palavras saíram com mais clareza que o usual. Derramou as mais tocantes súplicas, implorando que o perdoasse, que esquecesse o que tinha feito, que olhasse para o futuro.

– Oh, eu tento tanto – ele disse. – Oh, comandante, perdoe Felipe só dessa vez; ele não será bruto novamente!

Assim, muito mais alterado do que gostaria de mostrar, sofri ao ser persuadido e, finalmente, apertamos as mãos e encerramos o assunto. Eu o fiz queimar o esquilo como forma de penitência, falando da beleza do pobre animalzinho, dizendo das dores que sofreu e de como era ruim abusar da força.

– Veja, Felipe – disse eu –, você é realmente forte, mas nas minhas mãos você é tão indefeso como esse pobre animalzinho das árvores. Me dê a sua mão. Você não pode tirá-la. Agora, suponha que eu fosse cruel como você

e sentisse prazer com a dor. Eu apenas apertaria com força e observaria você sofrer.

Ele gritou alto, sua face empalideceu, encheu-se de gotículas de suor e, quando eu finalmente o libertei, caiu no chão, acariciou a mão e ficou se lamentando como um bebê. Mas aprendeu boa parte da lição e, não sabemos se por causa disso, ou pelo que disse a ele, ou pela melhor noção que agora tinha da minha força corporal, seu afeto original se transformara em uma relação do cachorro com o seu dono, de adoração e fidelidade.

Enquanto isso, eu recobrava rapidamente minha saúde. A residência coroava um rochoso platô cercado de montanhas por todos os lados. Apenas do telhado, onde havia uma torre, era possível enxergar, entre dois picos, uma pequena porção do céu azul a uma grande distância. O ar nessa altitude se move livre e largamente; grandes nuvens se juntavam e eram cortadas pelo vento e levadas em pedaços para o cume das montanhas. Ao longe, se ouvia o rouco e leve som das torrentes, e alguém poderia estudar ali todos os efeitos mais selvagens e antigos da natureza na sua força primitiva. Encantei-me desde o primeiro momento por esse vigoroso cenário e seu clima inconstante, e não menos pela antiga e dilapidada casa onde fui viver. Era uma construção retangular, flanqueada nos dois cantos opostos por apêndices como bastiões, um deles sobre a porta, e ambos tinham buracos para mosquetes. O andar de baixo, entretanto, não tinha janelas, de forma que o prédio, se ocupado, não poderia ser atacado sem artilharia. Ele cercava um pátio aberto, com romãzeiras. Dali, uma escadaria de mármore subia para uma galeria aberta que rodeava a casa, com o telhado sustentado por finos pilares. E dali diversas escadas levavam para os andares superiores da casa, que era dividida em partes distintas. As janelas, tanto internas quanto externas, estavam sempre fechadas, e algumas partes das esculturas de pedra acima delas tinham caído. De um lado, o telhado havia se desfeito numa das lufadas de vento comuns nessas montanhas, e toda a casa, castigada pela forte luz do Sol,

ficava fora do alcance da sombra das árvores, estava muito queimada e descolorida pela poeira, o que lhe dava a aparência de lugar de repouso de uma lenda. O pátio, em particular, parecia a própria casa do sono. O rouco arrulho das pombas assombrava os beirais; o vento cessou, mas, quando soprava lá fora, o pó das montanhas caía ali tão denso como a chuva. Veladas pelas flores vermelhas da romã, janelas fechadas e portas trancadas de numerosos porões fechavam os arcos de galerias vazias. Ao longo de todo o dia, o sol desenhava perfis quebrados pelos quatro cantos e projetava a sombra dos pilares no chão da galeria. No térreo, havia, entretanto, um recanto entre os pilares que tinha as marcas de uma habitação humana. Apesar de ter sido aberta para o pátio, tinha uma lareira, onde um fogo sempre ardia lindamente, e o chão era forrado com peles de animais.

Foi nesse lugar que vi pela primeira vez minha anfitriã. Ela havia arrastado uma das peles para fora e sentado ao sol, encostada num pilar. Foi seu vestido que me chamou a atenção primeiro, pois era rico e vibrantemente colorido, e brilhava em meio àquele pátio empoeirado, com o mesmo frescor das flores das romãs. Num segundo olhar, foi sua beleza que me deteve. Quando, ali sentada, voltou-se para mim e me olhou, embora com olhos invisíveis, com uma expressão ao mesmo tempo de bom humor quase imbecil e contentamento, ela mostrou uma perfeição de traços e uma tranquila nobreza de atitude maiores do que de uma estátua. Tirei meu chapéu para ela ao passar, e sua face se contraiu com desconfiança, de um jeito rápido e leve, como um lago ondula com a brisa, mas não respondeu ao meu gesto. Saí para meu passeio costumeiro um pouco assustado; sua impassibilidade, como a de um ídolo, me assombrando, e, quando retornei, embora ela continuasse na mesma posição, fiquei surpreso ao ver que havia se movido até o próximo pilar, seguindo a luz do Sol. Dessa vez, entretanto, se dirigiu a mim com uma saudação trivial, até mesmo cortês, mas concebida e expressada no mesmo tom profundo, indistinto e balbuciante que, como em seu filho,

contrariava a amabilidade. Respondi sem muita ênfase, não apenas porque não consegui compreender direito o que ela havia me dito, mas também porque o repentino abrir de seus olhos me perturbou. Eram muito grandes, dourados como os de Felipe, mas, naquele momento, com as pupilas tão dilatadas, pareciam quase pretos; e o que me impressionou não foi tanto o tamanho deles (isso talvez fosse a consequência), mas a singular insignificância de seu olhar. Um olhar vazio como eu jamais havia encontrado. Desviei meus olhos ainda enquanto falava e segui meu caminho pelas escadas em direção ao meu quarto, ao mesmo tempo perplexo e constrangido. No entanto, quando entrei e vi o rosto no quadro, mais uma vez me lembrei do milagre da descendência familiar. Minha anfitriã era certamente mais velha e desenvolvida, seus olhos eram de uma cor diferente; sua expressão não apenas estava livre daquela perversidade que tanto me ofendia quanto me atraía na pintura, como era destituída do bem e do mal, um branco moral expressando literalmente nada. E ainda assim havia uma semelhança, não tanto evidente nem em nada em particular, mas no todo. Poderia dizer, eu acho, como se o mestre, ao colocar sua assinatura na tela, não apenas tivesse capturado a imagem de uma mulher sorridente e de olhar frio, como estampado a qualidade essencial de uma raça.

A partir do quarto dia, entrando ou saindo de casa, eu tinha a certeza de encontrar aquela senhora sentada ao sol, encostada no pilar ou estendida em um tapete, em frente ao fogo. Apenas uma ou outra vez ela trocava seu lugar pelo degrau mais alto da escada de pedra onde ficava, com a mesma indiferença, bem no meio do meu caminho. Em todos esses dias, nunca a vi dispensar pelo menos uma faísca de energia além do que gastava para escovar e reescovar sua vasta cabeleira cor de cobre, ou para balbuciar, na rouquidão rica e quebrada de sua voz, a costumeira saudação vazia que me dirigia. Esses, eu penso, eram seus dois maiores prazeres, além da mera quietude. Ela parecia sempre orgulhosa de suas observações, como se fossem espirituosas. De fato, embora bastante vazias, como a

conversa de muitas pessoas respeitáveis que acabam ficando numa variação bem limitada de assuntos, nunca eram sem sentido nem incoerentes; mais ainda, tinham uma certa beleza em si, uma respiração, como se para seu completo contentamento. Falava do calor, no qual (como seu filho) ela sentia prazer; ou sobre as flores das romãzeiras, ou sobre as pombas brancas e as andorinhas de longas asas que planavam no céu do pátio. Os pássaros a excitavam. Quando agitavam os beirais do telhado em seu voo ligeiro ou passavam sobre ela como uma rajada de vento, algumas vezes se agitava e sentava-se um pouco mais aprumada, como se desperta de seu sonho de satisfação. Mas, nos outros dias, se manteve fechada elegantemente em si mesma, afundada na preguiça e no prazer. Seu conteúdo invencível, num primeiro momento me incomodava, mas gradualmente fui encontrando tranquilidade no espetáculo a ponto de transformar em hábito sentar-me perto dela quatro vezes ao dia, tanto ao chegar quanto ao sair, e conversar com ela distraidamente, raras vezes sabendo sobre o quê. Acabei por gostar de sua inércia quase de animal de estimação; sua beleza e sua idiotice me acalmavam e me divertiam. Comecei a encontrar um tipo de bom senso transcendental em suas observações, e sua natureza insondável levou-me à admiração e à inveja. A conexão havia sido restabelecida. Meio inconscientemente, ela apreciava minha presença, como um homem em profunda meditação pode apreciar o balbúcio de um riacho. Dificilmente poderia dizer que seu rosto se iluminasse à minha chegada, já que tinha satisfação escrita em sua face como numa estátua idiota, mas fiquei consciente de seu prazer pela comunicação mais íntima do que um olhar. E, um dia, ao sentar-me perto dela na escada de mármore, repentinamente ela esticou uma das mãos e tocou a minha. Feito isso, voltou à sua atitude costumeira antes que minha mente compreendesse o sucedido e, quando me virei para olhá-la, pude perceber que não havia nada em seus olhos. Ficou claro que não havia qualquer emoção naquele gesto, e me censurei por minha consciência inquieta.

A contemplação, se posso chamar assim, e o contato com a mãe confirmaram a imagem que eu já havia feito a partir do filho. O sangue da família havia empobrecido talvez por causa da longa procriação restrita ao mesmo círculo, que eu sabia ser comum entre as camadas orgulhosas e exclusivas. Nenhum declínio, na verdade, poderia ser detectado no corpo, que se mantinha intato na perfeição das formas e na força; e os rostos de hoje eram tão delicados como a face de dois séculos atrás que me sorria do retrato. Mas a inteligência, o patrimônio mais precioso, havia se degenerado; o tesouro da memória ancestral decaíra e requerera a potente interferência plebeia de um muleteiro ou de um contrabandista das montanhas para se reerguer, o que provocou a inércia na mãe e a ativa esquisitice do filho. Ainda assim, entre os dois, eu preferia a mãe. Já Felipe, vingativo e pacato, cheio de impulsos e medos, inconstante como uma lebre, eu poderia conceber como uma criatura possivelmente nociva. Da mãe, eu não tinha outros pensamentos senão os de bondade. E, na verdade, como espectadores são inclinados ignorantemente a tomar partido, desenvolvi um tipo de preferência a partir da inimizade que percebi entre eles. Verdade que parecia ser mais da parte da mãe. Algumas vezes segurava a respiração quando ele se aproximava, e as pupilas de seus olhos vagos se contraíam como se sentissem horror ou medo. Suas emoções, por mais escassas que fossem, eram superficiais e facilmente compreendidas. Aquela repulsão latente ocupava a minha mente, e eu ficava me perguntando por que isso acontecia e se o filho realmente era culpado.

Eu estava havia dez dias na residência quando soprou um vento forte e pesado carregando nuvens de poeira. Vinha das infectadas terras baixas e das serras nevadas. Os nervos daqueles que sentiam o seu açoite ficaram sensíveis e abalados; seus olhos ardiam com a poeira; as pernas doíam sob o fardo do corpo; e o toque de uma mão sobre a outra tornou-se detestável. O vento ainda desceu as ravinas das montanhas e rodopiava pela casa com um vazio rumor e um assovio que era entediante para os

ouvidos e extremamente depressivo para a mente. Soprava em rajadas como as batidas constantes de uma cachoeira, de modo que não houve sossego enquanto soprava. Mas lá no alto, na montanha, provavelmente tinha uma força mais variável, e com acessos de fúria vinham, de tempos em tempos, como lamentos dolentes, infinitamente dolorosos de ouvir. Às vezes, em alguma das prateleiras ou terraços mais altos, começava, e então dispersava uma torre de poeira, como a fumaça de uma explosão.

Logo, acordado na cama, eu estava ciente da tensão nervosa e da depressão causadas pelo clima, e esse efeito ficou mais forte à medida que o dia seguia. Minha resistência foi em vão. Também, de nada serviu me preparar para a costumeira caminhada matinal, pois a fúria irracional da tempestade logo venceria minha força e quebraria meu equilíbrio. Retornei à casa brilhando de calor e coberto de poeira. O pátio tinha uma aparência desolada, algumas vezes um raio de Sol fugia sobre ele; outras vezes, o vento batia baixo sobre as romãzeiras, espalhava as flores e fazia as persianas das janelas baterem contra as paredes. Em seu recanto, a senhora andava de um lado para o outro com o rosto corado e olhos brilhantes; pensei também que estivesse falando consigo mesma, como alguém com raiva. Mas, quando me dirigi a ela com a costumeira saudação, respondeu apenas com um gesto ríspido e passou direto por mim. O clima havia perturbado até mesmo essa criatura impassível. Quando subi para meus aposentos, me senti menos envergonhado de minha própria descompostura.

Durante o dia todo, o vento continuou. Sentado em meu quarto, fiz uma tentativa de leitura, andei para cima e para baixo e ouvi o tumulto lá fora. A noite caiu, e eu não tinha muito mais do que uma vela. Veio-me o desejo de companhia e desci para o pátio, que fora tomado pela bruma azul do anoitecer, mas a alcova tinha a luz avermelhada do fogo. A lenha empilhada estava alta e coroada pelas chamas que, projetadas pela chaminé, se agitavam para lá e para cá. Nessa claridade forte e faiscante, a senhora continuava andando de parede a parede com gestos desconexos,

batendo as mãos, esticando os braços, jogando a cabeça para trás num apelo aos céus. Nesses movimentos desordenados, a beleza e a graça da mulher se mostraram com mais clareza, mas havia uma luz em seus olhos que me tocou desagradavelmente. Tendo-a observado por um tempo em silêncio, aparentemente sem ser notado, virei as costas e tomei o caminho de volta para o meu aposento.

Quando Felipe trouxe o jantar e as velas, meu ânimo havia desaparecido completamente, e, se o rapaz tivesse sido aquele com o qual estava acostumado, eu o teria retido (até mesmo à força se necessário) para abrandar minha desagradável solidão. Mas também em Felipe o vento exercera sua influência. Estivera febril todo o dia e agora, com a chegada da noite, havia caído em depressão e demonstrava um humor instável, o que também me aborrecia. A visão de seu rosto aterrorizado, seus tremores, sua palidez e a pouca atenção com que me ouvia me irritaram. Quando deixou cair e quebrar um prato, dei um pulo da cadeira.

– Acho que todos estamos loucos – eu disse, desatando a rir.

– É o vento negro – ele respondeu tristemente. – A gente sente como se precisasse fazer algo, mas não sabe o que é.

Percebi a pertinência da descrição, mas, na verdade, Felipe tinha algumas vezes um estranho costume de representar em palavras as sensações do corpo.

– E sua mãe também – eu disse. – Ela parece ser muito sensível a esse tempo. Você não teme que ela não esteja bem?

Ele me encarou por um instante e falou:

– Não – num tom quase desafiante.

No momento seguinte, levando a mão à testa, gritou se lamentando do vento e do barulho que fazia sua cabeça girar como a roda de um moinho.

– Quem pode ficar bem? – exclamou.

E, de fato, eu apenas poderia concordar com sua pergunta, pois eu também estava bastante incomodado.

Fui para a cama cedo, fatigado pela agitação daquele longo dia, mas a natureza insalubre do vento e sua agitação impiedosa e intermitente não me deixariam dormir. Fiquei ali, nervos e sentidos à flor da pele. Às vezes dormitava, tinha pesadelos e acordava novamente, e esses fragmentos de esquecimento confundiram-me em relação ao tempo. Mas era tarde da noite quando fui subitamente surpreendido por lamentos e gritos horrorosos. Levantei da minha cama supondo ter sonhado, mas os gritos continuavam pela casa, gritos de dor, pensei, mas pareciam também de raiva. E tão selvagens e dissonantes que chocavam o coração. Não era ilusão, alguma coisa viva, algum lunático ou animal selvagem estava sendo terrivelmente torturado. A lembrança de Felipe e do esquilo passaram pela minha mente, e corri para a porta, mas ela havia sido trancada pelo lado de fora. Poderia sacudi-la o quanto quisesse, eu era um prisioneiro. E os gritos continuaram. Ora se suavizavam, parecendo um lamento – nessas horas, eu tinha certeza de que eram humanos –, ora rompiam em delírios dignos do inferno e enchiam a casa. Fiquei parado na porta prestando atenção, até que, finalmente, os gritos cessaram. Muito depois, ainda continuava a ouvi-los na minha imaginação, misturados à tempestade de vento. E, quando enfim me arrastei para a cama, o fiz com um mal-estar mortal e com o coração consumido num horror sombrio.

Como era de esperar, não pude mais dormir. Por que eu tinha sido trancado? O que se passava? De quem eram esses gritos indescritíveis e chocantes? Um ser humano? Seria inconcebível. Um animal? Os gritos eram demasiado brutais. E que animal menor do que um leão ou um tigre poderia fazer tremer as sólidas paredes dessa casa? Enquanto eu conjecturava sobre os elementos do mistério, me veio à mente a constatação de que ainda não havia posto os meus olhos na filha da casa. O que seria mais provável do que a filha da senhora e irmã de Felipe ser, ela mesma, insana? Ou, mais possivelmente, essas pessoas ignorantes e imbecis tratariam uma parente atormentada com violência? Eis uma solução, mas, ainda assim, quando buscava na memória os gritos (o que

não fazia sem um calafrio), tudo junto parecia insuficiente; nem mesmo a crueldade poderia arrancar esses gritos de um louco. De uma coisa eu tinha certeza: não poderia viver em uma casa onde isso fosse, ainda que parcialmente, concebível sem investigar o assunto e, se necessário, interferir.

Amanheceu o dia. O vento cessara e nada havia que pudesse me lembrar dos acontecimentos da noite. Felipe chegou à cabeceira de minha cama demonstrando alegria. Quando passei pelo pátio, a senhora tomava sol em sua imobilidade costumeira. E quando atravessei o portão, encontrei a natureza sorrindo despreziosamente, o céu num azul frio salpicado de grandes nuvens e as encostas das montanhas se destacavam em luzes e sombras. Uma rápida caminhada restaurou o domínio de mim mesmo e renovou minha determinação de resolver esse mistério. Com a vista privilegiada do outeiro, pude ver Felipe caminhando em direção ao seu trabalho no jardim e retornei à casa para colocar meu plano em prática. A senhora parecia mergulhada no sono.

Detive-me um pouco a observá-la, mas ela não se mexeu. Mesmo se meu plano fosse indiscreto, tinha pouco a temer de tal guardião. Então, virando-me, subi para a galeria e comecei minha exploração pela casa.

Durante toda a manhã, fui de uma porta a outra e entrei em ambientes espaçosos e sem cor, alguns muito bem fechados, outros recebendo uma inundação da luz do dia, todos vazios e desinteressantes. Era uma casa rica onde o tempo havia deixado poeira e espalhado desilusão. Uma aranha balançava por ali, uma grande tarântula corria pelas cornijas; formigas faziam seus caminhos pelo chão das enormes salas; uma mosca-varejeira graúda, considerada mensageira da morte, havia feito ninho na madeira podre e zumbia obstinada pelos ambientes. Aqui e acolá, um banco ou dois, um sofá, uma cama ou uma grande cadeira esculpida que ficou para trás, como ilhas no chão nu, testemunhas da habitação do homem do passado, mas, por todo lado, as paredes estavam repletas de retratos dos mortos. Por essas efígies em decomposição, eu poderia julgar o quanto

fora grande e bela a raça que viveu naquela casa. Muitos dos homens usavam insígnias no peito e tinham o porte de nobres oficiais. As mulheres estavam todas ricamente vestidas, e a maioria das telas era assinada por mãos famosas. Mas não foram tanto essas evidências de grandeza que me intrigaram, nem mesmo o contraste que apresentavam com os atuais despovoamento e decadência daquela enorme casa. Era, na verdade, a parábola da vida familiar que li nessa sucessão de rostos e corpos bem esculpidos. Nunca antes eu havia percebido tão claramente o milagre da continuidade da raça, a criação e a recriação, a tessitura, a mudança e a transmissão dos elementos de sangue. Que uma criança deveria nascer de sua mãe, que deveria crescer, se vestir (não sabemos como) de humanidade, assumir a aparência herdada, ter os trejeitos de um dos ascendentes e gesticular como outro são milagres que nos são assimilados por repetição. Mas, em cada olhar, no porte e nos traços comuns a todas essas gerações retratadas nas paredes da residência, o milagre se revelou e se colocou diante de mim. E oportunamente em meu caminho, um espelho antigo me fez parar e olhar meus próprios traços por um tempo, buscando em cada mão os filamentos de descendência que me atam à trama da minha família.

Finalmente, no curso dessas investigações, abri a porta de um aposento que carregava marcas de habitação. Era de largas proporções e virado para o norte, onde as montanhas tinham perfis mais acentuados. As brasas de uma fogueira ardiam lentamente, e a fumaça subia pela lareira, para perto de onde uma cadeira havia sido arrastada. Mas, ainda assim, o aspecto do ambiente parecia místico e austero; a cadeira não era estofada, não havia nada no chão nem nas paredes além dos livros que repousavam aqui e ali, em certa confusão, não havia qualquer instrumento nem de trabalho nem de lazer. Ver tantos livros numa casa com essa família muito me surpreendeu, e comecei, com grande pressa e um certo medo de ser interrompido, a verificá-los um a um para descobrir seu conteúdo. Eram de todos os tipos, devocionais, históricos e científicos, mas em sua maioria

eram muito antigos e em latim. Em alguns se podiam ver anotações, outros haviam sido rasgados e colocados de lado, como num sinal de petulância ou desaprovação. Finalmente, cruzei o aposento vazio e espiei alguns papéis escritos a lápis que estavam em cima de uma mesa perto da janela. Uma curiosidade impensada me levou a pegar um deles. Ostentava uma cópia de versos, muito grosseiramente metrificadas, em espanhol castiço, e que eu poderia reproduzir mais ou menos assim:

*Chegou o prazer entre sofrimento e vergonha  
O luto, com uma guirlanda de lírios  
O prazer mostrava um belo sol  
Jesu meu, como é doce seu brilho  
Luto com as mãos gastas apontando,  
Querido Jesu, para ti!*

Vergonha e confusão ao mesmo tempo me tomaram e, depositando o papel, bati imediatamente em retirada. Nem Felipe nem sua mãe poderiam ter lido os livros ou escrito esses grosseiros, mas emocionados, versos. Estava claro que eu havia pisado com pés profanos o quarto da filha da casa. Deus sabe o quão profundamente meu próprio coração me puniu por essa indiscrição. A ideia de que, mesmo secretamente, eu tenha entrado na intimidade de uma garota situada em tal estranhamento e o medo que ela pudesse de alguma forma vir a saber disso foram opressores como a culpa. Culpei-me, sim, pelas suspeitas da noite anterior, admirado de não ter atribuído aqueles gritos chocantes a alguém que agora concebo como uma santa, espectro de conduta desperdiçada na decomposição, atada nas práticas de uma devoção mecânica e vivendo em grande isolamento de alma com seus parentes incompatíveis. À medida que me debruçava sobre a balaustrada do alpendre e olhava para o belo cercado de romãs e para a mulher sonolenta e alegremente vestida que havia acabado de se espreguiçar e umedecer os lábios delicadamente de uma forma

muito sensual, minha mente comparava alternadamente a cena com o quarto frio, voltado para as montanhas, onde vivia a filha.

Naquela mesma tarde, enquanto estava sentado em meu mirante no morro, vi o padre cruzar os portões da residência. A revelação da personalidade da filha aguçou minha fantasia e quase apagou os horrores da noite anterior, mas, à imagem desse homem digno, a memória reacendeu. Desci então do morro e, percorrendo uma trilha pela floresta, me coloquei à beira do caminho para esperar sua passagem. Assim que ele apareceu, dei um passo à frente e me apresentei como o inquilino da residência. Ele tinha uma expressão forte e honesta, na qual era fácil ler as emoções misturadas com que me olhou. Via-me como um estrangeiro, um herege e, ainda assim, alguém que fora ferido por uma boa causa. Sobre a família da casa, ele falou com reservas, mas com respeito. Mencionei que ainda não tinha visto a filha, ao que ele observou que era assim que deveria ser e fitou-me com certo questionamento. Finalmente, tomei coragem para fazer referência aos gritos que me perturbaram durante a noite. Ele me ouviu em silêncio e então parou e virou-se parcialmente, como alguém que estava para se despedir.

– O senhor aceita tabaco em pó? – disse ele, oferecendo sua caixa de rapé.

Recusei e então ele acrescentou:

– Sou um velho e assim talvez eu tenha permissão de lembrá-lo de que o senhor é um hóspede.

– Tenho então sua autoridade – retruquei com firmeza suficiente, embora haja percebido a reprovação implícita – para deixar as coisas seguirem seu curso, sem interferir?

– Sim – ele disse, e com uma saudação um tanto inquietante virou-se e me deixou parado onde eu estava.

Mas ele havia feito duas coisas: acalmou a minha consciência e acordou minha sensibilidade. Fiz um grande esforço, uma vez mais espantei as lembranças da noite e fui novamente examinar a linhagem de minha

santa poetisa. Ao mesmo tempo, não poderia esquecer que havia sido trancado em meu quarto, e, naquela noite, quando Felipe trouxe meu jantar, abordei-o cautelosamente sobre as questões de meu interesse.

– Nunca vejo sua irmã – disse eu casualmente.

– Oh, não – respondeu. – Ela é uma garota muito boa. – E sua mente instantaneamente voou para longe.

– Sua irmã é religiosa, eu suponho – perguntei na sequência.

– Oh! – ele disse, juntando as mãos com extremo fervor. – Uma santa. É ela quem me mantém de pé.

– Você é privilegiado – eu disse. – A maioria de nós, temo, e eu me incluo, somos melhores decaindo.

– Senhor – disse Felipe solenemente. – Eu não diria isso. O senhor não deve tentar o seu anjo. Se alguém decai, onde ele está para impedir?

– Ora, Felipe – eu disse –, não tinha ideia de que você era um pregador, e, devo dizer, um dos bons. Mas suponho que seja influência de sua irmã.

Ele assentiu com os olhos.

– Então – continuei –, ela sem dúvida o repreendeu pelo pecado da crueldade.

– Doze vezes! – ele gritou. E foi com essa frase que aquela estranha criatura expressou sua percepção de frequência. – E eu disse a ela que o senhor também o havia feito. Lembro-me daquilo – ele acrescentou orgulhosamente. – E ela ficou feliz.

– Então, Felipe – eu disse –, que gritos foram aqueles da noite passada? Certamente eram de alguma criatura sofrendo.

– O vento – respondeu Felipe, olhando para o fogo.

Peguei sua mão, e, pensando ser um gesto de carinho, ele sorriu com um ar de prazer que o desarmou. Mas eu toquei em sua fraqueza.

– O vento – repeti. – E, ainda assim, acho que foi essa mão – disse, segurando-a com firmeza – que me trancou.

O rapaz ficou visivelmente em choque, mas não disse palavra.

– Bem – prossegui –, sou um estranho e um inquilino. Não é meu papel interferir nem julgar seu comportamento. Nessas questões, você deve ouvir os conselhos de sua irmã, que, não duvido, serão excelentes. Mas, no que concerne a mim, não serei prisioneiro de homem algum, e exijo a chave do meu quarto.

Meia hora depois, minha porta foi subitamente aberta, e a chave, arremessada ao chão.

Um dia ou dois depois, voltava de uma caminhada um pouco antes do meio-dia. A senhora estava deitada, entregue a um cochilo na entrada dos aposentos; os pombos descansavam embaixo dos beirais como bolas de neve; a casa estava imersa em uma profunda quietude; e apenas um leve e gentil vento das montanhas passeava pelos corredores, sussurrava pelas romãzeiras e agradavelmente agitava as sombras. Algo na quietude me tocou. Cruzei lentamente o pátio e subi a escadaria de mármore. Meu pé estava no último degrau quando uma porta se abriu e me vi frente a frente com Olalla. A surpresa me paralisou; sua beleza atropelou meu coração; ela brilhava na profunda sombra do corredor, uma gema de cor; seus olhos encontraram os meus, lá ficaram, e se uniram como se unem as mãos. Os momentos em que ficamos face a face, bebendo um ao outro, foram sacramentais, casamento de almas. Não sei quanto tempo durou até que eu acordasse de um transe profundo e, curvando-me apressadamente, venci o último degrau. Ela não se moveu, mas seguiu-me com seus grandes olhos sedentos. Quando saí do alcance de sua visão, me pareceu que ela havia empalidecido e desaparecido.

Em meu quarto, abri a janela e olhei para fora, mas não consegui descobrir que mudança havia ocorrido naquela austera cadeia de montanhas que pudesse tê-las feito cantar e brilhar sob o céu sublime. Eu a tinha visto: Olalla! E o penhasco rochoso respondia: “Olalla!”. E o mudo e impenetrável azul respondia: “Olalla!”. A deusa pálida dos meus sonhos havia sumido para sempre, e, em seu lugar, eu via essa donzela em quem Deus havia derramado as mais ricas cores e as energias mais exuberantes

da vida, a quem Ele havia feito tão ágil como um cervo, tão esbelta como um galho e em cujos grandes olhos havia acendido as tochas da alma. A emoção de sua jovem vida presa como um animal selvagem havia penetrado em mim. A força da alma que olhou a partir de seus olhos e conquistou a minha cobriu meu coração e chegou até os meus lábios em canto. Ela passou pelas minhas veias: ela e eu nos tornamos um único ser.

Não direi que esse entusiasmo definhou; antes, minha alma resistiu em seu êxtase como em um castelo fortificado, sendo inundado por frias e tristes considerações. Eu não poderia duvidar de que me apaixonei por ela à primeira vista com um ardor agitado que era estranho à minha experiência. O que então haveria a seguir? Ela era a criança de uma casa atormentada, a filha da senhora, a irmã de Felipe; ela ostentava isso mesmo em sua beleza. Tinha a leveza e a vivacidade do irmão, rápida como uma flecha, leve como orvalho; como o irmão, ela também brilhava no cenário pálido do mundo com o resplendor de flores. Entretanto, eu não poderia mais dar o nome de irmão àquele rapaz estúpido, nem de mãe àquele ser de carne imóvel e contemplativa cujos olhos e sorriso perpetuamente inexpressivos voltam agora à minha mente como algo detestável. E se eu não pudesse me casar com ela? Ela estava irremediavelmente desprotegida; seus olhos, naquele único e longo olhar que fora toda a nossa relação, haviam confessado uma fraqueza semelhante à minha; mas, em meu coração, eu a conhecia como a estudante dos aposentos frios do norte e autora daquelas tristes linhas; e esse é conhecimento suficiente para desarmar um bruto. Eu nunca teria coragem para fugir e assim fiz um voto de vigilância incansável.

Quando saí da janela, meus olhos recaíram sobre o retrato. Ele havia se apagado como uma vela após o nascer do sol; seguiu-me com olhos de tinta. Eu sabia que assim era, e, maravilhado pela tenacidade do tipo daquela raça em declínio, a semelhança foi apagada pela diferença. Lembrava como aquela imagem havia parecido para mim uma coisa inatingível em vida, uma criatura para além da modesta natureza do

trabalho do pintor, e fiquei maravilhado com a ideia, exultei com a figura de Olalla. Beleza eu vira antes, mas nunca ficara encantado, e com frequência sentira-me atraído por mulheres que eram belas apenas para mim. Mas em Olalla estava reunido tudo o que eu desejara e que não ousara imaginar.

Não a vi no dia seguinte, e meu coração doeu. Meus olhos ansiavam por ela como se anseia pela manhã. Mas, no outro dia, quando voltei na hora usual, ela estava mais uma vez no alpendre, nossos olhares novamente se encontraram e se abraçaram. Eu teria falado, teria chegado perto dela, mas, tão forte quanto arrebatava meu coração me atraindo a ela como um ímã, algo ainda mais imperioso me retinha; e apenas consegui fazer uma reverência e seguir adiante, enquanto ela deixava minha saudação sem resposta, apenas me acompanhando com seus nobres olhos.

Eu tinha agora sua imagem de cor e, enquanto estudava seus traços na memória, era como se eu lesse seu próprio coração. Ela vestia algo do estilo de sua mãe, com preferência pelas cores. Seu manto, que sei foi feito por suas próprias mãos, envolvia-a com uma graça astuta. Seguindo a moda daquele país, o corpete se abria ao meio em uma longa fenda e ali, apesar da pobreza da casa, uma moeda de ouro pendurada por uma fita repousava em seu colo moreno. Essas eram provas, se alguma fosse necessária, de seu inato prazer pela vida e seu próprio charme. Por outro lado, em seus olhos, que se penduravam nos meus, pude ler profundidades além das profundezas de paixão e tristeza, lampejos de poesia e esperança, negrimes de desespero e pensamentos que eram superiores ao mundo. Era um corpo adorável, mas o ocupante, a alma, valia mais que o alojamento. Deveria eu deixar essa flor incomparável secar escondida nessas montanhas? Deveria eu desprezar o grande presente que me era ofertado no silêncio eloquente de seus olhos? Aqui havia uma alma emparedada; não deveria eu explodir sua prisão? Todos os argumentos paralelos foram derrubados. Era ela a filha de Herodes que eu havia jurado que se tornaria minha. E naquela mesma noite decidi, com um

misto de traição e vergonha, cativar o irmão. Talvez eu passasse a vê-lo com olhos mais favoráveis, talvez o pensamento da irmã sempre fizesse aflorar as melhores qualidades daquela alma imperfeita, mas ele jamais havia me parecido tão amigável, e sua própria semelhança com Olalla me incomodava, mas também me comovia.

Um terceiro dia passou em vão, um vazio deserto de horas. Eu não perderia mais nenhuma oportunidade, e fiquei a tarde inteira no pátio onde (para ser tolerante comigo mesmo) falei mais do que o normal com a senhora. Deus sabe que era com o mais gentil e sincero interesse que eu agora a estudava; e mesmo quanto a Felipe, e agora quanto à mãe, eu tinha consciência de um crescente afeto de tolerância. E ainda me perguntava. Mesmo enquanto eu falava, ela dormitava e acordava novamente sem qualquer embaraço; e essa serenidade me surpreendia. E mais uma vez observei-a realizando mudanças infinitesimais na posição do seu corpo, saboreando o prazer dos seus movimentos; e fui levado a imaginar sobre a profundidade dessa sensualidade passiva. Ela vivia em seu corpo e toda a sua consciência estava afundada nele e disseminada por seus membros, os quais habitava luxuriosamente. Mas eu não conseguia me acostumar àqueles olhos. A cada vez que ela virava na minha direção aquelas órbitas grandes, belas e vazias, abertas para o dia, mas fechadas para as questões humanas, eu observava mudanças nas pupilas, que se expandiam ou contraíam rapidamente. Não sabia o que havia se apoderado de mim, não consigo encontrar um nome para os sentimentos de desapontamento, irritação e repulsa que jorravam de meus nervos. Tentei-a com uma variedade de assuntos, igualmente em vão. Finalmente, me ocorreu falar sobre sua filha. Mas, mesmo assim, ela se manteve indiferente; disse que era bonita, o que (como fazem as crianças) foi seu principal comentário, mas era completamente incapaz de qualquer pensamento mais distinto. E, quando comentei que Olalla parecia calada, simplesmente bocejou na minha cara e respondeu que falar não era importante quando não se tem nada a dizer.

– As pessoas falam demais, demais – acrescentou, olhando-me com as pupilas dilatadas, e então bocejou novamente e mais uma vez mostrou-me a boca tão delicada quanto a de uma boneca. Dessa vez, entendi o recado e, deixando-a em seu repouso, subi aos meus aposentos para aquietar-me diante da janela aberta, olhando as montanhas, mas não as vendo, afundado em sonhos radiantes e profundos e ouvindo na imaginação o tom de uma voz que eu nunca havia escutado.

Acordei na quinta manhã com uma luz profética que parecia desafiar o destino. Estava seguro de mim, leve de coração e pés e resolvido a colocar sem demora o meu amor em contato com o conhecimento. Não deveria mais repousar nas raias do silêncio, uma coisa muda, vivendo apenas pelo olhar como o amor dos animais. Deveria agora colocar-se no espírito e penetrar nas alegrias da completa intimidade humana. Pensava nisso com esperanças infundadas, como um viajante a El Dorado, naquele país desconhecido e adorável que era a sua alma; não mais temer a aventura. Ainda assim, quando finalmente a encontrei, o mesmo ímpeto de paixão me invadiu e inundou minha mente de imediato, a fala pareceu ter fugido de mim como numa cena infantil, e me aproximei dela como um homem tonto se aproxima de um abismo. Ela deu um ligeiro passo atrás enquanto eu me aproximava, mas seus olhos não se desviaram dos meus, e isso me atraiu. Por fim, quando eu já a estava quase alcançando, parei. As palavras me fugiram. Se eu avançasse, a apertaria junto ao meu coração em silêncio, e tudo isso era natural para mim, e tudo ainda estava indomado, revoltado contra a ideia dessa abordagem. Assim ficamos por um segundo, toda a nossa vida em nossos olhos, trocando olhares de atração e ainda resistindo. Então, com um grande esforço, e ao mesmo tempo consciente de um súbito amargor de desapontamento, virei-me e retornei ao mesmo silêncio.

Que poder tomou conta de mim me impedindo de falar? E ela, por que também estava em silêncio? Por que se afastou de mim sem dizer coisa alguma, mas com os olhos fascinados? Seria amor? Ou mera atração

bruta, negligente e inevitável, como a do ímã sobre o ferro? Nunca havíamos nos falado, éramos totalmente estranhos, e ainda assim uma influência forte como o aperto de um gigante nos manteve em silêncio. De minha parte, isso me deixou impaciente, mas, ainda assim, eu tinha certeza de que ela valia a pena. Eu tinha visto seus livros, lido seus versos e, portanto, de certa forma, desvendado a alma de minha amada. Mas, de sua parte, ela me parecia um tanto fria. Sobre mim, não sabia nada além de minha aparência. Sentia-se atraída por mim como pedras caem ao chão; as leis que regem a Terra a conduzem à revelia para os meus braços; voltei à ideia de núpcias e comecei a sentir ciúmes de mim mesmo. Não era assim que desejava ser amado. E então comecei a sentir grande pena da garota. Pensava no quanto seu tormento deveria ser agudo. Ela, a estudante reclusa, a santa mentora de Felipe, deveria confessar uma arrogante fraqueza por um homem com quem nunca havia trocado sequer uma palavra. E, com a compaixão, todos os outros pensamentos foram engolidos. Eu apenas ansiava por encontrá-la, consolá-la e encorajá-la; dizer-lhe o quanto o seu amor era correspondido de minha parte e quanto sua escolha, mesmo tendo sido feita às cegas, não era desmerecida.

O dia seguinte foi de um clima glorioso; de um azul profundo sobre os picos das montanhas; o Sol brilhava amplo, o vento soprava nas árvores e as muitas torrentes das montanhas enchiam o ar com uma música delicada e cativante. Mesmo assim, eu estava prostrado de tristeza. Meu coração chorava pela visão de Olalla como uma criança chora por sua mãe. Sentei-me numa pedra à beira de um pequeno penhasco voltado para o norte. Então, baixei o olhar para um vale arborizado onde corria um riacho. Não havia ninguém por lá. No humor em que estava, me comovia contemplar aquele lugar inabitado. Faltava Olalla. E pensei na alegria e na glória de uma vida plena com ela naquele clima forte, entre aqueles arredores rochosos e adoráveis. Primeiramente com um sentimento de

lamúria, mas depois com uma alegria desmedida que parecia crescer em força e estatura, como Sansão.

E então, subitamente, eu tive certeza de que Olalla estava por perto. Ela surgiu por entre um bosque de sobreiros e veio em minha direção. Levantei-me e esperei. Por seu andar, parecia uma criatura cheia de vida, e fogo, e brilho, o que me alegrou. Mas, mesmo assim, ela chegou calma e lentamente. Sua energia estava na lentidão, mas com força inimitável senti que ela corria, que ela voava para mim. E, enquanto se aproximava, mantinha seus olhos baixos fixos no chão.

Quando já estava bem perto, dirigiu-se a mim sem me olhar. Ao primeiro tom de sua voz, eu me espantei. Era por isso que eu vinha esperando, esse seria o último teste do meu amor. E... ora! Sua dicção era precisa e clara, não estranha e incompleta como a do restante da família. E a voz, mais grave do que as mulheres costumam ter, era jovem e madura ao mesmo tempo. Ela falou num tom rico, um contralto dourado mesclado à rouquidão, como se fios vermelhos se entrelaçassem em suas tranças castanhas. Não era apenas uma voz que falava diretamente ao meu coração, ela me falava dela. Mas suas palavras me levaram ao desespero.

– Você vai embora – ela disse. – Hoje.

Sua atitude quebrou as amarras da minha fala. Senti-me livre de um peso, ou como se um encanto tivesse sido quebrado. Não sei com que palavras respondi, mas, de frente para ela no rochedo, derramei todo o ardor do meu amor, dizendo que vivia por ela, dormia apenas para sonhar com sua beleza e que renunciaria feliz ao meu país, à minha língua e aos meus amigos para viver para sempre ao seu lado. E então, recobrando minha consciência, mudei o tom. Tranquilei-a, confortei-a, lhe disse que percebia nela uma alma pia e heroica com a qual eu me identificava e da qual queria compartilhar e aliviar.

– Natureza – eu lhe disse – era a voz de Deus, que os homens desobedeceram perigosamente, e, se nos sentimos atraídos, oh!, mesmo que por um milagre do amor, isso indica uma adequação divina de nossas

almas. Fomos feitos – eu disse – um para o outro. Seríamos uns loucos – eu gritei –, loucos nos rebelando contra Deus, não obedecendo a esse instinto.

Ela balançou a cabeça.

– Você partirá hoje – repetiu. E então, com um gesto brusco e a voz rouca: – Não, hoje não – ela disse. – Amanhã!

Mas, a esse sinal de relaxamento, uma força me tomou como uma onda. Estiquei meus braços e chamei seu nome, ela pulou sobre mim e me abraçou. As montanhas vibraram por nossa causa, a terra tremeu, um choque, como uma rajada de vento, me penetrou e me deixou cego e tonto. E, no momento seguinte, ela me empurrou, desvencilhando-se rudemente dos meus braços, e fugiu com a velocidade de um cervo por entre os sobreiros.

Fiquei parado e gritei para as montanhas. Virei-me e segui em direção à residência, rodopiando no ar. Ela havia me mandado embora e, mesmo assim, bastou chamar seu nome e ela se agarrou a mim. Era uma fraqueza das mulheres e, mesmo ela, a mais estranha de seu sexo, não era uma exceção. Partir? Não eu, Olalla... Oh! Não eu, Olalla, minha Olalla! Um pássaro cantava por perto, e nessa época os pássaros eram raros. Ele me presenteou com um bom sinal. E mais uma vez todas as forças da natureza, desde as poderosas e estáveis montanhas até a mais leve folha e a mais diminuta mosca que voa pelas sombras dos bosques, começaram a girar ao meu redor, me dando vida e me trazendo uma grande alegria. O Sol se pôs por trás das montanhas, forte como um martelo na bigorna, e as colinas tremeram; a terra, sob aquela insolação vigorosa, exalou aromas inebriantes; as florestas arderam na fogueira. Senti a emoção da angústia e da felicidade correndo pela terra. Algo elementar, algo rude, violento e selvagem no amor que cantava em meu coração, era como uma chave para os segredos da natureza. As pedras que estavam sob os meus pés pareciam vivas e amigáveis. Olalla! Seu toque havia acelerado, renovado e me sensibilizado para o velho contato com a terra rochosa, para o crescimento

da alma que os homens aprendem a esquecer em suas vidas civilizadas. O amor ardia em mim como fúria, a ternura me derretia. Eu odiava, eu tinha pena, eu a reverenciava com êxtase. Ela parecia o elo que me ligava às coisas mortas, de um lado, e com a pureza e a piedade de Deus, de outro. Algo brutal e divino, similar às inocentes e descontroladas forças da terra.

Minha cabeça rodava quando entrei no pátio da residência e a visão da mãe me atingiu como uma revelação. Ela, sentada ali, preguiça e contentamento, piscando sob o sol forte, marcada pela alegria passiva, uma criatura distante ante a qual meu ardor se esvaiu como uma coisa vergonhosa. Parei um momento e, me controlando o melhor possível, pronunciei uma palavra ou duas. Ela me olhou com sua impenetrável benevolência, sua voz, em resposta, soou vagamente distante daquele reino de paz em que ela submergia, e passou pela minha mente pela primeira vez uma sensação de respeito por alguém tão invariavelmente inocente e feliz. E segui meu caminho pensando em como eu estava tão inquieto.

Em minha mesa havia um pedaço do mesmo papel amarelo que eu tinha visto no quarto norte. Fora escrito com um lápis pela mesma mão, a mão de Olalla, e o peguei com um súbito sinal de alarme, e o li.

“Se você tem algum sentimento por Olalla, se tem alguma consideração por uma criatura extremamente abatida, saia daqui hoje. Na piedade e na honra daquele que morreu na cruz, eu suplico que vá embora.”

Olhei por um tempo para aquilo sem saber o que pensar, então começaram a despertar em mim um cansaço e um horror pela vida. O sol escureceu lá fora nas montanhas, e comecei a tremer como um homem aterrorizado. Um vazio se abriu na minha vida. Não era meu coração, não era minha felicidade, era a vida como um todo. Eu não podia perdê-la. Eu disse e continuei repetindo. E então, como num sonho, fui em direção à janela, estendi a mão para abri-la e, sem querer, quebrei o vidro. O sangue jorrou de meu punho e, com calma e autocontrole, pressionei meu polegar

no ferimento, pensando no que fazer. Naquele quarto vazio não havia nada que me servisse. Percebi que precisava de ajuda. Passou pela minha cabeça uma esperança de que Olalla fosse o meu socorro. Virei-me e desci, ainda com o polegar na ferida.

Não havia sinal nem de Olalla nem de Felipe. Então me dirigi aos aposentos para onde a senhora já havia voltado. Ela estava sentada perto do fogo. Nenhum grau de calor parecia ser suficiente para ela.

– Perdoe-me – eu disse – se a incomodo, mas preciso de sua ajuda.

Ela me olhou sonolenta e me perguntou o que se passava. E, enquanto eu respondia, pareceu-me que ela respirava ofegante e que subitamente se enchia de vida.

– Eu me cortei – disse –, e muito feio. Veja! – E mostrei minhas duas mãos, de onde o sangue pingava.

Seus grandes olhos se dilataram, as pupilas se encolheram, uma veia pareceu pular em sua face deixando-a expressiva, mas ainda assim inescrutável. E, enquanto eu ainda estava em pé um pouco maravilhado com sua transformação, ela se aproximou rapidamente de mim, parou, pegou-me pela mão. No momento seguinte, minha mão estava em sua boca e ela havia me mordido até o osso. A dor da mordida, o súbito jorro de sangue, o horror do ato monstruoso, passaram por mim de uma só vez, e a empurrei para trás. E ela me atacou mais uma vez, e outra, com gritos bestiais, gritos que reconheci como os que me acordaram na noite da ventania. Sua força era a da loucura. E a minha força rapidamente se esvaía com a perda de sangue. Minha cabeça girava com a estranheza do abominável ataque, e eu já estava encurralado contra a parede quando Olalla chegou correndo, se colocando entre nós. E Felipe, com um salto, derrubou a mãe ao chão.

Um torpor de fraqueza tomou conta de mim. Eu via, ouvia e sentia, mas era incapaz de me mover. Ouvia a luta deles rolando pelo chão, aqueles gritos de gatos selvagens chegando aos céus, enquanto ela tentava me alcançar. Senti Olalla amparando-me em seus braços, seu cabelo

caindo em minha face. Com a força de um homem, ela me levantou e me arrastou escada acima até o meu quarto, me colocando na cama. Então, a vi correndo para a porta, trancando-a. Ficou por um instante ouvindo os gritos selvagens que faziam tremer a residência. E, rápida e leve como um pensamento, estava novamente ao meu lado, amarrando minha mão e levando-a ao peito, gemendo e lamentando como um arrulhar de pombos. Não eram palavras que saíam dela, eram sons mais belos do que versos, infinitamente emocionados, infinitamente ternos e, em meio à minha prostração, um pensamento cruzou meu coração, um pensamento me feriu como uma espada, um pensamento que, como um inseto em uma flor, profanou a santidade do meu amor. Sim, eram sons belos e inspirados pela ternura humana. Mas seria humana a sua beleza?

O dia todo fiquei repousando. Durante muito tempo os gritos proferidos por aquela fêmea inominável se debatendo com seu filho idiota ressoaram pela casa, penetrando em meu íntimo com tristeza e desgosto desesperados. Eram os gritos de morte do meu amor. Meu amor havia sido assassinado. Não fora apenas a morte, mas uma ofensa a mim; e ainda, pensando em como fui feliz, sentindo-me como deveria me sentir, permanecia inchado em mim como uma tempestade de doçura, e meu coração derreteu ao seu olhar e toque. Esse horror que havia me tomado, essa dúvida sobre Olalla, essa estirpe bestial e selvagem que percorria não apenas todo o comportamento de sua família, mas que havia encontrado um lugar nas fundações e na história de nosso amor. Embora me aterrorizasse, chocasse e enojasse, não me dava o poder de desatar o nó da minha paixão.

Quando os gritos cessaram, houve um arranhar na porta que reconheci ser de Felipe. Olalla falou com ele não sei o quê. Com isso, ela ficou perto de mim, ora ajoelhada ao lado de minha cama orando fervorosamente, ora sentada, seus olhos nos meus. Então, durante essas seis horas, bebi de sua beleza e silenciosamente examinei sua face. Vi a moeda dourada pendurada sobre seus seios. Vi seus olhos escurecerem e se iluminarem, e

ainda não falavam outra língua senão aquela de uma bondade incomensurável. Vi o rosto imaculado e, através do roupão, as linhas de seu corpo perfeito. Finalmente a noite chegou, e na escuridão crescente do aposento a imagem dela se esvaindo lentamente. O toque de sua mão suave permaneceu, e ela falou comigo. Prostrar-me assim em fraqueza mortal e beber nas qualidades do ser amado foi como acordar de novo, de um choque qualquer de desilusão, para o amor. Eu racionalizei comigo, fechei meus olhos para os horrores e mais uma vez me senti audaz para aceitar o pior. Que diferença faria se aquele imperioso sentimento sobrevivesse; se seus olhos ainda me acenavam e atraíam; se agora, assim como antes, cada fibra do meu corpo inerte desejava e se voltava para ela? Tarde da noite, alguma força reascendeu em mim, e eu falei:

– Olalla, nada importa. Não peço nada. Estou feliz. Eu amo você.

Ela se ajoelhou por um momento e orou, e eu sinceramente respeitei sua devoção. A Lua tinha começado a brilhar em um lado de cada uma das três janelas, deixando uma claridade nebulosa no quarto, pela qual eu a via indistintamente. Quando levantou, ela fez o sinal da cruz.

– Sou eu quem deve falar – ela disse –, e você deve ouvir. Sei que você não pode senão imaginar o que se passa. Rezei, o quanto rezei para que você deixasse este lugar. Implorei isso a você e sei que você teria me concedido até isso, ou, senão, prefiro pensar que sim!

– Eu amo você – disse.

– E pensar que você viveu no mundo – ela disse após uma pausa. – Você é um homem inteligente, e eu não passo de uma criança. Perdoe-me se pareço ensinar, alguém tão ignorante quanto as árvores da montanha, mas aqueles que aprenderam muito não passaram da superfície do conhecimento. Eles fazem as leis, concebem a dignidade do modelo – o horror do que de fato acontece se apaga de sua memória. Somos nós que temos de conviver com o demônio que, creio eu, jamais esquecemos. É como descobrimos tudo e só nos resta lamentar. Vá, então, vá agora, e me mantenha na sua lembrança. Assim, eu terei uma vida nos lugares

aconchegantes da sua memória. Uma vida que seja tão real como a que levo neste corpo.

– Eu amo você – repeti uma vez mais. E, levantando minha mão fraca, peguei a dela, trouxe-a até os meus lábios e a beijei. Ela não resistiu e tremeu um pouco. Pude ver seu olhar sobre mim, com uma seriedade que não era cruel, apenas triste e confusa. E parecia que ela desistira de sua resolução: puxou minha mão, inclinou-se para a frente e a colocou de forma que eu sentisse as batidas de seu coração.

– Aqui – ela disse – você sente o pulsar da minha vida. Bate apenas por você. É seu. Mas será que é meu? É meu, na verdade, para oferecê-lo a você, como eu posso tirar a moeda do meu pescoço, como eu posso quebrar um galho vivo de uma árvore e dá-lo a você. Mas ainda assim não é meu! Eu vivo, ou penso que vivo (se eu pelo menos existo), em algum lugar à parte, uma prisioneira impotente, carregada e atordoada por uma multidão que eu renego. Esta cápsula, tal como a palpitação nos animais, conhece seu mestre pelo toque. Ah! Ela ama você! Mas minha alma, minha alma? Acho que não. Eu sei que não, e temo perguntar. Quando você fala comigo, suas palavras são da alma, é da alma que você pede. E apenas pela alma você me tomaria.

– Olalla – eu disse –, a alma e o corpo são um só, principalmente no amor. O que o corpo escolhe, a alma ama; onde o corpo se prende, a alma decepa. Corpo por corpo, alma por alma. Eles se unem ao sinal de Deus, e a parte mais baixa (se podemos chamar assim) é apenas o suporte e a base do mais alto.

– Você viu – ela disse – os retratos dos meus antepassados na casa? Você observou bem minha mãe e Felipe? Seus olhos nunca se detiveram no quadro que está pendurado perto da sua cama? Ela, a que foi retratada, morreu há muito tempo, e fez muito mal em sua vida. Mas, olhe novamente, sua mão está reproduzida na minha, são meus olhos e meu cabelo. O que é meu, então, o que sou eu senão uma curva nesse pobre corpo (que você ama e pelo qual você apaixonadamente sonha que me

ama)? Não um gesto que eu possa emoldurar, não um tom de minha voz, não qualquer olhar meu, não, nem mesmo agora, no momento em que falo com aquele a quem amo, mas que pertenceu a outras? Outras, mortas há anos, que cortejaram homens com meus olhos; outros homens ouviram a persuasão da mesma voz que agora soa em seus ouvidos. As mãos dos mortos estão no meu peito, elas me movem, elas me fortificam, elas me guiam. Sou uma marionete, sou uma mera reencarnação das formas e dos atributos que foram deixados há muito tempo longe do mal, na quietude do túmulo. Sou eu quem você ama, meu amigo? Ou a raça que me forjou? A garota que não sabe e não pode responder pela menor porção de si? Ou a estirpe da qual ela é um turbilhão transitório, a árvore da qual ela é uma fruta efêmera? A raça existe. É velha, é sempre jovem, carrega seu eterno destino no peito. Acima disso, como as ondas do mar, indivíduo sucede indivíduo, esmaecido com um semblante de autocontrole, mas não são nada. Falamos de alma, mas a alma está na raça.

– Você se levanta novamente contra o senso comum – eu disse. – Você se rebela contra a voz de Deus, tão persuasiva, tão imperiosa. Ouça-a. E como ela fala entre nós! Sua mão segura a minha, seu coração dispara ao meu toque, os elementos desconhecidos dos quais somos compostos acordam e correm juntos a um olhar. O barro da terra relembra sua vida independente e anseia por juntar-se a nós. Estamos atraídos como as estrelas se atraem no espaço, ou como o vaivém das marés, por coisas mais antigas e maiores do que nós mesmos.

– Meu Deus! – ela disse. – O que posso dizer a você? Meus antepassados, oitocentos anos atrás, governavam esta província: eram inteligentes, grandes, astutos e cruéis. Uma raça seleta entre os espanhóis. Suas bandeiras tremulavam na guerra. O rei os chamava de primos. As pessoas, quando a corda lhes era pendurada, ou quando voltavam e encontravam suas casas incendiadas, blasfemavam contra seu nome. Agora, uma mudança começou. O homem se levantou: se ele ressurgiu dos brutos, pode descer novamente ao mesmo nível. A respiração de

cansaço soprou em sua humanidade e as cordas relaxaram. Começaram a decair; suas mentes adormeceram, suas paixões acordaram em rajadas inebriantes e sem sentido, como o vento nas fendas das montanhas. A beleza ainda prevalece, mas não mais a habilidade de orientar, nem o coração humano; a semente passou, foi ocultada na carne, a carne cobriu os ossos, mas eram os ossos e a carne dos brutos, e sua mente era de moscas. Falo com você como ousado, mas você já viu por si mesmo como a roda desandou na minha condenada raça. Estou como posso, em um pequeno solo que se levanta nessa descendência desesperada, e vejo um pouco mais atrás o que perdemos e ao que estamos condenados. E devo eu, que vivo à parte na casa dos mortos, meu corpo repugnando seus caminhos, devo repetir o feitiço? Devo ligar outro espírito relutante como o meu a este lugar condenado e furioso onde agora sofro? Devo legar esse amaldiçoado recipiente de humanidade, recarregá-lo com vida nova como com novo veneno e soltá-lo como um fogo para a posteridade? Mas meu voto foi feito. A raça deve ser banida da face da Terra. A essa hora meu irmão está se apressando; seu pé logo estará na escada, você irá com ele e sairá da minha vida para sempre. Pense em mim como alguém para quem a lição da vida foi cruelmente ensinada, mas que a aprendeu com coragem; alguém que realmente o amou, mas que se odiava tão profundamente que seu amor foi detestável para ela; como alguém que o mandou embora mas que gostaria de mantê-lo para sempre; alguém que não tem melhor esperança do que esquecê-lo, nem maior medo do que ser esquecida.

Ela se encaminhava em direção à porta enquanto falava, sua voz encorpada era mais suave e distante, e, com a última palavra, se foi. E eu fiquei só, envolto pela luz da Lua. O que eu deveria ter feito não fosse a minha extrema fraqueza, eu não sei, mas desceu sobre mim um enorme e vazio desespero. Não foi muito antes de brilhar à porta a luz de uma lanterna e Felipe chegar, me colocar em seus ombros sem uma palavra e me carregar até o enorme portão, onde a charrete esperava. Ao luar, as montanhas destacavam-se mais, como se fossem um cartão. Sobre a

superfície cintilante do platô, e por entre as árvores mais baixas que balançavam juntas e brilhavam ao sabor do vento, o grande cubo negro da residência realçava desajeitadamente sua massa apenas fragmentada por três janelas levemente iluminadas na face norte, acima do portão. Eram as janelas de Olalla e, à medida que a carroça seguia, sacudia pelo caminho. Mantive meus olhos fixos nela até que a estrada mergulhou no vale, e elas se perderam para sempre da minha vista. Felipe caminhava em silêncio ao lado da carroça, mas, de tempos em tempos, conferia a mula e olhava para mim. Pouco a pouco foi se aproximando e colocou a mão em minha cabeça. Havia tamanha ternura no toque, tamanha simplicidade, como dos brutos, que lágrimas saíram de mim como o sangue de uma artéria.

– Felipe – eu disse –, me leve para onde não me façam perguntas.

Ele não pronunciou palavra alguma, mas virou a mula e retornou por uma parte do caminho que já tínhamos percorrido. Entrando então por outra estrada, deixou-me num povoado da montanha que era, como diríamos na Escócia, um *kirkton*, a diocese daquele povoado esparso. Algumas vagas memórias daquele dia ficaram em minha mente: da carroça parando, dos braços que me ajudaram a descer, do quarto vazio para onde fui levado e do desfalecimento que se abateu sobre mim como um sono.

No dia seguinte e nos subsequentes, o velho padre esteve com frequência ao meu lado, com sua caixa de rapé e o livro de orações. Após um tempo, quando comecei a recuperar as energias, disse que eu agora estava me restabelecendo e que deveria, assim que possível, apressar minha partida. Sem me dar qualquer motivo, pegou sua caixa de rapé e me olhou de lado. Não fingi ignorância. Sabia que ele tinha visto Olalla.

– Senhor – eu disse –, sabe que não pergunto com malícia. O que é aquela família?

Ele disse que eram muito infelizes, que pareciam uma raça em declínio, que eram muito pobres e haviam sido abandonados.

– Mas não ela – repliquei. – Graças, sem dúvida, ao senhor, ela é instruída e sábia além do normal para as mulheres.

– Sim – ele respondeu –, a senhorita é bem informada. Mas a família foi abandonada.

– A mãe? – questionei.

– Sim, a mãe também – disse o padre, dando uma fungada. – Mas Felipe é um rapaz bem-intencionado.

– A mãe é estranha? – perguntei.

– Muito estranha – respondeu o sacerdote.

– Acho, senhor, que devemos deixar os rodeios de lado – eu disse. – O senhor conhece mais sobre minha situação do que aparenta. Deve saber que minha curiosidade se justifica em muitos níveis. Será franco comigo?

– Meu filho – começou o cavalheiro –, serei muito franco com você sobre os assuntos de minha competência. Naqueles sobre os quais nada sei, a melhor prudência é manter-me em silêncio. Não serei dissimulado com você, entendo perfeitamente o seu espanto. No entanto, o que posso dizer, além de que todos estamos nas mãos de Deus e que os caminhos d’Ele não são os nossos? Tenho me aconselhado com meus superiores na igreja, mas eles também silenciam. É um grande mistério.

– Ela é louca? – perguntei.

– Responderei de acordo com o que acredito. Ela não é louca – disse o padre –, ou não era. Quando era jovem, que Deus me ajude, pois temo ter sido negligente com essa ovelha selvagem, ela certamente era sã. E, ainda que não houvesse chegado a tais extremos, o mesmo traço já era perceptível. Foi um pouco antes dela, em seu pai, oh, e antes dele. E isso me inclinou, talvez, a pensar muito pouco no assunto. Mas essas coisas foram crescendo, não apenas individualmente, mas na raça.

– Quando jovem... – comecei. Minha voz falhou por um momento e foi apenas com um grande esforço que pude acrescentar: – ...ela era como Olalla?

– Não, por Deus, não! – exclamou o padre. – Deus me livre de que qualquer homem possa sequer imaginar isso de minha penitente favorita. Não, não. A senhorita (exceto por sua beleza, o que eu gostaria honestamente que ela a tivesse menos) não tem a menor semelhança com o que sua mãe foi quando tinha a mesma idade. Eu não suportaria que o senhor pensasse assim, embora, sabe Deus, talvez tivesse sido melhor.

Com isso, levantei-me na cama e abri meu coração para o velho, contando sobre o nosso amor e a decisão dela. Confessei meus próprios temores, minhas fantasias passageiras, mas dizendo-lhe que já haviam passado. Mas com algo mais do que uma submissão puramente formal, apelando ao seu julgamento.

Ele me ouviu muito pacientemente e sem surpresa. Quando terminei, ficou algum tempo em silêncio. Então começou:

– A Igreja... – e instantaneamente parou para se desculpar.

– Esqueci, meu filho, que você não é um cristão – ele disse. – E de fato, sobre uma questão tão incomum, até mesmo a Igreja pode dizer que nada decidiu. Mas você gostaria de minha opinião? A senhorita é, em relação a um assunto desse tipo, a melhor juíza. Eu aceitaria o seu julgamento.

Com isso, foi embora. E suas visitas não foram mais assíduas. Na verdade, quando comecei a andar novamente, ele parecia temer minha presença e evitar a minha companhia, não em desgosto, mas como um homem disposto a fugir do enigma da esfinge. Os aldeões também se afastavam de mim. Eram relutantes em serem meus guias pelas montanhas. Achei que me olhavam com desconfiança, e me certifiquei de que os mais supersticiosos se benziavam quando eu me aproximava. A princípio, creditei isso às minhas ideias hereges, mas pouco a pouco comecei a perceber que era por causa da minha estada na residência. Os homens desprezam as noções bárbaras dos camponeses, mas, ainda assim, eu tinha consciência da sombria nuvem que parecia cair e pairar sobre o meu amor. Não o consumia, mas não posso afirmar que aquilo detinha o meu ardor.

Alguns quilômetros a oeste do vilarejo havia uma abertura na serra pela qual a vista alcançava diretamente a residência. E lá se tornou o meu refúgio diário. Um bosque coroava o topo e, bem onde a trilha chegava ao seu limite, havia um platô rochoso, acima do qual elevava-se um crucifixo, com uma imagem de Cristo em tamanho natural e aparência ainda mais torturada do que o normal. Era o meu refúgio preferido. Dali, dia após dia, eu avistava o platô e a grande casa antiga. Podia ver Felipe, não maior do que uma mosca, indo de um lado para outro pelo jardim. Em determinadas ocasiões, a névoa atrapalhava minha visão, mas era logo dispersada pelos ventos da montanha. Às vezes, o vale descansava sob mim ao sol escaldante; noutras, tudo ficava escondido pela chuva. Esse posto distante, essas visões interrompidas do lugar onde minha vida havia mudado tão estranhamente, era adequado à indecisão do meu ânimo. Passava dias inteiros ali, ora cedendo às seduções do amor, ora dando ouvidos à prudência e, ao final, oscilando irresoluto entre os dois.

Um dia, enquanto estava sentado no meu ponto de observação, chegou por aquele caminho um camponês muito magro, enrolado em uma manta. Era um estrangeiro, certamente não conhecia a mim nem a minha reputação. Então, em vez de seguir caminho, aproximou-se e sentou-se ao meu lado. Logo iniciamos uma conversa. Entre outras coisas, ele me contou que havia sido muleteiro e, em anos passados, havia frequentado muito aquelas montanhas. Mais tarde, seguira o exército com suas mulas, conseguira ganhar dinheiro e agora, aposentado, vivia com sua família.

– Conhece aquela casa? – perguntei, finalmente, apontando para a residência, já que estava cansado de conversas que desviavam meus pensamentos de Olalla.

Ele olhou sombriamente para mim e se benzeu.

– Muito bem – disse. – Foi lá que um dos meus companheiros vendeu sua alma a satã. A Virgem nos proteja das tentações! Ele pagou o preço. Agora está ardendo nos quintos dos infernos!

Fui tomado por um temor. Não consegui dizer nada, e o homem recomeçou, falando para si:

– Sim – ele disse. – Oh, sim, eu a conheço. Passei por suas portas. Havia neve no caminho e o vento a levava. Certamente havia morte naquela noite nas montanhas, mas o pior estava junto à lareira. Eu o agarrei pelo braço, senhor, e o arrastei até o portão. Implorei, por tudo o que ele amava e respeitava, que viesse comigo. Ajoelhei-me perante ele na neve e pude ver que estava tocado com o meu apelo. E então ela apareceu na sacada e o chamou pelo nome. Ele se virou e lá estava ela, em pé, com um candeeiro na mão, chamando-o para voltar com um sorriso. Clamei bem alto por Deus e o agarrei com meus braços, mas ele se soltou e me deixou sozinho. Fez a sua escolha. Que Deus nos ajude. Eu rezei por ele, mas para quê? Existem pecados que nem mesmo o papa pode absolver.

– E o seu amigo – perguntei –, o que aconteceu com ele?

– Sabe Deus – disse o muleteiro. – Se for verdade o que ouvimos, seu paradeiro foi como seu pecado, algo de levantar os cabelos.

– Quer dizer que foi morto? – perguntei.

– Com certeza foi morto – respondeu o homem. – Mas como? Como? Só falar dessas coisas já é pecado.

– As pessoas daquela casa... – comecei.

Mas ele me interrompeu bruscamente.

– As pessoas? – gritou. – Que pessoas? Não existem nem homens nem mulheres naquela casa de satanás! O quê? Você está aqui há tanto tempo e nunca ouviu falar nisso?

E então ele colocou sua boca em meu ouvido e sussurrou como se as aves da montanha pudessem ouvir e ficar doentes de pavor.

O que me contou não era verdade, nem ao menos era original. Era de fato uma nova versão, alterada mais uma vez pela ignorância e pela superstição camponesas, de histórias quase tão antigas quanto a raça humana. Foi o moral que me assustou.

– Em tempos antigos – ele disse –, a Igreja teria queimado o ninho das serpentes, mas o braço da Igreja agora havia se encurtado.

Seu amigo Miguel ficou impune pelas mãos dos homens e foi deixado à mercê do pior julgamento de um ofensor de Deus. Isso estava errado e não devia ser mais assim. O padre estava muito velho, ele próprio havia sido enfeitado, mas os olhos de sua congregação estavam agora mais atentos ao perigo que todos ali corriam.

– E um dia, ah, não muito distante, a fumaça daquela casa deverá subir para o céu.

Ele me deixou, então, e eu estava tomado de horror. Que caminho seguir, eu não sabia: se alertar o padre ou levar essas terríveis notícias diretamente aos ameaçados habitantes da residência.

O destino decidiria por mim. Enquanto ainda estava hesitante, percebi a figura de uma mulher coberta por um véu andando pelo caminho e vindo em minha direção. Nenhum véu poderia enganar a minha perspicácia. Em cada linha, em cada movimento, reconheci Olalla. E, escondendo-me atrás da rocha, esperei que chegasse ao cume. Então, dei um passo à frente. Ela me reconheceu e parou, mas não falou nada. Eu também permaneci em silêncio. E continuamos por algum tempo encarando um ao outro com uma tristeza apaixonada.

– Pensei que você tinha ido embora – ela disse finalmente. – É tudo o que você pode fazer por mim: ir embora. Foi o que pedi a você. E ainda está aqui. Mas sabe que a cada dia se acumulam perigos de morte não apenas sobre sua cabeça, mas sobre as nossas? Rumores correm pelas montanhas. Dizem que você me ama, e as pessoas não vão tolerar isso.

Vi que ela já sabia do perigo que corria e fiquei feliz por isso.

– Olalla – eu disse –, estou pronto para ir hoje, agora, mas não sozinho.

Ela deu um passo para o lado e se ajoelhou perante o crucifixo para orar, e eu fiquei de pé olhando, ora para ela, ora para o objeto de sua adoração, ora para a figura viva da penitente, ora para o medonho e manchado semblante, as feridas pintadas e as costelas moldadas da

imagem. O silêncio só foi quebrado pelo pio de enormes pássaros que voavam em círculos, como se estivessem assustados ou alarmados. Então Olalla se ergueu, virou-se para mim, levantou o véu e, ainda se apoiando com uma mão no crucifixo, olhou-me com feições lívidas e tristes.

– Mantive minha mão na cruz – ela disse. – O padre diz que você não é cristão, mas olhe pelos meus olhos por um momento e contemple o rosto do homem crucificado. Somos todos, como Ele foi, herdeiros do pecado. Temos todos de suportar e expiar um passado que não é nosso. Existe em todos nós, e mesmo em mim, uma centelha de divino. Como Ele, temos de suportar mais um pouco até que a manhã retorne trazendo paz. Deixe-me seguir meu caminho sozinha. Assim, estarei menos solitária tendo Ele como amigo, que é o amigo de todos os aflitos. Dessa forma serei mais feliz, dando meu adeus à felicidade terrena e aceitando voluntariamente a tristeza como herança.

Olhei para o rosto do crucifixo e, embora não gostasse de imagens e desprezasse esse tipo de arte imitativa e gestual da qual aquela era um exemplo grosseiro, um vago sentimento da simbologia que aquilo implicava invadiu minha mente. O rosto olhava para mim com uma expressão de dor e morte, mas raios de glória o circundavam, e isso me fez lembrar que o sacrifício havia sido voluntário. Ele ficou lá coroando a rocha, assim como ainda está em tantas beiras de caminho alertando em vão aos passantes. Um emblema de tristes e nobres verdades: que o prazer não é um fim, mas um acidente; que a dor é a escolha dos magnânimos; que é melhor sofrer e fazer o bem. Virei-me e desci a montanha em silêncio. E, quando olhei para trás, pela última vez antes de entrar no bosque fechado, vi Olalla, ainda se apoiando no crucifixo.

† † †

AUTOR E OBRA

Robert Louis Stevenson nasceu na Escócia, em 1850, e morreu em 1894. Entre os seus trabalhos que se tornaram clássicos está *A Ilha do Tesouro* e *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde* (*O Médico e o Monstro*). Este último introduz no repertório do gótico romântico um ingrediente perturbador. Jekyll e Hyde, o médico e o monstro, são de fato a mesma pessoa – dividem a mesma alma. Fica assim denunciada – e de certa maneira até mesmo subvertida – toda a operação de transmutação do gênero gótico, que criou a metáfora do *monstro* (cujo ápice é *Drácula*, de Bram Stoker) para nos oferecer um reflexo do lado oculto (Hyde tem a mesma pronúncia de *hide*, que tanto pode ser couro, pele de animal, como esconder-se, ocultar-se) do ser humano, do leitor, de nós mesmos. Stevenson parece determinado a demolir as distâncias e os disfarces que nos impedem de nos reconhecer plenamente nas criaturas que nos horrorizam nas histórias góticas.

Olalla não é menos desafiante. A lindíssima moça, asilada numa mansão em ruínas (cenário predileto do gênero gótico) e bastante isolada, é dotada de fé, de bondade, de compaixão e até mesmo da capacidade de se apaixonar – e a tal ponto que abre mão do seu amado para salvá-lo, pois reconhece que seu amor significa, para ele, a perdição. Mas, no seu lado oculto, na sua alma, trata-se de uma predadora de seres humanos, de sangue, como sua mãe. Os nobres sentimentos não a redimem nem a curam. Pelo contrário, a ruína da família – e do sangue que corre nas veias em seus membros – é irreversível. Aliás, em suas variações, a ruína é também uma marca do gótico romântico, como a lamentar (ou insistir em recordar) o poder de corrosão do tempo nas tradições, na vida, no mundo, no espírito de todos.

Em *O Médico e o Monstro*, Dr. Jekyll desenvolveu uma dependência mórbida e letal em relação ao Sr. Hyde (ver *Góticos: Vampiros, múmias, fantasmas e outros astros da literatura de terror*); em “Olalla” a

fascinação pela estranheza e pela morbidez assume tons de paixão impossível. Ou quase irresistível.

Enfim, Olalla é um monstro com consciência humana, com bons propósitos, disposto a reprimir sua perversidade. Enfim, também, um monstro por quem o leitor pode se sentir humanamente atraído, até pelos retratos em palavras que descrevem a sua beleza espanhola, tão sensuais e sedutores. Facetas misteriosas do terror entram em jogo nesta história, até pela disposição obcecada do anônimo coprotagonista de se entregar a Olalla, mesmo conhecendo os ônus inevitáveis de sua paixão. É ela que não permite o sacrifício.

“Olalla” foi publicado pela primeira vez num anuário literário natalino (*The Court and Society Review*), em 1885. Dois anos depois, foi republicado numa antologia de contos de Stevenson, *The Merry Men and Other Tales and Fables*.

† † †

## NOTAS

1. Muleteiro: Tratador de mulas.



## *Um esqueleto*

*Machado de Assis*

### CAPÍTULO I

Eram dez ou doze rapazes. Falavam de artes, letras e política. Alguma anedota vinha de quando em quando temperar a seriedade da conversa. Deus me perdoe! parece que até se fizeram alguns trocadilhos.

O mar batia perto na praia solitária... estilo de meditação em prosa. Mas nenhum dos doze convivas fazia caso do mar. Da noite também não, que era feia e ameaçava chuva. É provável que se a chuva caísse ninguém desse por ela, tão entretidos estavam todos em discutir os diferentes sistemas políticos, os méritos de um artista ou de um escritor, ou simplesmente em rir de uma pilhéria intercalada a tempo.

Aconteceu no meio da noite que um dos convivas falou na beleza da língua alemã. Outro conviva concordou com o primeiro a respeito das vantagens dela, dizendo que a aprendera com o Dr. Belém.

– Não conheceram o Dr. Belém? – perguntou ele.

– Não, responderam todos.

– Era um homem extremamente singular. No tempo em que me ensinou alemão usava uma grande casaca que lhe chegava quase aos tornozelos e trazia na cabeça um chapéu de chile de abas extremamente largas.

– Devia ser pitoresco, observou um dos rapazes. Tinha instrução?

– Variadíssima. Compusera um romance, um livro de teologia e descobrira um planeta...

– Mas esse homem?

– Esse homem vivia em Minas. Veio à corte para imprimir os dois livros, mas não achou editor e preferiu rasgar os manuscritos. Quanto ao planeta comunicou a notícia à Academia das Ciências de Paris; lançou a carta no correio e esperou a resposta; a resposta não veio porque a carta foi parar a Goiás.

Um dos convivas sorriu maliciosamente para os outros, com ar de quem dizia que era muita desgraça junta. A atitude, porém, do narrador tirou-lhe o gosto do riso. Alberto (era o nome do narrador) tinha os olhos no chão, olhos melancólicos de quem se rememora com saudade de uma felicidade extinta. Efetivamente suspirou depois de algum tempo de muda e vaga contemplação, e continuou:

– Desculpem-me este silêncio, não me posso lembrar daquele homem sem que uma lágrima teime em rebentar-me dos olhos. Era um excêntrico, talvez não fosse, não era decerto um homem completamente bom; mas era meu amigo; não direi o único mas o maior que jamais tive na minha vida.

Como era natural, estas palavras de Alberto alteraram a disposição de espírito do auditório. O narrador ainda esteve silencioso alguns minutos. De repente sacudiu a cabeça como se expelisse lembranças importunas do passado, e disse:

– Para lhes mostrar a excentricidade do Dr. Belém, basta contar-lhes a história do esqueleto.

A palavra *esqueleto* aguçou a curiosidade dos convivas; um romancista aplicou o ouvido para não perder nada da narração; todos esperaram ansiosamente o esqueleto do Dr. Belém. Batia justamente meia-noite; a noite, como disse, era escura; o mar batia funebremente na praia. Estava-se em pleno Hoffmann.

Alberto começou a narração.

## CAPÍTULO II

O Dr. Belém era um homem alto e magro; tinha os cabelos grisalhos e caídos sobre os ombros; em repouso era reto como uma espingarda; quando andava curvava-se um pouco. Conquanto o seu olhar fosse muitas vezes meigo e bom, tinha lampejos sinistros, e às vezes, quando ele meditava, ficava com olhos como de defunto.

Representava ter sessenta anos, mas não tinha efetivamente mais de cinquenta. O estudo o abatera muito, e os desgostos também, segundo ele dizia, nas poucas vezes em que me falara do passado, e era eu a única pessoa com quem ele se comunicava a esse respeito. Podiam contar-se-lhe três ou quatro rugas pronunciadas na cara, cuja pele era fria como o mármore e branca como a de um morto.

Um dia, justamente no fim da minha lição, perguntei-lhe se nunca fora casado. O doutor sorriu sem olhar para mim. Não insisti na pergunta; arrependi-me até de lha ter feito.

– Fui casado, disse ele, depois de algum tempo, e daqui a três meses posso dizer outra vez: sou casado.

– Vai casar?

– Vou.

– Com quem?

– Com a D. Marcelina.

D. Marcelina era uma viúva de Ouro Preto, senhora de vinte e seis anos, não formosa, mas assaz simpática, possuía alguma cousa, mas não tanto como o doutor, cujos bens orçavam por uns sessenta contos.

Não me constava até então que ele fosse casar; ninguém falara nem suspeitara tal cousa.

– Vou casar, continuou o Doutor, unicamente porque o senhor me falou nisso. Até cinco minutos antes nenhuma intenção tinha de semelhante ato. Mas a sua pergunta faz-me lembrar que eu efetivamente preciso de

uma companheira; lancei os olhos da memória a todas as noivas possíveis, e nenhuma me parece mais possível do que essa. Daqui a três meses assistirá ao nosso casamento. Promete?

– Prometo, respondi eu com um riso incrédulo.

– Não será uma formosura.

– Mas é muito simpática, decerto, acudi eu.

– Simpática, educada e viúva. Minha ideia é que todos os homens deviam casar com senhoras viúvas.

– Quem casaria então com as donzelas?

– Os que não fossem homens, respondeu o velho, como o senhor e a maioria do gênero humano; mas os homens, as criaturas da minha têmpera, mas...

O doutor estacou, como se receasse entrar em maiores confidências, e tornou a falar da viúva Marcelina cujas boas qualidades louvou com entusiasmo.

– Não é tão bonita como a minha primeira esposa, disse ele. Ah! essa... Nunca a viu?

– Nunca.

– É impossível.

– É a verdade. Já o conheci viúvo, creio eu.

– Bem; mas eu nunca lha mostrei. Ande vê-la...

Levantou-se; levantei-me também. Estávamos assentados à porta; ele levou-me a um gabinete interior. Confesso que ia ao mesmo tempo curioso e aterrado. Conquanto eu fosse amigo dele e tivesse provas de que ele era meu amigo, tanto medo inspirava ele ao povo, e era efetivamente tão singular, que eu não podia esquivar-me a um tal ou qual sentimento de medo.

No fundo do gabinete havia um móvel coberto com um pano verde; o doutor tirou o pano e eu dei um grito.

Era um armário de vidro, tendo dentro um esqueleto. Ainda hoje, apesar dos anos que lá vão, e da mudança que fez o meu espírito, não

posso lembrar-me daquela cena sem terror.

– É minha mulher, disse o Dr. Belém sorrindo. É bonita, não lhe parece? Está na espinha, como vê. De tanta beleza, de tanta graça, de tanta maravilha que me encantaram outrora, que a tantos mais encantaram, que lhe resta hoje? Veja, meu jovem amigo; tal é última expressão do gênero humano.

Dizendo isto, o Dr. Belém cobriu o armário com o pano e saímos do gabinete. Eu não sabia o que havia de dizer, tão impressionado me deixara aquele espetáculo.

Vimos outra vez para as nossas cadeiras ao pé da porta, e algum tempo estivemos sem dizer palavra um ao outro. O doutor olhava para o chão; eu olhava para ele. Tremiam-lhe os lábios, e a face de quando em quando se lhe contraía. Um escravo veio falar-lhe; o doutor saiu daquela espécie de letargo.

Quando ficamos sós parecia outro; falou-me risonho e jovial, com uma volubilidade que não estava nos seus usos.

– Ora bem, se eu for feliz no casamento, disse ele, ao senhor o deverei. Foi o senhor quem me deu esta ideia! E fez bem, porque até já me sinto mais rapaz. Que lhe parece este noivo?

Dizendo isto, o Dr. Belém levantou-se e fez uma pirueta, segurando nas abas da casaca, que nunca deixava, salvo quando se recolhia de noite.

– Parece-lhe capaz o noivo? disse ele.

– Sem dúvida, respondi.

– Também ela há de pensar assim. Verá, meu amigo, que eu meterei tudo num chinelo, e mais de um invejará a minha sorte. É pouco; mais de uma invejará a sorte dela. Pudera não? Não há muitos noivos como eu.

Eu não dizia nada, e o doutor continuou a falar assim durante vinte minutos. A tarde caíra de todo; e a ideia da noite e do esqueleto que ali estava a poucos passos de nós, e mais ainda as maneiras singulares que nesse dia, mais do que nos outros, mostrava o meu bom mestre, tudo isso me levou a despedir-me dele e a retirar-me para casa.

O doutor sorriu-se com o sorriso sinistro que às vezes tinha, mas não insistiu para que ficasse. Fui para casa aturdido e triste; aturdido com o que vira; triste com a responsabilidade que o doutor atirava sobre mim relativamente ao seu casamento.

Entretanto, refleti que a palavra do doutor podia não ter pronta nem remota realização. Talvez não se case nunca, nem até pense nisso. Que certeza teria ele de desposar a viúva Marcelina daí a três meses? Quem sabe até, pensei eu, se não disse aquilo para zombar comigo?

Esta ideia enterrou-se-me no espírito. No dia seguinte levantei-me convencido de que efetivamente o doutor quisera matar o tempo e juntamente aproveitar a ocasião de me mostrar o esqueleto da mulher.

Naturalmente, disse eu consigo, amou-a muito, e por esse motivo ainda a conserva. É claro que não se casará com outra; nem achará quem case com ele, tão aceita anda a superstição popular que o tem por lobisOMEM ou quando menos amigo íntimo do diabo... ele! o meu bom e compassivo mestre!

Com estas ideias fui logo de manhã à casa do Dr. Belém. Achei-o a almoçar sozinho, como sempre, servido por um escravo da mesma idade.

– Entre, Alberto, disse o doutor, apenas me viu à porta. Quer almoçar?

– Aceito.

– João, um prato.

Almoçamos alegremente; o doutor estava como me parecia na maior parte das vezes, conversando de cousas sérias ou frívolas, misturando uma reflexão filosófica com uma pilhéria, uma anedota de rapaz com uma citação de Virgílio.

No fim do almoço tornou a falar do seu casamento.

– Mas então pensa nisso deveras?... perguntei eu.

– Por que não? Não depende senão dela; mas eu estou quase certo de que ela não recusa. Apresenta-me lá?

– Às suas ordens.

No dia seguinte era apresentado o Dr. Belém em casa da viúva Marcelina e recebido com muita afabilidade.

“Casar-se-á de veras com ela?” dizia eu a mim mesmo espantado do que via, porque, além da diferença da idade entre ele e ela, e das maneiras excêntricas dele, havia um pretendente à mão da bela viúva, o Tenente Soares.

Nem a viúva nem o tenente imaginavam as intenções do Dr. Belém; daqui podem já imaginar o pasmo de D. Marcelina quando ao cabo de oito dias, perguntou-lhe o meu mestre, se ela queria casar com ele.

– Nem com o senhor nem com outro, disse a viúva; fiz voto de não casar mais.

– Por quê?, perguntou friamente o doutor.

– Porque amava muito a meu marido.

– Não tolhe isso que ame o segundo, observou o candidato sorrindo.

E depois de algum tempo de silêncio:

– Não insisto, disse ele, nem faço aqui uma cena dramática. Eu amo-a de veras, mas é um amor de filósofo, um amor como eu entendo que deviam ser todos. Entretanto deixe-me ter esperança; pedir-lhe-ei mais duas vezes a sua mão. Se da última nada alcançar consinta-me que fique sendo seu amigo.

### CAPÍTULO III

O Dr. Belém foi fiel a este programa. Dali a mês pediu outra vez a mão da viúva, e teve a mesma recusa, mas talvez menos peremptória do que a primeira. Deixou passar seis semanas, e repetiu o pedido.

– Aceitou?, disse eu apenas o vi vir da casa de D. Marcelina.

– Por que havia de recusar? Eu não lhe disse que me casava dentro de três meses?

– Mas então o senhor é um adivinho, um mágico?...

O doutor deu uma gargalhada, das que ele guardava para quando queria motejar de alguém ou de alguma cousa. Naquela ocasião o motejado era eu. Parece que não fiz boa cara porque o doutor imediatamente ficou sério e abraçou-me dizendo:

– Oh! meu amigo, não desconfie! Conhece-me de hoje?

A ternura com que ele me disse estas palavras tornava-o outro homem. Já não tinha os tons sinistros do olhar nem a fala *saccadée* (vá o termo francês, não me ocorre agora o nosso) que era a sua fala característica. Abracei-o também, e falamos do casamento e da noiva.

O doutor estava alegre; apertava-me muitas vezes as mãos agradecendo-me a ideia que lhe dera; fazia seus planos de futuro. Tinha ideias de vir à corte, logo depois do casamento; aventurou a ideia de seguir para a Europa; mas apenas parecia assentado nisto, já pensava em não sair de Minas, e morrer ali, dizia ele, entre as suas montanhas.

– Já vejo que está perfeitamente noivo, disse eu; tem todos os traços característicos de um homem nas vésperas de casar.

– Parece-lhe?

– E é.

– De fato, gosto da noiva, disse ele com ar sério; é possível que eu morra antes dela; mas o mais provável é que ela morra primeiro. Nesse caso, juro desde já que irá o seu esqueleto fazer companhia ao outro.

A ideia do esqueleto fez-me estremecer. O doutor, ao dizer estas palavras, cravara os olhos no chão, profundamente absorto. Daí em diante a conversa foi menos alegre do que a princípio. Saí de lá desagradavelmente impressionado.

O casamento dentro de pouco tempo foi realidade. Ninguém queria acreditar nos seus olhos. Todos admiraram a coragem (era a palavra que diziam) da viúva Marcelina, que não recuava àquele grande sacrifício.

Sacrifício não era. A moça parecia contente e feliz. Os parabéns que lhe davam eram irônicos, mas ela os recebia com muito gosto e seriedade. O Tenente Soares não lhe deu os parabéns; estava furioso; escreveu-lhe um

bilhete em que lhe dizia todas as cousas que em tais circunstâncias se podem dizer.

O casamento foi celebrado pouco depois do prazo que o Dr. Belém marcara na conversa que tivera comigo e que eu já referi. Foi um verdadeiro acontecimento na capital de Minas. Durante oito dias não se falava senão no *caso impossível*; afinal, passou a novidade, como todas as cousas deste mundo, e ninguém mais tratou dos noivos.

Fui jantar com eles no fim de uma semana; D. Marcelina parecia mais que nunca feliz; o Dr. Belém não o estava menos. Até parecia outro. A mulher começava a influir nele, sendo já uma das primeiras consequências a supressão da singular casaca. O doutor consentiu em vestir-se menos excentricamente.

– Veste-me como quiseres, dizia ele à mulher; o que não poderás fazer nunca é mudar-me a alma. Isso nunca.

– Nem quero.

– Nem podes.

Parecia que os dois estavam destinados a gozar uma eterna felicidade. No fim de um mês fui lá, e achei-a triste.

“Oh! disse eu comigo, cedo começam os arrufos.”

O doutor estava como sempre. Líamos então e comentávamos à nossa maneira o *Fausto*. Nesse dia pareceu-me o Dr. Belém mais perspicaz e engenhoso que nunca. Notei, entretanto, uma singular pretensão: um desejo de se parecer com Mefistófeles.

Aqui confesso que não pude deixar de rir.

– Doutor, disse eu, creio que o senhor abusa da amizade que lhe tenho para zombar comigo.

– Sim?

– Aproveita-se da opinião de excêntrico para me fazer crer que é o diabo...

Ouvindo esta última palavra, o doutor persignou-se todo, e foi a melhor afirmativa que me poderia fazer de que não ambicionava

confundir-se com o personagem aludido. Sorriu-se depois benevolmente, tomou uma pitada e disse:

– Ilude-se meu amigo, quando me atribui semelhante ideia, do mesmo modo que se engana quando supõe que Mefistófeles é isso que diz.

– Essa agora!...

– Noutra ocasião lhe direi as minhas razões. Por agora vamos jantar.

– Obrigado. Devo ir jantar com meu cunhado. Mas, se me permite ficarei ainda algum tempo aqui lendo o seu *Fausto*.

O doutor não pôs objeção; eu era íntimo da casa. Saiu dali para a sala do jantar. Li ainda durante vinte minutos, findos os quais fechei o livro e fui despedir-me do Dr. Belém e sua senhora.

Caminhei por um corredor fora que ia ter à sala do jantar. Ouvia mover os pratos, mas nenhuma palavra soltavam os dois casados.

“O arrufo continua”, pensei eu.

Fui andando... Mas qual não foi a minha surpresa ao chegar à porta? O doutor estava de costas, não me podia ver. A mulher tinha os olhos no prato. Entre ele e ela, sentado numa cadeira vi o esqueleto. Estaquei aterrado e trêmulo. Que queria dizer aquilo? Perdia-me em conjeturas; cheguei a dar um passo para falar ao doutor, mas não me atrevi; voltei pelo mesmo caminho, peguei no chapéu, e deitei a correr pela rua fora.

Em casa de meu cunhado todos notaram os sinais de temor que eu ainda levava no rosto. Perguntaram-me se havia visto alguma alma do outro mundo. Respondi sorrindo que sim; mas nada contei do que acabava de presenciar.

Durante três dias não fui à casa do doutor. Era medo, não do esqueleto, mas do dono da casa, que se me afigurava ser um homem mau ou um homem doudo. Todavia, ardia por saber a razão da presença do esqueleto na mesa do jantar. D. Marcelina podia dizer-me tudo; mas como indagaria isso dela, se o doutor estava quase sempre em casa?

No terceiro dia apareceu-me em casa o Doutor Belém.

– Três dias! disse ele, há já três dias que eu não tenho a fortuna de o ver. Onde anda? Está mal conosco?

– Tenho andado doente, respondi eu, sem saber o que dizia.

– E não me mandou dizer nada, ingrato! Já não é meu amigo.

A doçura destas palavras dissipou os meus escrúpulos. Era singular como aquele homem, que por certos hábitos, maneiras e ideias, e até pela expressão física, assustava a muita gente e dava azo às fantasias da superstição popular, era singular, repito, como me falava às vezes com uma meiguice incomparável e um tom patriarcalmente benévolo.

Conversamos um pouco e fui obrigado a acompanhá-lo à casa. A mulher ainda me pareceu triste, mas um pouco menos que da outra vez. Ele tratava-a com muita ternura e consideração, e ela se não respondia alegre, ao menos falava com igual meiguice.

#### CAPÍTULO IV

No meio da conversa vieram dizer que o jantar estava na mesa.

– Agora há de jantar conosco, disse ele.

– Não posso, balbuciei eu, devo ir..

– Não deve ir a nenhuma parte, atalhou o doutor; parece-me que quer fugir de mim. Marcelina, pede ao Dr. Alberto que jante conosco.

D. Marcelina repetiu o pedido do marido, mas com um ar de constrangimento visível. Ia recusar de novo, mas o doutor teve a precaução de me agarrar no braço e foi impossível recusar.

– Deixe-me ao menos dar o braço a sua senhora, disse eu.

– Pois não.

Dei o braço a D. Marcelina que estremeceu. O doutor passou adiante. Eu inclinei a boca ao ouvido da pobre senhora e disse baixinho:

– Que mistério há?

D. Marcelina estremeceu outra vez e com um sinal impôs-me silêncio.

Chegamos à sala de jantar.

Apesar de já ter presenciado a cena do outro dia não pude resistir à impressão que me causou a vista do esqueleto que lá estava na cadeira em que o vira com os braços sobre a mesa.

Era horrível.

– Já lhe apresentei minha primeira mulher, disse o doutor para mim; são conhecidos antigos.

Sentamo-nos à mesa; o esqueleto ficou entre ele e D. Marcelina; eu fiquei ao lado desta. Até então não pude dizer palavra; era porém natural que exprimisse o meu espanto.

– Doutor, disse eu, respeito os seus hábitos; mas não me dará a explicação deste?

– Este qual? disse ele.

Com um gesto indiquei-lhe o esqueleto.

– Ah!... respondeu o doutor; um hábito natural; janto com minhas duas mulheres.

– Confesse ao menos que é um uso original.

– Queria que eu copiasse os outros?

– Não, mas a piedade com os mortos...

Atrevi-me a falar assim porque, além de me parecer aquilo uma profanação, a melancolia da mulher parecia pedir que alguém falasse duramente ao marido e procurasse trazê-lo a melhor caminho.

O doutor deu uma das suas singulares gargalhadas, e estendendo-me o prato de sopa, replicou:

– O senhor fala de uma piedade de convenção; eu sou pio à minha maneira. Não é respeitar uma criatura que amamos em vida, o trazê-la assim conosco, depois de morta?

Não respondi coisa nenhuma a estas palavras do doutor. Comi silenciosamente a sopa, e o mesmo fez a mulher, enquanto ele continuou a desenvolver as suas ideias a respeito dos mortos.

– O medo dos mortos, disse ele, não é só uma fraqueza, é um insulto, uma perversidade do coração. Pela minha parte dou-me melhor com os

defuntos do que com os vivos.

E depois de um silêncio:

– Confesse, confesse que está com medo.

Fiz-lhe um sinal negativo com a cabeça.

– É medo, é, como esta senhora que está ali transida de susto, porque ambos são dois maricas. Que há entretanto neste esqueleto que possa meter medo? Não lhes digo que seja bonito; não é bonito segundo a vida, mas é formosíssimo segundo a morte. Lembrem-se que isto somos nós também; nós temos de mais um pouco de carne.

– Só? perguntei eu intencionalmente.

O doutor sorriu-se e respondeu:

– Só.

Parece que fiz um gesto de aborrecimento, porque ele continuou logo:

– Não tome ao pé da letra o que lhe disse. Eu também creio na alma; não creio só, demonstro-a, o que não é para todos. Mas a alma foi-se embora; não podemos retê-la; guardemos isto ao menos que é uma parte da pessoa amada.

Ao terminar estas palavras, o doutor beijou respeitosamente a mão do esqueleto. Estremeci e olhei para D. Marcelina. Esta fechara os olhos. Eu estava ansioso por terminar aquela cena que realmente me repugnava presenciar. O doutor não parecia reparar em nada. Continuou a falar no mesmo assunto, e por mais esforços que eu fizesse para o desviar dele era impossível.

Estávamos à sobremesa quando o doutor, interrompendo um silêncio que durava já havia dez minutos perguntou:

– E segundo me parece, ainda lhe não contei a história deste esqueleto, quero dizer a história de minha mulher?

– Não me lembra, murmurei.

– E a ti? disse ele voltando-se para a mulher.

– Já.

– Foi um crime, continuou ele.

- Um crime?
- Cometido por mim.
- Pelo senhor?
- É verdade.

O doutor concluiu um pedaço de queijo, bebeu o resto do vinho que tinha no copo, e repetiu:

– É verdade, um crime de que fui autor. Minha mulher era muito amada de seu marido; não admira, eu sou todo coração. Um dia porém, suspeitei que me houvesse traído; vieram dizer-me que um moço da vizinhança era seu amante. Algumas aparências me enganaram. Um dia declarei-lhe que sabia tudo, e que ia puni-la do que me havia feito. Luísa caiu-me aos pés banhada em lágrimas protestando pela sua inocência. Eu estava cego; matei-a.

Imagina-se, não se descreve a impressão de horror que estas palavras me causaram. Os cabelos ficaram-me em pé. Olhei para aquele homem, para o esqueleto, para a senhora, e passava a mão pela testa para ver se efetivamente estava acordado, ou se aquilo era apenas um sonho.

O doutor tinha os olhos fitos no esqueleto e uma lágrima lhe caía lentamente pela face. Estivemos todos calados durante cerca de dez minutos.

O doutor rompeu o silêncio.

– Tempos depois, quando o crime estava de há muito cometido, sem que a justiça o soubesse, descobri que Luísa era inocente. A dor que então sofri foi indescritível; eu tinha sido o algoz de um anjo.

Estas palavras foram ditas com tal amargura que me comoveram profundamente. Era claro que ainda então, após longos anos do terrível acontecimento, o doutor sentia o remorso do que praticara e a mágoa de ter perdido a esposa.

A própria Marcelina parecia comovida. Mas a comoção dela era também medo; segundo vim a saber depois, ela receava que no marido não estivessem íntegras as faculdades mentais.

Era um engano.

O doutor era, sim, um homem singular e excêntrico; doudo lhe chamavam os que, por se pretenderem mais espertos que o vulgo, repeliam os contos da superstição.

Estivemos calados algum tempo e dessa vez foi ainda ele que interrompeu o silêncio.

– Não lhes direi como obtive o esqueleto de minha mulher. Aqui o tenho e o conservarei até à minha morte. Agora naturalmente deseja saber por que motivo o trago para a mesa depois que me casei.

Não respondi com os lábios, mas os meus olhos disseram-lhe que efetivamente desejava saber a explicação daquele mistério.

– É simples, continuou ele; é para que minha segunda mulher esteja sempre ao pé da minha vítima, a fim de que se não esqueça nunca dos seus deveres, porque, então como sempre, é mui provável que eu não procure apurar a verdade; farei justiça por minhas mãos.

Esta última revelação do doutor pôs termo à minha paciência. Não sei o que lhe disse, mas lembra-me que ele ouviu-me com o sorriso benévolo que tinha às vezes, e respondeu-me com esta simples palavra:

– Criança!

Saí pouco depois do jantar, resolvido a lá não voltar nunca.

## CAPÍTULO V

A promessa não foi cumprida.

Mais de uma vez o Doutor Belém mandou à casa chamar-me; não fui. Veio duas ou três vezes instar comigo que lá fosse jantar com ele.

– Ou, pelo menos, conversar, concluiu.

Pretextei alguma cousa e não fui.

Um dia porém, recebi um bilhete da mulher. Dizia-me que era eu a única pessoa estranha que lá ia; pedia-me que não a abandonasse.

Fui.

Eram então passados quinze dias depois do célebre jantar em que o doutor me referiu a história do esqueleto. A situação entre os dois era a mesma; aparente afabilidade da parte dela, mas na realidade medo. O doutor mostrava-se afável e terno, como sempre o vira com ela.

Justamente nesse dia, anunciou-me ele que pretendia ir a uma jornada dali a algumas léguas.

– Mas vou só, disse ele, e desejo que o senhor me faça companhia a minha mulher vindo aqui algumas vezes.

Recusei.

– Por quê?

– Doutor, por que razão, sem urgente necessidade, daremos pasto às más línguas? Que se dirá...

– Tem razão, atalhou ele; ao menos, faça-me uma cousa.

– O quê?

– Faça com que em casa de sua irmã possa Marcelina ir passar as poucas semanas de minha ausência.

– Isso com muito gosto.

Minha irmã concordou em receber a mulher do Dr. Belém, que daí a pouco saía da capital para o interior. Sua despedida foi terna e amigável para com ambos nós, a mulher e eu; fomos os dois, e mais minha irmã e meu cunhado acompanhá-lo até certa distância, e voltamos para casa.

Pude então conversar com D. Marcelina, que me comunicou os seus receios a respeito da razão do marido. Dissuadi-a disso; já disse qual era a minha opinião a respeito do Dr. Belém.

Ela referiu-me então que a narração da morte da mulher já ele lha havia feito, prometendo-lhe igual sorte no caso de faltar aos seus deveres.

– Nem as aparências te salvarão, acrescentou ele.

Disse-me mais que era seu costume beijar repetidas vezes o esqueleto da primeira mulher e dirigir-lhe muitas palavras de ternura e amor. Uma noite, estando a sonhar com ela, levantou-se da cama e foi abraçar o esqueleto pedindo-lhe perdão.

Em nossa casa todos eram de opinião que D. Marcelina não voltasse mais para a companhia do Dr. Belém. Eu era de opinião oposta.

– Ele é bom, dizia eu, apesar de tudo; tem extravagâncias, mas é um bom coração.

No fim de um mês recebemos uma carta do doutor, em que dizia à mulher fosse ter ao lugar onde ele se achava, e que eu fizesse o favor de a acompanhar.

Recusei ir só com ela.

Minha irmã e meu cunhado ofereceram-se porém para acompanhá-la.

Fomos todos.

Havia entretanto uma recomendação na carta do doutor, recomendação essencial; ordenava ele à mulher que levasse consigo o esqueleto.

– Que esquisitice nova é essa? disse meu cunhado.

– Há de ver, suspirou melancolicamente D. Marcelina, que o único motivo desta minha viagem, são as saudades que ele tem do esqueleto.

Eu nada disse, mas pensei que assim fosse.

Saímos todos em demanda do lugar onde nos esperava o doutor.

Íamos já perto, quando ele nos apareceu e veio alegremente cumprimentar-nos. Notei que não tinha a ternura de costume com a mulher, antes me pareceu frio. Mas isso foi obra de pouco tempo; daí a uma hora voltara a ser o que sempre fora.

Passamos dois dias na pequena vila em que o doutor estava, dizia ele, para examinar umas plantas, porque também era botânico. Ao fim de dois dias dispúnhamos a voltar para a capital; ele porém pediu que nos demorássemos ainda vinte e quatro horas e voltaríamos todos juntos.

Acedemos.

No dia seguinte de manhã convidou a mulher a ir ver umas lindas parasitas no mato que ficava perto. A mulher estremeceu, mas não ousou recusar.

– Vem também? disse ele.

– Vou, respondi.

A mulher cobrou alma nova e deitou-me um olhar de agradecimento. O doutor sorriu à socapa. Não compreendi logo o motivo do riso; mas daí a pouco tempo tinha a explicação.

Fomos ver as parasitas, ele adiante com a mulher, eu atrás de ambos, e todos três silenciosos.

Não tardou que um riacho aparecesse aos nossos olhos; mas eu mal pude ver o riacho; o que eu vi, o que me fez recuar um passo, foi um esqueleto.

Dei um grito.

– Um esqueleto! exclamou D. Marcelina.

– Descansem, disse o doutor, é o de minha primeira mulher.

– Mas...

– Trouxe-o esta madrugada para aqui.

Nenhum de nós compreendia nada.

O doutor sentou-se numa pedra.

– Alberto, disse ele, e tu, Marcelina. Outro crime devia ser cometido nesta ocasião; mas tanto te amo, Alberto, tanto te amei, Marcelina, que eu prefiro deixar de cumprir a minha promessa...

La interrompê-lo; mas ele não me deu ocasião.

– Vocês amam-se, disse ele.

Marcelina deu um grito; eu ia protestar.

– Amam-se que eu sei, continuou friamente o doutor; não importa! É natural. Quem amaria um velho estúrdio como eu? Paciência. Amem-se; eu só fui amado uma vez; foi por esta.

Dizendo isto abraçou-se ao esqueleto.

– Doutor, pense no que está dizendo...

– Já pensei...

– Mas esta senhora é inocente. Não vê aquelas lágrimas?

– Conheço essas lágrimas; lágrimas não são argumentos. Amam-se, que eu sei; desejo que sejam felizes, porque eu fui e sou teu amigo, Alberto. Não merecia certamente isso...

– Oh! meu amigo, interrompi eu, veja bem o que está dizendo; já uma vez foi levado a cometer um crime por suspeitas que depois soube serem infundadas. Ainda hoje padece o remorso do que então fez. Reflita, veja bem se eu posso tolerar semelhante calúnia.

Ele encolheu os ombros, meteu a mão no bolso, e tirou um papel e deu-mo a ler. Era uma carta anônima; soube depois que fora escrita pelo Soares.

– Isto é indigno! clamei.

– Talvez, murmurou ele.

E depois de um silêncio:

– Em todo o caso, minha resolução está assentada, disse o doutor. Quero fazê-los felizes, e só tenho um meio: é deixá-los. Vou com a mulher que sempre me amou. Adeus!

O doutor abraçou o esqueleto e afastou-se de nós. Corri atrás dele; gritei; tudo foi inútil; ele metera-se no mato rapidamente, e demais a mulher ficara desmaiada no chão.

Vim socorrê-la; chamei gente. Daí a uma hora, a pobre moça, viúva sem o ser, lavava-se em lágrimas de aflição.

## CAPÍTULO VI

Alberto acabara a história.

– Mas é um doudo esse teu Dr. Belém! exclamou um dos convivas rompendo o silêncio de terror em que ficara o auditório.

– Ele doudo? disse Alberto. Um doudo seria efetivamente se porventura esse homem tivesse existido. Mas o Dr. Belém não existiu nunca, eu quis apenas fazer apetite para tomar chá. Mandem vir o chá.

É inútil dizer o efeito desta declaração.

## AUTOR E OBRA

Apesar do final, que aparentemente faz o leitor retornar ao mundo familiar cotidiano, a estranheza deste conto de Machado de Assis não se perde. Um final reconciliador, mas um conto que até ali seguia o caminho da exploração do inusitado, da morbidade incutida no ser humano... Ou talvez num ser humano peculiar, esse Dr. Belém. Ora, o logro que o autor lança nas últimas linhas do conto contra seus leitores pode ser mais sutil do que aparenta à primeira vista. Afinal, que discussão mais sem sentido, essa, se teria ou não existido um *personagem de ficção*?

Esses ingredientes, mesmo aqui temperados com o corrosivo humor machadiano, são típicos do gótico romântico. No entanto, tantas são as sutilezas da literatura de Machado de Assis, tão profusas as combinações de características de diferentes escolas e estilos de época, que é perda de tempo tentar encaixá-lo numa vertente em particular, ou seja, num gênero literário. Já o seu *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a narrativa de um defunto que se levanta da tumba para nos propiciar sua autobiografia, apesar da evidente (e original) utilização de elementos do *terror*, tem uma personalidade literária própria, acima de qualquer classificação. “Um esqueleto” guarda essa mesma mistura da melancolia com a galhofa; e o Dr. Belém, como Brás Cubas, apesar de algum tom caricatural utilizado na composição do personagem, é alguém condenado a não se refazer: ambos perdem a vida, seja por tê-la desperdiçado, seja por não conseguir se separar da esposa morta – tornada presente por meio de seu esqueleto, de seus *restos* –, e a ruína física é não só uma *mania* especial do Romantismo, como também uma obsessão do gótico.

Ora, enterrar os mortos, deixá-los *ir*, é um dilema crucial da vida.

“Um esqueleto” é de 1875. Foi publicado pela primeira vez no *Jornal das Famílias*, uma revista de assuntos variados. Até hoje é um dos contos menos lidos e estudados de Machado.

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 1839 e morreu em 1908. De origem humilde, foi aclamado ainda em vida como o maior romancista brasileiro. É o único escritor brasileiro colocado entre os maiores clássicos da literatura mundial por diversos estudiosos de literatura. Foi um dos fundadores (em 1896) e o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, que também é chamada de A Casa de Machado de Assis. A morte e principalmente a incapacidade inerente e profunda do ser humano de aceitar sua condição mortal, e os conflitos que isso gera, estão presentes em várias de suas obras.



## § Sir Edmund Orme

*Henry James*

Tradução: Domingos Demasi

Apesar de o fragmento não estar datado, o relato parece ter sido escrito muito depois da morte de sua esposa, que suponho ser uma das pessoas a quem ele se refere. Não há nada, contudo, nessa estranha história para confirmar tal suposição, agora talvez sem importância. Quando tomei posse de seus bens, encontrei essas páginas numa gaveta trancada, entre os papéis relacionados à vida muito breve da senhora – ela morreu no parto, um ano após seu casamento. Eram cartas, memorandos, contas, fotografias desbotadas, cartões de visitas. Essa é a única relação que posso indicar, e você facilmente pensará, e provavelmente o fará, que é extravagante demais para se ter uma base palpável. Não posso, admito, garantir que ele tenha pretendido dar ao relato o caráter de uma ocorrência verídica. Posso apenas garantir sua veracidade de um modo geral. Em todo caso, isso foi escrito para ele mesmo, e não para outros. E eu o apresento para outros – tendo direito a essa opção – exatamente por causa de sua excentricidade. Que, em respeito à sua forma, não esqueçam que isso foi escrito exclusivamente para ele mesmo. Não alterei nada, a não ser os nomes.

Se há uma história nessa questão, reconheço o exato momento em que começou. Foi num calmo e agradável meio-dia de novembro, logo após a missa, no ensolarado Passeio. Brighton estava apinhada de gente; estávamos em plena temporada e o dia era ainda mais respeitável do que

adorável – o que ajudava a explicar a multidão de caminhantes. O próprio mar azul era adequado; parecia cochilar com suave ronco – se é que isso é decente –, enquanto a natureza pronunciava um sermão. Após passar a manhã escrevendo cartas, saí antes do almoço para dar uma olhada no mar. Apoiei-me no parapeito que separa a King's Road da praia, e creio que fumava um cigarro quando me dei conta de uma pretensa brincadeira na forma de um leve toque de uma bengala sobre meus ombros.

A ideia, descobri, fora dada por Terry Bostwick, do Exército britânico, e pretendia ser o convite para uma conversa que, aliás, surgiu quando passamos a caminhar juntos – ele sempre segurava o braço de alguém para mostrar que lhe perdoava a obtusidade em relação ao seu humor. Olhava para as pessoas, saudava algumas delas, se perguntava quem eram outras e divergia sobre a beleza das garotas. A respeito de Charlotte Marden, porém, concordamos ao vê-la vir em nossa direção em companhia de sua mãe; e certamente não poderia haver alguém que discordasse.

Antigamente, o ar de Brighton costumava tornar bonitas até mesmo as garotas comuns, e as garotas bonitas, ainda mais bonitas – não sei se esse encanto funciona atualmente. De qualquer modo, o lugar era excepcional para tornar ótima a aparência de qualquer um, e a da Srta. Marden era de fazer as pessoas torcerem o pescoço. E, sabe Deus, *nos* fez parar – pelo menos essa foi uma das razões, pois já conhecíamos essas damas.

Demos meia-volta para emparelhar com elas, nos juntamos às duas e seguimos para onde estavam indo. Estavam somente passeando – tinham acabado de sair da igreja. Foi outra manifestação do humor de Teddy o fato de ele se apossar imediatamente de Charlotte, deixando-me caminhar com sua mãe. Contudo, não fiquei pesaroso; a garota caminhava à minha frente e eu a tinha como assunto para conversa. Prolongamos nossa caminhada; a Sra. Marden prosseguiu comigo e, logo, disse que estava cansada e precisava parar um pouco.

Conseguimos um lugar num banco sombreado – conversamos à medida que as pessoas passavam. Já havia me ocorrido, naquela dupla, que a semelhança entre mãe e filha era formidável, sobretudo nesse tipo de semelhança, muito mais por haver tão poucas diferenças entre elas. Frequentemente ouvimos dizer que mães maduras são avisos expressos – indicações, desencorajadoras ou não, de como as filhas poderão ficar. Nada havia, porém, de restritivo na ideia de que Charlotte pudesse, aos cinquenta e cinco anos, ser tão bela, mesmo condicionada a ser tão pálida e preocupada quanto a Sra. Marden. Aos vinte e dois anos, ela tinha uma alvura rosada e era admiravelmente bela. A cabeça tinha o mesmo encantador formato da de sua mãe, e as feições eram da mesma excelente espécie. Também havia aparências e movimentos e tons de voz – momentos nos quais mal se podia dizer se eram expressões ou sons –, os quais, em comum com as duas aparências, aludiam e lembravam.

Essas damas tinham uma pequena fortuna e uma agradável casinha em Brighton, repleta de retratos e lembranças – animais empalhados em cima de estantes e peixes descoloridos e envernizados em vitrines – aos quais a Sra. Marden se dizia apegada por carinhosas recordações. Ao seu marido doente tinha sido “receitado” aquele lugar para passar os últimos dias de sua vida, e ela já me dissera que se tratava de um aposento no qual ainda se sentia sob a proteção de sua bondade.

Aparentemente, sua bondade havia sido grande, e ela, às vezes, parecia defendê-la de vagas insinuações. Um certo senso de proteção, de uma influência evocada e acarinhada, lhe era evidentemente necessário; ela tinha um vago anseio por segurança. Queria amigos e tinha uma porção deles.

Ela foi gentil comigo na primeira vez em que nos encontramos, e nunca suspeitei nela o propósito vulgar de “se insinuar” para mim – uma suspeita, é claro, injustificadamente frequente em rapazes presunçosos. Nunca me ocorrera que ela me queria como companhia para sua filha, nem tampouco, como algumas mães desnaturadas, para si mesma. Era

como se elas tivessem uma profunda necessidade oculta comum e estivessem prontas para dizer: “Oh, seja amável conosco e confie! Não tema. Não esperamos que se case conosco”.

– Claro que mamãe tem um certo quê: é isso de fato que a torna adorável – disse-me Charlotte, confidencialmente, logo no início de nossa amizade. Ela idolatrava a aparência da mãe. Era a única coisa da qual se envaidecia; aceitava as sobrancelhas erguidas como um encantador fato derradeiro.

– Ela sempre parece estar esperando o médico, minha querida mamãe – disse ela, em outra ocasião. – Talvez *você* seja o médico. Acha isso possível?

Na hora, pareceu até que eu tivesse algum poder de curar. De qualquer modo, quando eu soube – pois, em certa ocasião, ela deixara escapar o comentário de que a Sra. Marden também dizia que havia algo “terrivelmente estranho” com Charlotte –, a relação das duas damas atraiu ainda mais meu interesse. No fundo, era algo bastante generoso uma pensar tanto na outra.

No Passeio, o fluxo de caminhantes seguia seu curso, e Charlotte não demorou a passar com Teddy Bostwick. Ela sorriu, cumprimentou-nos com um movimento de cabeça e prosseguiu, mas, quando voltou, parou para falar conosco. O capitão Bostwick declinou de se retirar – declarou que a ocasião era por demais agradável: que tal darem outra volta? A mãe dela soltou um “Façam o que quiserem”, e, ao nos deixarem, a garota me mandou um sorriso impertinente por cima do ombro.

Teddy fitou-me através de seu monóculo, mas não me importei: era apenas na Sra. Marden em quem eu pensava quando ri para minha acompanhante.

– Ela é um tanto faceira, sabe?

– Não diga isso... Não diga isso! – murmurou a Sra. Marden.

– Garotas encantadoras sempre o são... apenas um pouco – fui magnânimo o bastante para me justificar.

– Então por que elas sempre são castigadas?

A intensidade da pergunta me surpreendeu – saíra como um vívido lampejo. Portanto, tive de pensar por um instante antes de lhe indagar:

– O que sabe sobre o castigo delas?

– Ora... eu também fui uma menina má.

– E foi castigada?

– Tenho sido, a vida toda – replicou ela, ao desviar os olhos de mim. – Ah! – ofegou subitamente na respiração seguinte, pondo-se de pé e olhando para a filha, que reaparecera novamente com o capitão Bostwick. Ficou parada por alguns segundos, com a mais estranha expressão em seu rosto; então sentou-se novamente e notei que ela ficara vermelha. Charlotte, que também percebera tudo, logo se aproximou dela e, segurando sua mão com grande ternura, sentou-se a seu lado.

A moça tinha ficado pálida – lançou à mãe um assustado olhar. A Sra. Marden, que tivera algum choque que escapara à nossa detecção, recobrou-se. Mas permaneceu sentada, calada e inexpressiva, fitando a multidão indiferente, a atmosfera ensolarada, o mar adormecido. Todavia, meu olhar por acaso pousou nas mãos dadas das duas damas e rapidamente percebi que o aperto da mais velha era forte. Bostwick permanecia diante delas, imaginando o que tinha acontecido e me indagando, algo aturdido, se *eu* sabia; o que levou Charlotte a lhe dizer, após um momento e com certa irritação:

– Não fique parado aí desse modo, capitão Bostwick. Vá embora... *Por favor*, vá embora.

Diante disso, levantei-me, esperando que a Sra. Marden não estivesse doente; mas imediatamente ela rogou para que nós não as deixássemos, que deveríamos, sim, ficar ali e que dentro em pouco iríamos almoçar em sua casa. Puxou-me para seu lado e, por um momento, senti sua mão pressionar meu braço de uma maneira que poderia ter sido uma denúncia involuntária de nervosismo, ou talvez um sinal secreto. O que ela deve ter

desejado me dar a entender não consegui adivinhar: talvez tivesse visto na multidão alguém ou algo anormal.

Em poucos minutos, ela nos assegurou que estava bem e que era apenas propensa a palpitações, que surgiam tão rápido como desapareciam. Era hora de ir – e nós concordamos. A impressão era a de que o incidente se encerrara. Bostwick e eu almoçamos com nossas hospitaleiras amigas e, quando fomos embora, ele me confessou que nunca vira criaturas que apreciasse tanto.

A Sra. Marden nos fizera prometer que voltaríamos no dia seguinte para o chá e nos exortara a voltar sempre que pudéssemos. Entretanto, no dia seguinte, quando, às cinco horas, bati na porta da linda casinha, descobri que as damas tinham ido à cidade. Havia deixado com o mordomo um recado para nós: o homem nos disse que elas foram chamadas de repente e lamentavam muito. As duas ficariam fora por alguns dias.

Foi tudo o que consegui extrair do parvo criado. Retornei três dias depois, mas elas continuavam fora; e foi somente no final da semana que recebi um bilhete da Sra. Marden. “Estamos de volta”, escreveu, “venha e nos desculpe.”

Foi nessa ocasião, me recordo – na ocasião em que fui lá, logo após o recebimento do bilhete –, que me contou que tivera claras intuições. Não sei quantas pessoas havia na época na Inglaterra com aquele tipo de apuro, mas havia muito poucas que o teriam mencionado; portanto, essa revelação me ocorreu como original, principalmente quando ela me disse que algumas dessas estranhas percepções tinham a ver comigo. Havia outras pessoas presentes – gente ociosa de Brighton, senhoras idosas com olhos assustados e interjeições irrelevantes – e eu dispus de poucos minutos para conversar com Charlotte; mas, no dia seguinte, encontrei-me com ambas no jantar e tive a satisfação de me sentar ao lado da Srta. Marden.

Lembro-me dessa ocasião como o momento em que tive a plena consciência de que ela era uma bela e generosa criatura. Eu tinha percebido sua personalidade em vislumbres e lampejos, como uma canção entoada em fragmentos, mas agora ela se encontrava diante de mim num imenso brilho rosado, como se estivesse no volume máximo de som. Ouvi a totalidade da melodia, e era uma doce música revigorante que eu costumava cantarolar.

Após o jantar, troquei algumas palavras com a Sra. Marden; foi nessa hora, tarde da noite, que o chá foi servido. Uma criada passou perto de nós com uma bandeja, e perguntei à Sra. Marden se gostaria de tomar uma xícara. Com sua aquiescência, peguei uma e lhe ofereci. Ela estendeu a mão e eu a entreguei, de um modo seguro, como supus; mas, quando seus dedos estavam para segurá-la, ela teve um sobressalto e vacilou, então o frágil recipiente e seu excelente conteúdo caíram com um estrépito de porcelana, mas sem o habitual movimento feminino de proteger o vestido da parte de minha acompanhante. Abaixei-me para recolher os fragmentos e, quando me levantei, a Sra. Marden lançava um olhar para o outro lado da sala, para sua filha, que o retribuía com lábios consoladores, mas olhos aflitos. “Querida mãe, *o que* diabos está havendo com você?”, parecia dizer a pergunta silenciosa.

A Sra. Marden enrubesceu do mesmo modo como o fizera, na outra semana, após o estranho gesto no Passeio e, portanto, fiquei surpreso quando ela me disse com inesperada segurança: “Você deveria ter firmado mais a mão!”. Eu começara a esboçar a defesa de minha mão, quando notei seus olhos fixos em mim num intenso apelo. Algo a princípio ambíguo e que apenas aumentou minha confusão; então, de repente, entendi tão claramente como se ela tivesse murmurado: “Faça de conta que foi você... Faça de conta que foi você”. A criada voltou para recolher os pedacinhos da xícara e limpar o chá derramado e, nisso, em meio ao fazer de conta, a Sra. Marden afastou-se bruscamente de mim e da atenção de

sua filha e foi para outro aposento. Não deu a menor atenção ao estado de seu vestido.

Naquela noite nada mais eu disse, nem a uma nem à outra, mas, na manhã seguinte, na King's Road, encontrei a mais jovem com um rolo de partitura em seu manguito. Disse-me que estava sozinha porque fora ensaiar duetos com uma amiga, e lhe perguntei se podia acompanhá-la um pouco. Deixou-me que a acompanhasse até a porta de sua casa e, enquanto permanecíamos ali parados, perguntei se podia entrar.

– Não, hoje não... Não quero você – disse ela com muita franqueza, embora sem deixar de ser amável. As palavras, contudo, me levaram a dirigir um olhar por uma das janelas da casa. E avistei o rosto pálido da Sra. Marden na sala de estar, virado em nossa direção. Ela demorou-se o tempo suficiente para mostrar que *era* ela e não a aparição que estive a ponto de achar que era, e, então, sumiu antes que a filha a notasse. A garota, durante nossa caminhada, nada falara sobre ela.

Como me disseram que não queriam me ver, deixei-as em paz durante algum tempo, após o qual certas casualidades nos mantiveram por mais um período separados.

Finalmente, fui a Londres e, enquanto estava lá, recebi um convite urgente para ir imediatamente a Tranton, uma residência bem antiga em Sussex pertencente a um casal que eu conhecera havia pouco tempo.

Fui da cidade a Tranton e, ao chegar, encontrei as Marden, juntamente com uma dúzia de outras pessoas, na casa. A primeira coisa que a Sra. Marden disse foi:

– Você me perdoa?

E, quando perguntei o que tinha de perdoar, ela respondeu:

– Eu ter derrubado meu chá em você.

Retruquei que o chá tinha caído sobre ela mesma; então ela me disse:

– De qualquer modo, eu fui muito descortês... Mas, algum dia, penso que você entenderá e, então, levará isso em consideração.

No primeiro dia em que estive lá, ela deixou escapar duas ou três dessas insinuações – anteriormente, se permitira a mais de uma – à iniciação mística que me estava reservada; então, como se costuma dizer, comecei a pilheriar a respeito, dizendo que preferia que ela fosse menos maravilhosa e a revelasse de imediato. A Sra. Marden respondeu que, quando chegasse o momento, eu iria iniciá-la – não haveria outra opção. Que isso *iria* ocorrer era perfeitamente claro para ela, como um forte pressentimento, que era o único motivo pelo qual mencionara esse assunto. Eu não me lembrava de que ela havia falado sobre intuições? Desde a primeira vez que me viu, ela tivera certeza de que havia certas coisas que eu não deixaria de descobrir. Enquanto isso, não havia nada a fazer, a não ser esperar e manter a calma, não me precipitar. Particularmente, expressava o desejo de não se tornar extravagantemente nervosa. E, acima de tudo, eu não deveria ficar nervoso – a gente se acostuma a tudo. Retruquei que, embora não soubesse do que ela falava, eu estava terrivelmente apavorado; a ausência de uma pista amplia os limites da imaginação de qualquer um.

Eu exagerava de propósito; pois, se a Sra. Marden era desconcertante, eu mal poderia dizer que fosse alarmante. Não conseguia imaginar o que ela queria dizer, mas eu imaginava mais do que temia. Eu deveria ter dito a mim mesmo que a Sra. Marden andava um pouco prejudicada em seu juízo, mas isso nunca me ocorreu. Ela me parecia, embora de um modo desesperado, ter certeza do que dizia.

Havia outras moças na casa, mas Charlotte era a mais encantadora; era uma percepção tão generalizada que quase interferia na chacina da caça de campo. Havia dois ou três homens, e eu era um deles, que, na verdade, preferiam ela à companhia dos batedores de campo. Em suma, Charlotte foi reconhecida como uma presa de caça superior e requintada. Era amável com todos nós – fazia com que nos recolhêssemos tarde e acordássemos cedo. Não sei se ela flertava, mas vários outros membros do grupo

achavam que *eles* flertavam. Aliás, no que se referia a si mesmo, Teddy Bostwick, que tinha vindo de Brighton, isso era absolutamente certo.

O terceiro dia foi um domingo, que decretou uma bela caminhada através do campo até o serviço religioso matinal. Fazia um tempo cinzento e sem vento, e o sino da velha igrejinha aninhada na depressão do planalto de Sussex soava próximo e familiar. Seguíamos como se fosse numa parada, dispersa em meio ao brando ar úmido – o qual, como sempre nessa estação, dava a sensação de que, depois das árvores nuas, havia um céu ainda maior –, e consegui ficar muito atrás com a Srta. Marden. Enquanto caminhávamos juntos pelo relvado, lembro-me de alimentar um forte impulso de dizer algo intensamente pessoal, algo forte e importante, importante para mim – como, por exemplo, que eu nunca a tinha visto tão adorável ou que aquele momento em particular era o mais agradável de minha vida. Na juventude, porém, tais palavras já estiveram tantas vezes antes nos lábios que não fazem qualquer efeito ao ser pronunciadas; e tinha a sensação não que eu não a conhecesse bem o bastante – eu não ligava para isso –, mas que ela não *me* conhecesse o suficiente. Na igreja, um museu de antigas sepulturas e placas de bronze de Tranton, o banco grande estava todo ocupado. Vários de nós ficamos separados e consegui um lugar para a Srta. Marden e outro para mim a seu lado, distante de sua mãe e da maioria de nossos amigos. Havia no banco dois ou três camponeses decentes de aparência rústica, que arredaram para o lado a fim de abrir espaço para nós, e tomei primeiro o meu lugar para evitar que minha acompanhante ficasse junto aos nossos vizinhos. Após ela se sentar, ainda sobrou espaço, que permaneceu vago até a metade do serviço religioso.

Esse pelo menos foi o momento em que percebi que outra pessoa havia entrado e tomado o lugar. Quando o notei, aparentemente ele já se encontrava no banco havia alguns minutos – já havia se instalado e colocado o chapéu atrás de si e, com as mãos cruzadas sobre o castão de sua bengala, fitava o altar mais adiante. Era um jovem pálido vestido de

preto e com um ar de cavalheiro. Sua presença me surpreendeu um pouco, pois a Srta. Marden não havia atraído a minha atenção ao se mover para abrir espaço para ele. Após alguns minutos, ao observar que ele não tinha devocionário, estendi-me mais além de minha vizinha e coloquei o meu diante dele, na beira do banco; um gesto cujo motivo foi a não incoerente possibilidade de que, ao me ver destituído do devocionário, a Srta. Marden me ofereceria um lado do *seu* volume de capa de veludo para segurar. O pretexto, porém, estava destinado ao fracasso, pois, no momento em que ofereci o livro ao intruso – cuja intrusão eu desculpara –, ele se levantou de seu lugar, sem me agradecer, saiu sem fazer qualquer ruído, para não atrair atenções, e seguiu pelo corredor central da igreja.

Poucos minutos tinham sido suficientes para sua devoção. Seu comportamento foi impróprio, sua partida prematura muito mais do que sua chegada tardia; mas ele conseguiu isso tão silenciosamente que não nos sentimos incomodados, e notei, com surpresa, que a Sra. Marden fora tão afetada por isso que, involuntariamente levantou-se de seu lugar. Observou sua passagem, mas ele passou muito rapidamente, e ela logo desabou de volta no lugar, mas não tão depressa para não ter notado o meu olhar do outro lado da igreja. Cinco minutos depois, pedi à sua filha, em voz baixa, se ela podia pegar de volta o meu livro – eu tinha esperado para ver se ela faria isso espontaneamente. A jovem devolveu-me aquele auxiliar da devoção, mas estivera tão alheia a ele que foi capaz de me dizer:

– Por que raios você o colocou ali?

Eu estava a ponto de lhe responder, quando ela se ajoelhou, e isso conteve minha língua. Eu iria apenas dizer: “Para ser cortês, como se deve”.

Após a bênção, quando deixávamos os nossos lugares, fiquei outra vez ligeiramente surpreso ao ver que a Sra. Marden, em vez de sair com suas amigas, viera pelo corredor para se juntar a nós, aparentemente para dizer algo à sua filha. Ela o disse, mas, no mesmo instante, percebi que fora um

pretexto – seu assunto de verdade era comigo. Empurrou Charlotte mais à frente e subitamente cochichou para mim:

– Você o viu?

– O cavalheiro que se sentou ali? Como poderia deixar de vê-lo?

– Shhh! – fez ela, com intensa emoção. – Não *diga* para ela... Não conte a ela!

Enfiou o braço no meu para me manter perto de si e me deixar, ao que parecia, longe da filha. A precaução foi desnecessária, pois Teddy Bostwick já havia se apossado da Srta. Marden e, ao passarem diante de mim para sair da igreja, vi um dos outros homens se aproximar dela pelo outro lado. Aparentemente, eu tivera a minha vez. Assim que saímos, a Sra. Marden me soltou, mas não antes de eu perceber que ela necessitava do meu apoio.

– Não diga a ninguém... Não conte a ninguém – prosseguiu ela.

– Não entendo. Não dizer o quê?

– Que você o viu.

– Certamente eles também o viram.

– Nenhum deles, nenhum deles. – Falou com tal determinação que a olhei de relance – ela olhava fixamente à frente. Mas sentiu o desafio dos meus olhos e se deteve bruscamente no velho pórtico de madeira escura da igreja, com os demais bem adiante de nós; e ali, olhando-me de um modo um tanto quanto extraordinário:

– Você é a única pessoa – disse –, a única pessoa no mundo.

– Mas e *você*, cara senhora?

– Oh, eu... Claro. É a minha maldição! – E, com isso, ela caminhou rapidamente para se juntar ao restante do nosso grupo.

Na volta para casa, andei sem destino pelas suas cercanias. Tinha razão de sobra para ruminar. Quem eu tinha visto e por que a aparição – que surgiu outra vez claramente em minha lembrança – foi invisível para os outros? Se foi feita uma exceção para a Sra. Marden, por que isso se constituía uma maldição e por que eu deveria compartilhar uma bênção

tão questionável? Essa súplica, presa em meu próprio peito, manteve-me sem dúvida suficientemente calado até o almoço.

Após o repasto, saí para o velho terraço para fumar um cigarro, mas tinha dado apenas uma ou duas baforadas quando captei a forma do rosto da Sra. Marden através da janela de um dos aposentos que dava para as lajes irregulares. Lembrei-me da mesma presença fugidia atrás da vidraça, em Brighton, no dia em que encontrei Charlotte e a acompanhei até sua casa. Mas, desta vez, minha ambígua amiga não desapareceu; bateu no vidro e fez um sinal para eu entrar. Ela se encontrava num pequeno e estranho aposento, uma das muitas salas de estar de que consistia o andar térreo de Tranton; era conhecida como Sala Indiana e tinha um estilo denominado oriental – sofás de bambu, biombos de laca, lanternas com longas franjas e estranhos ídolos em vitrines, objetos em nada propícios à sociabilidade. O lugar era pouco usado e, quando dei a volta para estar com ela, percebi que estávamos sós. Assim que apareci, ela me perguntou:

– Por favor, me diga uma coisa... Está apaixonado pela minha filha?

Ganhei tempo antes de responder.

– Antes de responder à sua pergunta, pode ter a bondade de me dizer o que a levou pensar isso? Não julgo que eu tenha sido muito explícito.

A Sra. Marden, sem me contradizer com seus belos olhos aflitos, não me deu qualquer satisfação sobre o ponto mencionado por mim; simplesmente prosseguiu:

– Você nada disse a ela, a caminho da igreja?

– O que a faz pensar que eu disse alguma coisa?

– Ora, o fato de que você o viu.

– Vi quem, Sra. Marden?

– Ora, você sabe – disse ela, solenemente, até mesmo com um pouco de censura, como se eu estivesse tentando humilhá-la fazendo-a mencionar o imencionável.

– Refere-se ao cavalheiro que foi o assunto de seu estranho comentário na igreja... O tal que veio se sentar no banco?

– Você o viu, você o viu! – ofegou ela, com uma estranha mistura de desalento e alívio.

– Claro que o vi, e a senhora também.

– Isso não vem ao caso. Você achou inevitável?

Fiquei novamente intrigado.

– Inevitável?

– Que você o *tivesse* visto?

– Claro, pois não sou cego.

– Você poderia ser. Todos os demais o são.

Eu estava maravilhosamente desnorteado e confessei isso a ela, mas não adiantou nada, pois ela exclamou:

– Sabia que o veria, desde o momento em que se apaixonou de verdade por ela! Sabia que seria o teste... Que digo eu?... A comprovação.

– Esse estado extremo de confusão tem a ver com um sentimento tão maravilhoso? – perguntei sorridente.

– Julgue por si mesmo. Você o viu, você o viu – ela quase exultava. – Você o verá novamente.

– Não faço objeções, mas eu me interessaria mais por ele se tivesse a bondade de me dizer de quem se trata.

Ela evitou meus olhos – então, conscientemente, os encarou.

– Eu lhe direi se me disser primeiro o que falou para ela a caminho da igreja.

– Ela disse que eu falei alguma coisa?

– E eu preciso disso? – perguntou enfaticamente.

– Ah, sim, lembrei-me... Suas intuições! Mas sinto perceber que, dessa vez, elas falharam, porque, na verdade, eu nada disse à sua filha que fosse fora do normal.

– Você tem toda, toda certeza?

– Dou minha palavra de honra, Sra. Marden.

– Então afirma que não está apaixonado por ela?

– Esse é outro assunto! – respondi rindo.

– Você está... Você *está!* Não o teria visto se não estivesse.

– Então, quem diabos *é* ele, madame? – insisti com certa irritação.

Ainda assim, ela continuou a me fazer perguntas.

– Você pelo menos não *quis* dizer algo para ela... Não chegou perto disso?

Bem, aquilo pelo menos era mais sensato, justificava as famosas “intuições”.

– Ah, “perto” seria mais adequado... Digamos que foi por um triz. Não sei o que me manteve calado.

– Isso é mais do que o suficiente – disse a Sra. Marden. – Não é o que você diz que faz a diferença, é o que você sente. É *isso* que o faz agir.

Acabei me aborrecendo por causa de suas repetidas referências a uma identidade ainda por estabelecer, e juntei as mãos num ar de súplica que ocultava grande parte de minha verdadeira impaciência, uma curiosidade mais aguçada e até mesmo as primeiras curtas palpitações de um certo terror sagrado.

– Eu lhe suplico que me diga de quem está falando.

Ela jogou os braços para cima, desviando a vista de mim, como se sacudisse fora tanto a reserva quanto a responsabilidade.

– Sir Edmund Orme.

– E quem é Sir Edmund Orme?

No momento em que falei, ela se sobressaltou.

– Shh... Aí vêm eles.

Então, seguindo a direção de seus olhos, avistei Charlotte no terraço, do lado de fora de nossa janela, e ela acrescentou, com a intensidade de uma advertência:

– Não demonstre que nota a presença dele... *Nunca!*

A moça, que agora tinha as mãos sobre os olhos, perscrutando o aposento e rindo, fazia sinais através do vidro para que a deixássemos entrar; então me aproximei e abri a persiana. Sua mãe afastou-se e ela entrou com uma risada desafiadora:

– O que vocês dois andam tramando?

Algum passeio, esqueci qual, estava programado para a tarde, e seria necessária a participação ou o consentimento da Sra. Marden, tendo em vista que a minha adesão era tida como certa, e a jovem percorrera metade da casa à procura da mãe. Fiquei nervoso ao perceber que a mulher mais velha também estava presente – quando ela se virou para encarar a filha, escondeu isso com extravagância, jogando-se sobre a garota e a abraçando – e, para dissimular, exagerei meu galanteio:

– Eu estava pedindo sua mão em casamento à sua mãe.

– Deveras? E ela a deu? – perguntou animadamente a Charlotte Marden.

– Ia me responder quando você apareceu.

– Bem, não vou demorar... Deixarei vocês à vontade.

– Você gosta dele, Charlotte? – perguntou a Sra. Marden, com uma candura que eu não esperava.

– E difícil dizer *diante* dele, não é mesmo? – prosseguiu a encantadora criatura, participando da brincadeira, mas olhando-me como se não gostasse de mim de verdade.

Charlotte também não o teria dito diante de outra pessoa, pois, naquele momento, entrou do terraço para a sala – a persiana ficara aberta – um cavalheiro que foi visto, pelo menos por mim, somente naquele instante. A Sra. Marden dissera “Aí vêm *eles*”, mas o sujeito parecia ter seguido a filha a uma certa distância. Eu o reconheci imediatamente como a personalidade que se sentara a nosso lado na igreja. Dessa vez eu o vi melhor, vi seu rosto, e suas maneiras eram bem estranhas. Falei com ele como se fosse uma personalidade, porque parecia como se um príncipe regente entrara na sala. Ele mantinha um certo ar majestoso, como se fosse diferente dos demais. Contudo, olhou-me fixamente e com seriedade, até eu me perguntar o que ele esperava. Esperava que eu me ajoelhasse ou beijasse sua mão? Dirigiu seu olhar do mesmo modo para a Sra. Marden, mas ela sabia o que fazer. Após a agitação inicial causada

pela sua aproximação, ela não lhe deu mais qualquer atenção, o que me fez lembrar sua apaixonada súplica. Tive de fazer um grande esforço para imitá-la, pois, embora nada soubesse a respeito dele, a não ser que se tratava de Sir Edmund Orme, sua presença exercia um forte apelo, quase como uma opressão.

Ele ficou ali, calado – um belo jovem pálido, com a barba feita e muito asseado, com extraordinários olhos azuis e um tanto antiquado, como um retrato antigo, no aspecto e na maneira de usar o cabelo. Vestia luto completo – alguém, de imediato, o tomaria por uma pessoa bem-vestida – e levava o chapéu na mão. Dirigiu a mim outra vez um olhar estranhamente duro, mais duro do que qualquer um no mundo já tivesse me olhado antes; e lembro-me de me sentir com muito frio e desejar que ele dissesse alguma coisa. Nenhum silêncio jamais me pareceu tão silencioso.

Tudo isso, é claro, foi uma impressão muito rápida, mas que consumia alguns instantes, me foi provado subitamente pela expressão desconcertada de Charlotte Marden, que olhava de um de nós para o outro – ele nunca olhou para ela, e ela não parecia olhar para ele – e então explodiu:

– O que está havendo com vocês? Que caras estranhas são essas?

Senti a cor voltar à minha face, e ela prosseguiu no mesmo tom:

– Parece até que você viu um fantasma!

Tive a noção de que meu rosto ficou muito vermelho. Sir Edmund não enrubescou, e tenho certeza de que não foi afetado por qualquer constrangimento. Já vi gente desse tipo, mas nunca ninguém com tanta indiferença.

– Não seja impertinente e vá dizer a todos que logo estarei com eles – disse a Sra. Marden com muita firmeza, mas com um tremor na voz.

– E você... vem? – perguntou a garota, afastando-se. Eu não respondi, achando que, de algum modo, a pergunta fora feita para seu acompanhante. Este, porém, estava mais calado do que eu e, quando ela

alcançou a porta – estava indo naquela direção –, parou com a mão na maçaneta, olhou para mim e repetiu a pergunta. Assenti, saltei à sua frente para abrir a porta para ela, que, ao sair, exclamou zombeteiramente para mim:

– Você não está com a cabeça no lugar... Portanto, não terá a minha mão.

Fechei a porta e dei meia-volta para descobrir que Sir Edmund Orme, durante o momento em que fiquei de costas para ele, se retirara pela persiana. A Sra. Marden continuava parada ali, e ficamos algum tempo olhando um para o outro. Só então – enquanto a garota se afastava a passos rápidos – me ocorreu que sua filha não tinha consciência do que acontecera. Foi essa coisa *tão* estranha que me deu *uma* súbita sacudida violenta – e não a minha própria percepção de nosso visitante, que parecia bastante natural. Isso tornou nítido para mim o fato de que ela também estivera alheia a ele na igreja, e os dois fatos juntos – agora que tinham acontecido – fizeram o meu coração bater mais sensivelmente. Enxuguei a testa, e a Sra. Marden deixou escapar um gemido aflito:

– Você agora conhece a minha vida... Você agora conhece a minha vida!

– Em nome de Deus, quem é ele... O *que* é ele?

– É um homem a quem prejudiquei.

– Como o prejudicou?

– Oh, terrivelmente... Anos atrás.

– Anos atrás? Ora, ele é bem jovem.

– Jovem... Jovem? – berrou a Sra. Marden. – Ele nasceu antes de *mim*!

– Então como tem essa aparência?

Ela se aproximou de mim, pousou sua mão no meu braço, e havia algo em seu rosto que me fez retrair um pouco.

– Você não entende... Não *sente*? – perguntou energicamente.

– Eu me sinto muito estranho – disse rindo, mas estava ciente de que meu tom me traía.

– Ele está morto! – exclamou a Sra. Marden com seu rosto pálido.

– Morto? – ofeguei. – Quer dizer que aquele cavalheiro era um...? – Não consegui dizer mais nenhuma palavra.

– Chame-o do que quiser... Há vinte nomes vulgares para isso. Ele é uma presença perfeita.

– Ele é uma presença esplêndida – bradei. – Este lugar é assombrado, *assombrado!* – exultei com a palavra como se ela fosse tudo com o que eu havia sonhado.

– Não é o lugar... Infelizmente – retrucou instantaneamente. – Nada tem a ver com isso!

– Então é você, cara dama? – perguntei, como se isso fosse melhor.

– Não, também não sou eu... Gostaria que fosse!

– Talvez seja eu – sugeri, com um sorriso amarelo.

– Não é ninguém além de minha filha... minha inocente, inocente filha!

– E, com isso, a Sra. Marden desabou, despencou numa poltrona e se desfez em lágrimas.

Balbuciei algumas perguntas, pressionei, com algumas súplicas desconcertantes, mas ela se recusou com gestos de mãos, inesperada e apaixonadamente. Insisti:

– Eu não conseguiria ajudá-la, não poderia intervir?

– Você *já* interveio – soluçou. – Já *faz* parte, já *faz* parte.

– Alegro-me por fazer parte de algo tão extraordinário – declarei destemidamente.

– Alegre ou não, não pode mais sair...

– Não quero sair... É intrigante demais.

– Que bom que gostou! – Ela tinha se virado, apressando-se a enxugar os olhos. – E agora vá embora.

– Mas quero saber mais a respeito.

– Verá dele tudo o que quiser. Vá embora!

– Mas quero entender o que vejo.

– Como é possível... se eu mesma não entendo? – berrou ela desesperadamente.

– Tentaremos juntos... Esclareceremos tudo.

Nisso, ela se levantou, fazendo o máximo possível para suprimir as lágrimas.

– Sim, será melhor juntos... É por isso que gostei de você.

– Ora, esclareceremos tudo isso – retruquei.

– Então precisa se controlar melhor.

– Eu vou, eu vou... com a prática.

– Você se acostumará – disse-me minha amiga num tom de voz que nunca esqueci. – Mas vá se juntar a eles... Eu irei num instante.

Saí para o terraço e senti que tinha um papel a desempenhar. Longe de temer outro encontro com a “presença perfeita”, como ela chamou, eu tinha sido afetado de um modo geral pela sensação de prazer. Desejava uma prorrogação da minha sorte: abri-me totalmente para a impressão; dei a volta na casa o mais depressa, como se esperasse alcançar Sir Edmund Orme. Não o alcancei naquela ocasião, mas o dia não acabaria sem que eu reconhecesse que, como dissera a Sra. Marden, eu veria dele tudo o que quisesse.

Fizemos o passeio coletivo de convívio social, o qual, na casa de campo inglesa, é – ou era na época – o passatempo sagrado das tardes de domingo. Ficamos restritos a perambular sem nos dispersarmos, coisa na qual as damas eram boas; as tardes, além disso, eram curtas, e, por volta das cinco horas, já estávamos de volta junto à lareira da sala, como uma sensação, pelo menos de minha parte, de que poderíamos ter feito um pouco mais pelo nosso chá.

A Sra. Marden dissera que se juntaria a nós, mas não apareceu; sua filha, que a vira novamente antes de nossa saída, explicou apenas que a mãe estava cansada. Ela permaneceu invisível a tarde toda, mas esse foi um detalhe ao qual dei pouca atenção, como também dei ao fato de não ter Charlotte para mim, mesmo por cinco minutos, durante todo o nosso passeio. Eu estava ocupado demais com outros interesses para ligar para isso; sentia debaixo de meus pés o umbral de uma porta estranha em

minha vida, que de repente fora aberta, e de dentro saiu um ar tão sutil que eu jamais havia respirado e um sabor mais forte do que vinho. Por toda minha vida eu ouvira falar de aparições, mas era diferente ter visto uma e saber que, com toda a certeza, eu a veria, por assim dizer, novamente. Eu estava vigilante em busca disso como um piloto atrás do brilho de uma luz giratória, pronto para generalizar sobre o sinistro tema e responder por tudo e para todos que fantasmas eram muito menos assustadores e muito mais divertidos do que comumente se supunha.

Não havia dúvida de que eu estava muito perturbado. Não conseguia superar a distinção conferida a mim, a exceção – no sentido de uma ampliação de visão mística – feita a meu favor. Ao mesmo tempo, creio que compreendi a carência da Sra. Marden – uma explicação, quando penso nisso, sobre o que ela me disse: “Agora você conhece a minha vida”.

Provavelmente, ela vem sendo exposta há anos ao nosso fantasma e, sem manter a minha firmeza, teve um colapso. Seus nervos se foram, embora ela também tenha sido capaz de provar que, de certo modo, a gente se acostumava àquilo. Ela se acostumara ao colapso nervoso.

O chá da tarde, quando o crepúsculo acontecia mais cedo, era um momento agradável em Tranton; o brilho do fogo da lareira dançava na branca amplidão do salão do século passado; as afinidades quase se revelavam por si sós, demorando-se juntas, antes de se vestir, nos fundos sofás, com as botas enlameadas, para uma última palavra após os passeios; e até mesmo a solitária absorção no terceiro volume de um romance desejado por mais alguém parecia uma forma de harmonia.

Aguardei o momento certo e fui até Charlotte, quando percebi que ela estava prestes a se retirar. As damas haviam deixado o local, uma a uma, e, após eu ter me dirigido especialmente a ela, os três homens que estavam por perto gradualmente se dispersaram. Tivemos uma breve conversa indefinida – ela devia estar bastante preocupada e, sabe Deus, *eu* também –, após a qual me disse que precisava ir: chegaria tarde ao jantar. Provei, por *á mais bê*, que ela tinha bastante tempo, mas me contestou dizendo

que, de qualquer modo, precisava subir para ver sua mãe, a qual, receava, não se sentia bem.

– Ao contrário, faz tempo que não se sente tão bem... Eu lhe garanto – falei. – Ela descobriu que pode confiar em mim, e isso lhe fez muito bem.

A Srta. Marden afundara novamente na poltrona, eu estava de pé à sua frente, e ela me olhava de baixo para cima sem um sorriso, com um ar turvo de aflição em seus belos olhos: não exatamente como se eu a tivesse magoado, mas como se não estivesse mais disposta a tratar como uma piada o que havia acontecido – fosse o que fosse, não era, ao mesmo tempo, uma questão de solenidade excessiva – entre mim e sua mãe. Eu podia, porém, responder às suas perguntas com toda a amabilidade e franqueza, pois estava realmente consciente de que a pobre senhora descarregara sobre mim uma parte de seu fardo e estava parcialmente tranquila e aliviada.

– Tenho certeza de que ela dormiu a tarde toda como não fazia havia anos – prossegui. – Você só terá de lhe perguntar.

Charlotte levantou-se novamente.

– Você tem sido muito prestativo.

– Você dispõe de uns quinze minutos – aleguei. – Não tenho o direito de falar um pouco com você, deste modo, já que sua mãe me deu a sua mão?

– E foi a *sua* mãe que me deu a sua? Sou muito agradecida a ela, mas não a quero. Acredito que nossas mãos não são de nossas mães... Acontece que elas pertencem a nós mesmos! – disse rindo a moça.

– Sente-se, sente-se e me escute! – supliquei.

Eu continuava parado ali, insistente, para ver se ela não me presentearia. Olhou em volta, dirigindo os olhos para cá e para lá, como se estivesse sob uma compulsão levemente dolorida. O salão estava vazio – ouvíamos o tique-taque do grande relógio. Então, lentamente, ela se recostou, e eu puxei uma cadeira para perto. Isso me fez novamente ficar de frente para o fogo e, com o movimento, percebi, perturbado, que não

estávamos sozinhos. No momento seguinte, por mais estranho que pareça, minha perturbação, em vez de aumentar, sumiu, pois a pessoa diante do fogo era Sir Edmund Orme.

Ficou parado ali do mesmo modo como eu o vira na Sala Indiana, olhando-me com uma frieza inexpressiva que conferia gravidade à sua sombria distinção. Eu agora sabia tanto sobre ele que tive de reprimir um gesto de cumprimento, um reconhecimento de sua presença. Assim que tomei conhecimento da sensação de que tínhamos, Charlotte e eu, companhia, e de que esta se prolongou, essa sensação me abandonou: impressionou-me o contrário; que aquilo, mais notadamente, nos unira. Nenhum efeito de nosso companheiro chegou até ela, e fiz um tremendo e quase bem-sucedido esforço para esconder dela que minha sensibilidade era diferente e que meus nervos estavam tão tensos quanto as cordas de uma harpa. Digo “quase” porque, num determinado instante, ela me olhou – enquanto minhas palavras eram contidas – de um modo que me fez temer que repetiria o que disse na Sala Indiana:

– O que diabos está havendo com você?

O que estava havendo comigo, apressei-me a lhe contar, pois a total compreensão daquilo me transtornou com a comovente visão de sua inconsciência. Foi comovente ver no que ela se tornou diante da presença daquele extraordinário prognóstico. O que se prognosticava, perigo ou tristeza, felicidade ou ruína, era uma questão menor; tudo o que vi enquanto Charlotte permanecia sentada ali foi que, inocente e encantadora, ela estava à beira do horror, como deve ter imaginado, mas que isso permanecia oculto para ela e que poderia, a qualquer momento, se manifestar. Aquilo já não me preocupava, como descobri – pelo menos não era mais do que eu conseguiria suportar; nada, porém, nada mais poderia afetá-la, e, se aquilo não fosse curioso e interessante, seria também assustador. Se não me preocupava por mim mesmo, como compreendi posteriormente, era em grande parte porque estava dominado pela ideia de protegê-la. Meu coração de imediato bateu forte com essa

perspectiva; eu estava determinado a fazer todo o possível para manter seu sentido vedado. O que eu poderia fazer me teria sido obscurecido se, com o passar dos minutos, eu não tivesse me tornado mais ciente do que qualquer outra coisa de que a amava. O modo de salvá-la era amá-la, e o modo de amá-la era dizer-lhe, aqui e agora, que a amava.

Sir Edmund Orme não me impediu, principalmente após um momento em que nos deu as costas e ficou contemplando discretamente o fogo. Ao fim de mais um momento, baixou a cabeça no braço com que se apoiava na parte da frente da chaminé, com um ar abatido, como um espírito mais exausto do que discreto.

Charlotte Marden levantou-se com um sobressalto diante do que eu lhe dissera – deu um salto para escapar disso, mas não se ofendeu: o sentimento que expressei foi real demais. Ela apenas se movimentou pela sala com um murmúrio desaprovador, e fiquei tão ocupado em seguir de perto qualquer pequena vantagem que pudesse ter obtido que não notei de que modo Sir Edmund Orme desapareceu. Apenas encontrei seu lugar vazio. Isso não fez qualquer diferença – ele era um obstáculo pequeno demais; lembro-me apenas de ter sido atingido de repente por algo inexorável no doce e triste sacudir de cabeça que Charlotte me dirigiu.

– Não peço uma resposta agora – disse-lhe. – Quero apenas que você tenha certeza... saber tudo o que depende disso.

– Ora, não penso em lhe dar uma resposta agora ou nunca! – retrucou ela. – Por favor, detesto esse assunto... Eu gostaria de ficar em paz. – Então, tendo em vista que eu poderia ter sentido algo ríspido nesse sincero grito irreprimível de beldade assediada, ela acrescentou, com vaga e rápida amabilidade, ao deixar a sala:

– Obrigada, obrigada... Muitíssimo obrigada!

No jantar, fui generoso o bastante para me alegrar por ela, sentada do mesmo lado da mesa que eu, não estar com raiva de mim. Sua mãe estava próxima, diante de mim. Logo após termos nos sentado, a Sra. Marden dirigiu-me um demorado e intenso olhar, que expressava a nossa estranha

relação. Aquilo, é claro, significava “Ela me contou”, mas queria também dizer outras coisas. De qualquer modo, sei o que minha resposta silenciosa lhe transmitiu: “Eu o vi novamente... Eu o vi novamente!”. Isso não impediu que a Sra. Marden tratasse seus vizinhos com sua escrupulosa brandura habitual. Após o jantar, quando, na sala de visitas, os homens se juntaram às senhoras e quando fui diretamente até sua presença para lhe dizer o quanto gostaria de ter uma conversa tranquila, ela disse, de imediato, a meia-voz, olhando abaixo para seu leque, enquanto o abria e o fechava:

– Ele está aqui... Ele está aqui!

– Aqui? – Olhei em volta do aposento, mas fiquei decepcionado.

– Veja onde *ela* está – disse a Sra. Marden, apenas com uma leve aspereza. De fato, Charlotte não estava no salão principal, mas num menor, para o qual este se abria e era conhecido como salão matinal. Dei alguns passos e a vi, através de um vão de porta, de pé, no meio do salão, conversando com três cavalheiros que estavam de costas para mim. Por um momento, minha busca pareceu em vão; então percebi que um dos cavalheiros – o do meio – poderia ser Sir Edmund Orme. Dessa vez, *era* surpreendente que os outros não o vissem. Charlotte parecia olhá-lo com entusiasmo e se dirigir diretamente a ele. Após um instante, porém, ela me viu e imediatamente afastou-se. Procurei a sua mãe com um aguçado temor de que a moça pudesse pensar que eu *a* estivesse vigiando, o que era injusto. A Sra. Marden conseguira um pequeno sofá – um pouco afastado – e sentei-me a seu lado. Havia algumas perguntas que eu queria fazer, e desejei que estivéssemos novamente na Sala Indiana. Logo, porém, percebi que nossa privacidade era bem adequada. Agora nos comunicávamos tão íntima e completamente e com tais silenciosas reciprocidades que quaisquer circunstâncias seriam perfeitas.

– Sim, ele está lá – falei – e, por volta das sete e quinze, estaria no salão.

– Nessa ocasião, eu soube... E fiquei muito contente – respondeu.

– Contente?

- Dessa vez foi por sua causa e não por mim. Para mim, é um *descanso*.
- Dormiu a tarde toda? – perguntei então.
- Como não fazia há meses. Mas como você sabe disso?
- Do mesmo modo como você soube, creio eu, que Sir Edmund estava no salão. Evidentemente, nós agora sabemos de coisas... concernentes um ao outro.
- Concernente a *ele* – corrigiu a Sra. Marden. – É uma bênção o modo como você aceitou isso – acrescentou com um demorado e suave suspiro.
- Eu aceito – devolvi de pronto – como um homem que está apaixonado pela sua filha.
- Claro... Claro.
- Por mais intenso que fosse agora o meu desejo pela moça, não pude evitar rir um pouco por causa do tom dessas palavras, e isso levou minha acompanhante imediatamente a dizer:
  - Caso contrário, você não o estaria vendo.
- Bem, aprezei esse meu privilégio, mas vi nisso uma objeção.
- Todos que estão apaixonados por ela o veem? Se for assim, haverá dezenas.
- Eles não estão apaixonados como você.
- Compreendi isso e nada pude fazer, a não ser aceitar.
- É claro que só posso falar apenas por mim... E consegui um momento antes do jantar para fazer isso.
- Ela me contou assim que me viu – retrucou a Sra. Marden.
- E tenho alguma esperança? Alguma chance?
- Que você a tenha é o que desejo, é pelo que eu rezo.
- A dolorosa sinceridade daquilo me comoveu.
- E como posso lhe agradecer? – murmurei.
- Creio que tudo isso vai passar... Se ela ao menos amar você – prosseguiu a pobre mulher.
- Vai passar? – fiquei meio perdido.
- Refiro-me a nos livrarmos dele... Nunca mais voltar a vê-lo.

– Ora, se ela me ama, não me importa quantas vezes eu o veja! – devolvi abertamente.

– Ah, você enfrenta isso melhor do que *eu* consigo – disse minha acompanhante. – Você tem a felicidade de não saber, de não entender.

– Não sei mesmo. O que diabos ele quer?

– Ele quer me fazer sofrer. – Com isso, voltou o rosto para mim, e vi então, pela primeira vez, e vi bem, o quão perfeitamente o nosso visitante, se foi esse seu objetivo, fizera o seu serviço. – Pelo que fiz a ele – explicou.

– E o que fez a ele?

Ela me dirigiu um olhar inesquecível.

– Eu o matei.

Assim como acontecera cinco minutos antes ao vê-lo a cinquenta metros de distância, essas palavras me causaram um sobressalto.

– Sim, eu fiz você estremecer. Cuidado. Ele continua ali. Mas foi ele que se matou. Eu despedacei seu coração... Ele me achou terrivelmente má. Íamos nos casar, mas rompi o compromisso... na última hora. Conheci alguém de quem gostei mais. Não tive outro motivo além desse. Não foi por interesse ou dinheiro ou posição ou qualquer dessas baixezas. Ele tinha todas essas coisas boas. Acontece que eu simplesmente me apaixonei pelo major Marden. Quando eu o *vi*, senti que não podia me casar com outra pessoa. Eu não estava apaixonada por Edmund Orme; minha mãe e minha irmã mais velha, casada, haviam me convencido a isso. Mas ele me amava e eu sabia... Isto é, quase sabia... O quanto! Mas eu lhe disse que não me importava... Que não podia, que jamais faria isso. Eu o abandonei, e ele ingeriu algo, alguma droga ou infusão abominável que se revelou fatal. Foi horrível, pavoroso, ele foi encontrado daquele modo... Morrendo em agonia. Casei-me com o major Marden somente após cinco anos. Era feliz, perfeitamente feliz... O tempo apaga. Mas, depois que meu marido morreu, passei a vê-lo.

Eu ouvira atentamente, curioso.

– Seu marido?

– Não, nunca... Não desse modo, graças a Deus! Passei a *vê-lo*... E com Charlotte, sempre com Chartie. Na primeira vez isso quase me matou... Cerca de sete anos atrás, quando ela se iniciou na vida social. Nunca quando estou sozinha... Somente com ela. Às vezes, não o vejo por meses, mas depois todos os dias durante uma semana. Já tentei de tudo para romper o encanto... Médicos e regimes e mudanças de clima. Já rezei de joelhos a Deus. Naquele dia, em Brighton, no Passeio com você, quando pensou que eu estava doente, foi a primeira vez após um extenso período. E depois, naquela tarde, quando derrubei o chá sobre você, e no dia em que eu estava na porta com ela e vi você pela janela... Em todas as ocasiões, ele estava presente.

– Sei, sei. – Eu estava mais emocionado do que conseguia expressar. – Trata-se de uma aparição igual às outras.

– Igual às outras? Você já viu alguma outra? – exclamou ela.

– Não, quero dizer que é o tipo de coisa de que se ouve falar. É tremendamente interessante encontrar um caso.

– Está me chamando de “caso”? – bradou minha amiga com extraordinário ressentimento.

– Estava pensando em mim mesmo.

– Ah, você é a pessoa adequada – prosseguiu. – Eu estava certa quando confiei em você.

– Sou extremamente grato por ter confiado. Mas o que a levou a isso? – perguntei.

– Eu pensei muito nisso tudo. Eu tive tempo, naqueles anos terríveis, enquanto ele me castigava por meio da minha filha.

– Nem tanto isso – objetei –, tendo em vista que a Srta. Marden nunca soube.

– Esse tem sido o meu pavor, que ela *venha* a saber, numa ocasião ou noutra. Tenho um medo indescritível do efeito sobre ela.

– Não saberá, não saberá! – dei minha palavra com um tom de voz tão forte que várias pessoas me olharam. A Sra. Marden me fez levantar, e a

nossa conversa se encerrou por aquela noite. No dia seguinte, disse-lhe que precisava deixar Tranton – não era cômodo nem ponderado permanecer como um pretendente rejeitado. Ela ficou desconcertada, mas aceitou meus motivos e me fez um apelo com os olhos pesarosos:

– Então vai me deixar sozinha com o meu fardo?

Ficou entendido entre nós, é claro, que por muitas semanas adiante não seria prudente “preocupar a pobre Charlotte”: esses foram os termos nos quais, com uma singular inconsistência feminina e maternal, referiu-se a uma atitude de minha parte que ela alentava. Eu estava preparado para demonstrar uma consideração heroica, mas achava que mesmo esse tipo de delicadeza me permitia dizer, antes de partir, algumas palavras à Srta. Marden. Após o desjejum, implorei para que ela desse uma volta comigo no terraço e, enquanto hesitava, olhando-me com um ar distante, fiz com que ela soubesse que queria apenas lhe fazer uma pergunta e dizer adeus – eu ia embora por causa *dela*.

A Srta. Marden saiu comigo e contornamos a casa umas três ou quatro vezes. Nada é mais bonito do que aquela grande plataforma arejada, da qual nosso olhar alcança uma grande extensão de terra com o mar ao longe. É possível que, ao passar pelas janelas, tenhamos chamado a atenção de nossos amigos no interior da casa, os quais deviam ter se perguntado de modo sarcástico por que eu falava tão impulsivamente. Mas isso não me importava. Eu apenas me perguntava se, dessa vez, realmente, eles não captaram a impressão de Sir Edmund Orme, que se juntou a nós em uma de nossas voltas e caminhava lentamente do outro lado de Charlotte. Eu agora sabia de que estranha essência ele era feito. Não tenho qualquer teoria a seu respeito – deixo isso para outros –, não mais do que em relação a qualquer um de meus amigos mortais (e das normas que regem o *seu* ser) com quem tenho me acotovelado na vida. Ele era tão positivo como indivíduo e definitivo como fato quanto qualquer um deles.

Acima de tudo, era, por todas as aparências, feito de uma mistura bela e sensível, inteiramente honrada, de modo que não sei se me ocorreu de tomar a liberdade de realizar uma experiência com ele, de tocá-lo, por exemplo, ou de lhe dirigir a palavra, tendo em vista que estabeleceu o exemplo do silêncio, como tampouco devo ter pensado em cometer qualquer outra grosseria social. Ele tinha, como percebi mais tarde, o perfeito domínio de sua situação – parecia sempre impecável e formal, em cada momento em particular se comportava exatamente como exigia a ocasião. Ele me parecia estranho, incontestavelmente, mas, de algum modo, sempre me parecia correto. Em pouco tempo passei a associar uma ideia de beleza à sua não reconhecida presença, a beleza de uma história antiga, de amor, dor e morte. O que acabei sentindo foi que ele estava do meu lado, cuidando do meu interesse, observando-o para que nenhum truque fosse praticado contra mim e que pelo menos meu coração não se despedaçasse. Oh, ele as tinha encarado seriamente, sua dor e sua perda – e certamente provara isso na sua época. Se a pobre Sra. Marden, responsável por essas coisas, tinha, como me disse, pensado bem no caso, eu também realizei a melhor análise de que seria capaz. Era um caso de “justiça equitativa” fazer os filhos pagarem os pecados das mães, mas não os dos pais. Aquela mãe infeliz tinha que pagar pelo sofrimento que infligiu, e como havia a disposição de surgir novamente, para meu detrimento, na criança a possibilidade de burlar as justas expectativas de um homem honesto, a pessoa mais jovem posterior deveria ser estudada e vigiada para que *ela* tivesse de sofrer no caso de provocar um dano igual.

Talvez emulasse sua mãe em algum gesto de perversidade característica, não menor do que ela se parecesse em seu encanto; e, se esse impulso tivesse de ser comprovado nela, se fosse capaz de ser captado, isto é, em alguma violação da fé ou ato cruel, seus olhos, por uma lógica insidiosa, seriam abertos súbita e impiedosamente para a “presença perfeita”, com a qual ela teria então de lidar, como pudesse, na concepção de uma jovem.

Eu não sentia grandes temores por sua causa, porque não achava que ela fora motivada pela frivolidade e sabia que, se fiquei desconcertado, foi porque agi com pressa demais. Deveríamos ter, pelo menos, percorrido um longo caminho antes de eu ficar em posição de ser sacrificado por ela. E ela não poderia pegar de volta o que já tinha dado antes de dar um pouco mais. Se eu pedisse mais, era outro assunto, e a pergunta que lhe fiz no terraço, naquela manhã, foi se, durante o inverno, eu poderia continuar a frequentar a casa da Sra. Marden. Prometi não ir muitas vezes e não falar com ela durante três meses sobre o assunto que ventilara no dia anterior. Ela respondeu que eu podia fazer o que quisesse, e, dito isso, nos separamos.

Cumpri a promessa que lhe fiz; contive minha língua por três meses. Inesperadamente para mim mesmo, houve momentos nesse período quando ela pareceu capaz de sentir falta de minha reverência, embora talvez parecesse indiferente à minha felicidade. Quis tanto que ela gostasse de mim que me tornei sutil e engenhoso, maravilhosamente alerta, pacientemente diplomático. Às vezes, achava que havia merecido minha recompensa, levando-a a ponto de dizer: “Ora, ora, você é o melhor deles todos... Pode falar comigo agora”. Então havia uma desolação maior do que nunca em sua beleza e, em certos dias, uma luz zombeteira em seus olhos, uma luz cujo significado parecia ser: “Se você não tomar cuidado, eu o *aceitarei* para cuidar de você mais efetivamente”.

A Sra. Marden era de uma grande ajuda, simplesmente por acreditar em mim, e apreciei sua confiança ainda mais, porque esta continuou apesar da súbita interrupção do milagre que havia agido a meu favor. Após nossa visita a Tranton, Sir Edmund Orme nos deu férias, e confesso que, a princípio, foi uma decepção para mim. Senti-me muito menos destinado, menos envolvido e ligado – isto é, tudo isso em relação a Charlotte. “Não cante vitória ainda”, foi o comentário da mãe dela. “Ele já me deixou, algumas vezes, por seis meses. Quando você menos esperar, estará de volta... Ele entende do seu jogo.” Para ela, essas semanas foram

felizes, e foi suficientemente sensata para não falar sobre mim para a moça. Teve a bondade de me assegurar que eu seguia o caminho correto, que dava a impressão de me sentir seguro e que, a longo prazo, as mulheres cediam diante disso. Sabia que faziam assim mesmo quando o homem era um idiota em relação a esse tipo de aparência e de confiança – um idiota de fato em todos os aspectos. Quanto a ela, sentia-se num excelente momento, quase o melhor de todos, um verão da alma em Saint Martin. Sentia-se melhor do que se sentira havia anos e tinha que agradecer a mim. A sensação das aparições eram de pouca importância para ela – não sentia aflição todas as vezes que olhava em volta. Charlotte me contradizia repetidamente, mas se contradizia ainda mais.

Naquele inverno, junto ao antigo mar de Sussex, havia uma formidável brandura, e geralmente ficávamos sentados sob o sol. Eu caminhava de um lado a outro com a minha jovem, e a Sra. Marden, às vezes num banco, às vezes numa cadeira de banho, nos esperava e sorria para nós quando passávamos. Eu sempre procurava um sinal em seu rosto – “Ele está com você, ele está com você” (ela o veria antes de mim), mas nada surgia. A estação nos trouxera uma grande tranquilidade espiritual.

Perto do fim de abril, o ar estava tão parecido com o de junho que, certa noite, ao encontrar minhas duas amigas em uma reunião social em Brighton – uma festa noturna com música amadora –, arrastei a mais nova, que não ofereceu resistência, até uma sacada para qual a janela de um dos aposentos estava aberta. A noite estava escura e densa, as estrelas quase apagadas e, abaixo de nós, sob o rochedo, ouvíamos o intenso estrondo da maré. Ficamos ouvindo isso um pouco, e depois chegou até nós, junto com os ruídos do interior da casa, o som de um violino acompanhado de um piano – uma apresentação que fora o nosso pretexto para uma escapulida.

– Você gosta um pouquinho mais de mim? – irrompi após um minuto.  
– Conseguiria me ouvir novamente?

Mal acabei de falar e ela pôs a mão rapidamente, com certa força, sobre meu braço.

– Shhh! Não tem alguém ali?

Ela olhava a escuridão do lado mais distante da sacada. Essa sacada percorria toda a extensão da casa, uma extensão muito grande, como era costume nas melhores e mais antigas casas de Brighton. Estávamos de certa forma iluminados pela janela aberta atrás de nós, mas as outras janelas, com as cortinas cerradas, não deixavam a escuridão diminuir, de modo que localizei obscuramente a figura de um cavalheiro parado ali, olhando-nos. Vestia traje a rigor, como um convidado – eu percebia o vago brilho da camisa branca e seu pálido semblante – e ele podia muito bem ser um convidado que saíra antes de nós para pegar um pouco de ar. Charlotte, a princípio, o tomou por um deles – então, evidentemente, mesmo em poucos segundos, percebeu que a intensidade de seu olhar não era convencional. O que mais ela percebeu não pude determinar; estava ocupado demais com minha própria impressão para fazer mais do que sentir o rápido contato de sua inquietude. Minha impressão era a mais forte das sensações, uma sensação de horror. O que poderia significar aquilo a não ser que a garota finalmente o vira? Ouvi-a soltar um repentino gemido, “Ah”, e voltar rapidamente para dentro da casa. Somente depois percebi que eu mesmo tivera uma emoção totalmente nova – meu horror se tornando raiva e minha raiva, uma caminhada ao longo da sacada com um gesto de reprovação.

O caso foi reduzido à visão de uma moça adorável ameaçada e aterrorizada. Avancei para defender sua segurança, mas nada achei ali para me encontrar. Foi tudo um engano ou Sir Edmund Orme sumira.

Segui-a imediatamente, mas havia sinais de confusão na sala de estar quando passei. Uma dama havia desmaiado, a música havia parado; havia um arrastar de cadeiras e uma movimentação adiante. A dama não era Charlotte, como eu temia, mas a Sra. Marden, que subitamente se sentira mal. Lembro-me do alívio quando soube disso, pois ver Charlotte sofrer

teria sido angustiante, e o estado da mãe canalizou sua agitação. Aquilo tudo, claro, era um assunto para os donos da casa e as senhoras, e eu não poderia participar no atendimento às minhas amigas nem conduzi-las à sua carruagem. A Sra. Marden voltou a si e insistiu em ir para casa, após o que me retirei intranquilo.

Fiz uma visita no dia seguinte em busca de notícias melhores e fui informado de que ela estava descansando, mas, ao perguntar se Charlotte me receberia, o recado foi uma desculpa. Nada tive a fazer durante todo o dia, a não ser perambular com o coração em sobressalto. Perto da noite, porém, recebi uma linha escrita a caneta e entregue em mãos: “Por favor, venha. Minha mãe quer você”. Cinco minutos depois eu estava novamente à porta e fui conduzido à sala de visitas. A Sra. Marden estava deitada no sofá e, assim que olhei para ela, vi a sombra da morte em seu rosto. Contudo, a primeira coisa que ela disse foi que estava melhor, aliás, muito melhor; seu pobre e velho coração agitado se comportara mal novamente, mas agora parecia tranquilo. Deu-me a mão e me curvei sobre ela, meus olhos nos seus. Desse modo, pude ler o que ela não disse: “Estou realmente muito doente, mas finja acreditar exatamente no que digo”. Charlotte estava ali, de pé, a seu lado, agora não mais com um olhar amedrontado, mas intensamente grave, e sem fazer contato visual comigo.

– Ela me contou... Ela me contou! – disse a mãe.

– Ela lhe contou? – Olhei para uma e para outra, imaginando se a garota lhe tivesse falado sobre a inexplicável aparição no balcão.

– Que você voltou a lhe pedir... Que você é admiravelmente fiel.

Senti com isso uma vibração de alegria; mostrava-me que aquilo era mais importante, e também que sua filha lhe desejara contar o que mais a confortaria, e não o que a deixaria alarmada. Portanto, agora eu estava seguro, tão seguro quanto se a Sra. Marden me tivesse dito que sabia de tudo e que soubera no mesmo instante em que a filha o vira.

– Eu peço... Peço, mas ela não me dá uma resposta – retruquei.

– Ela dará agora, não é, Chartie? Eu quero tanto isso, eu quero! – murmurou nossa acompanhante com indescritível anseio.

– Você é muito bom para mim. – Charlotte se dirigiu a mim, séria e suavemente, mas com os olhos fixos no tapete. Havia algo diferente nela, diferente de todo o passado. Ela reconhecera algo, sentira uma coerção. Eu conseguia perceber seu incontrolável tremor.

– Ah, se você me deixasse lhe mostrar o quanto posso ser bom! – exclamei, ao lhe estender a mão. Ao pronunciar as palavras, fui tomado pela compressão de que algo acontecera. Uma forma se originou do outro lado do sofá e se inclinou sobre a Sra. Marden. Todo o meu ser se concentrou numa reza muda para que Charlotte não a visse e eu conseguisse evitar de me delatar. O impulso de olhar em direção à mãe era muito mais forte do que os movimentos involuntários de Sir Edmund Orme, mas pude resistir até mesmo a isso, e a Sra. Marden estava completamente imóvel.

Charlotte se ergueu para me dar sua mão e então – exatamente com esse ato – ela pavorosamente o viu. Com um grito agudo, um olhar de desalento, e outro som, como o gemido de um condenado, atingiu no mesmo instante o meu ouvido. Mas eu já havia saltado na direção da criatura que amava para protegê-la, para tapar seu rosto, e ela, apaixonadamente, jogou-se em meus braços. Abracei-a por um momento – apertando-a, cedendo a ela, sentindo cada uma de suas palpitações e as minhas, sem saber de quem eram quais; então, de repente, friamente, tive certeza de que estávamos sozinhos. Ela se soltou. A figura atrás do sofá tinha sumido, mas a Sra. Marden permanecia deitada em seu lugar, os olhos fechados, e sua imobilidade renovou o terror em nós dois.

Charlotte o expressou no grito de “Mamãe, mamãe!”, com o qual se lançou sobre ela. Caí de joelhos a seu lado – a Sra. Marden havia falecido.

Foi o som que ouvi, quando Charlotte gritou – refiro-me ao outro som ainda mais trágico –, o grito da pobre dama com o choque da morte, ou o nítido soluço (foi como uma rajada de uma forte tempestade) do espírito

exorcizado e pacificado? Possivelmente este, pois foi misericordiosamente o fim de Sir Edmund Orme.

+++

## AUTOR E OBRA

Nascido nos Estados Unidos, em 1843, Henry James mudou-se para a Inglaterra em 1876 e lá morou até o fim de sua vida. É seu um dos maiores clássicos do gótico de terror, a novela “The Turn of the Screw” (1898). O conto aqui apresentado é de 1892, sendo o belíssimo exemplo de uma técnica que James soube utilizar e ampliar como poucos: contar a história a partir do ponto de vista de um personagem – e particularmente de um personagem sobre quem o teor sobrenatural da narrativa se abate de maneira mais impactante. Desse modo, ele se torna um legítimo descendente do patriarca do gótico norte-americano, Edgar Allan Poe (1809-1849).

Sob o efeito desse modo de contar a história, o poder de *convencimento* da narrativa é reforçado. Afinal, estamos lendo a *confidência* de uma criatura, que não tem razão de nos dizer senão o que seus olhos viram. E por que então não dar crédito ao que o personagem nos conta? Por que não enxergar os episódios narrados *como ele enxerga*?

No caso de “Sir Edmund Orme”, a estripulia é ainda mais ousada e mais literária. Um editor que não declina seu nome ao leitor se apresenta com o propósito de nos transmitir uma narrativa sobre alguém já falecido, que teria escrito essa história não para convencer ninguém de sua veracidade, mas para si mesmo, com propósito indefinido: “Não posso, admito, garantir que ele tenha pretendido dar ao relato o caráter de uma ocorrência verídica”.

O texto foi, ao que parece, encontrado por acaso; não, de modo algum, *confiado* ao editor, que provavelmente por isso se mostra cheio de dedos para publicá-lo; afinal, vai cometer uma inconfidência. Anunciando que trocara os nomes dos personagens, somos lançados à história em si, na qual a maior curiosidade é uma *assombração* – um fantasma! – que, embora perseguindo os vivos, não é vista senão por alguns deles. Ou seja, mesmo no âmbito da narrativa, não há testemunhas possíveis do episódio sobrenatural, a não ser o que nos conta a história e a mãe da moça – ambos falecidos. Esse labirinto de despistamentos nos obriga a caminhar na história como quem anda sobre uma estreita trilha em meio à areia movediça.

Esse é o melhor Henry James! E esse é também o melhor de um clássico que abate, a sangue frio, nossas certezas, nossas reservas de segurança e nosso senso de realidade.

Henry James morreu em 1916 na Inglaterra. Um ano antes, como afirmação de afeto pelo seu país adotivo e em protesto contra a recusa dos Estados Unidos de entrar na Primeira Guerra Mundial, naturalizou-se inglês.



## 9 Noiva de Corinto

*Johann Wolfgang von Goethe*

Tradução: Claudia Abeling

Veio a Corinto, procedente de Atenas,  
um jovem, lá ainda desconhecido.  
Apresentou-se na casa de um amigo do pai,  
um respeitável cidadão.  
O pai do jovem e esse amigo  
há tempos haviam acertado  
o noivado de seus filhos.

Mas será ele bem recebido  
se não pagar caro pela cortesia?  
Ele ainda é pagão, como os seus,  
e na família da noiva todos já são cristãos e batizados.  
Quando uma nova fé germina,  
muitas vezes o amor e a fidelidade  
são arrancados feito erva daninha.

Tudo estava imerso no silêncio.  
Dormiam o pai e a jovem filha. Desperta, somente a mãe.  
Ela recebe o hóspede como se deve,  
e a ele logo é oferecido o que há de melhor na casa.  
Vinho e comida são postos à mesa

antes mesmo que ele os peça.  
Depois de tanta cordialidade, ela se despede.

Mas mesmo os melhores quitutes  
não conseguem despertar seu apetite.  
O cansaço vence a comida e a bebida,  
e ele se deita na cama, vestido.  
Prestes a cair no sono,  
uma visita extraordinária  
se apresenta na porta aberta.

No brilho de sua luminária, enxerga  
uma jovem avançar para ele sem nada dizer.  
Ela usa um véu e roupa branca,  
e na cabeça uma fita preta e dourada.  
Ao encará-lo, ela ergue,  
assustada, ou mesmo espantada,  
a mão pálida.

– Será que me acham tão esquisita nesta casa  
que não me apresentam nossos convidados?  
Ah, é assim que me deixam isolada!  
E agora estou toda envergonhada.  
Continue bem deitado  
sobre a cama onde você está,  
e me vou embora tão rápido quanto entrei.

– Fique, bela moça! – pediu o rapaz,  
erguendo-se da cama com um pulo.  
– Aqui está o presente de Ceres, aqui o de Baco,  
mas o amor é tu quem trazes, doce menina!

Ora, seu rosto está pálido de susto!  
Querida, vem! Vamos ser testemunhas  
do quanto os deuses estão felizes.

– Não se aproxime, rapaz, não se mexa!  
Não sou daquelas que têm alegrias.  
O meu destino já foi selado. Ah, se foi!  
E pela loucura doentia de minha boa mãe.  
Depois de curada, ela prometeu:  
“É o céu quem comandará  
a natureza e a juventude.

E o tropel animado dos velhos deuses  
rapidamente silenciou na casa.  
Agora há apenas um no céu,  
e o Salvador é celebrado na cruz.  
Rendemos-Lhe oferendas,  
que não são nem ovelhas nem touros,  
mas incríveis sacrifícios humanos”.

Ele pensa e pesa cada palavra,  
nenhuma escapa à sua reflexão.  
Será possível que, neste lugar tranquilo,  
a noiva amada esteja diante de mim?  
– Seja minha!  
A promessa dos nossos pais  
foi abençoada pelos céus.

– Você a mim não terá, bom rapaz!  
Minha segunda irmã lhe fará as vontades  
enquanto me torturo na solidão do claustro.

Ah! Estando nos braços dela, não se esqueça de mim:  
aquela que só pensa em você,  
aquela que morre de amores.  
Pois logo terei sumido para debaixo da terra.

– Não! Veja, a chama desta vela ilumina  
Himeneu<sup>1</sup>, o deus do casamento.  
Não perca sua felicidade e nem se perca de mim.  
Depois, vamos para casa de meu pai.  
Querida, não suma daqui!  
Festeje comigo  
nosso inesperado banquete nupcial!

E eles trocaram juras de amor:  
ela lhe entrega o colar dourado  
e ele quer lhe dar de presente uma taça  
prateada, muito fina e sem par.  
– Não mereço tal preciosidade – diz ela.  
– Só o que lhe peço é que  
me dê um cacho de seu cabelo.

A hora dos fantasmas tinha acabado de soar  
e somente agora ela parecia se sentir à vontade.  
Sua boca pálida sorvia, ávida,  
o vinho de cor escura.  
Mas nada ela comeu  
do pão de trigo  
que ele lhe ofereceu com tanta gentileza.

E a noiva entregou a taça ao jovem  
que, como ela, bebeu com deleite.

A refeição é silenciosa e o desejo dele é amar.  
Ah, seu pobre coração estava doente de amor.  
Mas ela diz não  
a todas as suas súplicas,  
e em prantos ele cai sobre a cama.

E ela se aproxima e se ajoelha a seu lado:  
– Odeio vê-lo assim tão triste!  
Mas, ah! Se tocar em mim,  
você estremecerá ao sentir o que lhe reservo.  
Como a neve é tão branca  
e tão fria como o gelo,  
assim é o amor que você elegeu.

Impetuoso, ele a segura em seus braços musculosos,  
animado pela força vital do amor:  
– Eu a aqueceria até  
se da tumba você tivesse saído!  
Hálitos se mesclam. Beijo!  
Inundação de sentimentos!  
– Você não está ardendo e não me sente arder?

O amor os une ainda mais,  
lágrimas se misturam ao seu prazer.  
Ela sorve esfomeada as chamas da sua boca.  
Para cada um, o mundo é o outro e nada mais.  
A paixão dele aquece  
dela o sangue congelado,  
mas no peito da jovem o coração não bate mais.

Nessa hora, tarde da noite,

a mãe passa em silêncio pelo corredor.  
Bisbilhota a porta, bisbilhota por muito tempo:  
que ruídos tão curiosos!  
Sons de queixumes e sons de prazer,  
balbucios do entusiasmo amoroso  
do noivo e da noiva.

Imóvel, ela permanece junto à porta,  
porque primeiro precisa se convencer.  
Contrariada, ela escuta as maiores juras,  
palavras doces e ternas:  
– Quietos! O galo está acordando!  
– Mas amanhã à noite você voltará?  
Beijos, tantos mais.

A mãe não segura mais sua raiva,  
e a fechadura conhecida é rápida de abrir:  
– Que mulher é esta dessa casa,  
que logo se entrega ao estrangeiro?  
E vai entrando.  
À luz da lâmpada ela enxerga...  
Deus! Ela enxerga a própria filha.

Assustado, o rapaz quer  
usar o véu da amada para cobri-la,  
ou escondê-la com o cobertor.  
Mas ela própria se revela.  
Pouco a pouco, seu corpo,  
movido pela força do espírito,  
se ergue da cama.

– Mãe! Mãe! – ela exclama, em vão.  
– Não estrague minha bela noite!  
Você me expulsa de lugares quentes.  
Será que só acordei para me desesperar?  
Não é suficiente, tão cedo,  
ter me envolvido na mortalha,  
ter me levado ao túmulo?

Mas do buraco coberto com muita terra  
sou animada por minha própria consciência.  
Os trinados de seus sacerdotes cantores  
e suas bênçãos não me interessam.  
Nem o sal nem a água  
conseguem refrear a juventude.  
Ah, a terra não impede o amor!

Este jovem era meu prometido  
quando Vênus<sup>2</sup> ainda reinava em seu templo alegre.  
Mãe, uma promessa estranha, falsa,  
fez com que você quebrasse sua palavra.  
Mas nenhum Deus dá ouvidos  
a uma mãe que jura  
estragar o casamento da própria filha.

Sou forçada a sair do túmulo  
para procurar o bem que se perdeu,  
para amar o homem que deixei de ter,  
e sugar o sangue de seu coração.  
E, quando a sua vez tiver passado,  
será a do próximo jovem  
sofrer o capricho da vingança.

Belo rapaz! Você não pode mais viver,  
você vai perecer aqui e agora.  
Meu colar eu lhe dei,  
e um cacho de seu cabelo levo comigo.  
Olhe bem para ele!  
Amanhã você será grisalho.  
Só na outra morada haverá cor.

Escute, mamãe, o último pedido:  
Arme uma fogueira,  
abra minha frágil casinhola,  
deixe as chamas trazerem paz aos amantes!  
Quando a faísca saltar,  
quando a cinza estiver em brasa,  
retornemos correndo aos velhos deuses.

† † †

## AUTOR E OBRA

Desde *Fausto* (1806) que Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) evidenciava a atração do Romantismo pelos mistérios do terror. Incluindo aí seu tom sensual, com o que o predador fascina sua vítima e se camufla diante dela... Até mesmo ostentando não somente a face da beleza, mas também a da inocência.

“A noiva de Corinto” é de 1797, e o poema pode ser visto como uma antecipação da saga literária dos vampiros. Não que tenha sido o primeiro monstro sugador de sangue da literatura, mas foi sem dúvida um dos primeiros a ser explorado por um ícone da literatura mundial. E mais...

Goethe é considerado um dos fundadores do Romantismo e sua figura máxima na literatura alemã. E aqui temos um escritor que também investiu fortemente na filosofia, na reflexão estética e com incursões importantes no campo da ciência, como sua teoria das cores (1810), explorando igualmente o lado irracional do mundo... Ou a incapacidade do ser humano de se contentar com o âmbito racional do conhecimento (que é todo o conflito e a determinação da tragédia do dr. Fausto).

O viés temático aberto por Goethe terá ilustres descendentes literários.

+++

## NOTAS

1. Himeneu: Deus do casamento na mitologia grega, filho de Apolo e Afrodite.
2. Vênus é o nome romano de Afrodite, a deusa do amor, da beleza e da sensualidade na mitologia grega.

## O sangue de Drácula

*Ensaio de Rodrigo Lacerda*

Três homens bem postos na sociedade, para quebrar a monotonia de suas existências, entram em contato com um servo do falecido conde Drácula e decidem promover um ritual satânico que vai trazê-lo de volta à vida. Uma vez realizada – e bem-sucedida – a empreitada, os homens, arrependidos, matam o servo que os ajudara. Mas, com isso, desagradam ao senhor dos vampiros, que promete se vingar. E promessa é dívida, mesmo entre vampiros. Um a um, os três cavalheiros acabam assassinados por seus próprios filhos.

Esse é o enredo de *O Sangue de Drácula*, filme de 1969, estrelado por Christopher Lee, ator que está para o personagem Drácula assim como o Sean Connery está para o James Bond, ou seja, é “o” clássico. Assisti ao filme pela primeira vez quando tinha uns seis anos. Foi na festa de aniversário de um tio apenas seis anos mais velho que eu, um irmão temporão de minha mãe, com uma quedinha para a morbidez, que devia, pelas minhas contas, estar completando doze anos. Ele chamara uns tantos colegas para a casa dos meus avós em Petrópolis, na região serrana do estado do Rio de Janeiro, e convidara amigos das casas vizinhas. Na época, como não existiam sequer os videocassetes, que dirá os DVDs, o jeito era alugar dois baita rolos de filme, mais o projetor, a tela portátil, o tripé, enfim, uma tralha.

Quando a noite caiu e a “festa” começou, umas quinze cadeiras estavam cheias e enfileiradas na hora da projeção. A empregada que fora minha babá (ainda era, na verdade; quem estou querendo enganar?) havia tentado me levar para a cama mais cedo, temendo que eu fosse ficar

impressionado com o filme, mas não tivera sucesso. Teimosamente, eu me instalara na última fileira, sentado no seu colo.

No apagar das luzes, os letreiros foram surgindo na tela sobre a imagem de uma pedra toda manchada de sangue, um sangue vermelho vivo, muito forte mesmo. Minha babá, por precaução, cochichou para mim: “Isso aí não é sangue, não, é mercurocromo”.

Minutos depois, quando o Christopher Lee, já ressuscitado, deu um daqueles sorrisos horripilantes, arqueando as sobrancelhas demoniacamente e com seus dois caninos pontiagudos bem visíveis, num esgar, novamente minha babá se encarregou de diminuir o impacto do que eu estava assistindo: “Esses dentes aí são falsos. Não precisa ter medo”.

Meu tio, sentado numa cadeira à minha frente, dessa vez nos repreendeu com o rabo do olho. O tempo foi passando, o filme, avançando, porém minha babá continuou me dando explicações que desmontavam o efeito macabro das imagens. De nossa parte, tudo dominado, portanto. Havíamos chegado a um acordo. Já para o aniversariante vampirólogo e vampirófilo, que pretendia justamente sentir o máximo de medo, propiciando a seus convidados idêntico prazer, o papo paralelo entre mim e minha babá logo se tornou insuportável. Uma hora ele se virou para nós e gritou o óbvio: “Assim vocês estragam o filme!”.

\* \* \*

“Suspensão da descrença” é como, no teatro, os especialistas chamam a capacidade do espectador de se desprender da “realidade real”, digamos assim, e se entregar a uma “realidade ficcional”. Para isso, ele precisa relevar as limitações físicas do palco, aceitar os códigos do cenário e do figurino, embarcar nas representações dos atores, se despojar de suas certezas físicas, de suas cobranças estéticas, de suas expectativas de objetividade total. Em outras palavras, a “suspensão da descrença” é o

estado que lhe permite, por algum tempo, realmente se colocar no lugar dos personagens e reagir positivamente aos elementos do espetáculo.

Se aplicarmos esse conceito não a uma peça de teatro em particular, mas aos filmes e aos gêneros literários, veremos que alguns entre eles, por se afastar mais da realidade objetiva, precisam que os espectadores sejam também mais capazes de atingir o estágio de suspensão da descrença. Outros precisam menos. A ficção científica, por exemplo, com seus sabres luminosos, impérios transgalácticos e princesas de penteados bizarros, exige mais esforço para se chegar lá. A comédia de costumes, por motivos óbvios, é mais próxima do cotidiano, exige menos. Uma coisa não é melhor do que a outra por causa disso; essa é apenas uma constatação.

O gênero do horror, por muitas vezes subvertendo as leis da natureza – criaturas meio gente meio bicho, psicopatas que sobrevivem a tudo, monstros inventados pela ciência –, é um dos que pedem de seus apreciadores maior esforço de suspensão da descrença<sup>1</sup>. E claro que esse não é um movimento de mão única, apenas deles em direção ao autor. Também o autor deve facilitar esse esforço, utilizando da melhor forma possível todos os recursos artísticos a seu alcance, de modo a dar autenticidade aos elementos da história, por menos realistas que eles sejam. Isso, claro, exige perícia, técnica e talento.

Em *Góticos II: Lúgubres mistérios*, o elenco de autores reunido é de primeiríssima grandeza: Robert Louis Stevenson, autor do clássico *O Médico e o Monstro*, uma obra-prima do terror psicológico; Bram Stoker, criador do já mencionado senhor dos vampiros; Mary Shelley, a verdadeira doutora Frankenstein; entre outros, do naipe de Goethe, Kipling e Machado de Assis.

O leitor que, aficionado ou não pelo gênero do terror, se dispuser a penetrar nos mistérios desses contos, certamente encontrará, do lado de lá, autores capazes, como poucos outros, de o atraírem para uma estranha e apavorante realidade.

\* \* \*

Vemos hoje, em muitas áreas da produção artística, uma predominância do realismo. No cinema, por exemplo, o aperfeiçoamento constante dos efeitos especiais pode ser interpretado como uma manifestação desse fenômeno. Eles precisam ser cada vez mais realistas para que seja cada vez mais fácil à plateia suspender a sua descrença. Algo parecido também pode estar ocorrendo no gosto literário contemporâneo, que favorece predominantemente obras realistas. Daí muita gente pedante olhar com certo desprezo para a literatura de terror, como algo meramente juvenil.

Não deixa de ser sintomático, no entanto, que, justamente nesse período de realismo quase hegemônico, os livros e as histórias de horror tenham encontrado um novo *boom*. Talvez nem Bram Stoker tenha visto um período em que os vampiros fossem tão populares quanto hoje! É como se os leitores estivessem reagindo ao espírito materialista de seu tempo e se voltando para um gênero que, por excelência, investiga as distorções sombrias da realidade. Uma longa tradição literária, surgida na França e na Inglaterra, turbinada nos Estados Unidos, formou esse público, para o qual vários brasileiros também se dirigiram ao longo do tempo e se dirigem atualmente.

Contudo, além de as circunstâncias históricas possivelmente exigirem o contrafluxo de literaturas como a de horror, há no contato com esse gênero específico um prazer que não é restrito a nenhuma época. Há quem remonte à Grécia antiga a origem das histórias de horror, então caracterizadas por uma peculiar combinação de mitologia e tragédia, na qual surgem personagens apavorantes como o Minotauro e a Medusa. Passaram-se os séculos, nasceram e morreram os impérios, até que Freud, por sua vez, registrou e discorreu sobre o prazer que sentimos ao ter contato indireto com experiências de dor e morte, numa dinâmica paradoxal de nosso inconsciente.

Essa inclinação constante da humanidade para as histórias de terror, essa “quedinha para a morbidez” que meu tio sentia, e que a humanidade sente junto com ele, é também explicada por H. P. Lovecraft, outro mestre do gênero. No seu entender, inventamos monstros e personagens apavorantes, porque, por mais apavorantes que sejam, quando os vemos em ação, entramos em contato com o que eles representam, isto é, com motivações profundas de nossa alma. E continua Lovecraft: “A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o mais antigo e o mais forte de todos os medos é o medo do desconhecido”.

Ou seja, inventamos personagens horripilantes e vivemos o medo ficcional exatamente para diminuir o medo real que sentimos do desconhecido dentro e fora de nós. É o que vocês vão encontrar ao longo das páginas deste livro. Portanto, boa sorte a todos!

+++

## AUTOR E OBRA

Rodrigo Lacerda nasceu em 1969, no Rio de Janeiro, e mora em São Paulo. Sua primeira novela, *O Mistério do Leão Rampante*, ganhou o Prêmio Jabuti 1995 e o Prêmio Certas Palavras de melhor romance. A esses se seguiram *A Dinâmica das Larvas* (novela, 1996), *Fábulas para o Século XXI* (livro infantil, 1998), *Tripé* (contos, 1999), *Vista do Rio* (romance, 2004; finalista dos prêmios Zaffari & Bordon, Portugal Telecom e Jabuti), *O Fazedor de Velhos* (romance juvenil, 2008; Prêmio Jabuti, prêmio de melhor livro juvenil da Biblioteca Nacional, prêmio de melhor livro juvenil da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), incluído no catálogo *White Ravens*), além do romance *Outra Vida*, ganhador do Prêmio de Melhor Livro de Ficção da Academia Brasileira de Letras em 2010 e um dos vencedores do Prêmio Portugal Telecom 2010.

Rodrigo Lacerda desenvolve ainda carreira de editor, organizador, consultor editorial e tradutor. Formado em História pela Universidade de São Paulo (USP) e com a tese de doutorado *João Antonio: Uma biografia literária*, sobre o escritor João Antonio, pela mesma instituição, tem obras publicadas no Brasil e no exterior.

+++

## NOTAS

1. Parece haver uma teoria segundo a qual a presença de elementos sobrenaturais no enredo diferencia a literatura de terror e a de horror. Na de terror, eles não existiriam; na de horror, seriam obrigatórios. Acabo de ler sobre essa teoria olhando no Google e, confesso, não a levo muito a sério. Sobretudo, agora é tarde para mim. Horror e terror são sinônimos há quarenta e dois anos no meu entender, o que há são ênfases nessa ou naquela vertente do terror/horror: psicológico, fantasmagórico, vampiresco, científico etc.



## 10 O fantasma de todas as salas

*Daniel Defoe*

Tradução: Luiz Antonio Aguiar

Certa pessoa de considerável importância, estando com a família na sua casa de campo para passar o verão, como sempre costumava fazer, foi obrigada, por conta de uma circunstância relacionada à sua saúde, a deixar a casa e ir para Aix-la-Chapelle, onde deveria se submeter a banhos medicinais. Ao que parece, isso ocorreu no mês de agosto, faltando ainda dois meses para o inverno, quando normalmente retornaria à corte.

Assim, deixando a casa antes do habitual, não retirou a mobília, como a família também costumava fazer, nem levou consigo a prataria ou outros objetos de valor. Deixou lá o mordomo e três empregados para tomar conta de seus bens e pediu ao pároco da região para ficar de olho neles e providenciar que fossem auxiliados por pessoas da aldeia próxima caso necessário.

O mordomo não teve notícia de qualquer perigo nem ameaça, mas, por três ou quatro dias depois da partida de seus amos, foi sobressaltado intimamente por lampejos de terror, como a pressentir que a casa estivesse sendo vigiada e prestes a ser atacada por um bando de assaltantes, ou, como os chamamos na região, *arrombadores*, que matariam ele e os empregados e, depois de roubar tudo o que quisessem, incendiariam a residência. Ocorre que essa sensação o perseguiu fortemente, atormentando a sua mente de tal maneira que ele já não conseguia pensar em outra coisa.

Assim sendo, no terceiro dia, procurou o pároco, a quem transmitiu seus temores. E foi quando aconteceu o diálogo a seguir entre o pároco e o mordomo:

– Reverendo – disse o mordomo –, o senhor bem sabe a responsabilidade que me deram, e que meu amo me confiou a casa inteira, além de sua preciosa mobília. Estou muito perturbado com o que está acontecendo e por isso vim buscar o seu conselho.

– Por quê? Qual é o problema? Você não viu nada que indicasse ameaça, viu?

– Não, nada. Mas estou preocupado, além dessa sensação que me acompanha o tempo todo. De modo que...

E a seguir descreveu em detalhes tudo que o perturbava e, além do que está escrito acima, que um dos empregados sentia o mesmo que ele e lhe contou isso, embora ele próprio não houvesse comentado nada a esse respeito com esse empregado.

– Quem sabe se tudo não passa de um sonho? – arriscou o reverendo.

– De modo algum, senhor! Tenho certeza de que não se trata de um sonho, até porque não tenho conseguido dormir nem, portanto, sonhar.

– Mas como eu poderia ajudá-lo? – perguntou o reverendo. – O que quer de mim?

– Em primeiro lugar, que me diga o que pensa de tudo isso e se alguma notícia que confirme meus receios chegou ao senhor.

Foi quando o reverendo se empenhou em interrogá-lo mais minuciosamente a respeito de suas preocupações, além de mandar chamar o outro empregado e interrogá-lo separadamente. Sendo o reverendo um homem muito judicioso e franco, disse então aos dois:

– Veja, caro mordomo, não creio que o caso seja motivo de grandes cuidados, mas não acho que devemos desdenhá-lo. No lugar de vocês, eu me manteria atento, e podem me chamar ao menor sinal de perigo.

– Não é grande ajuda me colocar em estado de alerta, já que não tenho meios de defender a casa. E creio que, se bandidos resolveram me atacar, já

sabem disso.

– Bem – disse o reverendo –, deseja que ponha alguns homens de guarda por lá?

– Sim, seria bem melhor desse modo.

– Bem, mandarei homens armados vigiarem a casa esta noite.

E, conforme prometera, o reverendo enviou cinco homens fortes com seus fuzis e uma dúzia de granadas. Pelo tempo que permaneceram na casa, nada aconteceu. Assim, o reverendo, constatando isso e não querendo aumentar ainda mais a despesa do proprietário, mandou chamar o mordomo e, num tom de voz irritado, lhe disse:

– Não sei que explicações vai dar disso ao seu amo, mas vai impor a ele um gasto prodigioso se mantiver esses homens montando guarda à casa até ele retornar.

– Lamento muito, reverendo. Mas o que posso fazer?

– O quê? Ora, ponha a cabeça no lugar e tenha coragem. Não faça seu amo gastar duzentas ou trezentas libras somente por conta de seus devaneios.

– Mas o senhor mesmo disse que não se pode desdenhar pressentimentos como esses.

– É verdade, mas também disse que não se devia ter cuidados demais com o assunto.

– Então, reverendo, o que devo fazer?

– Ora, deve dispensar os homens e tomar conta da casa como puder. Se vir algum sinal concreto de ameaça, me avise que eu o ajudarei.

– Bem – suspirou o mordomo –, que o meu anjo da guarda me proteja, então, e a casa do meu amo, já que não resta mais ninguém para fazê-lo.

– Amém! – replicou o reverendo. – E confio que os bons espíritos protejam todos vocês.

A seguir, abençoou o mordomo, que foi embora resmungando bastante, mas dispensou os homens de guarda e se deixou entregue somente aos bons espíritos.

Entretanto, parece que as preocupações do mordomo, por mais reservadas a si mesmo e embora sem nada que as comprovasse, não eram tão irrelevantes como o reverendo havia pensado. Se ele tinha na mente que houvesse pessoas planejando atacar a casa, isso de fato ocorria, como você verá a seguir.

Um bando de assaltantes, recebendo a informação de que o aristocrata dono da casa e sua família haviam partido para Aix-la-Chapelle, deixando toda a mobília, além da prataria e de outros valores, planejava invadir a mansão, roubar o que pudesse e depois incendiá-la, exatamente como o mordomo imaginara.

Eram vinte e dois homens, todos muito fortes e bem armados. No entanto, enquanto permaneceram na casa os guardas que o reverendo mandou para vigiá-la junto com o mordomo, sendo que mais três vinham reforçar a vigília noturna, os ladrões não se atreveram a agir.

Mas, logo que escutaram a notícia de que os guardas haviam sido dispensados, retomaram seus planos e, para encurtar a história, atacaram a casa por volta da meia-noite. Trazendo consigo ferramentas próprias para o arrombamento, segundo supenho, forçaram uma janela, e doze deles penetraram na casa, ficando o restante de sentinela em pontos que consideraram adequados para evitar que qualquer socorro chegasse da aldeia.

O pobre mordomo e os três empregados ficaram apavorados. Na hora, estavam no andar de cima e armaram uma barricada no alto das escadarias, mas era o máximo que podiam fazer enquanto escutavam os ladrões invadindo a casa. Ao perceber que os malfeitores já estavam dentro, resignaram-se, pois só o que lhes restava era se manter no andar de cima enquanto a casa era pilhada e depois ser queimados vivos no incêndio.

No entanto, parece que os bons espíritos mencionados pelo reverendo, ou alguma outra criatura, haviam reservado destino melhor para eles, como veremos.

Quando o primeiro dos ladrões invadiu a casa, logo abriu a porta para que entrassem tantos quantos achassem necessários do bando, e, como já foi dito, eram em número de doze. A seguir, fecharam a porta de novo, trancando-se lá dentro, deixando outros dois do lado de fora, com instruções de que, caso necessário, corressem a chamar os comparsas de vigia nos arredores.

Os doze ladrões percorreram todo o salão principal e acharam bem pouco que pudesse satisfazer à sua ganância. Mas, penetrando no cômodo seguinte, uma bela sala de estar com rica mobília, onde a família passava a maior parte do tempo reunida, tiveram uma surpresa! Numa grande poltrona de braços, havia um homem idoso, de aparência respeitável, usando uma peruca com cabelos pretos compridos e trajes muito ricos, com brocados e uma gola de rendas típica de advogados. Ele lhes lançou um olhar de sobressalto e pareceu também lhes dirigir gestos, como se pedisse piedade, embora sem pronunciar palavra alguma. Tampouco os ladrões lhe falaram, exceto um deles, que, mais surpreso de todos, gritou:

– Ei! Quem é você?

Prontamente, os rufiões se atiraram às cortinas de damasco, arrancando-as das janelas, e a tudo mais de valor que estava no ambiente. Um deles, entretanto, dirigiu-se a um outro, com palavras rudes:

– Faça esse cão velho dizer onde a prataria está escondida.

Ao que o outro respondeu:

– Se ele não disser, corte sua garganta sem hesitar.

O velho cavalheiro continuava fazendo gestos, como se suplicando por sua vida, e, apavorado, apontou para uma porta que dava entrada à sala de jogos e servia também como sala de desenho. Uma outra porta a seguir abria-se para o salão principal, que, por sua vez, dava para os jardins. Os ladrões gastaram algum tempo para arrombar a porta que dava para aquela sala e, quando finalmente entraram, ficaram surpresos ao ver o mesmo senhor idoso vestindo as mesmas roupas e sentado na mesma

poltrona, no extremo oposto do aposento, fazendo os mesmos gestos e súplicas silenciosas de antes.

No princípio, não ficaram muito preocupados, pensando que ele lhes tivesse tomado a frente atravessando uma outra porta qualquer e que, portanto, haveria uma outra entrada para aquela sala. Mas um deles, mais cruel que os demais, disse, de maneira insultuosa:

– O cachorro sarnento usou outra porta e, se fez isso, foi para esconder a prataria e o dinheiro. – A seguir, ordenou que partissem o crânio do velho.

Um outro bandido ameaçou-o, dizendo que, se ele não mostrasse imediatamente onde estavam os valores da casa, seria um cachorro morto num piscar de olhos.

Diante de uma fúria tão intensa por parte dos bandidos, o velho apontou para uma porta que se abria para um salão e que, sendo um par de portas de pouca espessura, dobráveis, abriram-se sem necessidade de esforço dos ladrões. O bando entrou correndo no grande salão e, quando olharam para o extremo do aposento, oposto à porta, lá estava de novo o velho, vestindo os mesmos trajes e na mesma postura de antes.

Vendo isso, os que vinham na frente gritaram:

– Esse velho tem parte com o demônio, só pode ser! Ou como conseguiria tomar nossa frente outra vez?

Mas a cena era um pouco diferente agora. Quando saíram da primeira saleta, ávidos por encontrar a prataria e o dinheiro, nos quais queriam logo botar as mãos, todo o grupo avançou para a segunda saleta, menos quatro deles, que foram deixados para trás na já mencionada sala de jogos, e não por terem recebido ordem para isso, nem por terem planejado fazê-lo, mas por acaso.

Dessa maneira, se viram na seguinte confusão: enquanto alguns deles gritavam no salão, alertando que o velho aristocrata havia chegado antes deles, os outros quatro respondiam da saleta:

– Mas que diabo! Como pode? Ora, ele ainda está aqui, em sua poltrona e vestindo aquelas roupas estranhas.

Com isso, dois deles correram de volta à primeira saleta e o viram novamente, na mesma posição de antes. Apesar disso, e sem conseguir adivinhar o que estava ocorrendo, imaginaram que estivessem sendo ludibriados, ou que alguém estaria debochando deles, pois haveria três velhos, todos usando os mesmos trajes e ao mesmo tempo, tudo um plano para enganá-los e para lhes mostrar que os homens do andar de cima não estavam com medo deles.

– Bem – disse um dos bandidos –, vou acabar com um desses velhos sujos. Vou lhe ensinar a não tentar nos fazer de tolos.

Tendo dito isso, ergueu seu fuzil o mais que pôde e atingiu o velho, ou pensou tê-lo feito. Mas, para espanto deles, nada havia na poltrona, e o fuzil do bandido desfez-se em mil pedaços, ferindo gravemente sua mão. Um pedaço do cano, desprendendo-se e tendo atingido a cabeça dele, quebrou os ossos do seu rosto e o fez cair desmaiado para trás.

Ao mesmo tempo, um dos bandidos no salão avançou sobre o velho sentado ali, ameaçando rasgar suas finas vestes de brocados e depois cortar sua garganta. Entretanto, quando caiu sobre ele, nada encontrou na poltrona.

Isso aconteceu em ambos os aposentos, o que lançou os bandidos num pânico aterrorizado. De ambas as salas, gritavam em desespero.

Ainda paralisados pelo que havia acontecido, detiveram-se, trocando olhares, sem conseguir dizer coisa alguma. Finalmente, um deles falou:

– Vamos voltar à primeira sala e ver se o velho também sumiu de lá.

Assim, dois ou três mais próximos da porta correram para a outra sala, e lá viram novamente o velho, sentado na mesma poltrona. Então, chamaram o bando todo e lhes disseram que acreditavam que estivessem enfeitados, que na certa somente imaginaram que haviam visto o velho nas outras salas, já que ali estava o velho verdadeiro, sentado do mesmo modo que o viram da primeira vez.

Então, todos entraram correndo na mesma sala, jurando que tirariam a limpo se ali estava ou não o diabo. Um deles chegou a dizer:

– Deixem que eu me aproxime desse velho. Falarei com ele. Não será a primeira conversa que terei com o diabo.

– Não – protestou um outro. E disse: – Deixem que seja eu a falar com ele. – E completou com uma praga: – Cavalheiros, em nosso ofício, não podem ter medo de conversar com o diabo.

Um terceiro (porque a coragem deles se reacendia) assim falou:

– Não importa que seja o diabo, nem a avó do diabo. Vou lá conversar com ele. Estou decidido a destrinchar esse mistério.

E com isso adiantou-se aos demais, aproximando-se do velho, a quem disse:

– Em nome de São Francisco e de... – mencionou dois ou três santos em quem confiava para o ajudarem a afugentar o diabo. – Quem é você?

A figura não se moveu nem disse coisa alguma. Mas, vendo agora seu rosto, descobriram que, em vez de sua expressão tão amedrontada de dar pena e de alguém que suplicava pela sua vida como antes, ele se tornara o mais medonho monstro já visto, algo indescritível. E, em vez de as mãos dele estarem implorando por piedade, seguravam agora duas adagas de fogo, que não emitiam chamas, mas estavam incandescentes e as pontas tomadas de uma lividez azulada. Numa palavra, ou um demônio, ou qualquer coisa semelhante surgiu ali diante deles, a visão mais aterrorizante que poderiam imaginar.

Foi minha opinião, quando li essa história pela primeira vez, que os rufiões tivessem ficado tão apavorados que sua imaginação, mais tarde, deu forma a algo que, em seus pensamentos, era mais aterrador que o próprio demônio.

Seja como for, foi isso o que viram quando se aproximaram, e os ladrões não tiveram coragem de encará-lo, muito menos de lhe dirigir a palavra. Somente um foi ousado o bastante para se aproximar, e fez isso com um exército de santos saindo de sua boca, mas mesmo assim tombou

inerte no chão, perdendo os sentidos, como se costuma dizer, de tanto medo.

O mordomo e os três empregados, enquanto isso, continuavam no andar de cima, preocupados ao extremo com a situação em que estavam e esperando, a qualquer momento, que os assaltantes derrubassem a barricada e os atacassem, cortando logo suas gargantas. Escutaram toda a confusão que os bandidos faziam, mas não havia como imaginar o que estivesse acontecendo, nem muito menos o que tudo aquilo significava. Entretanto, finalmente ocorreu a um dos empregados que, enquanto todos os bandidos estavam ocupados na sala de visitas, o que quer que estivesse acontecendo, ele poderia subir ao telhado da casa e atirar uma das granadas pela chaminé, e com isso, talvez, matar alguns deles.

O mordomo aprovou o plano, mas somente com uma objeção:

– Se você atirar uma granada numa sala, todos correrão para a sala de jogos e nenhum ficará ferido. Portanto, vamos atirar três, uma em cada chaminé, porque assim as explosões ocorrerão ao mesmo tempo e eles não saberão para onde fugir.

Seguindo as ordens do mordomo, dois dos homens, que conheciam muito bem a casa, subiram ao telhado e, acendendo os estopins das granadas, jogaram uma em cada chaminé. Lá desceram com assustador barulho e (isso foi o que mais fez efeito) caíram na sala onde quase todos os bandidos estavam reunidos no exato momento em que tombava, desmaiado, no chão o companheiro que abordou o vulto do velho.

O bando inteiro ficou apavorado além de qualquer limite. Alguns correram de volta ao salão de jogos, de onde haviam acabado de sair, e outros correram para a outra porta, que dava para o salão, mas quase no mesmo instante escutaram o que pensaram ser o diabo descendo pela chaminé.

Se fosse possível que os estopins das granadas continuassem a queimar no interior das chaminés, onde o barulho se amplificava mil vezes, saindo pela lareira vazia, e de onde a fuligem, queimando, caía em flocos de fogo,

os rufiões teriam ficado tão apavorados que haveriam perdido ali a sanidade. Imaginariam que, assim como havia um demônio sentado na poltrona, dez mil outros estariam descendo pela chaminé para exterminá-los, e talvez depois para carregá-los para o inferno.

Mas era impossível. Assim, depois de já estarem mais do que apavorados com todo aquele barulho, as granadas caíram na sala, as três juntas. Foi uma sorte tão grande que pareceu tudo planejado daquele modo, já que a granada que caiu na sala onde estavam explodiu logo que tocou o chão, e os ladrões não tiveram tempo de ver o que estava acontecendo, muito menos de perceber que na verdade se tratava de uma granada. Mas, no que a explosão feriu gravemente vários deles, sem dúvida pensaram que fosse o demônio aquele velho sentado na poltrona.

O barulho da explosão da granada foi tão repentino e inesperado que os confundiu, e o dano entre eles foi drástico. O homem que desmaiara e estava caído no chão foi morto de imediato, assim como dois outros que estavam mais próximos da chaminé. Cinco deles foram feridos gravemente, e um teve as pernas fraturadas e estava tão desesperado de dor que, quando os moradores dos campos em volta entraram na casa, deu um tiro na própria cabeça com sua pistola para evitar ser preso.

Se alguns deles tivessem fugido da sala para os outros dois aposentos, provavelmente teriam sido feridos pelas outras explosões. No entanto, ao escutar o barulho proveniente de ambas as salas, e ainda sob a crença de que não seriam granadas, mas o demônio, não tiveram capacidade de fazer qualquer movimento. E, mesmo que pudessem, não saberiam para onde correr para se colocar a salvo. Atordoados tanto pelo barulho quanto pela fumaça e esperando que mais demônios descessem pela chaminé e os atacassem, fugiram em disparada para a porta, ajudando os feridos a se erguerem na medida do possível. Um desses morreu já nos campos ao redor da casa.

Deve ser observado que, enquanto os ladrões estavam desse modo aterrados, não poderiam saber o que estava caindo pelas chaminés, e

gritavam que o demônio havia convocado outras criaturas infernais para destruí-los. É de se supor que, se não fossem as granadas, todos teriam escapado ilesos. Mas sem dúvida foi o demônio artificial, reunindo-se em momento tão propício ao demônio do delírio dos bandidos, ou seja lá o que aquilo fosse, que completou o pânico e os fez fugir em debandada.

Quando atravessaram a porta onde haviam deixado dois homens de sentinela, fizeram sinal a seus cúmplices, postados nas avenidas que davam na casa, para virem socorrê-los e ajudá-los a carregar os feridos. Mas, depois de escutar o relato daqueles que haviam escapado da casa e promovendo uma breve reunião a curta distância da porta (apesar da escuridão, o mordomo e os demais empregados viram tudo da janela do andar de cima), todos resolveram fugir dali.

Houve ainda outra ocorrência que, embora não tenha relação com o assunto aqui tratado, devo mencionar para completar a história. Duas das granadas, com o fogo de seus estopins, colocaram a lareira em chamas. A terceira, descendo por uma chaminé onde não havia fuligem, já que aquela sala era pouco usada, não teve o mesmo efeito. E o fogo, lançando chamas pelo telhado, como usualmente acontece, foi avistado por alguém na vila, que correu a avisar o reverendo, que de novo mobilizou todos os moradores, gritando que a casa estava pegando fogo.

Se o restante do bando não tivesse fugido, certamente teria caído nas mãos dos moradores do vilarejo, que acorreram o mais depressa que puderam, trazendo as armas que conseguiram reunir na pressa. No entanto, os rufiões haviam escapado, deixando três deles mortos na casa e um nos campos vizinhos.

+++

AUTOR E OBRA

“Aquele, entretanto, estava sendo um verão muito desagradável, e as chuvas incessantes nos obrigavam a permanecer em casa durante vários dias. Caíram em nossas mãos alguns volumes das histórias de fantasmas, traduzidas do alemão para o francês. Havia a *History of the Inconstant Lover* (“História do Amante Inconstante”), que, quando pensava estar abraçando a noiva, a quem jurara eterna fidelidade, achava-se nos braços do pálido fantasma daquela que o abandonara. Havia o conto do pecaminoso fundador de sua raça, cujo infeliz destino era dar o beijo da morte em todos os filhos jovens de sua maldita casa... Sua forma sombria, gigantesca, vestida numa armadura completa, como o fantasma de *Hamlet* (de William Shakespeare), mas com a viseira levantada, era vista à meia-noite, aos raios da Lua... ‘Cada um de nós vai escrever uma história de fantasmas’, disse Lord Byron, e sua proposição foi aceita.”

Mary Shelley, “Introdução da Autora” (à edição de 1831) ao *Frankenstein ou o Moderno Prometeu* (1817), trad. Miécio A. J. Honkis.

As histórias de fantasmas estão presentes em várias tradições literárias europeias, com particular ênfase entre as obras inglesas. Naturalmente, estão também no nascedouro do gótico do Romantismo. Foram, segundo o relato da autora de *Frankenstein*, o ponto de partida para que aquele célebre encontro gerasse este que foi o primeiro grande romance do gênero. Ora, nenhum daqueles amantes da literatura reunidos na casa de Lord Byron (o próprio poeta e seu amigo Percy Shelley, marido de Mary, e o médico John Polidori, que traria o personagem do vampiro pela primeira vez à literatura inglesa – *O Vampiro*, 1831)<sup>1</sup>, poderia deixar de conhecer e mesmo reverenciar Daniel Defoe, um dos pilares do romance inglês.

Às vezes considerado *realista* (ou até mesmo um dos precursores do Realismo na literatura), flagramos aqui Defoe num momento raro, em

que o sobrenatural e o fantástico assumem o primeiro plano da história. E isso numa torção bastante original e surpreendente do enredo, já que o fantasma aparece primeiramente como um velho frágil, suplicante, uma visão que nos deixa quase à vontade para prosseguir lendo a história sem erguer nossas defesas contra o terror. No entanto, depois de atacada, *a coisa* se transforma numa terrível criatura, precipitando vertiginosamente os acontecimentos. E nossos calafrios.

Contam as lendas sobre o autor que ele não acreditava em fantasmas – e alguns estudiosos até mesmo questionam se são de sua autoria as muitas histórias do gênero atribuídas a ele. Mesmo entre esses, entretanto, não há quem não recomende “O fantasma de todas as salas” como um exemplar descendente do espectro que atormenta *Hamlet* (seu pai) com suas revelações e sua exigência de vingança. Aqui, o velho, e em Shakespeare, o fantasma do rei assassinado, ambos são criaturas que emergem do Undiscovered Country (“País Não Descoberto”), mencionado pelo príncipe da Dinamarca.

Defoe (1660-1731) se tornaria célebre pelo romance *Robinson Crusoe* e por obras-primas como *Moll Flandres* e *Diário do Ano da Peste*. Aqui, nesta *história de fantasmas*, põe em ação um dos ingredientes básicos do imaginário e da literatura britânicos: a casa assombrada por espíritos que detestam ter seus domínios invadidos e que repelem, às vezes malignamente, os que os perturbam em sua lúgubre paz.

+++

## NOTAS

1. O Vampiro: Publicado em *Góticos – Vampiros, múmias, fantasmas e outros astros da literatura de terror*.



## II A corrente do destino

*Bram Stoker*

Tradução: Luiz Antonio Aguiar

### I. Um aviso

Já era quase noite quando cheguei a Scarp, e assim foi bem pouco o que pude observar da aparência externa da casa. Mas, pelo que consegui ver sob a fraca luz do crepúsculo, era um prédio bastante imponente, de aparência muito antiga, construído de pedra branca. Quando atravessei a varanda, no entanto, pude contemplar os detalhes de sua beleza interior, pois uma ampla lareira ocupava o salão, e todos os aposentos e corredores estavam iluminados. O hall era tão grande que seria digno do castelo de um barão, terminando numa escadaria de carvalho escura, tão larga e generosa em sua inclinação que seria quase possível uma carruagem subir por ela. Os quartos eram espaçosos e elegantes, com as paredes, assim como as da escadaria, providas de painéis de madeira já enegrecida pelo tempo.

Um material tão escuro poderia tornar a casa intensamente lúgubre não fosse graças à largura e à altura privilegiadas dos aposentos e corredores. Assim, o que se via era uma acolhedora combinação de tamanho e aconchego. As janelas eram embutidas em vãos profundos, e o pé direito do andar térreo se elevava desde o nível do solo até o teto. As lareiras eram de um estilo muito antigo, todas amplas e rodeadas de carvalho maciço trabalhado, cada qual representando alguma cena bíblica.

Junto a cada lareira, viam-se cães fundidos em ferro maciço. Considerando o conjunto, eram casas que poderiam muito bem agradar a Washington Irving<sup>1</sup> ou a Nathaniel Hawthorne<sup>2</sup>.

A casa fora restaurada fazia pouco tempo no intuito de proporcionar mais conforto à residência. Assim, todas as benfeitorias que pudessem dar aos aposentos ainda mais o espírito de lar foram realizadas. A velha moldura da vidraça em formato de diamante, provavelmente resquício da era elisabetana<sup>3</sup>, havia dado lugar a mais vidraças planas. Seguindo o mesmo espírito, muitas outras mudanças foram executadas. Mas sempre de modo tão harmonioso que nenhuma das novidades se opunha ao que era antigo, e a harmonia de todos os elementos parecia perfeita.

Não me admirei de que a Sra. Trevor tivesse se apaixonado por Scarp logo na primeira vez em que visitara a propriedade. O amor que lhe nasceu pelo lugar era o necessário para que seu marido o adquirisse, pois era um homem rico, que poderia adquirir quase tudo o que o dinheiro compra. Tinha gosto bastante apurado, mas ainda assim sentia-se inferior à sua esposa nesse aspecto. Tanto que jamais sonhou divergir de suas opiniões em nada que implicasse escolha ou julgamento.

A Sra. Trevor era a pessoa de gosto mais refinado que já conheci e, por mais estranho que isso possa parecer, esse seu bom gosto não se resumia a uma manifestação artística específica. Não escrevia, nem pintava, nem cantava. E mesmo assim suas opiniões sobre literatura, pintura e música eram aceitas sem discussão por seus amigos. Parecia que a natureza havia lhe negado o poder de materialização de qualquer trabalho artístico somente para torná-la perfeita na sua capacidade de apreciar a beleza estética e a verdade criativa de qualquer obra. Era perfeita na *arte de harmonizar – a arte do dia a dia*. Seu marido costumava dizer – uma brincadeira do casal – que sua estrela estava na casa de Libra, já que tudo o que ela dizia e fazia demonstrava um equilíbrio admirável.

O Sr. e a Sra. Trevor formavam um casal absolutamente modelar. Nunca vi nada igual – não pareciam nem sequer gêmeos, mas uma única e

mesma pessoa. Pareciam ter adotado algo do estilo francês de casamento – que não deveriam ser menos amigos por estarem ligados por laços indissolúveis e que deveriam compartilhar não somente o prazer, como também o padecimento. E o primeiro excedia com folga o último, já que marido e mulher possuíam um temperamento satisfeito, capaz de extrair prazer do que fosse e de encontrar consolo até mesmo nos árduos tempos de aflição.

Mas em sua vida feliz havia uma ameaça preocupante. Algo que costumava mostrar-se em estranhos pontos do tecido e logo desaparecia, restaurando-se então o tom de tranquilidade – não tinham filhos.

“Tiveram sua cota de sofrimento, já que, quando o tempo chegou, a afeição sólida que nutria o coração transformara-se num desejo secreto que na serenidade parecia ter passado mas que deixava um vazio até então desconhecido.”

Havia qualquer coisa simples e sagrada na paciência com que enfrentavam a solidão de suas vidas – já que a solidão sempre habitará uma casa sem crianças para os que se amam de verdade. Não que fossem tomados pela ansiedade frustrada que perturba a vida daqueles cuja união tenha se mostrado estéril. Era a simples, paciente e desesperançada resignação daqueles que consideram que um sofrimento compartilhado une ainda mais do que as alegrias cotidianas. Eu próprio reparava no quanto se gostavam e no intenso sentimento paternal que tinham em relação a mim.

Desde a ocasião em que caí de cama, doente, na universidade, e a Sra. Trevor surgiu, diante de meus olhos semicerrados e febris, como um anjo de bondade, senti que ganhava cada vez mais espaço em seus corações. Sou muito grato àquela senhora que, somente por ter ouvido um colega meu falar da minha enfermidade e do meu estado de abandono, veio me ver e cuidou de mim a partir de então, ficando dia e noite ao meu lado, até

a febre passar. Quando eu já estava forte o bastante para ser removido, ela providenciou para que eu fosse transportado para o interior, onde ar puro, cuidados e atenção logo me fizeram mais forte do que nunca.

Foi daí que me tornei um frequentador constante da casa dos Trevor e, à medida que os meses transcorriam, sentia-me cada vez mais próximo deles. Foram quatro verões nos quais passei longas férias na casa deles, e a cada ano eu notava o aperto de mão do Sr. Trevor mais devotado, e o beijo de sua mulher em minha testa – que era a maneira como sempre me dava as boas-vindas – mais terno e maternal.

O afeto deles por mim havia aumentado tanto que, no mais fundo de seus corações, um santuário comum aos dois, eles me amavam como um filho. O amor deles era muito grande e também correspondido por este garoto solitário, cujo carinho por seus amigos de juventude e a solidariedade em relação ao problema que tinham só aumentou quando ele chegou à idade adulta. Também no meu coração tímido devo confessar o quanto os amava, a adoração que tinha pela Sra. Trevor, que sentia como se fosse minha mãe, a quem perdi tão cedo, e cujos olhos brilhavam, mesmo então, sobre mim, por vezes, como estrelas nos meus sonhos.

É estranho o quanto nos aborrece tudo o que se refere ao nosso afeto. Eu simplesmente jamais confessei a ela que a amava como se fosse minha mãe, porque ela não me disse, nunca, que me amava como se eu fosse seu filho, e por causa disso houve ocasiões em que alimentei uma dissimulada suspeita em relação a ela, como se estivesse confiando demais na minha imaginação. Até tentei parar de pensar nela, mas meus sentimentos se tornaram fortes demais para serem repelidos, e eu pensava nela por um tempo longo silenciosamente, e isso só me fazia amá-la cada vez mais.

Minha vida era tão solitária que eu me apegava à Sra. Trevor como se fosse a única pessoa a quem eu amasse. Claro que eu amava o Sr. Trevor também, mas nunca pensei nele do mesmo modo, já que os homens não reconhecem e demonstram menos sua afeição uns pelos outros.

A Sra. Trevor era uma excelente anfitriã. Sempre deixava evidente a seus convidados o quanto eram bem-vindos e, a não ser no caso de visitantes eventuais, estava sempre ansiosa à espera deles. Desse modo, ela era muito popular entre pessoas de todas as classes e, o que era mais raro, igualmente popular entre pessoas de ambos os sexos. Ser popular entre pessoas do mesmo sexo é mérito definitivo de uma mulher. Ela visitava as casas dos lavradores, e eles a consideravam um anjo, lhes trazendo consolo. Conhecia a maneira mais adequada de lidar com os pobres, sempre os auxiliava materialmente, mas sabia fazê-lo sem ofender seus sentimentos. Todos os jovens a adoravam.

Minha curiosidade foi atiçada para descobrir como era Scarp, porque – o que me surpreendia – nunca me contaram nada a respeito da propriedade, diziam somente que eu deveria esperar para formar minha própria opinião. Assim, eu aguardava ansiosamente minha primeira visita, com muita expectativa e curiosidade.

Quando entrei no hall, a Sra. Trevor veio me dar as boas-vindas e beijar a minha testa, como costumava fazer. Muitos dos antigos empregados se aproximaram sorrindo e me cumprimentaram com uma reverência, desejando-me: “Boas-vindas, Sr. Frank”. Apertei a mão de muitos deles enquanto suas esposas me olhavam com um sorriso satisfeito.

Entre na saleta de visitas, onde uma ceia hospitaleira era servida em uma linda mesa. A Sra. Trevor me disse:

– Fico contente que tenha chegado tão cedo, Frank. Não temos mais ninguém na casa e assim, por alguns dias, ficaremos apenas meu marido e eu com você. Mas esta noite Charles irá a um jantar em Westholm, e só você e eu ficaremos aqui.

Eu disse a ela que ficava feliz que não houvesse mais ninguém em Scarp, pois preferia a companhia dela e do marido a de qualquer outra pessoa no mundo. Ela sorriu ao dizer:

– Frank, se qualquer outro dissesse isso, eu tomaria como um mero cumprimento, mas sei que você é sincero. Nada de mais você ficar sozinho

com um casal de velhos como Charles e eu por dois ou três dias. Mas espere até quinta-feira, e vai encarar estes dias de espera como um desperdício de tempo.

– Por quê? – indaguei.

– Porque, Frank, uma moça passará alguns dias comigo a partir de quinta-feira, e eu tenho a intenção de fazê-lo se apaixonar por ela.

Respondi fazendo piada:

– Oh, muito obrigado, Sra. Trevor, muito agradecido por suas gentis intenções. Mas suponha, pelo menos por um instante, que sejam impraticáveis. “Um homem pode levar o cavalo à beira da fonte, mas vinte homens não podem obrigá-lo a beber.” E “Os melhores planos na teoria dão errado na prática”. Então?

– Frank, não seja tolo! Não vou obrigar você a se apaixonar contra a sua vontade. Mas espero e acredito que isso vá acontecer.

– Bem, mas espero que você não se desaponte, pois nunca escutei elogios de alguém com o qual não tenha me decepcionado ao conhecer pessoalmente.

– E por acaso eu elogiei alguém aqui?

– Bem, sou pretensioso o bastante para pensar que, ao dizer que sabe que vou me apaixonar por ela, tenha feito à moça um elogio.

– Minha nossa, Frank! Você se tornou tão modesto! Seria então um elogio indireto. Sua modéstia é comovente.

– Posso ao menos perguntar quem é essa moça, já que creio ser parte interessada no assunto?

– Não sei realmente se devo dizer algo a você, considerando que expressou dúvidas quanto às suas qualidades. Além disso, posso assim estar enfraquecendo o impacto da apresentação. Mas, se eu estimular a sua curiosidade, isso pode contar a meu favor.

– Muito bem, devo aguardar então?

– Ora, Frank, está bem. Vou lhe dizer. Não é justo deixar você na expectativa. Trata-se da Srta. Fothering.

– Fothering? Fothering? Acho que já ouvi esse nome. Lembro de que me falaram nele, em algum lugar, e faz bastante tempo, se não estou enganado. De onde ela é?

– Seu pai é clérigo em Norfolk, mas pertence à família Warwickshire. Eu a conheci em Winthrop, na residência de Sir Harry Blount, alguns meses atrás, e gostei muito dela, o que aliás foi recíproco, e logo nos tornamos amigas. Ela prometeu que passaria alguns dias comigo neste verão. Assim, ela e a irmã chegarão na quinta.

– E posso me atrever a perguntar como ela é?

– Pode perguntar, se quiser, Frank, mas não lhe darei resposta alguma. Não tentarei descrevê-la. Você que espere e julgue por sua própria conta.

– Um momento – eu disse. – Esperar três dias inteiros? Como vou suportar? Por favor, me diga!

Mas a Sra. Trevor se manteve firme em sua resolução. Fiz diversas tentativas durante aquela noite para descobrir algo a respeito da Srta. Fothering, porque minha curiosidade fora atiçada. No entanto, a única resposta que obtive foi: “Espere a hora certa, Frank. Espere e julgue por sua própria conta”.

Já quando lhe dei boa-noite, a Sra. Trevor me disse:

– A propósito, Frank! Depois de amanhã, você terá de ceder o quarto em que vai dormir esta noite. Vou ter tanta gente hospedada na casa que não poderei lhe dar um quarto com duas camas para você dormir sozinho. Vou dar esse quarto a Srta. Fothering e mudar você para o segundo andar. Espere só até ver o quarto e como ele tem um ar romântico, com uma mobília antiga que já existia quando nos mudamos para cá. Há também vários quadros que merecem ser olhados com atenção.

Meu quarto era bastante amplo – talvez até excessivamente grande para um quarto –, com duas janelas abrindo-se no nível do assoalho, como aquelas da sala de visitas e da sala de estar. O mobiliário era antigo, mas não velho o bastante para ser interessante, e na parede havia muitos quadros pendurados – retratos –, mas a casa inteira era repleta de retratos

e de quadros de paisagens. Olhei todos de passagem com a intenção de examiná-los melhor pela manhã e depois me deitei. Havia uma lareira acesa no quarto, e permaneci acordado por algum tempo, devaneando enquanto acompanhava as sombras lançadas dos móveis dançando no teto e nas paredes, enquanto as chamas ora se erguiam, ora baixavam, e as brasas se esbranquiçavam sob o calor. Tentei controlar meus pensamentos, mas eles se fixaram em um único assunto – a misteriosa Srta. Fothering, por quem eu deveria me apaixonar.

Tinha certeza de ter escutado esse nome em algum lugar, e vez por outra me vinha à lembrança a imagem lânguida de um rosto de criança. Nesses momentos, eu despertaria do torpor que já me conduzia ao sono, mas, antes que pudesse organizar meus pensamentos desconexos, a evocação me abandonava. Não conseguia lembrar nem quando nem onde escutara o nome, nem ao menos a expressão que tinha o tal rosto de criança. Deve ter sido há muito, muito tempo, quando eu era bem mais novo. Quando eu era bem mais novo e minha mãe ainda era viva. Minha mãe, mãe, mãe... De repente, me peguei semidesperto, repetindo aquela palavra muitas vezes seguidas. Finalmente, caí no sono.

Pensei ter acordado subitamente com a sensação peculiar de quando acordamos como se alguém estivesse falando dentro do quarto e a voz ainda ecoasse pelo ambiente. Mas tudo estava silencioso, e a lareira havia se apagado. Olhei através da janela que ficava exatamente diante dos pés da cama e enxerguei uma luz lá fora que cresceu aos poucos até que o quarto inteiro estivesse tão iluminado como se fosse dia. As janelas pareciam um quadro na moldura formada pela cornija acima dos pés da cama, com os pilares maciços, envoltos em cortinas, que a sustentavam.

A luz se intensificou de novo, e passei os olhos pelo quarto, mas nada havia mudado. Estava tudo como antes, exceto que alguns dos móveis e ornamentos eram mostrados num relevo mais forte que anteriormente. Entre esses, os que estavam em maior relevo eram os da outra cama, colocada no outro lado do quarto, e, pouco acima desta, uma velha pintura

que estava pendurada na parede. Como a cama era idêntica àquela na qual eu dormia, minha atenção se concentrou no quadro. Observei-o com cuidado e grande interesse. Parecia antigo. Era o retrato de uma menina cujo rosto, embora gentil e alegre, já evidenciava sinais de reflexão e de ser capaz de sentimentos profundos – quase paixão. Em dados momentos, no que eu olhava o quadro, ocorreu à minha mente a Beatrice, de Shakespeare, e pensei em Beatrice Cenci. Mas isso provavelmente aconteceu por causa da associação de ideias sugerida pela semelhança de nomes.

A luz no quarto continuava a se intensificar, a se tornar mais brilhante; assim, voltei-me novamente para a janela buscando sua origem e me deparei com uma linda visão. Parecia que do lado de fora havia três adoráveis crianças que flutuavam no ar. A luz parecia vir de algum lugar muito distante, atrás das crianças, e junto a elas havia algo escuro, sob a sombra, que ressaltava ainda mais o brilho delas.

As crianças pareciam rir de algo no quarto, e, seguindo seus olhares, vi que estavam voltadas para a outra cama. Lá, por mais estranho que pareça, a cabeça que eu havia visto no quadro agora repousava sobre o travesseiro. Olhei para a parede, mas a moldura estava vazia, a pintura havia desaparecido. Então, olhei novamente para a cama e vi a menina dormindo. A expressão do seu rosto mudava continuamente, como se ela estivesse sonhando.

Enquanto a observava, um súbito arrepio de terror espalhou-se por suas faces e ela sentou-se na cama como uma sonâmbula, com os olhos arregalados olhando fixamente através da janela.

Novamente, voltando-me para a janela, meu olhar também se tornou fixo porque uma mudança enorme e estranha havia acontecido. As figuras continuavam ali, mas suas silhuetas e a expressão em seus rostos havia se tornado inteiramente diferente. Em vez daquele olhar vago e inocente de crianças, havia em seus rostos uma feição maligna, decrépita, deformada, como se fossem autênticas bruxas ali diante de mim.

Mas mil vezes pior que essa transformação era a mudança na nuvem escura próxima a elas. O que antes era uma nuvem, ou névoa, indefinida, havia se tornado um vulto, agora uma forma. E, gradualmente, ainda sob meu olhar, tornou-se mais e mais escura e espessa, até que me causou um estremecimento. Ali, de pé, diante de mim, havia um demônio.

Fez-se uma longa pausa de um morto silêncio, durante a qual era possível até mesmo escutar as batidas do meu coração. Finalmente, a aparição disse algo aos demais. As palavras pareciam saltar de seus lábios mecanicamente: “Amanhã e depois, amanhã e depois, amanhã. A mais linda, a melhor”. Aquela coisa parecia tão medonha que uma pergunta me veio à mente: “Eu me atreveria a encará-lo se não estivesse lá fora? Alguém se atreveria a se meter em meio àqueles demônios?”. Uma áspera, estridente e diabólica gargalhada soou lá fora, parecendo responder negativamente à pergunta que eu não fiz em voz alta.

Entretanto, assim como a gargalhada, escutei outro som ecoando pelo quarto – uma voz meiga e triste em desespero:

– Oh, sozinha! Sozinha! Não há nenhum ser humano junto a mim? Nenhuma esperança, nenhuma. Vou enlouquecer... Ou morrer.

As últimas palavras foram entrecortadas por um soluço.

Tentei saltar da cama, mas não consegui forças para tanto; meus membros estavam entorpecidos em meio ao sono. A cabeça da menina tombou subitamente de volta no travesseiro, e sua boca frouxa, escancarada, privada de vontade, me evidenciou o que havia acontecido.

Novamente, escutei vinda lá de fora a gargalhada feroz, diabólica, que soava cada vez mais forte, até que finalmente ficou tão alta que, tomado de horror, afugentei meu sono e me ergui na cama. Escutei uma batida à porta, mas bastou mais um instante e eu já quase despertei de vez, sabendo que o som viera do salão e que era o Sr. Trevor voltando do seu jantar.

Ouviu-se o barulho da porta da frente abrindo e fechando. E logo chegaram vozes baixas, contidas, mas esse som logo desapareceu, e de

novo se fez silêncio na casa.

Por muito tempo, me mantive acordado, pensando e olhando, no outro lado do quarto, para a pintura acima da cama vazia. A luz brilhava intensamente, e a noite era iluminada por um ou outro relâmpago típico de verão. Em alguns momentos, o silêncio era quebrado pelo piado de uma coruja lá fora.

Enquanto eu permanecia acordado, imerso em reflexões, continuei muito abalado pelas cenas que havia visto, mas cheguei à conclusão de que tivera um sonho que poderia ser considerado previsível. Os relâmpagos, as batidas na porta da frente, o piado da coruja, a cama vazia e o rosto no quadro, juntos, eram matéria-prima para todos os elementos das minhas visões. O restante, é claro, fora produto de mera fantasia e a consequência natural de os componentes citados agirem juntos em minha mente.

Levantei-me da cama e olhei para fora, através da janela, mas nada vi além do largo cinturão do luar refletindo-se na superfície do lago que se estendia por quilômetros e quilômetros, até que sua margem mais distante se perdesse na névoa noturna, e do gramado, pontilhado de arbustos e feixes de grama alta, que descia da casa até o lago.

A outra visão havia se esvanecido. No entanto, o sonho – pelo menos supus que pudesse chamá-lo assim – fora muito impactante, e eu não consegui mais dormir até que os raios de sol estivessem se derramando fartamente através da janela – mas então consegui cochilar somente um pouco.

## II. Outras ligações

Já manhã avançada, fui acordado por Parks, empregado do Sr. Trevor, que sempre ficava a meu serviço nas visitas que eu fazia a meus amigos. Trouxe-me água quente e o jornal local. Conversando com ele, esqueci por alguns instantes dos sobressaltos noturnos.

Parks era um homem já idoso e bastante tranquilo. Típico membro de uma classe que já rapidamente desaparecia – a dos velhos criados de família que se orgulhavam da herança de lealdade a seus amos, se eram amos realmente de prestígio e projeção. Como todos os antigos criados, amava todas as tradições. Acreditava em tradições e as respeitava, assim como tinha profunda reverência por tudo o que tivesse uma história.

Perguntei-lhe se conhecia algumas das lendas sobre Scarp. Ele me respondeu com certo ar de incerteza e hesitação, como alguém que externa com cuidados sua opinião, sempre com reticências:

– Bem, veja, Sr. Frank, Scarp é tão antiga que deve de fato possuir inúmeras lendas. No entanto, faz tanto tempo que ninguém mora aqui que não há no vilarejo quem as recorde. O lugar parece, de alguma maneira, ter sido esquecido ou apagado do pensamento das pessoas. Tenho bastante receio, meu senhor, de que a história genuína de Scarp tenha se perdido.

– Como assim a “história genuína”? – indaguei.

– Bem, Sr. Frank, quero dizer, as verdadeiras tradições do lugar e não as invencionices do povo do vilarejo. Escutei o sacristão contar algumas histórias, mas tenho certeza de que não são autênticas. Isso porque, pelo que entendi, Sr. Frank, ele próprio não acredita nelas, mas estaria somente tentando nos amedrontar.

– E você não escutou nenhuma história que tenha considerado verdadeira?

– Não, senhor. E me empenhei bastante em procurar por elas. Veja, Sr. Frank, há algo que poderíamos chamar de um clube, que se reúne toda semana na taverna do vilarejo, composto dos senhores mais respeitáveis do lugar. Pessoas de fato respeitáveis, e eles me convidaram para dirigir as reuniões. Conversei com meu amo a esse respeito e ele me deu permissão para aceitar o convite. Mas só aceitei porque fizeram questão. E dessa posição que ocupei, é claro, tenho boa oportunidade de averiguar uma

coisa ou outra. Compareci a uma dessas reuniões ontem à noite, e foi por isso que não estava aqui para servi-lo, o que espero que me desculpe...

O jeito de Parks, combinando orgulho e condescendência, enquanto me informava sobre o clube, era bastante elegante, e o efeito era ampliado pela sincera franqueza com que falava. Perguntei-lhe ainda se eu não poderia achar alguma pista sobre as lendas que deveriam existir a respeito de um lugar tão antigo. Ele respondeu com certo tom de relutância:

– Bem, Sr. Frank, há uma mulher no vilarejo que é bastante idosa e creio que já não esteja raciocinando bem, mas é evidente que sabe alguma de Scarp, pois, quando escuta o nome da propriedade, resmunga algo sobre “histórias tenebrosas” e “tempos de horror”. Coisas assim. Mas não fui capaz de fazê-la entender o que eu queria saber nem de fazê-la dizer nada diretamente.

– E já tentou isso muitas vezes, Parks? Por que não conversa de novo com ela?

– Porque ela morreu, meu senhor.

Senti ímpetos de rir de Parks enquanto ele me falava sobre essa mulher idosa. A maneira como ele quase engolia as expressões “histórias tenebrosas” e “tempos de horror” era indescritível. Somente quem escutasse e visse poderia apreciar devidamente o episódio. Sua voz de repente se tornava grossa e misteriosa, e ele quase estalava os lábios ao pensar em tanto material para pesadelos. No entanto, quando mais serenamente me disse que a tal senhora havia morrido, certa sensação de vazio, misturada a espanto, se abateu sobre mim. Rompia-se a última ligação entre mim e o misterioso passado, algo que não seria refeito. Todas as belas histórias sobre lendas e tradições que poderiam ter sido geradas a partir de estranhas conjecturas e circunstâncias, e das crenças e da imaginação de remotas gerações dos habitantes do vilarejo, leais ao senhor daquelas terras, estavam perdidas para sempre. Senti certa tristeza e frustração; e nenhum esforço, nem por Parks nem por mim, foi feito no sentido de continuar o diálogo. Nesse momento, o Sr. Trevor entrou no

quarto e, depois de calorosa troca de cumprimentos, descemos para o desjejum.

Na mesa, a Sra. Trevor me perguntou o que eu achei do retrato da menina em meu quarto. Tínhamos com frequência conversas sobre características faciais, pois éramos, ambos, bons fisionomistas, e ela fez a pergunta como se estivesse realmente curiosa para escutar minha opinião. Disse a ela que havia observado o quadro por nada mais que alguns instantes e, portanto, não poderia dar uma opinião definitiva sem um exame mais detido, mas, pelo que vi, minha impressão fora bastante favorável.

– Bem, Frank, depois do café, vá lá e olhe de novo com cuidado, depois me diga exatamente o que achou.

Logo após o desjejum, fiz o que ela me pedira e depois retornei para a mesa, onde a Sra. Trevor ainda aguardava.

– Bem, Frank, qual é sua opinião? E seja sincero. Tenho um motivo para lhe perguntar isso.

Disse a ela o que achei das feições da menina no quadro, ou seja, caso houvesse alguma fidelidade na pintura de suas fisionomias, que a menina deveria ser muito bonita.

– Então o rosto dela lhe agradou?

Respondi:

– É lamentável que não tenhamos nada parecido nos dias atuais. Parecem ter todas desaparecido com a morte de Sir Joshua e de Greuze. Se eu pudesse encontrar a menina que acredito tenha sido o modelo do retrato, não descansaria enquanto não a tornasse minha esposa.

Para meu absoluto espanto, minha anfitriã ergueu-se de um pulo e bateu palmas. Perguntei por que havia feito isso e ela soltou uma risada. Ao me responder, imitou debochadamente meu tom de voz:

– “[...] muito agradecido por suas gentis intenções. Mas suponha, pelo menos por um instante, que sejam impraticáveis. ‘Um homem pode levar

o cavalo à beira da fonte, mas vinte homens não podem obrigá-lo a beber'. E 'Os melhores planos na teoria dão errado na prática'. Então?''.

– Bem – eu disse –, pode ser que haja alguma razão nesse comentário. E suponho que haja mesmo, já que o expressou dessa maneira. De minha parte, não entendi do que se trata.

– Frank, meu amado garoto, não tenho a intenção de continuar implicando com você sobre esse assunto. Tenho certeza de que você vai gostar de Diana, uma certeza que foi fortalecida pelo que você me disse a respeito do retrato, mas também pelo que conheço sobre a natureza humana. E tenho certeza de que ela vai gostar de você. Charles e eu ansiamos por vê-lo casado e não pensaríamos numa esposa que não o merecesse. Nunca em minha vida encontrei uma moça como Di, e, se vocês gostarem um do outro, Charles e eu ficaremos encantados em favorecer seu casamento, pelo menos no aspecto material. Agora, não diga nada. Sabe muito bem o quanto o amamos. Sempre o consideramos nosso filho e pretendemos lhe dar o tratamento que daríamos a um filho nosso, filho único, quando Deus decidir nos separar. Pronto, basta, vamos parar por aqui, até você conhecer Diana. Mas pense nisso: a não ser que vocês se amem verdadeira e intensamente, preferimos não vê-los casados. Seja o que acontecer, você terá sempre nossas bênçãos e nossas orações. Deus proteja você, Frank, meu garoto querido.

Enquanto ela falava, vieram lágrimas aos seus olhos. Ao terminar, se inclinou para mim, baixou minha cabeça e beijou minha testa com muita, imensa ternura. Então, ergueu-se da cadeira em silêncio e deixou o aposento.

Suas palavras foram meigas, comoventes e maternais, mas não haveria como descrever a ternura e a bondade infinitas de sua voz e em tudo que emanava dela naquela cena. Também senti vontade de chorar. No meu íntimo mais profundo, rezei pedindo todas as bênçãos do mundo para ela, e o aperto da minha garganta não impediu que as minhas preces

ganhassem voz. Pode ser que houvesse outras mulheres no mundo como a Sra. Trevor, mas, se esse é o caso, jamais encontrei nenhuma além dela.

Como se pode imaginar, eu fiquei ainda mais ansioso para conhecer a Srta. Fothering e, nos dias restantes de espera, ela esteve constantemente em meus pensamentos. Naquela noite, chegou uma carta da irmã mais nova da Srta. Fothering pedindo desculpas por não poder manter o compromisso de passar alguns dias em Scarp por conta da inesperada chegada de uma tia a quem prometera acompanhar a Paris numa viagem que duraria alguns meses.

Naquela noite, já dormi em meu novo quarto e não tive sonho nem visão alguma. Acordei de manhã um pouco embaraçado por ter dado importância a uma ocorrência tão tola, meramente um sonho estranho na minha primeira noite na velha mansão.

Depois do desjejum, na manhã seguinte, estava atravessando um corredor quando vi a porta do meu ex-quarto aberta e entrei para dar nova olhada no quadro. Enquanto contemplava a pintura, comecei a pensar sobre como poderia mesmo se parecer com a Srta. Fothering, como me dissera a Sra. Trevor. Quanto mais eu pensava no assunto, mais intrigado ficava, até que de repente o sonho me retornou à lembrança por inteiro – o rosto na pintura e a figura na cama, as assombrações na noite lá fora e as agourentas palavras: “A mais linda, a melhor”. Ao refletir sobre essas coisas, todas as possibilidades das lendas perdidas da velha casa invadiram minha mente tão bruscamente que comecei a sentir um zumbido em meus ouvidos e fui forçado a me sentar.

“Seria possível”, perguntei a mim mesmo, “que alguma das antigas maldições ainda pesasse sobre a família que morou sob este teto? Será que *ela* é dessa família? Mas tudo deve ter acontecido há muito tempo!”

A ideia me aterrorizou, pois logo me pareceu real, e eu acreditei ser um mero sonho causado por uma imaginação destemperada. Se o pensamento tivesse me ocorrido sob a escuridão e o silêncio da noite, teria sido perturbador. Fiquei bastante contente de só ter pensado nisso agora, à luz

do dia, quando brilhava o sol intensamente e o ar em volta transmitia alegria, povoado pelo canto dos pássaros e pelo alarido vívido e estridente proveniente do aviário.

Ainda permaneci no quarto por um pouco mais de tempo, repensando a cena inteira e, como seria natural, quando avaliava as bases dos meus receios, minha razão começava a questionar sua autenticidade – a verossimilhança do meu sonho. Comecei a buscar por uma prova inegável de relevância dos fatos. No entanto, depois de muito refletir a respeito, o único fato de alguma importância era a confirmação que representava as desculpas dadas pela Srta. Fothering mais nova. No sonho, a menina amedrontada apareceu sozinha, e o mero fato de duas moças estarem chegando à casa parecia um desmentido, uma prova em contrário da veracidade do sonho. Entretanto, como se tudo conspirasse para fazer a verdade caber no sonho, uma das irmãs não chegaria mais, e a outra, a que parecia ter sido o modelo do retrato, era a que eu havia visto em meu sonho. Mal podia conceber que tivesse sido somente um sonho.

Resolvi perguntar à Sra. Trevor se ela sabia explicar a semelhança da Srta. Fothering com a imagem do retrato, e assim saí logo à procura da minha anfitriã.

Eu a encontrei na sala de estar, sozinha, e depois de alguns comentários casuais, trouxe à conversa o assunto do qual eu buscava informação. A Sra. Trevor não me falara mais a respeito de casamento, desde nossa conversa do dia anterior, mas, quando mencionei o nome da Srta. Fothering, pude ver um ar de felicidade em seu rosto que me deu enorme prazer. Ela não fez nenhum daqueles comentários banais, que muitas mulheres consideram necessários quando falam com um homem a respeito de uma moça por quem se supõe que ele tenha algum interesse ou afeto. Mas com seu jeito especial me deixou inteiramente à vontade enquanto eu brincava com os dedos no sofá, puxando, sem me dar conta, tufos de lã da capa de proteção de um dos braços do móvel, pesarosamente

consciente de que minhas faces estariam ruborizadas e minha voz, levemente forçada, fora do seu timbre natural.

A Sra. Trevor meramente disse:

– Mas, claro, Frank, estou preparada, se é o que você quer, para falar sobre a Srta. Fothering, ou sobre qualquer outro assunto. – Então, colocou um marcador dentro do livro que lia e fechou-o, deixando-o de lado. A seguir, cruzando os braços, deu-me um olhar sério, e um sorriso gentil, com certa expectativa.

Perguntei-lhe se ela sabia de alguma coisa sobre a história da família da Srta. Fothering. Ela respondeu:

– Não muito além do que já lhe contei. O pai dela é um senhor de família importante e muito tradicional, embora sem muitos recursos.

– Mas já houve alguma relação entre eles e alguma família desta região? Com os antigos proprietários de Scarp, por exemplo?

– Não que eu saiba. Por que pergunta?

– Quero descobrir como ela se parece tanto com a figura no retrato.

– Nunca pensei a respeito disso. Pode ser que tenha havido alguma remota ligação entre a família dela e os Kirk, os antigos donos de Scarp. Vou lhe perguntar quando ela estiver aqui. Ou vamos procurar alguma informação em algum dos velhos livros e na árvore genealógica na biblioteca. Quem sabe conseguimos lançar alguma luz sobre esse mistério? Temos uma boa biblioteca agora, Frank, pois, além dos livros que possuíamos, temos os que pertenciam à biblioteca de Scarp. Estão em grande desordem, no entanto, porque esperávamos pela sua chegada para arrumá-los, pois sabemos que você adora esse tipo de trabalho.

– Não há o que eu pudesse apreciar mais do que arrumar esses livros tão esplêndidos. Que magnífica biblioteca! É uma pena mantê-la numa residência privada.

Fomos vasculhar os antigos livros da história da família, que vez por outra encontramos em toda casa de campo antiga. A biblioteca de Scarp, pelo que vi, era valiosíssima e, no que prosseguimos em nossa busca,

deparei-me com muitos volumes maravilhosos e raros, que eu resolvi examinar mais adiante, em minha estadia, já que viera a Scarp planejando uma prolongada visita.

Em primeiro lugar, procuramos nas prateleiras de antigas encadernações de manuscritos e, depois de alguns desapontamentos, finalmente encontramos um grande volume, magnificamente impresso e encadernado, contendo vistas e plantas da casa, iluminuras do brasão de armas de família dos Kirk, e todas as famílias com quem tinham ligações de parentesco, além de registros cuidadosos da história dessas famílias. A folha de rosto exibia o título *O Livro dos Kirk*, que estava repleto de historietas e lendas, contendo muitos relatos sobre as antigas tradições de família. Era exatamente um livro desses que desejávamos encontrar, e assim interrompemos nossas buscas. Limpando cuidadosamente o pó do livro, eu o levei ao quarto da Sra. Trevor, onde poderíamos examiná-lo sem ser interrompidos.

Já verificando o índice, vimos uma menção ao nome Fothering e, indo para a página indicada, encontramos o brasão de armas dos Kirk lado a lado com o dos Fothering. No texto, descobrimos que, em 1573, uma das filhas dos Kirk havia casado com um Fothering, contra a vontade de seu pai e de seu irmão. Depois de hostilidades que duraram cerca de dez ou doze anos, este último, então chefe da família dos Kirk, enfrentou o Fothering num duelo e o matou.

Ao receber a notícia, o chefe da família dos Fothering jurou solenemente vingar seu irmão, invocando para tanto a mais cruel das maldições sobre si mesmo e sua descendência se ele não conseguisse decepar a mão daquele que havia matado seu irmão e pregá-la na entrada da casa dos Fothering.

A rixa entre as famílias se tornou tão brutal que Kirk foi tomado de uma fúria insana. Quando soube do juramento de Fothering, previu que tinha poucas chances de escapar, já que seu inimigo dominava o manejo de todas as armas. Assim, como uma forma de vingança, embora a custo

de sua própria vida, buscou destruir seu cunhado fazendo-o descumprir seu juramento. Enviou a Fothering uma carta amaldiçoando ele e seus descendentes e rogando para que a maldição caísse sobre si mesmo e os seus se fosse descumprida. Concluiu a carta pedindo a completa destruição – alma, mente e corpo – do primeiro Fothering que entrasse em Scarp, que, assim ele desejava, fosse o mais lindo e o melhor de sua linhagem. Tendo mandado entregar essa carta, cortou sua mão direita e a lançou no centro de uma lareira, acendida com esse propósito. Uma vez consumida pelas chamas, atirou-se ele próprio sobre sua espada e morreu.

Um calafrio me percorreu quando li as palavras: “O mais lindo e o melhor”. E de relance, mais uma vez, o sonho inteiro me veio à mente. De novo ressoou em meus ouvidos o eco da maligna gargalhada. Ergui os olhos para a Sra. Trevor e percebi que seu rosto havia se tornado muito sombrio. Havia certo medo em sua expressão, como se algo terrível a tivesse assustado. Eu estava mais amedrontado que nunca, pois nada aumenta mais a nossa apreensão do que quando alguém mais a encara, acreditando nela. No entanto, tentei ocultar meus receios. Ficamos ali sentados em silêncio por instantes, e então a Sra. Trevor se ergueu, dizendo:

– Venha, vamos dar uma olhada no retrato.

Lembro que ela disse “no” e não “naquele” retrato, como se algum pensamento reprimido a respeito dele a estivesse preocupando. O mesmo temor que havia brotado na minha anfitriã, originado pela coincidência, e que em mim brotara por causa do pesadelo daquela noite. Agora, sem dúvida – sem dúvida! –, eu tinha motivos para ter receio.

Fomos até o quarto e paramos diante da pintura, que parecia nos fitar com uma expressão que refletia nossos receios. Num tom de voz ligeiramente alterado, a Sra. Trevor disse:

– Frank, levante esse quadro para vermos o verso.

Fiz o que me pediu e encontramos lá, numa caligrafia estranha e antiga feita na tela enegrecida, um nome e uma data, que com grande dificuldade

conseguimos decifrar: “Margaret Kirk, 1572”. Era o nome da moça mencionada no livro. A Sra. Trevor se voltou para mim com o horror estampado no rosto:

– Frank, não estou gostando nada disso. Há alguma coisa esquisita aqui.

Tive de segurar minha língua para não contar a ela o sonho que tive, o que me deixaria muito embaraçado. Além disso, temia assustá-la ainda mais.

Continuei olhando o retrato para aliviar minha perturbação, mas agora estava impressionado com o contraste entre o excessivo enegrecimento do verso da tela em comparação com a nitidez e a limpeza da frente. Mencionei isso à Sra. Trevor, que, depois de pensar um pouco, replicou:

– Sei a que isso se deve. Com certeza esteve virado para a parede por muito tempo.

Não disse mais nada, somente pendurei de volta o quadro, e voltamos para o quarto da Sra. Trevor.

No caminho, comecei a refletir sobre meus temores. Sabia que eram ousados demais para que eu os confessasse. É tão difícil acreditar nos horrores da noite com a reluzente luz do dia à nossa volta. A mesma ideia parece ter ocorrido à Sra. Trevor, porque, quando entramos em seu quarto, ela disse:

– Frank, me surpreende como pudemos, os dois, ser tão tolos a ponto de deixar a imaginação tomar conta de nossa mente. A história é somente uma lenda, parte da tradição da casa, e sabemos que esses relatos costumam distorcer até mesmo os episódios mais inocentes. É verdade então que a família Fothering teve uma ligação com os Kirk, e a pintura é da Srta. Kirk, que se casou contra a vontade do pai. É provável que tenha rompido com ela por fazer isso e voltou o retrato da moça para a parede, o que aliás é um truque comum de pais zangados em todos os tempos. Mas chega! Não pode haver nada além disso. Vamos parar de pensar nesse assunto que só poderia nos conduzir a ideias absurdas. No entanto, a

pintura é de fato bonita, independentemente de ser tão parecida com Diana, e vou colocá-la na sala de jantar.

A mudança foi realizada naquela tarde, mas a Sra. Trevor não tornou a comentar o assunto. Quando conversava comigo, aparentava algum constrangimento, algo bastante incomum nela, como se temesse que eu voltasse ao assunto proibido. Penso que ela pretendia impedir que sua imaginação fosse longe demais e acredito que estava insegura a respeito de sua reação. No entanto, a sensação de constrangimento se desfez antes que chegasse a noite, mesmo sem retomar o assunto.

Dormi bem naquela noite, não tive sonho nenhum. Já quase amanhecendo – a terceira manhã prometida no meu sonho –, quando desci para o desjejum, fui informado de que conheceria a Srta. Fothering naquela tarde.

Não pude evitar de enrubescer e gaguejei alguma resposta mais do que corriqueira. Depois desviei o olhar, sentindo-me encabulado, e vi minha anfitriã me fitando com um sorriso gentil.

– Você sabe, Frank – disse ela –, que fiquei bastante assustada na noite passada quando olhamos aquele quadro. Mas repensei o assunto depois e cheguei à conclusão de que minha tolice não tinha razão de ser. Tenho certeza de que concorda comigo. De fato, encaro nosso medo agora como uma boa piada e vou contar tudo a Diana.

Mais uma vez, senti ímpetos de lhe contar meu sonho, mas de novo o constrangimento me impediu. Sabia, é claro, que a Sra. Trevor não riria de mim nem me menosprezaria por causa dos meus temores, pois era educada demais para isso, tinha um coração generoso e solidário, jamais agiria dessa maneira, ainda mais a respeito de um receio que compartilháramos.

Mas como eu poderia confessar meu medo se aos demais tudo pareceria um sonho ridículo? Ainda mais tendo a Sra. Trevor superado os temores que antes eram de ambos, mas que de fato haviam se originado de uma conjectura bastante estranha a respeito dos fatos. Agora, parecia que ela

encarava o assunto de modo tão despreocupado que eu não poderia pensar nisso de outra maneira e, por algum tempo, com sinceridade, foi assim que me portei.

### III. A terceira manhã

À tarde, eu estava no jardim, deitado à sombra de uma imensa faia, quando vi a Sra. Trevor se aproximar. Estava lendo as “Estrofes escritas em melancolia”, de Shelley<sup>4</sup>, e meu coração estava imerso em tristeza, com um vago anseio por solidariedade humana. Pensava sobre o amor da Sra. Trevor por mim, mas isso não me pareceu suficiente. Eu desejava o amor de alguém mais identificado comigo, minha alma gêmea, já que a considerava, é claro, como se fosse minha mãe. Assim, meus pensamentos teimavam em se voltar para a Srta. Fothering, era como se eu a visse diante de mim, com a lembrança que tinha do retrato.

– Você está apaixonado? – Foi quando escutei a voz de minha anfitriã junto a mim. – Ora, Frank! Sabia que encontraria você aqui. Quero que me acompanhe até meu quarto.

– Para quê? – indaguei ao levantar da grama, levando comigo meu livro de Shelley.

– Di já chegou. Quero apresentá-los, e podemos conversar um pouco antes do jantar – explicou ela enquanto caminhávamos em direção à casa.

– Mas não pode me deixar trocar de roupa antes? Não estou adequadamente vestido para a tarde.

Por alguma razão, fiquei com medo da bela desconhecida, justamente agora que estávamos prestes a nos conhecer. Talvez porque comecei a acreditar demais nas profecias da Sra. Trevor.

– Que bobagem, Frank! Até parece que uma mulher digna de consideração vai se importar com a maneira como um homem está vestido.

Entramos no quarto e encontramos uma jovem sentada junto à janela, olhando para o campo de críquete lá fora. Ela se virou para nós, e a Sra. Trevor nos apresentou. Logo começamos a conversar animadamente. Como se pode adivinhar, eu fiquei observando-a com algo mais do que curiosidade e logo concluí que valia a pena tal empenho. Era muito bonita, e sua beleza não estava somente nas feições, mas na expressão de seu rosto. A princípio, sua aparência não me pareceu perfeita, não como depois, por conta da semelhança extraordinária com a pintura que eu já conhecia. Mas não se passou muito tempo até eu constatar a diferença entre a pintura e a realidade. Não importa o quanto um retrato seja bem pintado, estará sempre aquém de seu modelo. Há algo num rosto real que não pode existir numa tela – uma diferença muito maior do que aquela do contraste entre a expressão, por mais bela que seja a pintura, e as feições em movimento, variando de expressão. Há algo vivo e adorável no rosto real que a arte não pode representar.

Depois de certo tempo de conversa, como se fosse assunto usual, a Sra. Trevor disse:

– Di, minha querida, quero lhe contar uma descoberta que Frank e eu fizemos. Já sabe que sempre chamo o Sr. Stanford de Frank. Ele é mais meu filho que meu amigo e gosto muito dele.

A seguir, ela pôs os braços em torno da cintura da Sra. Fothering, sentaram-se juntas no sofá, ela a beijou e, voltando-se para mim, disse:

– Não aprovo que meninas se beijem na presença de cavalheiros, mas você bem sabe que não era para Frank estar aqui. Este é meu santuário, e quem o invade deve arcar com as consequências. Mas agora devo lhe contar sobre minha descoberta.

Então ela lhe contou sobre a lenda e que havíamos achado o nome de Margaret Kirk no verso da pintura. A Srta. Fothering soltou uma risada gaiata ao escutar a história e de repente disse:

– Oh, me esqueci de lhe contar, querida Sra. Trevor, que levei um tremendo susto outro dia. Pensei mesmo que estaria impedida de vir para

cá. Nossa tia Débora chegou para nos visitar na semana passada. Ficaria por alguns dias e, quando soube que viríamos para Scarp, pareceu ter ficado bastante amedrontada. Foi direto conversar com papai e lhe pediu que nos proibisse de vir. Papai perguntou por que ela pedia isso, e ela lhe contou uma comprida lenda de família sobre irmos a Scarp, justamente a história que você acabou de contar. Disse que tinha certeza de que algum mal nos ocorreria se viéssemos para cá. Assim, vê-se que essa mesma tradição antiga existe em nossa família. Ah, vocês não podem imaginar a discussão entre meu pai e tia Débora. Dou risada toda vez que penso nisso, embora não tenha achado graça nenhuma na hora, pois fiquei com muito medo de que nossa tia nos impedisse de vir para cá. Papai ficou sério, e titia chegou a pensar que o havia convencido, quando então ele disse daquele seu jeito querido, antiquado e pomposo: “Débora, Diana prometeu fazer uma visita à Sra. Trevor em Scarp, e é evidente que precisa cumprir o prometido. Se não há nenhuma outra razão além dessa que você levantou, vou considerar que não há motivo que a impeça de ir para Scarp. Sempre eduquei minhas filhas para não darem importância a velhas superstições e, por minha vontade, essa conduta jamais se alterará, respeitando os preceitos em que as instruí”. Pobre tia Débora. Ela ficou muito contrariada. Por algum tempo, perdeu a fala, só de pensar que seu pedido fora negado, pois os desejos de tia Débora são como ordens para toda a família.

Então, replicou a Sra. Trevor:

– Espero que a Sra. Howard não tenha ficado ofendida.

– Não, não. Papai conversou bastante com ela e, ainda que com grande dificuldade, conseguiu convencê-la de que seus receios eram infundados. Ou pelo menos forçou-a a confessar que tudo o que temia eram ideias fantasiosas.

Nesse momento, lembrei-me do ditado: “Um homem convencido a contragosto mantém a mesma opinião que havia antes exposto”.

Mas não fiz comentários.

A Srta. Fothering concluiu sua história dizendo:

– Titia terminou desejando que eu tivesse uma estada agradável em Scarp, o que, minha querida Sra. Trevor, sei muito bem que acontecerá.

– É o que espero, minha adorada.

De toda a conversa, o que mais se destacou para mim foi o nome da Sra. Howard. Tentei me lembrar onde havia escutado o nome Débora Howard quando então me dei conta de que a Sra. Howard se chamava Srta. Fothering quando solteira, e havia sido amiga de minha mãe. Foi por isso que seu nome me soou familiar, eu o escutava desde criança. Agora, pude me lembrar de que, certa vez, ela havia trazido à nossa casa uma linda menina, quase um bebê, estando lá de visita em certa ocasião. A criança era sua sobrinha e então fiquei com o nome parcialmente gravado na memória – algo que recordei em minha primeira noite em Scarp. A lembrança do sonho que tive me recordou também do propósito da Sra. Trevor ao trazer a Srta. Fothering para seu quarto. Disse então à moça:

– Mas a senhorita acredita nessas lendas?

– De fato, não, Sr. Stanford. Não acredito em nada que seja nem próximo de tanta tolice.

– Então também não acredita em fantasmas e em visões.

– Certamente não.

Como eu poderia contar meu sonho a uma pessoa tão incrédula? Ainda assim, algo me dizia que eu deveria lhe contar tudo. Era, sem dúvida, tolice minha alimentar esse temor em relação a um sonho, mas não podia evitá-lo. Eu me arriscaria a ser alvo de risadas e senti um alívio quando a Sra. Trevor, depois de consultar seu relógio, disse, se levantando:

– Minha nossa! Não imaginei que fosse tão tarde. Preciso ver se os outros já chegaram. Não posso negligenciar meus hóspedes.

Todos deixamos o quarto, e soou o gongo avisando que deveríamos nos vestir para o jantar. Assim, cada qual dirigiu-se para seus aposentos.

Quando desci para a sala de estar, encontrei um grande número de pessoas reunidas, todas elas tendo chegado no decorrer da tarde. Fui

apresentado a todos e ficamos conversando até o jantar ser anunciado. Conduzi a Srta. Fothering à mesa e, quando terminamos a refeição, acreditei que havíamos nos aproximado bastante. Era uma garota adorável, e, quanto mais eu olhava para ela, mais me dava prazer lembrar da “profecia” da Sra. Trevor. Em alguns momentos, percebi nossa anfitriã nos observando e, ao notar que conversávamos animadamente, uma expressão de grande contentamento transpareceu em seu rosto. Era uma de suas características mais fascinantes – cercada de pessoas, sem jamais negligenciar quem quer que fosse, ela sempre dava atenção especial a seus amigos mais próximos. Não importava a posição em que estivesse, sempre recordaria que algumas pessoas dariam valor extremo a sua atenção em tais momentos.

Depois do jantar, como não me mostrei inclinado a ir para a sala reservada com os demais cavalheiros, fiquei passeando sozinho no jardim, com muitos pensamentos sobre vários assuntos e na Srta. Fothering em particular. Era um tema tão agradável que me perdi nele e avancei até mais longe do que pretendia. De repente, me dei conta do que fazia e olhei em volta. Estava bem distante da casa, avançando por uma alameda escura e melancólica, ladeada por teixos. Não podia enxergar nada através da densa barreira de árvores, nem de um lado nem do outro, e, como o caminho era em curva, não via nada a não ser a curta distância atrás de mim e à minha frente. Ergui os olhos e vi um céu amarelado e luminoso, com pesadas nuvens atravessando lentamente. A Lua ainda não havia surgido, e toda a escuridão à minha volta me fez pensar nas estranhas pinturas que William Blake<sup>5</sup> adorava criar. Havia uma vaga tristeza no lugar, algo que o assombrava e me dava calafrios. Assim, apressei meus passos.

Finalmente, o caminho se alargou e fui parar num grande gramado em declive, pontilhado de árvores e tufos muito altos de grama ornamental, cujos talos eram coroados de grandes flores. À direita, a casa, sombria e gigantesca, na escuridão, e o lago, que se estendia ao longe de modo que se

perdia nas trevas noturnas. O gramado descia do terraço ao redor da casa até a beira do lago e era cortado somente pelo caminho que eu continuava a percorrer e que seguia em volta da casa.

No que eu me aproximei da casa, acendeu-se uma luz numa das janelas, bem à minha frente, e, quando olhei para o quarto, vi que eram os aposentos do meu sonho.

Sem me aperceber, cheguei mais perto, subindo o gramado até o terraço, de onde eu podia enxergar por sobre o profundo fosso que cercava a casa e olhar diretamente o interior do quarto. Estremeci com o que vi. Meu ânimo já estava abalado pela melancolia e desolação da alameda de teixos, e agora o sonho e todas as revelações que lhe sucederam acorreram à minha mente com tanta nitidez que o horror em relação a tudo aquilo mais uma vez me possuiu. Observei os preparativos realizados no quarto e gemi ao perceber que a cama da menina morta era a única arrumada, enquanto a outra cama, aquela na qual eu dormi, tinha as cortinas puxadas à sua volta. Era nada menos do que mais uma ligação com a corrente deflagrada pela maldição.

Enquanto eu continuava ali, parado, olhando, a criada que estava no quarto veio até a janela e fechou um dos anteparos, mas, quando estava prestes a fazer a mesma coisa com o outro, a Srta. Fothering entrou no quarto e, percebendo o que ela pretendia, pareceu ter lhe dado ordem em contrário, pois a criada deixou a janela aberta e a seguir levantou de novo o anteparo que havia fechado. Tendo feito isso, acompanhou sua ama para fora do quarto. Assim, ali estava eu, pasmo diante de tudo o que se relacionasse àquele quarto, e em nenhum momento me ocorreu que estivesse cometendo uma impropriedade ao ficar assistindo àquela cena.

Ali permaneci ainda por algum tempo, aterrorizado e sem saber se deveria fazer alguma coisa. Meu horror intensificou-se tanto ao pensar nos episódios dos dias recentes que resolvi contar meu sonho à Srta. Fothering para que ela não se assustasse caso visse algo semelhante ou pelo menos para que estivesse preparada para o que pudesse acontecer.

Assim que tomei essa resolução, a inevitável pergunta – “Quando?” – se apresentou. A maneira de lhe transmitir meu relato era o pensamento mais desagradável que poderia me acometer, mas eu havia me decidido a fazê-lo, e concluí que seria melhor fazê-lo logo.

Portanto, determinei-me a ir para a sala de estar, onde sabia que encontraria a Srta. Fothering e a Sra. Trevor, já que eu também resolvera fazer a mesma confidência à minha anfitriã. Como, para ser sincero, estava com medo de atravessar novamente a alameda de teixos, completei a volta da casa e entrei pela porta dos fundos, de onde com facilidade encontrei o caminho para a sala de estar.

Quando lá entrei, a Sra. Trevor, sentada próximo à porta, me disse:

– Por piedade, Frank, onde você esteve para voltar assim tão pálido? Qualquer um pensaria, ao encontrá-lo assim, que você acabou de ver um fantasma!

Respondi que estivera passeando pelo jardim, mas sem nenhum outro comentário, já que não desejava lhe contar coisa alguma sobre meu sonho diante das pessoas com quem ela estava conversando, que não me eram familiares. Aguardei algum tempo pela oportunidade de falar com ela em particular, mas suas obrigações como anfitriã a mantiveram constantemente ocupada, e assim minha espera foi em vão. Decidi contar à Srta. Fothering de uma vez o meu sonho, e deixaria para ter essa conversa com a Sra. Trevor em outra oportunidade.

Com grande dificuldade, pois não queria ser notado, consegui afastar a Srta. Fothering das pessoas com quem ela conversava e a conduzi para um dos recuos de janela, com a desculpa de observar a noite lá fora. Ali, protegidos de qualquer olhar indiscreto, já que as pesadas cortinas das janelas acobertavam inteiramente o recesso, e quase nos isolavam do restante dos convidados, tão perfeitamente como se estivéssemos num outro aposento, trouxe diretamente à conversa o assunto sobre o qual queria falar, já que eu receava que qualquer contato com a alegre

companhia das pessoas da sala de estar anulasse o efeito do meu temor e assim se rompesse a única barreira entre ela e sua condenação.

– Srta. Fotehring, você sonha, às vezes?

– Ah, sim! Mas em geral acho meus sonhos bastante ridículos.

– Por quê?

– Ora, é que, não importa se são bons sonhos ou pesadelos, parecem muito coerentes enquanto os estou sonhando, mas então acordo e, ao me lembrar deles, percebo o quanto são irrealis e incoerentes. De fato, não passam de visões desconexas e sem sentido.

– Mas você gosta de sonhar?

– Claro que sim. Eu me delicio com eles, porque, tendo sentido ou sendo meras tolices quando acordamos, são bastante reais enquanto estamos dormindo.

– E a senhora acredita em sonhos?

– Na verdade, não, Sr. Stanford.

– Mas aprecia quando escuta alguém contar um sonho que teve?

– MUITÍSSIMO! Quando vale a pena escutar a respeito. Por quê? O senhor teve algum sonho interessante? Se for assim, por favor, conte-me.

– Ficarei contente de fazer isso. É um sonho que diz respeito a você, e só a chamei aqui para contá-lo.

– Diz respeito a mim? Mas que gentil. Por favor, prossiga.

Contei-lhe meu sonho por inteiro depois de lembrar de nossa conversa no quarto da Sra. Trevor como uma introdução ao relato. Não tentei realçar o efeito de nenhuma passagem nem interferir nas cenas que descrevia. Esforcei-me para conter minhas emoções e meramente deixar que os fatos falassem por si. Ela escutou com grande ansiedade, mas, como pude ver, sem uma partícula de medo nem demonstrando acreditar no meu sonho como um aviso. Quando terminei, ela deu um sorriso silencioso, muito suave, e disse:

– Que deliciosa narrativa! E era eu mesma a menina que você viu amedrontada com fantasmas? Se papai escutasse uma história dessas,

mesmo sabendo que se trata de um sonho, que reprimenda não me daria! Quisera ser capaz de sonhar algo assim...

– Cuidado, senhorita! – eu disse. – Pode achar muito desagradável se acontecer. Talvez comprove a lenda contada naquele livro antigo e da qual você escutou sua tia falar.

Ela riu alto e balançou a cabeça para mim como se me advertisse:

– Oh, por favor, não diga coisas sem sentido para me assustar. Já lhe aviso que não vai conseguir.

– Garanto a você, por minha honra, Srta. Fothering, que nunca fui tão sincero em minha vida.

– Não acha melhor retornar à sala? – disse ela, depois de alguns momentos calada.

– Por favor, eu lhe peço, fique por mais um instante. Estou dizendo a verdade e com toda a franqueza.

– Então, por favor, me perdoe se o que eu disse o levou a crer que duvido da sua palavra. É somente da sua interpretação que discordo. Pensei que estivesse tentando me assustar de brincadeira.

– Srta. Fothering, eu jamais tomaria uma liberdade dessas. Mas fico contente que acredite em mim. Posso ainda me atrever a lhe pedir um favor? Você me prometeria uma coisa ao menos?

Sua resposta foi típica...

– Não, mas do que se trata?

– Que não vai se assustar com nada que acontecer esta noite.

De novo, sorriu com graça.

– Não pretendo permitir que nada me assuste. É só isso?

– Sim, Srta. Fothering, é tudo, mas quero estar certo de que você não irá se sobressaltar, que estará preparada para qualquer coisa que possa acontecer. Tenho o horrível pressentimento de que o Mal nos espreita, algo que me apavora quando penso a respeito. Mas será um grande alívio para mim se você fizer uma coisa...

– Ora, que tolice. Mas, se é o que deseja de fato, direi a você se atenderei ao seu pedido quando souber do que se trata.

Toda a sua jovialidade desapareceu quando ela percebeu minha angústia. Ela me olhou de um jeito desafiador, destemido, mas com certo tom de piedade e ternura, como se tivesse consciência de possuir uma força maior que a minha. Sua coragem residia em sua postura livre, independente, mas a piedade estava em seus olhos. Então prossegui:

– Srta. Fothering, a pior parte do meu sonho foi ver a expressão de agonia no rosto da menina quando ela olhou em volta e percebeu que estava sozinha. Pode aceitar um amuleto e guardá-lo com você para se lembrar de que não está sozinha caso algo aconteça? De que há alguém pensando em você? Ao menos um ser humano velando acordado por sua segurança, mesmo que o restante do mundo esteja adormecido, ou mesmo morto?

Estava tão exaltado que minhas palavras soaram febris. A possibilidade de ela enfrentar o terror que me assaltara parecia aumentar a cada instante. Por vezes, desde aquela noite horrenda, eu havia deixado de acreditar na existência de um aviso, mas, quando pensava no assunto à noite, não podia senão crer que a escuridão fosse habitada de fantasmas, mesmo diante da minha imaginação delirante. Meus temores haviam sido confirmados naquela noite na caminhada pela alameda dos teixos e na atmosfera lúgubre, sobrenatural, que emanava daquela desolação.

Fez-se uma breve pausa. A Srta. Fothering se debruçou sobre o beiral da janela, contemplando a escuridão de um céu sem lua. Finalmente, ela se voltou para mim e disse, com alguma hesitação:

– De fato, Sr. Stanford, não me agrada fazer o que quer que seja por medo de assombrações ou por acreditar nessas coisas. O que o senhor me pede é algo tão simples que eu não hesitaria nem por um momento em atendê-lo, mas papai sempre me ensinou que episódios como esse que tanto atemoriza o senhor não podem acontecer, são impossíveis, e sei que

ele ficaria bastante contrariado se qualquer ato meu demonstrasse que acredito no contrário.

– Srta. Fothering, com toda sinceridade, creio que não há homem na face da Terra que desejasse menos do que eu que você ou qualquer outra pessoa desobedecesse a seu pai, fosse em palavras ou em pensamentos, e mais particularmente sendo seu pai um clérigo. Mas tenho esperanças de que você me atenderá nisso. Não lhe prejudicaria em nada e lhe asseguro que, se você não me atender, isso me faria indizivelmente infeliz. Enfrentei as mais horrorosas torturas da expectativa nos últimos três dias e, esta noite, sinto um terror tão imenso que não há palavras para expressá-lo. Sei bem que não tenho o menor direito de lhe fazer esse pedido e nenhuma razão para fazê-lo exceto ter tido a sorte, ou a desventura, de receber esse aviso. Peço desculpas, honestamente, pela grande liberdade que tomei, mas acredite que estou agindo com a melhor das intenções.

Meu nervosismo era tão intenso que meus joelhos estavam tremendo e grossas gotas de suor desciam pelas minhas faces.

Houve uma longa pausa, e eu já quase me resignava a receber uma recusa quando minha interlocutora falou:

– Sr. Stanford, somente por sua veemência nesse pedido aceito atendê-lo. Percebo que, por alguma razão que não compreendo, o senhor está fortemente comovido e que eu poderia ser o meio de poupar o sofrimento de alguém. Assim, farei o que me pede. Por favor, esclareça o que deseja de mim.

Pelo tom de sua voz e sua postura, acreditei que estivesse ofendida comigo. Mesmo assim, expliquei o que estava lhe pedindo:

– Quando for para a cama, quero que mantenha consigo algum objeto que lhe recorde instantaneamente de tudo o que se passou entre nós, de modo que possa sentir que não está sozinha, nem se amedronte, não importa o que aconteça.

– Farei isso. Mas que objeto seria esse?

Ao falar, tinha seu lenço nas mãos. Então, coloquei minha mão sobre ele e o abençoei em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Fiz isso para fixá-lo em sua memória e reforcei meu ato dizendo:

– Este lenço será o amuleto que não a deixará sozinha.

Meu propósito ao abençoar aquela peça foi integralmente alcançado, pois ela pareceu de fato impressionada, me agradecendo com um sorriso meigo:

– Sinto que está agindo com o coração e por isso, também do fundo do meu coração, lhe agradeço.

Ela me deu a mão ao falar de maneira sincera, espontânea, gesto que revelou mais a independência de um homem que o recato de uma mulher. Ao segurá-la, senti minhas faces se ruborizando, mas, antes de soltá-la, um impulso me dominou e eu me curvei, tocando-a com meus lábios. Ela recusou e disse com a voz mais gélida que eu já tinha escutado:

– Não lhe dei a mão por isso.

– Por favor, acredite, não pretendia tomar nenhuma liberdade. Foi somente a expressão natural da minha gratidão. Sinto como se você tivesse me concedido um favor pessoal. Não imagina o quanto meu coração está mais leve agora em relação a uma hora atrás, pois eu não sabia se a ofenderia e se você iria me perdoar.

Depois de minhas desculpas, fitei-a sério. Ela me retornou o olhar sem nenhum constrangimento, mas com um sorriso brilhante de perdão. Então, balançou de leve a cabeça como se para deixar o assunto para trás. Houve uma breve pausa, até que ela disse:

– Fico contente de lhe prestar um favor, mas, se houver qualquer possibilidade de acontecer aquilo que você teme, o senhor será meu benfeitor. Mas, preste atenção, confio que o senhor não vá dizer nada sobre isso a ninguém. Temo que ambos estejamos nos comportando de modo tolo.

– Não, não, Srta. Fothering. *Eu* posso ser um tolo, mas você está agindo com nobreza ao fazer algo que lhe parece tolice para me poupar. Não

posso sequer contar à Sra. Trevor?

– Não, nem mesmo a ela. Eu ficaria constrangida se tivesse conhecimento de que qualquer pessoa, a não ser nós dois, soubesse disso.

– Pode confiar em mim. Vou manter isso em segredo, como deseja.

– Sim, por favor. Pelo menos até amanhã de manhã. Veja, se eu rir de você, espero que ria comigo.

– E rirei. Estarei feliz, e nada mais que isso, de poder rir, então.

A seguir, nos juntamos aos demais hóspedes.

Naquela noite, quando me retirei para o meu quarto, estava agitado demais para dormir, embora meu compromisso não me impedisse de fazê-lo. Fiquei andando para um lado e outro do quarto por algum tempo, pensando, questionando. Não conseguia acreditar inteiramente no que esperava que acontecesse, e mesmo assim meu coração estava tomado de horror. Repensei até mesmo os episódios daquela noite, particularmente meu passeio depois do jantar percorrendo aquela assustadora alameda de teixos, e o que vi no quarto onde tive o pesadelo. Daí, meus pensamentos saltaram para o recuo da janela onde dei à Srta. Fothering o amuleto. Mal podia me convencer de que toda aquela conversa acontecera de fato. Não, sabia que havia acontecido, mas isso era tudo. Era tão estranho recordar uma cena que, agora que já acontecera, parecia parte comédia, parte tragédia. E ainda por cima lembrar que fora encenada neste século XIX, tão realista, em segredo, a uma distância curta o bastante que poderiam ter nos escutado na sala repleta de pessoas. E protegidos deles apenas por uma cortina. Senti-me ruborizar outra vez, tanto pela excitação quanto pelo embaraço, ao pensar nisso. Mas então meus pensamentos se voltaram para a maneira como a Srta. Fothering acedeu ao meu pedido, mesmo sendo este tão estranho, e ao pensar nisso meu constrangimento e minha falta de jeito se transformaram num brilho intenso de esperança. Lembrei da profecia da Sra. Trevor ao garantir, pelo que conhecia da natureza humana, que a Srta. Fothering haveria de gostar de mim, e nisso senti o quanto Diana já era estimada por mim. Mas minha alegria virou

raiva ao pensar no que ela estaria prestes a enfrentar e pensei que ela poderia padecer de alguma dor ou sentir medo, me causando um desgosto ainda maior. De novo, meus pensamentos recuaram ao momento do meu próprio terror, meu pesadelo, com todas as subsequentes revelações a seu respeito atravessando a minha mente. Tive de novo aquela sensação de extremo terror – como se alguma coisa estivesse para acontecer –, como se a tragédia fosse se aproximando do seu clímax. Naturalmente, preocupei-me com a hora e consultei meu relógio. Faltava pouco para uma hora da manhã. Lembrei que o relógio havia batido doze horas depois que o Sr. Trevor voltara de seu jantar na noite do meu pesadelo. Havia um grande relógio em Scarp que batia as horas com um som tão alto que, mesmo distantes da propriedade, os habitantes do vilarejo regulavam seus afazeres por ele. Os próximos minutos transcorreram lentamente, de modo que cada instante pareceu toda uma era.

Estava parado, de pé, com o relógio na mão, contando os segundos, quando subitamente uma luz penetrou no quarto, fazendo parecer apagada a vela sobre a mesa, e minha sombra se refletiu na parede, projetada pela forte luz que atravessou a janela. No mesmo instante meu coração se apertou, e o sangue fluiu com tanta violência em minhas têmporas que cegaram meus olhos e minha cabeça parecia girar. No entanto, logo me recompus e então cheguei junto à janela, esperando ver lá fora meu sonho se repetindo.

A luz estava ali, como antes, mas não havia as figuras das crianças, nem demônios. A luz havia acabado de surgir no céu, e eu podia ver seu reflexo até a extremidade do lago. Voltei minha cabeça, em trêmula expectativa, para o solo, abaixo, onde havia visto as crianças e as bruxas, mas tudo o que avistei foram as árvores na escuridão e os altos feixes de grama movendo-se suavemente sob o vento da noite. A luz alcançou as flores na ponta dos talos de grama, deixando-os ainda mais destacados.

Mas, enquanto estava olhando a cena, um pensamento atravessou em fogo meu cérebro. Num átimo de tempo, vi toda a estupidez das minhas

fantasias. A Lua e seu reflexo na água, reluzindo pelo quarto adentro, eram a luz que vira em meu pesadelo, ou os fantasmas, como agora os entendia. Aqueles três tufo de grama ornamental eram, por sua vez, as lindas meninas, e as folhas secas e a folhagem escura dos teixos forneceram a matéria-prima e o vulto que pensei que fosse um demônio. Quanto ao restante da cena, foi criado pela cama vazia e pelo rosto no quadro, por minha lembrança ainda obscurecida do nome Fothering e a lenda, há tanto esquecida. Oh, que idiota, que tolo eu fui! Como pude me tornar vítima dessas circunstâncias e da minha própria imaginação descontrolada. Então, ocorreu-me a lembrança da amarga angústia que impus à mente da Srta. Fothering. Teriam toda a narrativa do meu pesadelo e meu estranho pedido sobre o amuleto, combinados às causas naturais da noite e do cenário, produzido nela o mesmo efeito que eu tanto temia? Foi somente nesse amargo, muito amargo momento que me dei conta do quanto havia sido idiota. Mas o que era *minha* angústia de agora se comparada à dela? Por instantes, cheguei a alimentar a ideia de despertar a Sra. Trevor e lhe contar o que acontecera, de modo que ela pudesse ir até a Srta. Fothering e lhe dizer que não precisava se alarmar. Mas, quando já me encaminhava apressado para a porta, o relógio bateu uma hora e, no momento seguinte, escutei, vindo do cômodo abaixo do meu, um grito agudo – mais de surpresa que de terror. A Srta. Fothering, sem dúvida, havia sido acordada pela batida do relógio e, através da janela, viu lá fora as figuras que eu havia descrito para ela.

Desci as escadas numa corrida enlouquecida, alcançando a porta do seu quarto, diretamente abaixo daquele que eu agora ocupava. Quando estava prestes a invadi-lo, fui instintivamente detido de fazê-lo ao pensar na impropriedade do ato e assim, por alguns momentos, permaneci imóvel e em silêncio, tremendo, com minha mão na maçaneta.

Lá dentro, escutei uma voz – a voz dela – clamando num tom de espantosa surpresa:

– Aconteceu então? Estou sozinha? – Ela prosseguiu, agora com voz alegre: – Não, não estou sozinha. O amuleto que ele me deu. Oh, graças a Deus. Graças a Deus.

Ao escutar suas palavras, meu coração foi tomado por uma sensação deliciosa, fortíssima. Senti meu peito intumescer, e lágrimas de alegria transbordaram dos meus olhos. Naquele momento, soube que tivera a coragem e a força necessárias para enfrentar sozinho o mundo e protegê-la. Mas antes que pudessem se manifestar, minhas esperanças foram destruídas, porque de novo se escutava a voz vinda do quarto, num grito de puro desespero que me paralisou dos pés à cabeça.

– Oh! Ainda aí? Oh, meu Deus! Preserve minha sanidade! Oh! Alguém me ajude! – Então, o desespero tornou-se uma súplica: – Promete que não me deixará sozinha? Seu amuleto. Lembre-se do seu amuleto. Ajude-me. Ajude-me *agora!*

Então, a voz se descontrolou, elevando-se num desarticulado gemido e transformando-se em gritos de horror.

Ao escutar aquele berro de agonia, me dei conta de que era loucura hesitar mais, e já havia tardado demais. Precisava deixar de lado as barreiras da convenção se pretendia reparar meu erro fatal. Nada poderia salvá-la de algum dano grave, talvez até mesmo a loucura, talvez a morte, a não ser um choque que quebraria o encanto que a dominava, causado pelo medo e por sua imaginação inflada. Escancarei a porta e entrei aceleradamente, gritando o mais alto que pude:

– Coragem! Coragem! Você não está sozinha. Lembre-se do amuleto.

Instintivamente, ela apertou o lenço nas mãos, mas mal compreendia minhas palavras e não parecia perceber minha presença. Ainda estava sentada na cama, seu rosto distorcido pelo terror, e os olhos esbugalhados vendo a cena. Escutei lá fora o piado de uma coruja que voava por sobre o lago. Ela também escutou e gritou:

– E agora a risada! Oh, já não resta esperança. Nem mesmo *ele* se atreverá a impedi-los.

Então, ela soltou um grito tão desvairado, tão atordoante que, ao escutá-lo, estremei e os pelos de minha nuca se eriçaram. De todas as partes da casa pude escutar gritos de sobressalto, o badalar de sinos e o ruído de passos apressados, mas a pobre vítima não compreendia esses sons. Continuava com olhos arregalados fixos na janela, aguardando o desfecho do seu sonho.

Percebi que havia chegado a hora para a ação e o autossacrifício. Só haveria um jeito de reparar meu erro fatal. Atirar-me através da janela para lhe provocar um choque que a acordaria de seu transe de terror.

Sem uma palavra, atravessei o quarto e me projetei de costas contra a vidraça. Ao me voltar para a porta, vi a Sra. Trevor entrando em disparada no quarto, seu rosto tenso e assustado. Ela chamava, aos gritos:

– Diana! Diana! O que foi?

O vidro se partiu em mil pedaços e pude sentir suas pontas afiadas me cortando como facas. Mas não sofri dor alguma, já que, acima do barulho de passos chegando às pressas e do vidro sendo estilhaçado, além dos gritos dentro e fora do quarto, escutei a sua voz elevando-se num forte grito de alívio:

– Abençoado seja! *Ele* se atreveu!

A seguir, mergulhou nos braços da Sra. Trevor, que havia se sentado ao lado dela na cama.

Então, senti um impacto forte, e o Universo inteiro pareceu repleto de fagulhas que giravam à minha volta na velocidade de um relâmpago, até que tive a sensação de estar no centro do mundo em chamas, e aos meus ouvidos chegou o sopro forte do vento, uivando cada vez mais alto, e então a escuridão cobriu tudo, os sons morreram, como se toda a Terra se apagasse, e não me recordo de mais nada.

#### IV. Depois

Quando recobrei a consciência, estava deitado numa cama no quarto às escuras. Perguntei-me a razão disso e tentei ver algo ao meu redor, mas mal podia mexer a cabeça. Tentei falar, mas minha voz não tinha potência alguma – era como um suspiro proveniente de um outro mundo. O esforço para falar me enfraqueceu e de novo senti a escuridão se fechando em torno de mim.

\* \* \*

Gradualmente, retomei a consciência e senti algo frio em minha testa. Imaginei o que seria. Pensei em muitas coisas, mas não consegui fixar a mente em nenhuma. Fiquei deitado, imóvel por algum tempo, até que finalmente abri os olhos e vi minha mãe, curvada sobre mim – era sua a mão tão deliciosamente fria sobre minha fronte. Por alguma razão, espantei-me. Esperava, sim, vê-la, mas ao mesmo tempo fiquei surpreso, pois não a encontrava havia muito tempo – muito, muito tempo – e sabia que ela estava morta. Será que eu também morrera? Olhei para ela de novo, com mais cuidado dessa vez, e as feições de que me recordava sumiram no ar, embora a expressão permanecesse a mesma. E então o rosto amável e tão familiar da Sra. Trevor aos poucos surgiu diante de mim. Ela sorriu quando leu em meus olhos que eu a reconhecera e, debruçando-se sobre mim, me beijou com imensa ternura. Quando recuou sua cabeça, algo quente caiu sobre meu rosto. Perguntei-me o que seria e, depois de pensar no assunto por um longo tempo, cheguei à conclusão de que era uma lágrima. Depois de pensar um pouco mais, abri meus olhos para ver por que ela estava chorando, mas a Sra. Trevor havia saído, e, apesar de os anteparos da janela estarem fechados e de o quarto ter sido deixado às escuras, pude enxergar à minha volta. Já me sentia mais desperto e mais forte e tentei chamar a Sra. Trevor. Uma mulher ergueu-se da cadeira atrás das cortinas que cercavam a cama e dirigiu-se

para a porta. Disse alguma coisa e voltou, ajeitando então meus travesseiros.

– Onde está a Sra. Trevor? – perguntei, ainda febril. – Ela estava aqui ainda há pouco.

A mulher sorriu para mim transmitindo-me ânimo e respondeu:

– Logo ela estará de volta. Meu Deus! E ficará feliz de ver o senhor tão forte e desperto.

Alguns minutos depois, ela entrou no quarto e, debruçando-se sobre mim, me perguntou como eu estava me sentindo. Respondi que estava bem. Mas um pensamento me ocorreu e perguntei:

– O que aconteceu comigo?

Contaram-me então que eu estivera doente, muito doente, mas que agora havia melhorado bastante. De repente, toda a cena do quarto voltou à minha mente, assim como o medo que minhas fantasias tolas haviam causado. Senti tontura, mas o braço da Sra. Trevor amparou-me e, depois que me recompus, minhas lembranças se restabeleceram. Soltei-me bruscamente do braço que me segurava e disse com voz alterada:

– Ela está bem? Eu a escutei dizer “salva”, mas ela está bem?

– Calma, calma, meu querido garoto. Ela está bem. Não fique nervoso.

– Você está me enganando? – indaguei. – Diga-me tudo. Suportarei o que for. Ela está bem ou não?

– Esteve bastante adoentada, mas agora está melhorando e ficando mais forte, graças a Deus.

Comecei a chorar de fraqueza, mas também de alegria, e, ao ver isso e sabendo por seu instinto feminino que eu preferiria ficar sozinho, a Sra. Trevor deixou apressadamente o quarto depois de fazer um sinal para a enfermeira, que se posicionou novamente no seu antigo posto, atrás da cortina.

Fiquei perdido em reflexões por longo tempo e tudo, desde a minha chegada a Scarp até o momento em que desmaiei depois de ter me lançado através da vidraça, retornou-me como num sonho. Gradualmente, o

quarto foi se tornando mais e mais escuro, e meus pensamentos começaram a dar forma aos objetos ao meu redor, até que finalmente o mundo visível se evanescer diante de meus olhos exaustos, e em meus sonhos continuei a pensar em tudo o que acontecera. Tive uma estranha impressão de comer algo e depois cair de novo no sono, mas não me lembro de mais nada, até que despertei por completo pela manhã e encontrei a Sra. Trevor novamente no quarto. Ela aproximou-se da cama e, sentando-se ao meu lado, disse satisfeita:

– Ah, Frank, você parece muito melhor e bem mais forte esta manhã, querido menino. Confio que logo estará recuperado.

Seus dedos hábeis ajeitaram meu travesseiro e colocaram meus cabelos para trás, tirando-os da testa. Peguei sua mão e a beijei, o que me deixou muito feliz. Logo lhe perguntei como estava a Srta. Fothering.

– Melhor, muito melhor esta manhã. Tem perguntado por você desde que voltou a si. Hoje, quando lhe disse que você havia melhorado bastante, ela recuperou-se de vez.

Senti um desconforto no meu rosto enquanto ela falava, mas ela prosseguiu:

– Ela me pediu que a deixasse vê-lo assim que fosse possível. Deseja lhe agradecer pelo que você fez naquela noite tenebrosa. Mas, chega, não vou ficar lhe contando essas histórias. Que ela própria lhe fale a respeito como bem entender.

– Agradecer a mim? Pelo quê? Por tê-la levado à beira da loucura, ou talvez mesmo da morte por causa dos meus temores idiotas e da minha imaginação? Oh, Sra. Trevor, por favor, sei que nunca faz pouco de ninguém, mas o que está me dizendo me parece deboche.

– Se eu tivesse um filho, gostaria que ele pensasse e agisse como você. Rezaria por isso noite e dia e, se ele sofresse algo como você sofreu, eu me debruçaria sobre ele como estou debruçada sobre você e me sentiria feliz, como estou agora me sentindo, por ele ter pensado e agido como um homem de coração bravo e dedicado. Eu agradeceria a Deus por ter me

dado um filho como esse e, se ele morresse, como no princípio temi que acontecesse com você, eu seria uma mulher mais orgulhosa e mais feliz ao me ajoelhar junto ao seu cadáver do que abraçando um filho junto ao meu corpo.

Ah, como meu fraco e descompassado coração começou a bater rápido à medida que ela falava. Com piedade por seus instintos maternos, com alegria por uma mulher sincera e generosa ter aprovado minha conduta em relação à mulher que eu amava, e de alegria, orgulhoso de mim mesmo. Não havia dubiedades em suas sinceras palavras, e suas faces estavam absolutamente radiantes enquanto as pronunciava.

Lancei meus braços – e isso exigiu todas as minhas forças – em volta de seu pescoço e bem baixinho sussurrei em seu ouvido uma única palavra:

– Mãe!

Ela não esperava por isso, e pareceu chocá-la, mas seus braços me apertaram forte. Pude perceber uma verdadeira chuva de lágrimas escorrendo por minhas faces quando olhei-a nos olhos, repletos de uma alegria há muito ansiada. Como bem dizia minha aparência, eu me sentia fortalecido, quase recuperado, e a alegria dela transmitiu-se em carinho para mim, restaurando de vez minhas energias.

Por algum tempo, ela se manteve em silêncio, e então falou como se fosse para si mesma:

– Finalmente, Deus me deu um filho. Agradeço ao Senhor, meu Pai. Perdoe-me se alguma vez me queixei. O filho pelo qual tanto orei pode ser diferente do que eu desejava, mas o Senhor sabe melhor do que todos nós e sobre todas as coisas.

Depois, voltou a ficar em silêncio por alguns instantes, ainda me amparando em seus braços. Era indescritível minha alegria. Estava cercado por uma atmosfera de amor que eu desejei toda a minha vida. O amor de uma mãe, pelo qual, sendo órfão, suplicava desde minha infância, e finalmente o recebia, assim como o amor de uma mulher, que ainda seria maior do que o de uma mãe, eu o sentia ao meu alcance.

Mas comecei a me sentir cansado, e a Sra. Trevor me fez deitar em meu travesseiro. Não tinha palavras para expressar o quanto me deliciava ver seu jeito maternal comigo agora. O gelo entre nós finalmente fora quebrado; havíamos declarado mutuamente nosso amor, e a mulher grisalha estava tão feliz com isso quanto o homem mais jovem.

No dia seguinte, melhorei ainda mais, assim como nos dias que se sucederam. A Sra. Trevor cuidava de mim pessoalmente, e as boas notícias que me trazia sobre a recuperação da Srta. Fothering me animavam muito. Assim, os dias se passaram rapidamente, mas ainda tive de esperar um bom tempo antes de conseguir me levantar da cama.

Certo dia, a Sra. Trevor entrou no quarto num estado quase eufórico. Já nessa época, eu conseguia me sentar por algum tempo a cada dia e estava começando a me fortalecer, ou melhor, a me sentir menos fraco.

– Frank, o médico disse que você já pode ir para outro quarto amanhã, mudando um pouco de ares, e também pode ver a Di.

Como pode se supor, eu estava ansioso por ver a Srta. Fothering. Quando retomei minha consciência, entendi que, durante minha enfermidade, eu a tinha em mente o dia inteiro, e por vezes a noite inteira também. Estava apaixonado por ela desde a noite fatídica. Meu coração revelou-me isso enquanto eu aguardava o bater do relógio, quando então me dei conta da tolice acerca do pesadelo que tive. Mas agora eu não somente amava essa mulher, mas quase idolatrava meu próprio ideal de mulher que havia se incorporado nela. A constante troca de mensagens carinhosas entre nós ajudou a aumentar minha afeição, e agora eu esperava ansioso para vê-la pessoalmente.

Acordei mais cedo que de costume pela manhã, e minha ansiedade aumentava à medida que se aproximava a hora de nossa conversa. No entanto, logo precisei me acalmar sobre a possibilidade de que, se não me acalmasse, o encontro seria adiado.

Finalmente, chegou a hora e fui levado numa cadeira de rodas para o quarto da Sra. Trevor. Ao atravessar a porta, olhei ansioso em volta e vi,

sentada numa outra cadeira, junto a uma das janelas, uma moça que, ao olhar para mim, languidamente, mostrou ser a Srta. Fothering. Estava muito pálida e com um ar etéreo. Parecia extremamente debilitada, mas, em minha opinião, isso só realçava sua beleza natural. No que me fitou, um lindo rubor cobriu suas pobres e pálidas faces, tingindo até mesmo sua alva testa. Mas logo ela se acalmou novamente e ficou ainda mais pálida do que antes. Empurraram minha cadeira até ela, e enquanto se inclinava para beijá-la, depois de ajeitar a almofada da sua cadeira, a Sra. Trevor disse:

– Di, meu amor, trouxe Frank para vê-la. Podem conversar por algum tempo, não muito longo, e lembre-se de que as ordens do médico foram muito estritas. Assim, se algum dos dois deixar o outro nervoso, devo proibir que se vejam novamente até que ambos estejam totalmente recuperados.

E proferiu as últimas palavras antes de deixar o quarto.

Eu me sentia ruborizado, pálido, com frio e calor. Fitei a Srta. Fothering e hesitei. No entanto, em um instante, reuni coragem suficiente para lhe falar.

– Srta. Fothering, tenho esperança de que me perdoe o sofrimento e o perigo que lhe causei por conta de meus tolos receios. Asseguro a você que nada do que fiz...

E foi aqui que ela me interrompeu:

– Sr. Stanford, suplico que não continue a dizer tais coisas. Eu é que devo lhe agradecer pelo cuidado do qual o senhor me achou digna de receber. Não vou tentar explicar o quanto isso me envaidece. E agradeço também a generosa coragem e a presença de espírito que demonstrou ao me salvar do terror daquela cena medonha.

Ao proferir essas palavras, ficou ainda mais pálida do que já estava, além de seu corpo todo estremecer. Fiquei preocupado por ela e disse do modo mais animador que pude:

– Por favor, não se altere. Acalme-se. Já acabou. Tudo agora é passado. Não deixe que o terror a domine de novo.

Embora o que eu disse a tenha tranquilizado um pouco, não foi o bastante para afastar de vez seu medo. Assim, vendo que ela estava verdadeiramente perturbada, chamei a Sra. Trevor, que aguardava no quarto ao lado e logo entrou, pondo-se a conversar brevemente com a Srta. Fothering. Aos poucos, ela conseguiu afastar os temores de Diana, graças às suas palavras revigorantes e alegres. Pobre Srta. Fothering, o choque que sofrera fora cruel, e pensar que eu causei aquilo tudo me trazia muita angústia. Depois de alguma conversa serena, no entanto, também me tranquilizei, mas quase desfaleci, sendo levado de volta ao meu quarto e colocado na cama.

Por longos e intermináveis dias, permaneci fraco e pouco melhorava. Via a Srta. Fothering todos os dias, e, a cada ocasião, aumentava meu amor por ela. Ela ficou mais forte com o passar dos dias e, depois de poucas semanas, estava relativamente bem de saúde, enquanto eu continuava fraco. Sua enfermidade havia sido resultado do medo que a acometera naquela terrível noite, enquanto a minha era depressão nervosa em consequência do longo período de ansiedade entre o sonho e o que parecia ser a concretização da ameaça representada por ele, somados à debilidade física resultante dos ferimentos causados pelos cacos de vidro da janela.

Durante esse período de fraqueza, a Sra. Trevor foi uma verdadeira mãe para mim. Cuidava de mim dia e noite e, de acordo com as suas possibilidades, tornou minha vida um sonho de felicidade. Mas a maior glória desses dias foi o pensamento que por vezes vinha à minha mente – de que Diana se afeiçoava a mim. Ela continuara em Scarp, a pedido da Sra. Trevor, já que seu pai fora passar o inverno na Europa Continental, e com minha mãe adotiva dividia os cuidados em relação a mim. Dia após dia, sua atenção comigo só fez aumentar, até que passei a imaginá-la como um anjo da guarda que me protegia.

Com a meiga e peculiar sensibilidade que acompanha a extrema prostração física, eu pressentia que a sua compaixão aumentava à medida que avançava sua recuperação. E meu amor crescia junto com elas. Com frequência, eu me perguntava se poderia ser solidariedade, e não compaixão, o que sufocava minha vontade e meus desejos. Ou se poderia ser amor aquilo que havia no coração dela, enquanto o meu agora somente batia por ela. Mas ela apenas demonstrava compaixão e ternura em seus atos e palavras, embora eu cada vez ansiasse por mais.

Aquele período da minha longa e continuada enfermidade se tornou precioso para mim. Acostumei a ficar contemplando-a por horas, enquanto ela, sentada diante de mim, lia ou realizava algum trabalho, e meus olhos se enchiam de lágrimas só de pensar o quanto seria doloroso morrer e separar-me dela. Tão intensa era a chama do meu amor que acreditei, apesar da minha formação religiosa, que morreria e que deixaria a melhor parte do meu ser para trás. De um modo vago, levado pela imaginação, não menos poderoso por ser indefinido, eu costumava pensar em tudo o que lhe diria se estivesse bem. Que me dirigiria a ela da maneira mais bela do que agora poderia permitir aos meus pensamentos formular. E que, ao falar, minha paixão, minha sinceridade e a pureza dos meus sentimentos me tornariam tão eloquente que ela me escutaria. E que eu poderia passear com ela pelas alamedas da floresta, nas tardes de sol, que se abriam diante de mim através da janela e que eu me sentaria aos seus pés num banco coberto de musgo, junto a algum córrego alegre, que irrompesse por entre as pedras, e a seguir, mirando no fundo dos seus olhos, veria minha futura vida, embalada num longo rastro de luz. E eu sussurraria em seus ouvidos meigas palavras que me fariam tremer ao pronunciá-las, e a ela, tremer enquanto as escutasse. E ela se inclinaria para mim demonstrando seu amor ao deixar que eu lhe falasse do meu sem me repreender.

Mas então me ocorreu, como a repentina sombra de uma nuvem de chuva sobre a paisagem, em abril, o amargo e mais do que amargo

pensamento de que todos os meus anseios não seriam senão um sonho e que, quando a hora chegasse, quando tudo o que imaginei fosse acontecer, eu muito possivelmente estaria dormindo por debaixo da relva. E que ela, talvez, poderia lá estar, chorando no silêncio de seu quarto, lágrimas muito, muito tristes por seu amor frustrado e por mim.

Então, meus pensamentos se tornaram menos egoístas, e tentei imaginar como seria amargo o choque causado pela minha morte – se ela me amasse –, já que eu sabia que uma mulher não ama por conta do valor daquilo que ama, mas pela força de seu afeto e pela admiração de sua própria idealização, que ela pensa ter se materializado no corpo de um homem. Mas esses pensamentos sempre tinham o pressuposto de que os sonhos de felicidade eram proféticos. Que infelicidade! Já havia perdido toda minha fé em sonhos. Eu não conseguia senão pensar que, se não tivesse amedrontado a Srta. Fothering ao lhe descrever minha visão, ela poderia, então, ficar aterrorizada pelo efeito do luar sobre as flores dos tufo de grama alta e que assim, graças à Providência, eu fora o agente da sua salvação, poupando-a de um choque ainda maior do que o que ela tivera, já que a ajuda teria demorado ainda mais. Esse pensamento sempre me dava esperança. Sempre que eu imaginava o quanto ela sentiria minha morte, sentia meus olhos vertendo lágrimas que apagariam da minha visão delirante o objeto de meus pensamentos e temores. Então, ela se aproximaria de mim e colocaria sua delicada mão na minha testa e sussurraria meigas palavras de alento e esperança em meus ouvidos, enquanto eu sentiria sua respiração morna sobre a minha face, afastando meus cabelos da testa, e cessariam então a dor e o lamento, vivendo a partir daí somente no mais iluminado presente. Nesses momentos, eu choraria em silêncio de tanta felicidade, porque a realidade era que estava lamentavelmente debilitado e mesmo as coisas mais simples me comoviam profundamente.

Até mesmo a aleatória lembrança de alguma palavra escutada ou algum gesto carinhoso, ou de alguma tristeza ou tensão, me fazia pensativo por

horas e aticaria todos os sentimentos mais ternos da minha natureza.

Lentamente – muito lentamente – comecei a me fortalecer, mas por muitos dias ainda estive quase completamente debilitado. Com o retorno de minhas energias, veio também o fortalecimento da minha paixão – porque meu amor por Diana havia se transformado em paixão. Ela estava agora tão entranhada aos meus pensamentos que meu amor por ela tornara-se parte do meu próprio ser, e eu sentia que sem ela minha vida seria uma existência árida e nada mais. Mas, por mais estranho que possa parecer, com o fortalecimento físico e da minha paixão, veio também o crescimento da insegurança. Na presença dela, eu me sentia tão sem ação, tão intimidado que mal ousava encará-la, e não conseguia dizer nada, a não ser para responder a alguma pergunta ocasional. Não tinha mais sonhos, já que esses sonhos que eu costumava ter acordado pareciam agora devaneios e quase sacrílegos por ação da minha fértil imaginação. Entretanto, quando ela não estava olhando, eu me contentava em somente a observar ou escutar. Adivinhava os momentos em que entrava e saía da casa, e seus passos eram a mais doce música para os meus ouvidos – além de sua voz. Por vezes, ela surpreendia meus tímidos olhares e então, percebendo que eu me ruborizava, um brilhante sorriso iluminava seu rosto. Era meigo, feminino, e às vezes eu acreditava que fosse nada mais que uma expressão da sua piedade. Ela estava sempre em meus pensamentos, e essas dúvidas e receios constantemente me assaltavam, de modo que podia sentir que, de tanto repensar o assunto – algo que eu não tinha forças para evitar –, isso estava começando a me fazer mal. Talvez até mesmo prejudicasse a minha recuperação.

Certo dia, me senti bastante triste. Abateu-me uma amarga solidão que não era habitual. Tratava-se de um bom sinal, mostrando que minha saúde se restabelecia, e era como sair de um sonho e retornar ao mundo real, com seus problemas e preocupações. Sentia algo como uma frieza e um abandono, como se tivesse perdido algo sem nada ganhar em troca – e de fato havia perdido um pouco do meu senso de independência por causa

da depressão, embora ainda não tivesse retomado o meu vigor físico. Sentei diante da janela, à sombra, para ver o jardim que no verão estivera colorido pelas flores e perfumado, mas que agora somente tinha alguns trechos iluminados pelos suaves e brandos raios de sol do outono, além de pontilhado por alguns canteiros de flores que haviam sobrevivido às primeiras geadas.

Ali sentado não pude evitar de pensar no meu futuro. Sentia-me cada vez mais forte, e a possibilidade de retomar minha vida parecia bastante real. Como eu ansiava por ter coragem de pedir a mão de Diana! Qualquer resposta seria melhor que a incerteza que eu suportava agora. Mas eu não nutria mais esperanças de que ela me aceitasse, já que agora parecia se importar menos comigo do que nos primeiros dias de minha enfermidade.

Enquanto eu me recuperava, ela pareceu se distanciar de mim, o que fazia meus medos e dúvidas aumentarem cada vez mais. Tanto que eu procurava não pensar na alegria que seria se ela me aceitasse como esposo, nem no meu desespero se ela me recusasse. Ambas as emoções pareciam fortes demais para mim.

Nesse dia, então, quando ela entrou no meu quarto, meus receios estavam particularmente aumentados. Ela parecia ainda mais revigorada do que o habitual, já que um certo brilho, como se fosse de saúde renovada, trazia cor às suas faces. Ela estava tão linda que eu não seria capaz de conceber que essa mulher aceitaria algum dia ser minha esposa. Percebi no seu jeito certo constrangimento ao vir falar comigo, andando à minha volta e, graciosamente, como lhe era próprio, fazendo de tudo um pouco para me deixar confortável, como somente uma mulher sabe fazer ao lidar com um inválido. Voltou-se para mim duas ou três vezes como se quisesse me dizer alguma coisa, mas em todas as oportunidades desviou-se, sempre em silêncio e ruborizada. Pude sentir que seu coração batia aceleradamente e, finalmente, ela falou:

– Frank...

Ah, que empolgação violenta me percorreu ao escutar meu nome pronunciado por seus lábios pela primeira vez. O sangue subiu à minha cabeça e por um momento pensei que fosse desmaiar. Sua mão refrescante em minha testa reanimou-me.

– Frank, posso falar com você por alguns momentos sinceramente e com toda a liberdade?

– Prossiga.

– Promete que não vai pensar que se trata de um comportamento inapropriado para uma mulher, ou algo do gênero, já que estarei agindo de acordo com minha mais honesta motivação? Promete?

Disse isso lentamente, hesitando, e com o peito ofegante.

– Prometo.

– Todos estamos vendo que você não está se recuperando como esperávamos, e o médico acredita que é por causa de alguma preocupação que tem perturbado seus pensamentos, que você não para de remoê-la em seu íntimo e que isso vem retardando o seu restabelecimento. A Sra. Trevor e eu temos conversado sobre isso, trocamos algumas observações e acredito que descobrimos qual é essa preocupação. Agora, Frank, não fique tão pálido e ruborizado assim, ou vou ter que sair do quarto.

– Vou me acalmar. De verdade. Prossiga.

– Nós achamos que uma conversa franca pode lhe trazer muitos benefícios e queremos saber se nossa percepção está correta. A Sra. Trevor achou melhor que fosse eu a falar com você.

– Mas o que vocês pensam que possa estar me preocupando?

Até esse ponto, embora ela tivesse mostrado estar sob intensa emoção, sua voz estava íntegra e clara, mas respondeu a essa pergunta num tom fraco e com muita hesitação.

– Você está gostando de mim e está com medo de que eu... não o ame.

E aqui sua voz saiu acompanhada de lágrimas, o que a fez esconder o rosto.

– Diana – eu disse –, minha querida Diana. – E estendi os braços, usando de todas as forças que tinha.

O rubor tomou as faces dela e o seu pescoço, então ela se aproximou soluçando e deitou a cabeça sobre meu ombro. Um débil braço enlaçou-a pela cintura, enquanto a minha outra mão pousou sobre sua cabeça. Eu não disse nada. Não conseguia falar, mas sentia a batida acelerada do coração dela sobre o meu, e me ocorreu que, se eu morresse ali, seria feliz para sempre, caso houvesse lembranças da vida terrena no outro mundo.

Numa longa pausa, abençoadamente longa, ela ficou imóvel. Gradualmente nossos corações deixaram de bater com tanta violência, e nos serenamos.

Foi assim a confissão mútua de nosso amor. Nenhum pedido, nem consentimento, nenhum juramento apaixonado, mas o silêncio e a vibração de nossa afeição passando de um coração a outro, algo mais terno do que as palavras conseguem expressar.

Diana ergueu a cabeça e fitou meus olhos sem medo, mas de um jeito que me pedia sinceridade ao perguntar:

– Oh, Frank, será que procedi corretamente ao falar? Não teria sido melhor se eu aguardasse?

Ela havia lido meus desejos em meus olhos e inclinou a cabeça em minha direção. Beije-i sua testa e, com fervor, pedi:

– Obrigado, meu Deus, que tudo tenha acontecido da melhor maneira. Que ele abençoe minha querida esposa para todo o sempre.

– Amém! – disse uma voz meiga e suave.

Ambos erguemos os olhos, envergonhados, porque reconhecemos a voz da minha segunda mãe. O rosto da Sra. Trevor, vertendo lágrimas de felicidade, iluminou-se com um súbito raio de sol entrando pela janela.

## AUTOR E OBRA

“Corrente do destino” foi publicado pela primeira vez em 1875, sendo considerado por alguns críticos o conto no qual Bram Stoker compôs seu personagem gótico – a visão do demônio/pesadelo de Frank Stanford – mais bem elaborado, na fase pré-*Drácula* (1897). A própria mansão onde se desenrola a história, Scarp, tem muitas das características dos prédios utilizados como cenário nas narrativas góticas, principalmente a sinistra alameda de teixos. Além disso, Stoker, com essa história, é *acusado* de aceitar influência direta de Edgar Allan Poe (1809--1849), o mestre do gótico romântico nos Estados Unidos.

Há três aspectos – ou *provas incriminadoras* – principais que caracterizam essa influência. O primeiro é que, bem ao estilo de Poe, a história é contada por um personagem que viveu (ou pensa que viveu) a experiência sobrenatural. Evidentemente, há distorções naquilo que ele relata, o que o torna um narrador pouco confiável desde o início. Como avaliar a veracidade das cenas? Como conferir se o personagem viu mesmo o que diz que viu?

Ou como acreditar quando ele muda de opinião dando uma explicação *realista* a tudo o que se passou e que o atormentava até então?

Em segundo lugar, grande parte do conflito do personagem é desenvolvido intimamente, um choque entre os seus sentidos, a sua percepção, e a *realidade*. Frank é deixado *sozinho* com seus dilemas, temendo ser desacreditado, temendo ainda mais não ter coragem de enfrentar a descrença geral. De fato, em determinado momento, Frank já não confia mais no seu juízo e conclui que seu pesadelo e a visão do demônio haviam sido sugeridos por causas naturais. Trata-se de um conflito entre o terror e a perda de discernimento, também típico de Poe.

Finalmente, outra *influência poeriana* poderia ser constatada na *incerteza* que necessariamente coroa a história. Frank Stanford faz as pazes com o senso comum e renega sua interpretação inicial do pesadelo e

da visão do demônio. Mas como explicar, nessa versão do episódio, as coincidências entre a maldição contra a família Fothering – da qual ainda não escutara falar nem lera nada, inclusive a frase escrita nas costas do quadro – e os elementos de seu *pesadelo*? E mais: pelo que insinua as palavras de Diana, no primeiro encontro dos dois depois da noite fatídica, ela própria estaria convencida de que jamais passara perigo real? Que a intervenção de Frank não a salvara de ser vítima do mesmo demônio que Frank *viu* em seu pesadelo? Aparentemente não. Então quem teria *razão*?

Não há como responder a essa pergunta, que se constitui em uma cilada, característica de Poe.

Além disso, todo o desenvolvimento da história, com toques de mistério e numa tensão crescente, nos mostra um Bram Stoker aguçando sua pena para escrever, anos depois, as melhores sequências de *Drácula*. Publicar este conto em *Góticos II: Lúgubres mistérios*, é mais uma homenagem a esse que foi um dos maiores expoentes do gênero.

+++

## NOTAS

1. Washington Irving: Romancista norte-americano (1783-1859), autor de *The Legend of Sleepy Hollow*, entre nós conhecido como *A Lenda do Cavaleiro Sem Cabeça*.
2. Nathaniel Hawthorne: Outro autor que comprova a ligação de Stoker com a literatura norte-americana é Hawthorne (1804-1864), considerado o primeiro grande escritor dos Estados Unidos.
3. Era elisabetana: Estilo próprio do período em que a Rainha Elizabeth I (1533-1603) governou a Inglaterra.
4. Percy Bysshe Shelley (1792-1822), poeta inglês, marido de Mary Shelley, a autora de *Frankenstein*.

5. William Blake: Poeta e pintor inglês (1757-1827) com forte tendência para o fantástico e os lúgubres mistérios da alma humana.

## Lúgubres mistérios

Ensaio de Luiz Antonio Aguiar

Heitor, mal podendo respirar, replicou:

*“Imploro a você, por seu espírito e por seus pais,  
Que não deixe os cães devorarem meu cadáver em seu acampamento,  
junto a seus navios. Aceite o bronze e o ouro que lhe  
oferecerão como resgate, meu pai e sua esposa, minha mãe.  
Permita que meu corpo lhes seja devolvido de modo  
que nossos homens e mulheres possam me proporcionar a respeitosa  
pira que consumirá meu corpo”.*

Aquiles, o grande corredor, desdenhosamente respondeu:

*“Não me venha com súplicas em nome do meu espírito ou de meus pais,  
cão lamuriento! Se eu permitisse à minha ira guiar-me, neste momento,  
não somente o mataria, mas comeria a sua carne ainda crua, tamanha  
foi a dor*

*que você me causou! Nenhum homem conseguirá evitar que  
seu cadáver vire banquete das matilhas, nem que me paguem  
dez resgates, nem vinte, isso eu juro. Sim!*

*Nem que o próprio Príamo, filho de Dardanus, ordene que se pague  
o seu peso em ouro! Seu corpo não terá repouso na morte, não será  
sepultado nem chorado pela mulher que lhe deu à luz.*

*Os cães e as aves de rapina irão devorá-lo até que nada reste”.*

*E de fato Aquiles planejava para o cadáver de Heitor  
mais ultrajes. Na parte de trás dos pés, perfura ambos os  
tendões, do calcanhar ao tornozelo. Atravessa pelas feridas tiras grossas  
de couro de boi e as amarra ao seu carro, deixando a cabeça do*

*morto fazendo rastro no chão. Subindo então no carro, brande no alto a armadura do guerreiro, seu troféu, e agita as rédeas, açoitando a parelha de animais para dispararem em galope. Uma nuvem de poeira se levanta, ocultando o cadáver, a cabeleira de Heitor voando para trás, e aquela cabeça tão principesca em vida se revira no pó. Zeus o entregara assim a seus inimigos para ser profanado na sua própria terra natal. Assim, sua cabeça logo se tornou uma massa escura. E a tudo assistindo das muralhas de Troia, sua mãe corta as tranças, arranca seu véu e geme alto, o coração dilacerado ao ver ali embaixo o que se faz com seu amado filho.*

Homero, *Ilíada*, Canto XXII, 338-355, 395-409.

A cena acima seria um trecho impactante de qualquer novela de terror...

Aquiles, o protagonista de *Ilíada*, o grande guerreiro, o de pés ligeiros, é um dos personagens mais dramáticos, mais complexos e mais exuberantes da literatura. Ao nascer, sua mãe, a deusa Tétis, quis lhe conferir a invulnerabilidade. Para tanto, mergulhou o bebê no Rio Estígio, o mesmo que os espíritos dos que deixam o mundo precisariam atravessar, a bordo da barca de Caronte, para chegar ao Hades, fatídico Reino dos Mortos. No entanto, Tétis cometeu um erro: segurou seu pequeno filho por um dos calcanhares, que se tornou assim sua porção vulnerável, mortal, o *calcanhar de Aquiles*. Uma flechada ali (desferida pelo troiano Páris e guiada pelo deus Apolo), e o grande herói, o semideus, perecerá.

Desde muito novo, Aquiles escolhera seu destino. Foram-lhe oferecidas duas alternativas – teria uma vida longa e pacata, ou muito curta e gloriosa. Aquiles preferiu a segunda, que lhe garantiria a imortalidade pela fama de suas façanhas, mas o condenaria a uma morte prematura e

violenta. Assim, lhe foi revelado, sob a forma de uma profecia, que ele morreria em Troia; e mais, que isso aconteceria logo após matar Heitor, se decidisse fazê-lo. A todo instante algum personagem lhe lembra disso, até mesmo seu próprio cavalo, o fiel Xanto, no instante em que vai montá-lo para retornar à batalha. Enfim, Aquiles precisa viver a cada instante sob o signo da morte. Ou... sob o peso da sua mortalidade.

Repare o ódio desproporcional de Aquiles contra Heitor. Há quem argumente que a peculiar relação do jovem Pátroclo, que Heitor matara em batalha, com Aquiles é o motivo da *devastadora ira* do filho de Tétis. E essa é uma interpretação válida. Mas não a única. Talvez – podemos somente propor interpretações, *leituras possíveis* – a morte de Pátroclo e o ímpeto de vingança de Aquiles fossem o suficiente para que o herói matasse Heitor. No entanto, Aquiles não somente mata Heitor, mas faz questão de profanar seu cadáver.

Primeiro, manifesta o impulso de devorar sua carne... E, abrindo parênteses, aqui devemos recordar o mito de Licaão, que devorou carne humana e, como punição a um crime tão medonho, uma afronta aos deuses, aos *imortais*<sup>1</sup>, Zeus o transformou em *lobisomem*.

A sequência de horrores tem um de seus momentos mais macabros quando Aquiles perfura os calcânhares<sup>2</sup> de Heitor, transpassa-os com uma correia de couro e depois arrasta seu corpo, em torno das muralhas de Troia e sob as vistas da mãe do morto, Hécuba. Aquiles transforma o corpo de Heitor em troféu, exhibe-o, mutila-o. No entanto, a quem se dirige o degradante espetáculo?

Depois, negará sepultura ao seu adversário morto... Ora, dificilmente Aquiles poderia cometer maiores ofensas contra os deuses, maior blasfêmia, sob os costumes morais e a religião grega antiga, do que aviltar dessa maneira um cadáver. É mera ou exclusivamente a dor pela morte de Pátroclo que o leva a cometer um crime tão tremendo? Ou é a sua própria mortalidade, que, depois de tanto tensionar sua existência, transtornou-o de vez? Estará ele desafiando os deuses – os *imortais* –, quem sabe a

plateia (nem gregos, nem troianos) que ele realmente pretende afrontar? Seu rancor será contra aqueles que não têm *calcanhares de Aquiles*, que não convivem com a sombra da morte?

Mais peculiar ainda é que Aquiles – como tantos personagens da literatura e particularmente das histórias de terror – parece *buscar* seu trágico fim. Poderia ter evitado ir para a Guerra de Troia; poderia ter voltado para casa; poderia não ter matado Heitor... Mas, passo a passo, aproxima-se da morte, persegue-a, a mesma razão de seu tormento em vida; e o Hades, o espectro que o acompanha e que fatalmente o engolirá, parece que o fascina, que já o possui por antecipação. Contra isso, contra essa compulsão, contra si mesmo, apesar de ser o algoz de seus inimigos, o grande matador, o guerreiro invencível, Aquiles não consegue lutar.

Pode parecer um longo recuo, começar de um dos dois monumentais poemas de fundação da literatura ocidental (o outro é *Odisseia*, também de Homero), para chegar à literatura gótica do Romantismo, no século XIX (considerando também seus antecessores e descendentes). No entanto, o poderoso dilema que coloca o ser humano em confronto com sua condição de criatura mortal (ou seja, novamente, consigo mesmo), em suas infinitas variações, é um dos *motivos* mais atuantes e mais cruciais das histórias góticas. E pode ser o que as torna ainda hoje irresistíveis, capazes de seduzir e cativar sucessivas e imensas populações de leitores. A fascinação pelo enigma da morte parece nos atrair, impor que nos aproximemos do que é letal – mesmo monstros e fantasmas homicidas –, como se pudéssemos vencê-la, a morte, e sobrepujá-la, no ato em que mirarmos sua face. Ou a de seus representantes na literatura, as *assombrações* do gótico.

O que seriam esses entes sobrenaturais, então, se não reflexos de nós mesmos? Não do que somos, como mortais (essa expressão não nos alivia da sina inefável), mas de nossa imagem projetada, oriunda do *lado de lá*, seja do Hades, seja do *Reino Não Descoberto*, de Hamlet, ou do *Outro*

*Mundo?* Ou de algum lúgubre mistério? Uma imagem distorcida por ação do medo que temos da morte e do *além desconhecido*?

E não se pode esquecer que todo aquele que burla a morte ressurgem corrompido. Isso tanto em *Drácula* – que garante sua imortalidade cometendo uma profanação, sugando sangue dos homens e matando-os, e cuja *vida* é ao mesmo tempo *morte em vida* – quanto no filho do idoso casal de “A pata do macaco”<sup>3</sup>, de W. W. Jakobs e nos personagens de *O Cemitério Maldito*, de Stephen King, revividos graças à magia de um cemitério indígena. Todos esses são *mortos-vivos*, um paradoxo crivado de hediondez.

Mesmo assim, podemos ter a necessidade de invocá-los da escuridão oculta de nossos terrores profundos. De trazê-los aos nossos olhos. De vasculhar as profundezas desse espelho. De encarar (ou, imersos na literatura, desfrutar da ilusão de que a encaramos) a morte, seu mistério e nosso medo.

O que seria o *fantasma*, então – ainda mais os perversos, aqueles que se recusam a abandonar o nosso prosaico plano terreno e vingativamente ceifam vivos e os carregam para o seu mundo –, se não um outro *eu*, uma imagem de nós mesmos, corrompida pelo (imaginado, conjecturado) horror de estar morto (que, por sua vez, interpreta o horror à morte)? Não é uma metáfora piedosa, mas sem dúvida é das mais ricas e férteis da literatura. Que esse *paradigma*, ou *temática*, tenha sido estabelecido desde a *Ilíada* (e a insurgência de Aquiles contra seu *destino*, seu limite, sua *mortalidade*, como motivação de todo o horror dessa cena) só o torna um dos mais antigos e mais enraizados da arte de compor histórias. Um entre muitos elementos importantes, talvez, na literatura clássica antiga, e em outras literaturas, mas que se metamorfoseou, roubou a cena e ocupou o primeiro plano na literatura gótica. O terror gótico tem estirpe, berço nobre, tem profundidades e reentrâncias. Não se esvai na superficialidade de alguns sustos em série ou de massacres nos quais o louco assassino executa sua esbórnica sanguinária meramente com avidez e compulsão –

como alguns atacariam uma enxurrada gigante de batatas fritas ou consumiriam um balde de sorvete. O terror gótico é algo superior, muito mais complexo e infinitamente mais desafiante.

Ao mesmo tempo, quem se conforma com a morte? Quem tem certezas inabaláveis a esse respeito? Quem a explica sem nenhuma ponta de hesitação ou dúvida? Quem deseja chegar às margens do Estígio, quanto mais cruzá-lo? Quem dispensa uma boa história de terror? Quem não seria tentado a desfrutar da companhia momentânea (enquanto durar a leitura) de um fantasma bem composto e devidamente assustador?

É desse modo que as maiores aberrações já engendradas pelo gênio artístico se tornam manifestações ou símbolos tão terríveis quanto o (nosso) próprio terror que as gera. E esse é um viés universal da literatura gótica. Pode ser um aspecto do que Alberto Manguel<sup>4</sup> chama de imortalidade compartilhada... Um modo (sem profanações, blasfêmias, nem adesão às trevas) de superar nossa condição de mortais... Os dilemas humanos e a perturbação causada pelos lúgubres mistérios não perecem nem somem, jamais; pelo contrário, perpetuam-se – “cada ser humano vivendo um segmento de uma vida infinita em que, dado tempo suficiente, cada um fará e sentirá o que todos os outros fizeram e sentiram”. Ou seja, pode ser que haja um conforto, um consolo, ou mais do que isso, em lidar, à maneira humana, por meio de imagens e representações, com o que tanto nos atordoa e amedronta. E seja a literatura, afinal, a produzir essa superação, a imortalidade, acumulando obras e leitura de geração para geração; um dom, portanto, criado pela (e para) nossa espécie.

+++

AUTOR E OBRA

O organizador de *Góticos II – Lúgubres mistérios* nasceu em 1955 no Rio de Janeiro, onde mora. Como escritor ([www.luizantonioaguiar.com.br](http://www.luizantonioaguiar.com.br)), ganhou prêmios no Brasil e no exterior. Pela Editora Melhoramentos, organizou recentemente os volumes *Góticos: Vampiros, múmias, fantasmas e outros astros da literatura de terror*, a coletânea de contos *Internautas – Os chips reinventando o nosso dia a dia* e as coletâneas de crônicas *O Matador de Aluguel e Outras Figuras*, de Luís Pimentel, e *Videntes e Outros Pitacos no Cotidiano*, de Leo Cunha. Mestre em Literatura Brasileira com tese sobre leitura na cultura de massas. Pela Editora Melhoramentos lançou os títulos: *Sonhos em Amarelo: O garoto que nunca esqueceu Van Gogh* – incluído no catálogo White Ravens da Biblioteca de Munique, Alemanha, e ganhador do selo Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), além de adquirido pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) e por outros programas oficiais –, *A Vontade dos Cometas*, *Frei Liberdade*, *Hans Staden: Viagens e aventuras no Brasil*, *Canudos: Anjos e guerreiros em luta no sertão* e toda uma série de adaptações de clássicos da literatura ocidental, reeditada em diversos países da América Latina e nos Estados Unidos. Recentemente, Luiz Antonio Aguiar ganhou da Editora Record o Prêmio Recordista Platina pela venda de 500 mil exemplares – maior marco na editora – do volume II da coleção que propôs, organizou e adaptou, *O Mais Atual do Teatro Clássico*, com as peças *Alceste* (Sófocles) e *Prometeu Acorrentado* (Eurípedes).

+++

NOTAS

1. Trata-se da característica mais insistentemente marcada dos deuses da mitologia grega: a imortalidade. Enquanto deuses de outros domínios são principalmente individualizados por sua onipresença/onipotência, ou outros atributos, os olímpianos são *Os Imortais*. É o que os opõe basicamente aos seres humanos (os mortais).
2. Foi uma aluna, Sarah Ragaglia, do meu curso Primeiras Jornadas em Mitologia Grega, parceria da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ/RJ) com a Secretaria Municipal de Educação (SME/RJ), em 2011, quem me chamou a atenção para essa inegável pista sobre a motivação íntima de Aquiles, que – assim podemos ler esta cena – se vinga, nos calcanhares de Heitor, de sua própria mortalidade, igualmente localizada no seu calcanhar. Em sua obsessão, Aquiles desafia os deuses e se insurge contra o seu destino... Ou pretendendo simbolicamente vencê-lo, ou cometendo um ato de desespero causado pelo fato de não poder escapar a esse destino.
3. Este conto está no primeiro volume de *Góticos*.
4. *Ilíada e Odisseia: Uma biografia*, (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 230).

## Suplemento para pesquisa, discussão e aprofundamento

A Antologia *Góticos II – Lúgubres mistérios* traz para você contos escritos por mestres clássicos do gênero, autores que, como poucos, souberam explorar nossos temores e dúvidas, nossa perplexidade diante do desconhecido e do que nem sempre a lógica e a razão explicam. Trata-se portanto de uma das matérias-primas fundadoras da literatura, e também das mais férteis, até hoje e sempre, explorada com variações por diferentes escritores. Este volume proporcionou a você uma breve jornada de exploração por esse domínio em que a literatura tão agudamente devassa o espírito humano, criando algumas de suas obras mais importantes. Este suplemento foi elaborado para ampliar questões destacadas pelos contos e ensaios desta antologia.

- ⇒ A reunião de contos de *Góticos II – Lúgubres mistérios*, além de uma homenagem a Bram Stoker, pretendeu apresentar perspectivas ficcionais diferenciadas, dentro do gênero gótico. Você acha que esse propósito foi contemplado? Em que contos e por quê? E o que achou dessa proposta? Considere, por exemplo, o conto de Mary Shelley, “*O Olho Maligno*”. Shelley é uma das figuras centrais do gênero gótico do Romantismo, mas nesta coletânea comparece com um conto *diferente*.
- ⇒ O significado de *gótico* está relacionado com os godos, um povo guerreiro dos tempos do Império Romano. E é também a denominação que algumas *tribos* urbanas contemporâneas adotam, denominando sua postura diante do mundo, as roupas e adereços que usam, a música que preferem e outros hábitos culturais. A história de como o termo passou para a literatura, chegando a designar um de seus vieses principais, é

bastante interessante. Passa por catedrais medievais, construções – universidades, igrejas, castelos – inspiradas nesse estilo, já no século XVIII, e obras literárias que absorveram aqueles elementos como temas e para seus enredos e ambientações. Trata-se de um *rastro* interessante a ser seguido na história da cultura ocidental. Que tal descobrir por onde passa o *gótico* desde os godos até o Romantismo, ou mesmo nos tempos atuais?

- ⇒ Evidentemente, há *histórias* atuais que têm como ascendentes as grandes obras do gótico romântico. Sugerimos que você as identifique e repare nas diferenças entre o gótico atual e o romântico.
- ⇒ Há toda uma ênfase da coletânea no embate do ser humano com seu limite mais drástico, sua condição mortal, assinalado, inclusive na visão defendida pelo ensaio final, de Luiz Antonio Aguiar, “*Lúgubres mistérios*”, mas que pode ser percebido desde os poemas que compõem a *comissão de frente* do volume, de Augusto dos Anjos. Você destacaria alguns contos em que essa questão ficou mais marcante? E por que acha esse tema se ressaltou tanto na literatura?
- ⇒ Você concorda que a questão levantada acima é uma das *fontes* da literatura – pelo menos da literatura ocidental? Explore mais essa reflexão, se possível buscando exemplos fora das obras da coletânea.
- ⇒ Já o ensaio de Laura Sandroni, “*Presença do gótico*”, nos abre uma outra perspectiva, que liga o gênero do Romantismo tanto às histórias dos irmãos Grimm, Perrault e outros quanto às histórias em quadrinhos, no seu estilo mais *dark*, como algumas versões do Batman. Curioso é que, recentemente, estreou no Brasil uma série norte-americana intitulada *Grimm*, na qual o protagonista é descendente dos irmãos Grimm. Na série, ele teria herdado uma maldição de família que lhe permite enxergar (ou o condena a isso) o que há de monstruoso, de aterrorizante, por baixo das aparências. É o próprio *terror nos contos de*

*fadas* em ação. Você concorda com essas sugestões de *extensões* do gênero gótico? Por quê? E não o faz pensar um pouco por que e como isso acontece? Há terror em *Chapeuzinho Vermelho*?

⇒ Há dois contos nesta coletânea em que o *clima sobrenatural* é quebrado ao final. Em “*Um esqueleto*”, de Machado de Assis, Alberto declara que o Dr. Belém não passou de uma invenção sua para matar o tempo até a hora do chá. Em “*A corrente do destino*”, Frank chega à conclusão de que toda a sua agonia e as visões que teve foram meras ilusões, embora essa compreensão final do que aconteceu seja contestada no comentário *Autor e Obra*, mostrando que há inconsistência na trama, se *lida* sem a intervenção do sobrenatural. Você concorda que há as *inconsistências* apontadas? E como ficam para você ambas as histórias com essa alternativa de desfecho oferecida pelos últimos parágrafos – melhores ou piores? Por quê?

⇒ Você prefere as histórias em que o sobrenatural é *desfeito*, ganhando ao final explicações e tudo se restabelecendo dentro da nossa lógica cotidiana, do senso comum? Saiba então que a *incerteza* entre o sobrenatural e a explicação que restabelece o natural é um fio de navalha que muitos autores exploram com maestria, uns tendendo para o senso comum, dando explicações lógicas para fantasmas e monstros colocados em ação em seus enredos, outros, como nos contos de Daniel Defoe, Charles Dickens e Henry James, deixando as assombrações pairando no ar, invadindo sonhos e tornando-os pesadelos, ou simplesmente habitando cantos escuros, seja de nosso espírito, seja de nossos lares.

⇒ Você já tinha pensado em Machado de Assis como um autor de histórias de terror? Que tal ler também os contos “*A segunda vida*” e “*A causa secreta*”, e descobrir esse lúgubre Machado de Assis, bem diferente do chavão/lugar-comum de chamá-lo *autor realista*?

⇒ Sugerido pelo ensaio "*Sangue de Drácula*", de Rodrigo Lacerda, há naturalmente uma antiga e profunda parceria entre o cinema e a literatura, no gênero terror. E Rodrigo cita justamente um dos mais marcantes *intérpretes* de Drácula nas telas, Christopher Lee. No ensaio, Rodrigo levanta um conceito crucial não somente das histórias de terror, como de todo o nosso envolvimento (fruição, curtição), seja com literatura, seja com uma peça de teatro ou um filme, e o denomina "suspensão da descrença". Na formulação de Rodrigo, não se trata somente de aceitar o sobrenatural, é algo anterior, o transporte para a ficção, para a encenação, para um mundo onde um beijo não é exatamente como um beijo real e até o sobrenatural pode acontecer... E que não tem localização física; fica sempre dentro da gente, ou nesse espaço mágico entre a gente e a tela do cinema, por exemplo, que se instaura quando as luzes da sala se apagam e a gente fixa os olhos no brilho da história. O que você achou desse *conceito*? Ele ajuda a compreender melhor a relação das pessoas com a ficção? Como? E que reflexões poderia abrir para você?

## Obra conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Organização: Veio Libri – Luiz Antonio Aguiar

© 2011 Ensaios de: Laura Sandroni, Luiz Antonio Aguiar e Rodrigo Lacerda.

Traduções de: Claudia Abeling; Domingos Demasi; Luiz Antonio Aguiar; Oscar Mendes; Sandra Pina.

Capa: Claudia Xavier

Fotos da capa: túmulo: Don Farrall/Getty Images; vampira: Jentakespictures/iStockphoto.com;

gárgula: FelixStrummer/iStockphoto.com;

aranha: Alex-mit/iStockphoto.com

Projeto gráfico e diagramação: Andrea Yanaguita

Conversão em epub: {kolekto}

Direitos de publicação:

© 2011 Editora Melhoramentos Ltda.

1ª edição digital, abril de 2013

ISBN: 978-85-06-06864-9 (impresso)

ISBN: 978-85-06-07118-2 (digital)

Atendimento ao consumidor:

Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970

São Paulo – SP – Brasil

Tel.: (11) 3874-0880

[www.editoramelhoramentos.com.br](http://www.editoramelhoramentos.com.br)

[sac@melhoramentos.com.br](mailto:sac@melhoramentos.com.br)

